

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais
Centro de Pesquisa e Documentação do Brasil

Clarice Cristine Ferreira Menezes

**REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS E PROJEÇÃO INTERNACIONAL:
A DIPLOMACIA CULTURAL BRASILEIRA (2003-2009)**

Rio de Janeiro
2015

Clarice Cristine Ferreira Menezes

**REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS E PROJEÇÃO INTERNACIONAL:
A DIPLOMACIA CULTURAL BRASILEIRA (2003-2009)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, do Centro de Pesquisa e Documentação do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora.

Rio de Janeiro

2015



CLARICE CRISTINE FERREIRA MENEZES

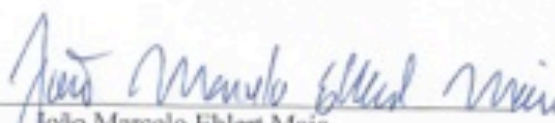
**REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS E PROJEÇÃO INTERNACIONAL:
A DIPLOMACIA CULTURAL BRASILEIRA (2003-2009)**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil para obtenção do grau de Doutor em História, Política e Bens Culturais.

Data da defesa: 1/10/2015

Aprovada em:

ASSINATURA DOS MEMBROS DA BANCA DA DEFESA DE TESE



João Marcelo Ehlert Maia
Orientador (a)



Bernardo Borges Buarque de Hollanda



Alexandre Luis Moreli Rocha



Leticia Pinheiro



Monique Sochaczewski Goldfeld

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Mario Henrique Simonsen/FGV

Menezes, Clarice Cristine Ferreira

Representações identitárias e projeção internacional : a diplomacia cultural brasileira (2003-2009) / Clarice Cristine Ferreira Menezes. – 2015. 306 f.

Dissertação (mestrado) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais.

Orientador: João Marcelo Ehlert Maia.

Inclui bibliografia.

1. Diplomacia. 2. Brasil – Relações culturais. 3. França - Relações culturais. 4. Brasil – Relações exteriores. 5. França - Relações exteriores. II. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. III. Título.

CDD – 327.2

*Para meu avô que, da entrada da biblioteca,
idealizava sobre a vida acadêmica.
(em memória)*

AGRADECIMENTOS

A pesquisa que resultou nesta tese não seria possível sem o apoio daquelas e daqueles que estiveram presentes em minha formação.

Agradeço, em primeiro lugar, ao Prof. Dr. João Marcelo Maia, que, compreendendo meus anseios, aceitou orientar-me nesta pesquisa. Pela atenção, compreensão e profissionalismo durante todo o período de trabalho conjunto? Meu muito obrigada.

Aos meus pais e à minha irmã, pela intensa dedicação, incentivo e carinho, obrigada por não deixarem-me desistir, mesmo quando os desafios pareciam muito maiores do que eu poderia suportar. Ao meu pai e ao Carlos, pelas repetidas leituras do texto, pelas sugestões e conversas. Aos meus familiares, pela atenção, sempre perguntando sobre trabalho e estudos e propondo atividades de descontração.

Às amigas e amigos espalhados pelo mundo que me acompanharam nessa caminhada, seguraram a onda e souberam compreender meus sumiços, agradeço imensamente por não desistirem de nossa amizade. Na impossibilidade de citar todas e todos, sintam-se representados por: Bernardo, Carolina e Silvia (PUC-Minas); Maíra, Martinha, Natália, Manu e Roberta (que me receberam tão bem na Cidade-Maravilhosa e que, entre papos, taças e pratos, tornaram a vida acadêmica mais palatável); Carolina Assunção, Maria Fernanda e Natielle, amigas para a vida. Aos amigos e amigas que fiz no CPDOC: Aline, Jonas, Maria Alice e Thiago, a correria do primeiro ano e a continuidade no Rio estariam comprometidos sem o apoio de vocês.

À CAPES, pelo apoio à pesquisa de campo, realizada entre julho e novembro de 2014, na Université de Versailles, Saint-Quentin en Yvelines. Aos supervisores desse meu estágio doutoral, professora Anaïs Fléchét e professor Jean-Yves Mollier por me receberem tão bem e pelo profundo engajamento em minha pesquisa: pelas dicas de leitura; pelas reuniões para tratar de meu objeto de pesquisa e pela atenção durante minha estadia em Paris.

A todas e todos que colaboraram com a pesquisa através dos seus importantes relatos acerca dos eventos examinados: Ministro Celso Amorim, Embaixador Edgard Telles Ribeiro, Dominique Dreyfus, Guiomar de Gramont,

Embaixador Jean Gautier, Jean-Pierre Guis, Michel Riaudel, Moema Salgado, Pierre Rivaz, Roberto Chaves, Embaixador Yves Saint-Geours. Muito obrigada.

RESUMO

Neste trabalho, propomos uma análise sobre as estratégias de rearticulação identitária do Brasil na primeira década do século XXI, tendo em vista a projeção internacional do país via Diplomacia Cultural. Para tanto, definimos como objeto de nossa análise as relações entre o Brasil e a França, a partir de dois eventos principais: (i) O ano do Brasil na França e (ii) o Ano da França no Brasil. A partir das contribuições teórico-metodológicas originárias da vertente francesa sobre a História Cultural, bem como da Escola Inglesa de Relações Internacionais e do campo da Historiografia das Relações Culturais Internacionais, buscamos verificar como a Diplomacia Cultural, no caso brasileiro, deve ser compreendida enquanto uma política de governo, favorecida pelo *ethos* articulado e disponibilizado do país e de seus representantes em alguns momentos de sua história – em nosso caso, durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010). Nesse sentido, buscamos perceber como a discursividade sobre múltiplas identidades brasileiras se insere nesse contexto enquanto mecanismo de projeção do Brasil no cenário internacional.

Palavras-chave: Brasil. Diplomacia Cultural. França. Identidade. Relações Internacionais.

RÉSUMÉ

Dans ce travail, nous proposons une analyse des stratégies de transformation et de renouvellement des identités brésiliennes en vue d'un renforcement international. Ces stratégies ont été développées par la Diplomatie Culturelle dans la première décennie du 21^e siècle. Notre analyse se porte sur les relations franco-brésiliennes à partir de deux événements, à savoir : l'Année du Brésil en France et l'Année de la France au Brésil. À partir des contributions théorico-méthodologiques qui figurent dans les études françaises sur l'histoire culturelle, à partir aussi de l'école anglaise de relations internationales et du domaine de l'historiographie des relations culturelles internationales, nous cherchons à vérifier comment la diplomatie culturelle, dans le cas brésilien, doit être perçue en tant que politique de gouvernement. Cette politique est favorisée par l'ethos articulé et disponible du pays et de ses représentants dans quelques moments de son histoire. Notre analyse, plus précisément, porte sur le gouvernement de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010). Dans ce sens, nous essayons de repérer comment les stratégies discursives sur les identités multiples du Brésil s'insèrent dans ce contexte en tant que mécanismes de renforcement de l'image du pays sur la scène internationale.

Mots-clé: Brésil. Diplomatie Culturelle. France. Identité. Relations Internationales.

ABSTRACT

In this research, we analyze the strategies of Brazil's articulation identity in the first decade of the 21st century, according to the international recognition of the country through Cultural Diplomacy. For this reason, the object of this analysis is the relation between Brazil and France from two main events: (i) Year of Brazil in France and (ii) Year of France in Brazil. From the French researches about the Cultural History, the English School of International Relations Theory and the Historiography of Culture International Relations, we've verify how the Brazilian Cultural Diplomacy should be realized as a government policy which was biased toward by the articulated and available *ethos* of Brazil and its representative in some moments of its history, specially in the Luiz Inácio Lula da Silva's government (2003-2010). Therefore, we've realize how the discourse of Brazilian multiple identities are into this context as Brazil's projection in the international scene.

Keywords: Brazil. Cultural Diplomacy. France. Identity. International Relations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	<i>Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550</i>	79
Figura 2 –	A redenção de Cam (1895) – Modesto Brocos y Gomes	94
Figura 3 –	<i>Une nouvelle vision de la vie à Paris: la maxixe au souper</i>	98
Figura 4 –	Representação iconográfica da agência de diplomacia cultural francesa de 1922 a 2005	118
Figura 5 –	Representação iconográfica da agência de diplomacia cultural francesa de 2006 a 2010	118
Figura 6 –	Representação iconográfica da agência de diplomacia cultural francesa desde 2010	118
Figura 7 –	Publicidades sobre a moda brasileira nas grandes lojas francesas I	160
Figura 8 –	Publicidades sobre a moda brasileira nas grandes lojas francesas II	160
Figura 9 –	As imagens dos ““Brasis”” nas revistas francesas I	161
Figura 10 –	As imagens dos ““Brasis”” nas revistas francesas II	162
Figura 11 –	Lula em seu discurso Brasil: ator global	183
Figura 12 –	Folder de divulgação da exposição As geringonças do Mestre Molina	205
Figura 13 –	Fachada do Espaço Brasil – <i>Marais</i> – 2005	208
Figura 14 –	Vista panorâmica da exposição Viagem aos “Brasis”	213
Figura 15 –	O Ano da França no Brasil em destaque na imprensa francesa	261
Figura 16 –	França é país convidado no Festival de Circo do Brasil	268

LISTA DE FRAGMENTOS DE INFORMAÇÃO MIDIÁTICA

Fragmento de Informação Midiática 1 – Notícia prévia sobre o lançamento do Ano do Brasil na França . Divulgação feita pela Agência <i>France Presse</i> dos planos da temporada de 2005	127
Fragmento de Informação Midiática 2 – Lula conclama os empresários a tirarem proveito do Ano do Brasil na França	147
Fragmento de Informação Midiática 3 – A semana do Brasil denuncia estereótipos	157
Fragmento de Informação Midiática 4 – Tem Brasil no ar da <i>Printemps</i>	165
Fragmento de Informação Midiática 5 – Cosméticos, o Brasil se estabelece	168
Fragmento de Informação Midiática 6 – O Brasil faz a promoção de seus produtos na França	171
Fragmento de Informação Midiática 7 – <i>Des racines et des ailes</i> – Especial Brasil	178
Fragmento de Informação Midiática 8 – Os “Brasis” passam o ano na França	187
Fragmento de Informação Midiática 9 – MPB, a música de todos os Brasis	199
Fragmento de Informação Midiática 10 – O show Viva Brasil nas rádios	220
Fragmento de Informação Midiática 11 – O show Viva Brasil na televisão	221
Fragmento de Informação Midiática 12 – O show Viva Brasil no Le Monde	226
Fragmento de Informação Midiática 13 – O show Viva Brasil na mídia brasileira	228

Fragmento de Informação Midiática 14 – O balanço do Ano do Brasil na França pelo <i>Le Monde</i>	231
Fragmento de Informação Midiática 15 – O lançamento extraoficial do Ano da França no Brasil	247
Fragmento de Informação Midiática 16 – Um grande mecenato para o Ano da França no Brasil	256
Fragmento de Informação Midiática 17 – O Brasil contribuiu de forma considerável ao financiamento	258
Fragmento de Informação Midiática 18 – O Ano da França no Brasil em destaque na imprensa francesa – <i>Notícia do l’Observateur Monde</i>	263
Fragmento de Informação Midiática 19 – Ano da França no Brasil e a imprensa brasileira	272

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Tipologia de eventos e as cidades que os receberam	110
Tabela 2 –	Personalidades entrevistadas para a pesquisa	112
Tabela 3 –	Custo total do Ano do Brasil na França	145
Tabela 4 –	Custo total do Ano do Brasil na França e sua divisão no Brasil	145

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	A temporada cultural em números: os eventos cancelados	132
Gráfico 2 –	Categorias de eventos e a participação do público na temporada brasileira	133
Gráfico 3 –	Dispersão geográfica do Ano do Brasil na França	134
Gráfico 4 –	Notícias publicadas pela AFP (<i>Agence Française de Presse</i>): O Ano do Brasil na França nov./dez. 2004, dez. 2005	153
Gráfico 5 –	As notícias semanais sobre o Ano do Brasil na França em cada mês do evento	155
Gráfico 6 –	O Ano do Brasil na França na imprensa audiovisual – visão geral	156
Gráfico 7 –	O Ano do Brasil na França divulgação e especiais nas rádios francesas	174
Gráfico 8 –	Evolução das exportações de produtos franceses para o Brasil entre 2002 e 2008	245
Gráfico 9 –	Evolução das importações de produtos brasileiros para a França entre 2002 e 2008	245

LISTA DE SIGLAS

ADPF – Associação para Difusão do Pensamento Francês

AFAA – Associação Francesa de Ação Artística

AFAA – *Association Française d'Action Artistique*,

AFP – *Agence Française de Presse*

BRAFITEC – Brasil França Engenharia e Tecnologia

CAPES – Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior

CENDOTEC – Centro Franco-Brasileiro de Documentação Técnica e Científica

COFECUB – Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária e Científica com o Brasil

CRBC/EHESS Paris – *Centre de Recherche sur le Brésil Contemporain*

DCI – Divisão Cultural do Itamaraty

DPEC – Departamento Político, Econômico e Cultural

DOPS – Departamento de Ordem Política e Social

ENA – *Ecole Nationale d'Administration*

FAN – Festival de Artes Negras

FIFA – *Fédération Internationale de Football Association*

FNAC – *Federation Nationale d'Achat des Cadres*

IHTP – Instituto de História do Tempo Presente

IICI – Instituto Internacional de Cooperação Intelectual

INA – Instituto de Audiovisual Francês

LMD – Licenciatura (ou Bacharelado), Mestrado e Doutorado

MEC – Ministério da Educação, Cultura e Saúde

MIDEM – Mercado Internacional do Disco e da Edição Musical

MinC – Ministério da Cultura

MPB – Música Popular Brasileira

MRE – Ministério de Relações Exteriores

ONGs – Organizações Não Governamentais

ONU – Organização das Nações Unidas

PT – Partido dos Trabalhadores

RATP – Rede de Transportes Coletivos Parisienses

SESC – Serviço Social do Comércio

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

VOKS – sociedade para intercâmbios culturais

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	21
1	CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	33
1.1	Poder e projeção internacional	34
1.2	A sociedade Internacional: elementos de participação de Estados periféricos	37
1.3	Entre Relações Culturais Internacionais e Diplomacia Cultural: a ação Estatal	41
1.4	Identidade nacional e diplomacia: a elaboração de imagens para a matriz brasileira nas Relações Internacionais?	50
1.4.1	Identidade e representação diplomática do Brasil	64
2	“TERRE D’AMÉRIQUE”: OS FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DAS RELAÇÕES CULTURAIS BRASIL-FRANÇA.	74
2.1	Primeiras impressões	76
2.1.1	<i>La France Antarctique</i>	80
2.1.2	As missões francesas do século XIX: o Brasil através da arte francesa	80
2.2	As relações Brasil-França na jovem república	87
2.2.1	Entre projeto de fracasso e de civilização: a questão da mestiçagem	92
2.3	Do morro da Conceição para o cotidiano francês: esboços de uma imagem brasileira na França na segunda metade do século XX	95

3	DE BRASIL A BRÉSILS: IDENTIDADES MÚLTIPLAS E PROJEÇÃO CULTURAL	107
3.1	Diplomacia e conjuntura política francesas no período prévio ao Ano do Brasil na França	114
3.2	Conjuntura brasileira no período prévio ao Ano do Brasil na França	121
3.3	Passemos à negociação: Quem vai? Quando vai? O orçamento...	129
3.3.1	Os eventos escolhidos	131
3.3.2	Parceiros e o orçamento de “la Saison Brésilienne” na França	143
4	A MÍDIA E “A MAIOR” TEMPORADA CULTURAL NO TERRITÓRIO FRANCÊS: MARCAS DE SUCESSO	151
4.1	O Ano do Brasil na imprensa francesa: uma visão geral	152
4.2	O Ano do Brasil na França: dos estereótipos à capitalização da moda	159
4.3	A participação audiovisual	173
5	<i>DE BLEU, BLANC ET ROUGE</i> PARA O VERDE AMARELO: OS EVENTOS QUE CONSTRUÍRAM OS BRASIS QUE PASSAM O ANO NA FRANÇA	190
5.1	Brasil indígena	192
5.2	La Villette: A Cidade da Música e a celebração da “música de todos os Brasis”	195
5.3	As geringonças de Mestre Molina ou “<i>les biduilles de Maître Molina</i>”	204
5.4	A fotografia e os diferentes “Brasis”	206
5.5	Espaço Brasil	207
5.6	O Show Viva Brasil	215
5.7	Resultados iniciais do Ano do Brasil na França	229

6	UMA VIA DE MÃO DUPLA - 2009, O ANO DA FRANÇA NO BRASIL	236
6.1	A Parceria Estratégica Franco Brasileira	238
6.2	França.Br: tecendo relações em redes	248
6.3	Projetos, partes envolvidas e orçamento	252
6.4	Os eventos do Ano da França no Brasil: “um eixo de resistência para a diversidade”	261
6.4.1	(Re)deslumbramento e familiarização com a cultura francesa	267
6.4.2	Pesquisa, ciências e cooperação: renovando relações históricas	270
6.4.3	Economia e Comércio: Inovação e busca de novos mercados	273
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	276
	REFERÊNCIAS	281

Introdução

INTRODUÇÃO

“Culture is what remains, when one has forgotten everything.”¹

(EDOUARD HERRIOT)

No século XVIII nasce a história cultural, uma disciplina que, bastante negligenciada durante a sua longa infância e adolescência, somente atinge a maturidade nos anos 1970 (DELPORTE, MOLLIER, SIRINELLI, 2010, p. 387). Ainda hoje, essa abordagem, aparentemente dissonante da tradição historiográfica², continua a ocupar um lugar periférico. Para Pascal Ory (2010), ela chega a ser considerada como a derradeira entre todas do “*ranking*” historiográfico. Mas por que a dificuldade em tratar da História Cultural?

Primeiramente, porque, como salienta Ory (2010), a própria noção de “cultura” é objeto de grandes debates, mesmo dentro da história cultural. Das possibilidades do termo, partiremos aqui da concepção que parece ser a mais privilegiada na literatura francesa, no período recente, e com a qual nos identificamos na elaboração da nossa pesquisa. Nessa concepção, a cultura pode ser entendida como:

[...] l'ensemble des représentations collectives propres à une société: propres parce que spécifiantes, collectives parce que partagées (elles ont toutes quelque part une dimension individuelle, mais parfois non documentée), sociétales parce que déterminées. On aura compris que la notion centrale demeure la représentation. [...] véhicule des valeurs mais elle s'exprime par des artefacts qui ont leur autonomie; elle joue avec le symbolique (le sym-bolon est, au sens propre, un signe de reconnaissance), mais cette fonction n'épuise pas le fonctionnement d'une culture. En un mot, qui ser double, la re-présentation joue sa partie à deux niveaux: elle figure l'univers et elle y participe, elle présente et elle renvoie à un autre ordre, au-delà de sa présence au monde. (ORY, 2008, p. 9)³.

¹ A cultura é o que sobra quando todo o resto foi esquecido. (Tradução nossa)

² Os elementos que compõem o campo de estudo da história cultural são diferentes daqueles da tradição historiográfica, uma vez que se apartam da história política e da história oficial. A história cultural se interessará pelos costumes e sociabilidades, pelas relações humanas e instrumentos para que elas se desenvolvam. Como observa Jean-Yves Mollier (2003) – baseando-se nas propostas de Ory e Sirinelli, a história cultural deve ser percebida enquanto história social das representações, ou seja, da maneira como os homens se representam e representam o mundo ao seu entorno.

³ O conjunto das representações coletivas próprias de uma sociedade: próprias porque especificadoras, coletivas porque partilhadas (elas têm todas alguma dimensão individual, menos

A representação⁴ depende da manipulação prática do concreto, que daria corpo à sua apropriação social. Ela é responsável por criar o elo entre o imaginário e o real e possui o encadeamento mental – interiorizado – presente do imaginário, devendo, ao mesmo tempo, dar expressão a esse imaginário de forma prática e consistente (ORY *conforme* FRANK, 2012). É necessário, dessa forma, que a representação seja exteriorizada (MILZA, 1980) a partir do consumo de objetos simbólicos criados por uma sociedade. A cultura compreende, assim, mais do que apenas representações mentais coletivas; ela comporta também as práticas sociais, como a leitura nos metrô parisienses; a prática de um esporte regional – como a peteca – ou internacional – como o futebol –, enquanto formas de atuação próprias de uma coletividade, modos de vida, criação intelectual e artística. Resumindo, a produção de objetos simbólicos a partir do mental.

Além disso, podemos assumir que o “cultural” possui uma relação intrínseca com o contexto ao qual ele se aplica. O simbólico ganha expressão nas práticas sociais e, vale ressaltar, ele comporta a diversidade no interior de uma mesma sociedade, podendo ser alterado de um momento para o outro.

Podemos, assim, identificar as diversas representações culturais do Brasil, vinculando-as aos seus respectivos contextos históricos: a tentativa de criar uma aparência clássica europeia que aproximasse o Brasil dos países do Norte, no início do século XX, fazia-se necessária na **Era dos Impérios**, período entre 1875 e 1914, de acordo com Eric Hobsbawm (2004)⁵, que se caracteriza, no Brasil, pela crise monárquica e sua derrocada, pela fundação republicana e primeiros percalços na sua trajetória. Se, no caso da monarquia decadente, cabia ao Brasil Império

documentada, societais porque são determinadas. A noção central seria a da representação [que] veicula valores, mas se exprime por artefatos que possuem sua autonomia; ela joga com o simbólico (o sym-bolon é, em seu sentido próprio, um sinal de reconhecimento), mas essa função não é capaz de explicar todo o funcionamento de uma cultura. Em uma palavra, que será dupla, pois a representação se coloca em dois níveis: ela trata do universo e ela participa do mesmo, ela apresenta e ela envia a outra ordem, para além de sua presença no mundo. (Tradução nossa)

⁴ Para Roger Chartier e Pierre-Antoine Fabre (2006), a representação nunca é pura e simplesmente recebida do passado, algo completa. A representação deve ser percebida, para o historiador, como uma interrogação recente sobre a forma como, em seu próprio tempo, essa representação aparece para ele, graças ao conjunto de mudanças pelas quais ela lhe terá sido transmitidas e que terão feito com que ainda hoje ela esteja presente.

⁵ Em **A Era dos Impérios** o historiador inglês Eric Hobsbawm busca refletir sobre as alterações do final do século XIX e seus efeitos na formação dos grandes impérios coloniais. O que o autor observa é que as grandes revoluções burguesas já haviam ocorrido no mundo e a distância entre as diversas regiões havia sido encurtada com o desenvolvimento dos meios de comunicação. Com a sedimentação do Estado-Nação na Europa, tem-se a busca das grandes potências imperiais pela conquista dos territórios “periféricos” da África, da Ásia e da Oceania, forjando o que se denominou a “corrida imperial”.

apresentar-se com uma imagem de país exótico por natureza, a fim de conquistar a atenção dos outros Estados; no caso da República nascente, chamaria a atenção os esforços para a constituição da imagem de uma nação moderna, singular (federalista e republicana) e disposta, por natureza, a uma vocação diplomática na solução de seus conflitos.

Sustentamos que a projeção cultural brasileira, almejada desde o início da República, passou por transformações a partir da ação direta de um grupo de pensadores e articuladores políticos na primeira década do século XXI, atendendo a demandas comuns do governo e do Ministério das Relações Exteriores. Isso se deu em um ambiente interno e externamente favorecido para esse tipo de articulação política.

Como exemplo, podemos citar as alterações de ordem externa: o dia 11 de setembro de 2001⁶ teve grande impacto no poderio estadunidense, e as ações de George W. Bush de retaliações massivas no Oriente Médio tiveram impacto negativo em outros países, mesmo dentre aqueles que historicamente apoiavam a política externa dos Estados Unidos, como o Brasil. Assim, o ex-presidente brasileiro Fernando Henrique Cardoso acabou assumindo uma postura mais neutra em relação às propostas do Norte. Ao mesmo tempo, nas Nações Unidas, uma cisão se fazia, tendo em vista as ações subsequentes ao **11 de setembro**. A questão cultural era ali ressaltada, sublinhando a necessidade de compreensão do “outro”, que envolvia o conhecimento prévio do “eu”.

Se observarmos as alterações internas, nesse mesmo início de século, o Brasil se preparava para a quarta eleição presidencial direta desde o fim da ditadura. O acúmulo dos movimentos sociais na década anterior aumentara a receptividade do eleitorado pelo então presidenciável Luiz Inácio Lula da Silva. O Partido dos

⁶ Atentados terroristas que resultaram na destruição do complexo de negócios *World Trade Center*, em Nova Iorque e em danos ao Pentágono, em Washington, nos Estados Unidos. Para Antônio Carlos Lessa, em uma análise realizada logo após o atentado de 2001, o mesmo pode ser comparado, no mundo pós Guerra Fria, à semana de outubro de 1962 para a ordem bipolar. Há de se ressaltar, nesse contexto, grandes alterações no cenário internacional tendo em vista questões relativas à segurança e, principalmente, à existência de uma ordem unipolar, teses essa bastante defendida nos anos 1990. O **11 de setembro** teve, assim, impacto na imagem dos Estados Unidos enquanto potência hegemônica, o que levou a uma resposta do governo dos Estados Unidos no campo internacional, a partir de ações no Afeganistão e, mais tarde, no Iraque, apoiadas por outros Estados; e levou também a uma rearticulação das teorias das Relações Internacionais em busca de compreensão da estrutura de poder do cenário internacional. Para maiores informações sobre o assunto, Cf. LESSA, A. C. O Brasil e os atentados de 11 de setembro de 2001. In: **Rev. Bras. Polít. Int.**, Brasília, v. 44, n. 2, 2001. p. 46-61. e Cf. SARAIVA, M. G. Os Estados Unidos e a Nova Ordem Internacional pós 11 de setembro. In: **Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 9, n. 1, mar. 2003. p. 115-127.

Trabalhadores (PT) passara a compreender as cartas que se devia ter em mãos para alcançar o poder – e o marqueteiro Duda Mendonça preparara a imagem de Lula da Silva tendo em vista os desejos da população.

Acerca do Partido dos Trabalhadores, é necessário salientar ainda que, desde a sua fundação, este mantinha fortes laços internacionais, devido à sua posição historicamente relacionada ao socialismo internacional. Vale lembrar que, desde 1979, quando da greve do ABC⁷, Lula da Silva se tornara um ícone da esquerda internacional, principalmente na França, onde um documentário que realçava a sua liderança política foi exibido em 1980⁸. A imagem do país para o Partido dos Trabalhadores também se diferenciava daquela dos partidos do centro ou da direita, justamente porque, desde sua fundação, agregava grupos dos mais diversos, que discutiam e tentavam contemporizar as diversas tensões sociais existentes no país, o que favorecia a uma imagem múltipla de Brasil dentro do partido. Esses debates podem ser percebidos nas chamadas “teses” ou textos elaborados para discussão intrapartidárias e decisões sobre encaminhamentos do Partido dos Trabalhadores que circulavam, principalmente, durante o período preparatório de seus Congressos. As experiências do partido em governos municipais e estaduais tinham sido positivas para a compreensão dessa diversidade e contribuíam para a possibilidade de torná-las efetivas nacional e internacionalmente. Além disso, durante a campanha eleitoral para a presidência, é possível perceber uma atenção especial do candidato para com a questão da pluralidade na construção do país.

No caso francês, vale lembrar que o Presidente Jacques Chirac (centro-direita) havia demonstrado certo distanciamento da política externa dos Estados Unidos da América. No que diz respeito aos episódios que se seguiram ao 11 de

⁷ Macroregião do Estado de São Paulo, conhecida por ser o polo industrial do Estado, sendo considerada o terceiro polo econômico e terceiro mercado consumidor do país, atrás das cidades São Paulo e do Rio de Janeiro. O desenvolvimento desta parte da região metropolitana de São Paulo se deu, principalmente, a partir da década de 1950 com a instalação das primeiras indústrias do setor automobilístico no Brasil, parte do projeto de desenvolvimento do presidente Juscelino Kubitschek. Em razão disso, foi na região que se desenvolveu o movimento sindical no Brasil. As relações dos operários das indústrias do ABC com o empresariado se tornaram importantes para o país historicamente, sendo a greve de 1979 e o interesse despertado pela mídia e pelo público comprovações da força da organização sindical. A partir desse episódio, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva passou a despertar atenção nacional e internacional, enquanto liderança política de um segmento importante da população brasileira.

⁸ Em 1979 foi produzida uma série de documentários sobre o Brasil por Jean-Émile Jeannesson. Com o título *Lettres d'un Bout du Monde*, tratava do patriarcado do Nordeste, do homem de São Paulo e da vida do índio na Amazônia. Trataremos do assunto mais adiante em nossa pesquisa

setembro, a França não apoiou a ação estadunidense de invasão do Iraque e demonstrou uma aproximação importante com o Brasil.

Isso contribuiu para o incremento da projeção internacional do Brasil no cenário internacional, para a exposição mais ampla das proposições do governo Lula e para grande visibilidade da política brasileira na França, principalmente, no período inicial do governo. A França se tornou, então, uma das parceiras principais do Brasil na arena da Organização das Nações Unidas, em ações como a **Aliança contra a Fome**.

A tese que aqui apresentamos tem por objetivo investigar as representações e as projeções identitárias que permearam o imaginário Brasil-França durante a primeira década do século XXI. Para tanto, a nossa análise circunscrever-se-á às temporadas culturais internacionais na França e no Brasil: “o **Ano do Brasil na França**” (2005) e o “**Ano da França no Brasil**” (2009). Esse recorte situacional justifica-se pelo fato de que, embora as relações Brasil-França sejam históricas, datando do início da colonização portuguesa no Brasil, acredita-se que elas foram reelaboradas à luz das mudanças nos quadros nacionais dos dois países e do quadro internacional no pós Guerra-Fria, mas, principalmente, no pós 11 de setembro de 2001. Nesse contexto, enfatizamos que a escolha pela temporada brasileira - *saison culturelle*⁹ - se deu, exatamente, no período da mudança de governo do país, em que Fernando Henrique Cardoso deixava o cargo para Luiz Inácio Lula da Silva. Embora essa alteração no quadro político tenha ocorrido após o acordo para o **Ano do Brasil na França**, por parte da diplomacia dos dois países – sendo, portanto, uma política considerada de “Estado” –, consideramos que as representações do Brasil pós-eleições presidenciais são diferentes, tendo em vista as imagens que os partidos políticos também incorporam na representação do país.

Uma de nossas hipóteses nesta tese é que, a partir do Governo Lula da Silva, houve uma reelaboração da identidade brasileira em direção à “defesa de uma diversidade cultural e étnica” (Resoluções do II Congresso Nacional do Partido dos Trabalhadores, 1999) baseada nas propostas aprovadas nas Resoluções de Encontros e Congressos do Partido. Essa rearticulação de identidades múltiplas para representação do país pode ser verificada nas ações culturais promovidas pelo

⁹ Em nossa pesquisa, trabalharemos tanto com a terminologia francesa *saison culturelle* quanto com sua tradução, temporada cultural, partindo do princípio que elas possuem a mesma conotação acadêmica.

Brasil no exterior, de forma que política de Estado e política de governo se encontram na elaboração de eventos, como a temporada cultural do Brasil na França.

Assim, se, no passado recente, a imagem do Brasil se ancorava na ideia de uma mestiçagem capaz de neutralizar as diferenças existentes na sociedade brasileira – negando, assim, preconceitos e exclusões etno-sociais –, ela passa, no momento em pauta, a perceber a sociedade brasileira em sua diversidade, considerando-se a questão do multiculturalismo.

Entre as nossas motivações para a presente pesquisa, percebemos que a diplomacia cultural brasileira foi, poucas vezes, objeto de estudo acadêmico. Dentre a produção até então observada, constatamos forte propensão à análise de memoriais internos do Instituto Rio Branco (como no caso do brilhante trabalho de Edgard Telles Ribeiro, 1989) ou, mesmo, a uma busca de conhecimento e reflexão sobre atividades da diplomacia cultural de outros países *vis-à-vis* ao Brasil. Referimo-nos, aqui, em especial, aos trabalhos publicados por Paulo Eduardo Arantes (1992), Hugo Rogério Suppo (2000, 2003) e Mônica Leite Lessa (1997, 2002), que tratam principalmente da diplomacia cultural francesa em relação ao Brasil, ou de Gerson Moura (1988), por exemplo, em relação à política cultural do Estados Unidos no Brasil.

Isso não significa qualquer desprezo pelas pesquisas assinaladas, mas somente a distinção em relação ao objeto. Além disso, temos que ressaltar que pesquisas mais recentes, principalmente neste início do século XXI, como as realizadas por Anaïs Fléchét (2013, 2014) e Juliette Dumont (2014), ilustram bem o interesse estrangeiro pela diplomacia cultural brasileira. Ao mesmo tempo, Edgard Telles Ribeiro (1989), Letícia Pinheiro (2011), Mônica Leite Lessa (2011, 2013), Míriam Gomes Saraiva (2003) e Diego Moura Mapha (2011), Diego Barbosa da Silva (2010), Leila Bijos e Verônica Arruda (2010), são exemplos de pesquisadores que vêm se interessando pela temática da diplomacia cultural brasileira, seja no campo regional, seja para tratar dos países de Língua Portuguesa.

A pesquisa que ora apresentamos pretende contribuir com este cenário de pesquisa em relações internacionais, destacando-se pela incorporação de elementos da história cultural e pela reflexão sobre a problemática identitária e sobre a projeção internacional brasileira a partir do século XXI. O entendimento desse processo parece-nos um esforço válido e necessário, que se torna claro na medida

em que os efeitos da implementação de uma política de relações exteriores voltada para a cultura possibilitam formas alternativas de diálogo em situações que podem se tornar conflitantes. Isso ocorre porque, ao criar um ambiente de intercâmbio cultural, o país estabelece com outros Estados um padrão de diálogo com símbolos compartilhados, apresentando, assim, importantes resultados, não apenas no âmbito cultural, como também econômico, comercial e político.

Assim, a presente pesquisa visa o estudo das estratégias de diplomacia cultural brasileira no início do século XXI, compreendendo este como um período de alterações importantes na organização das relações internacionais do Brasil. Em sintonia com esse ponto de vista, postulamos, assim, que a pesquisa pode significar uma contribuição para a historiografia das relações culturais Brasil-França e para diminuir a escassez de trabalhos que tratem dessa relação contemporaneamente, principalmente tendo como eixo principal a matriz brasileira de Relações Internacionais, isto é, aquilo que teóricos como Amado Luiz Cervo (2008) consideram a forma de agir da diplomacia brasileira em relação direta com a identidade nacional do país.

Em relação às fontes utilizadas, partimos do princípio que diversos tipos de documentos contribuem para a representação e projeção da identidade brasileira, sejam eles considerados obras literárias ou análises teóricas no campo da escrita, sejam eles gravuras, pinturas e obras de arte, no campo da iconográfico; sejam canções, filmes ou telenovelas, no campo da produção audiovisual. Dessa forma, todos esses são elementos passíveis de análise em nossa tese. Além disso, deve-se observar que as obras podem ser reelaboradas e se reconstituírem em representações diferentes em outros domínios. A título de exemplo, citamos a obra **Macunaíma**, de Mário de Andrade, que, enquanto romance-ficção publicado pela primeira vez em 1928, foi adaptado ao cinema durante a década de 1950. A obra tem, então, recebido atenção dos pesquisadores sobre a identidade nacional brasileira ao divulgar um “herói nacional” pleno de vícios, o malandro. Com a ampla divulgação do cinema nacional no exterior, a partir do Cinema Novo, tem-se, como veremos, também uma exportação contínua dessa representação sobre o brasileiro.

Cabe ressaltar, enfim, que a presente reflexão sobre a atuação do Brasil no cenário internacional, a partir do desenvolvimento mais recente de sua diplomacia cultural (2003-2010), teve como contrapartida um modelo de diplomacia cultural já estabelecido – o francês – na tentativa de perceber como a estratégia brasileira se

relacionaria a esse modelo. A França possui um longo histórico de políticas de diplomacia cultural e as mesmas são consideradas pelo Estado francês carro-chefe de sua diplomacia¹⁰. Nesse sentido, ao longo dos anos, diversos organismos foram criados e reestruturados tendo em vista a exploração desse nicho diplomático. Em 1922 foi criada a Associação Francesa de Ação Artística (AFAA), responsável pelo intercâmbio cultural e ajuda ao desenvolvimento, ou seja, um organismo responsável pela publicização da cultura francesa pelo mundo. Para dar apoio à AFAA, em 1945 o Ministério de Relações Exteriores francês criou a Associação para Difusão do Pensamento Francês (ADPF), responsável pela edição de obras literárias e acadêmicas francesas pelo mundo. Mais tarde, as duas associações passaram por ajustes necessários à mudança de conjuntura. Esses ajustes serão explorados ao longo de nosso trabalho, principalmente no primeiro e segundo capítulos. Passemos, então, ao plano da tese.

Plano da tese

Dividimos o texto da tese em seis capítulos na tentativa de explorar, ao máximo, as diversas formas de intercâmbio cultural entre o Brasil e a França.

O primeiro capítulo, baseado em fontes secundárias, busca apresentar, de forma sintética, as categorias teórico-analíticas às quais nos remetemos neste trabalho. Longe de esgotar as discussões temáticas, elas nos forneceram, apenas, o referencial necessário para nossa análise. Nesse sentido, iniciamos nosso trabalho com uma discussão acerca dos questionamentos sobre poder e projeção internacional, tendo em vista a compreensão de uma das temáticas subjacentes aos estudos das relações entre os Estados. A discussão desse primeiro eixo teórico-analítico partiu dos estudos clássicos da Ciência Política, da História Cultural e das Relações Internacionais, tendo em vista a formação de nossa perspectiva. A segunda categoria observada diz respeito à Escola Inglesa de Relações Internacionais e a sua concepção acerca da Sociedade Internacional. Partindo desse contexto, sustentamos que o Brasil, enquanto Estado periférico, busca,

¹⁰ A esse respeito podem ser consultadas as diretivas do *Quai d'Orsay*.

historicamente, participar da Sociedade Internacional articulando características domésticas ao cenário internacional e vice-versa. A terceira parte do capítulo direcionou-se para um estudo teórico sobre identidade nacional, mestiçagem e multiculturalismo. Passamos, então, ao tratamento das Relações Culturais Internacionais e da Diplomacia Cultural em uma tentativa de compreensão da ação estatal no campo cultural externo. Finalmente, dedicamo-nos à compreensão do que seria a matriz de Relações Internacionais do Brasil, em busca do entendimento sobre as diversas possibilidades de articulação e rearticulação da(s) identidade(s) nacional(is), tendo em vista a projeção internacional do país.

O segundo capítulo enfatiza a relação histórica entre Brasil-França e a representação recíproca dos dois países. Acreditamos que, até o fim do século XX, persistiu uma identidade nacional que perpassava o imaginário coletivo nos dois países e estava vinculada a ideias que vão do exótico ao refinamento, tratando de música, esportes e política. Para tanto, em um ensaio descritivo, buscamos apresentar a imagem do Outro produzida e veiculada em três momentos específicos das relações Brasil-França que, para nós, auxiliaram na produção dessas imagens. São eles: a colônia e o projeto de França Antártica no século XVI; a chegada das missões artísticas francesas do século XIX com a Coroa portuguesa; e as relações advindas da Proclamação da República no Brasil em 1889.

O terceiro capítulo focaliza a mudança na política cultural no Brasil e na França, entre o final do século XX e o início do século XXI. Abordamos o rearranjo das políticas nacionais dos dois países em busca da compreensão da atuação de ambos em suas relações bilaterais. Buscamos compreender a mudança do paradigma da diplomacia cultural francesa (DUBLOSCARD *et al*, 2002) que passa a dar mais importância à reciprocidade ao relativizar o papel da francofonia¹¹ na tentativa de compreender como a França, em busca de um novo modelo de integração cultural, percebe o Brasil como grande parceiro. Dedicamos parte do capítulo à compreensão da construção da política de diplomacia cultural no Brasil até a realização do **Ano do Brasil na França**, em 2005. Tratamos, em seguida, do

¹¹ Área linguística mundial que, se anteriormente, circunscrevia-se apenas à língua, cultura e civilização francesas e da disseminação de seus valores pelo mundo, a partir do processo de descolonização, passou a tratar de toda a comunidade francófila no mundo, considerando a riqueza existente na diversidade cultural daqueles que têm em comum a língua francesa. Para tanto, em 1970 foi criada a **Organização Internacional da Francofonia** que vem implementando ações políticas e de cooperação multilateral entre as regiões francófilas. A Organização conta com a participação de oitenta Estados. A título de exemplo, a Organização pode ser comparada com a **Comunidade dos Países de Língua Portuguesa**.

projeto de uma temporada brasileira e de sua organização, a partir de 2004: negociações, projetos cancelados e orçamento são alguns dos temas que compõem esse tópico.

O quarto e quinto capítulos contêm o exame de fontes documentais – institucionais e midiáticas (publicações impressas e audiovisuais) produzidas durante o **Ano do Brasil na França**. Trabalhamos também com entrevistas realizadas com Jean Gautier (Comissário geral francês responsável pelo **Ano do Brasil na França**), Dominique Dreyfus (curadora da exposição *MPB: Musiques Populaires Brésiliennes*, Cité de la Musique/La Vilette, 2005), Michel Riaudel e Pierre Rivaz (responsáveis pelos debates literários que ocorreram no período), Andre Midani (Comissário Brasileiro do **Ano do Brasil na França**), Edgard Telles Ribeiro (ex-diplomata, responsável pelo setor cultural do Itamaraty em 2005), Moema Salgado (representante do Comissariado francês durante o **Ano do Brasil na França**).

Enquanto o quarto capítulo analisa a preparação e a divulgação do **Ano do Brasil na França**, compreendendo as negociações feitas pelos Comissariados da França e do Brasil e das dinâmicas políticas envolvidas, bem como a questão orçamentária e de divulgação midiática, o quinto capítulo dedica-se à compreensão dos territórios de brasilidades que se estabeleceram na França durante o Ano de 2005. Tal etapa tem uma importância fundamental, pois, foi por meio das manifestações que percebemos como se deram, de fato, as ações dos governos francês e brasileiro, conjuntamente ou de maneira unilateral, enquanto estratégias de diplomacia cultural. Essa parte de nosso trabalho é responsável pelo teste de nossa hipótese.

No que diz respeito à discursividade midiática, partiu-se do exame de publicações impressas de nível nacional, regional e municipal em toda a França. Possivelmente todas as notícias sobre o Brasil, veiculadas no território francês em 2005, foram recolhidas durante o estágio doutoral e passaram por um processo de seleção para ilustrar essa parte de nosso trabalho. Tendo em vista o número inédito de publicações sobre uma temporada cultural destinada a um país na França, trabalhamos com a percepção da mídia sobre essas expressões da diplomacia cultural franco-brasileira. Fragmentos textuais de documentários e entrevistas veiculados audiovisualmente também foram utilizados com esse mesmo intuito.

O sexto capítulo de nosso trabalho destinou-se ao ato de reciprocidade pelo qual, em 2009, a França foi o país homenageado pelo Brasil, inaugurando a política de temporadas culturais da diplomacia brasileira. Assim como na terceira parte de nosso trabalho, nos apoiamos em entrevistas realizadas e na análise da documentação pertinente sobre eventos realizados, em busca de um panorama sobre a temporada francesa no Brasil. Buscamos, então, verificar como o Brasil passou de espectador a protagonista nas relações culturais internacionais na primeira década do século XXI, aproveitando dos eventos promovidos pela França em busca de uma consolidação da prática de uma diplomacia cultural à brasileira.

Em nossas considerações finais, oferecemos um balanço acerca da compreensão do estado da arte da diplomacia cultural do Brasil, durante o período entre 2003 e 2009, a partir do exemplo das relações franco-brasileiras.

Capítulo 1

Considerações teóricas

1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Neste capítulo, pretendemos apresentar brevemente algumas das considerações teóricas nas quais se estrutura nosso trabalho. Partimos de abordagens clássicas acerca do poder e da projeção internacional, na literatura de Relações Internacionais e de História Cultural, em busca da compreensão sobre as dificuldades de efetivação do campo de pesquisa sobre o fator cultural no âmbito das pesquisas acadêmicas sobre Relações Internacionais. Como veremos, a corrente realista – clássica e majoritária no campo – apenas recentemente vem-se abrindo para o estudo do fator cultural e sua influência nas relações entre os Estados.

Um dos motivos para essa abertura, conforme postulamos, são as análises oferecidas pela corrente denominada Escola Inglesa de Relações Internacionais. Partindo da ideia de formação de uma sociedade entre Estados baseada em princípios, valores e ideias comuns, a Escola Inglesa facilitou a abertura do campo de pesquisa, além de possibilitar a compreensão relativa ao papel de países como o Brasil em tal Sociedade Internacional. Veremos, portanto, o caso da inserção brasileira nessa dinâmica e como o país articularia atributos internos em busca de participação externa.

Nesse sentido, apresentam-seas reflexões acerca da temática da mestiçagem e do multiculturalismo, voltadas para o estudo sobre a identidade nacional e suas possibilidades de articulação e rearticulação, tendo em vista as necessidades dos Estados em diferentes períodos da história nacional.

Veremos, em seguida, como os mesmos Estados projetam essa identidade internacionalmente, a partir daquilo que categorizamos Relações Culturais Internacionais e Diplomacia Cultural. Em uma breve revisão da bibliografia sobre o assunto, buscamos perceber como o Brasil vem participando desse jogo de projeção internacional a partir daquilo que, finalmente, trataremos por “matriz brasileira de Relações Internacionais”.

1.1 Poder e projeção internacional

“La culture doit être perçue comme vecteur d’influence et champ d’affrontements.”

(PIERRE MILZA, 1980)¹²

A abordagem teórica de Relações Internacionais é marcada pelo estudo das relações de poder entre os Estados. De fato, em todas as escolas de pensamento desse campo, a questão do poder assume um espaço central. Tal interesse pelo assunto no âmbito internacional encontra-se ancorado na própria disciplina fundacional das Relações Internacionais, a Ciência Política. Porém, qual é a noção de poder que nos interessa neste campo?

Como observa Norberto Bobbio (1991, p. 33-34), “Em seu significado mais geral, a palavra poder designa a capacidade ou a possibilidade de agir, de produzir efeitos [...]” Para o autor, temos uma mudança na postura comportamental à medida que um ator busca definir a conduta dos outros, sendo este tipo de poder considerado “poder em ato” ou “poder atual”: “Consiste no comportamento do indivíduo A ou do grupo A que procura modificar o comportamento do indivíduo B ou do grupo B”. (BOBBIO, 1991, p. 33-34). Assim, o que estaria em destaque é a questão do interesse de um ator mudar o curso da ação de outro.

Para a escola realista, formada principalmente por teóricos dos Estados Unidos e Reino Unido, o poder é a variável predominante na relação entre os atores. Hans Morgenthau, em seu clássico **A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz** (2003), argumenta que a chave para a compreensão das relações entre os Estados está no fato que estes teriam seus interesses definidos em termos de poder, entendido como “[...] o controle do homem sobre as mentes e as ações de outros homens.” (MORGENTHAU, 2003, p. 53). Tal controle poderia se dar a partir do uso da força em suas diversas manifestações ou não. Às vezes, apenas saber que um Estado poderia utilizar sua potência, tendo em vista a mudança de comportamento do outro, poderia ser critério de dissuasão da ação do outro. Entretanto, a Escola realista de Relações Internacionais, em suas mais diversas

¹² A cultura deve ser percebida enquanto vetor de influência e campo de enfrentamentos. (Tradução nossa)

acepções, percebe como forma de poder mais eficaz aquele em que o uso da força se faz presente.

Em sua repaginação da Teoria Realista, o autor americano Joseph Nye (2004) estabelece que haveria formas diferentes de poder. Para Nye (2004), à medida que os indivíduos se interrelacionam, e os Estados já conquistaram certo reconhecimento de sua força na cena internacional, faz-se necessária uma outra forma de poder, de cunho diverso. Nye (2004) divide, assim, o poder em dois tipos: *Hard* e *Soft*. O *Hard Power* seria o poder advindo da coerção e de pagamentos. Em sua primeira teorização, Nye (2004) considera que os Estados deveriam conquistar tal forma de poder antes de passar a buscar qualquer maneira alternativa. Quando fossem possuidores de *Hard Power* suficiente, esses deveriam “diversificar” sua forma de ação no mundo, a partir daquilo que o autor caracteriza como *Soft Power* – um poder apoiado em valores compartilhados e de base internacional. Isso porque a configuração de interdependência na contemporaneidade fez com que surgisse a necessidade de mudar o comportamento dos atores de forma mais suave, sem enfrentamento bélico.

Com efeito, esse seria um poder baseado na cooptação de atores, mais do que em sua coerção. Ao colocar em relevo a rede complexa de interações possíveis, Nye (2004) destaca que, na política mundial, é possível que um Estado obtenha os resultados que deseja, porque, ao admirar seus valores, os outros podem desejar acompanhá-lo, imitando-lhe o exemplo, aspirando ao seu nível de prosperidade e liberdade.

Assim, cultura, instituições e políticas governamentais seriam valores que, no cenário mundial, poderiam levar à projeção dos países e representam, segundo Nye (2004), fontes decisivas de *Soft Power* à medida que levariam os outros desejarem o mesmo que nós próprios. Um ator possuidor de *Soft Power* seria capaz de atrair os outros por suas ideias, tendo capacidade para determinar a agenda política internacional de acordo com suas preferências. Constituiria a aplicação, no cenário internacional, da máxima “moscas se pega com mel”: ao invés de partir para ameaças, um país, como os Estados Unidos¹³, deveria buscar tornar sedutora sua diversidade cultural de forma a agregar parceiros no sistema internacional.

¹³ A teoria de Nye (2004) é claramente elaborada em vista do poderio estadunidense. O autor percebe que o país já havia conquistado um *status* de potência bélica e econômica mas corria riscos de perder terreno por não buscar novas formas de interação com os Estados, desconsiderando os

Embora tenha sido elaborada no interior da perspectiva realista, a teoria de Nye (2004) pode dialogar com outras tendências das Relações Internacionais que apontam para a importância da cultura e da identidade na interrelação entre os Estados. É o caso, por exemplo, da História das Relações Culturais Internacionais. Como observa Dominique Trimbur (conforme ORY, 2002, p. 15), a história das políticas culturais é um domínio de pesquisa ainda recente, em busca de sistematização. Entretanto, as ações culturais e a diplomacia cultural enquanto políticas estatais já estariam presentes na cena internacional há bastante tempo:

En France, les éléments d'une politique culturelle internationale existent pourtant depuis longtemps, dans les esprits comme dans la réalité. Que l'on songe à la foi en la 'mission civilisatrice' ou aux associations qui se constituent en contribuant directement ou indirectement, par essence ou plus incidemment, à l'action culturelle à l'étranger: par exemple l'Alliance Française, l'Alliance Israélite Universelle, la Mission laïque française; pour l'Allemagne, les instituts archéologiques [...] (TRIMBUR conforme ORY, 2002, p. 17)¹⁴.

Parece-nos que o estudo detalhado do caso francês mostra, justamente, a estratégia da diplomacia cultural como mecanismo de consecução de poder da França, que se via em situação difícil frente ao poderio bélico inglês e, mais tarde, estadunidense. Como observa Loïc Gerbault (2008, p. 13), já no século XVII, tendo em vista um possível declínio bélico, a França se preocupava em demonstrar sua arte cultural diplomática, sendo Richelieu e Mazarin os chefes de orquestra da diplomacia francesa, dando início ao que se tornaria a “cultura de exceção” francesa. O mesmo pode ser percebido no século XIX, quando Gambetta buscou reformular o papel da França na cena internacional a partir da diplomacia, da cultura e do apoio intelectual (CHAUBET, 2006, p. 23). O país poderia, assim, assegurar sua projeção

efeitos da globalização e do relacionamento profícuo entre os atores internacionais. A obra de Nye: *Softpower – the means of succes in world politics*, publicada em 2004 – após o grande debate do lançamento do conceito pelo autor na década de 1990 – assume, assim, o formato de aforismas enunciados por alguém que havia participado da formulação da política exterior norte-americana nos anos 1990 e percebia, ali, problemas de diálogo com outros grupos. Haveria, nesse sentido, certa proximidade com o estilo maquiaveliano, só que, enquanto Maquiavel foi propositalmente deixado de lado em seu período, Nye ganhou mais evidência justamente nas refutações do valor de sua obra no interior da teoria realista.

¹⁴ Na França, os elementos de uma política cultural internacional existem há bastante tempo, tanto no espírito, como na realidade. Que pensemos nas “missões civilizatórias” ou nas associações que constituem e contribuem, direta ou indiretamente [...] para a ação cultural no exterior: por exemplo, a Aliança Francesa, a Aliança Israelita Universal, a Missão laica francesa; na Alemanha, os institutos de arqueologia [...] (TRIMBUR conforme ORY, 2002, p. 17, tradução nossa).

internacional tendo em vista uma imagem de refinamento almejada pelos demais Estados no âmbito internacional. Isso porque a projeção do país encontra-se ligada a uma imagem transmitida pelo mesmo, principalmente por meio de sua forma de inserção no cenário internacional e às políticas adotadas para sua projeção cultural-identitária.

Passemos, agora, a outro conceito-chave para nosso trabalho: o de Sociedade Internacional.

1.2 A sociedade Internacional: elementos de participação de Estados periféricos

Entre as décadas de 1950 e 1960, surge uma nova corrente de pensamento no âmbito das teorias de Relações Internacionais: a Escola Inglesa. Tal corrente foi criada a partir da demanda do *British Council* e do Comitê Britânico para Política Internacional para produzir uma corrente de Relações Internacionais que estivesse mais de acordo com as leituras acerca da experiência da Grã-Bretanha.

Partindo de pressupostos neo-Grocianos, ou seja, da concepção de que os Estados não agem livremente/naturalmente sem restrições morais – o que contraria a teoria realista baseada em Hobbes¹⁵, a teoria aqui afirma a existência de uma Sociedade Internacional calcada em regras de convivência experienciadas *a priori* na Europa desde a Paz de Vestfália em 1648 (BULL, 2002; WATSON, 2004; WIGHT, 1985), em contraposição à ideia de um Sistema Internacional clássico dos realistas.

Enquanto o sistema internacional resultaria no contato e impacto recíproco que dois ou mais Estados causam ao interagirem, sendo a questão comportamental - poder e força - pontos-chave para os cálculos das ações dos outros (BULL, 2002: 15), a sociedade internacional vai adiante. Parte-se do pressuposto de que os

¹⁵ A corrente realista de Relações Internacionais em uma perspectiva hobbesiana, tende reproduzir, no cenário internacional, o medo da guerra e incerteza constantes de todos contra caracterizado pelo autor em sua obra **O Leviatã** para regiões sem uma única liderança efetiva. O padrão comportamental dos Estados, neste caso, seria de desconfiança mútua, marcado por ações egoístas, sem nenhuma possibilidade real de cooperação entre os atores. Os Estados, em busca de proteção, aumentariam sua capacidade de agressão, criando um ciclo vicioso de medo e autoproteção bélica.

Estados partícipes, a partir de costumes e valores comuns, se organizariam, tendo em vista a construção de normas de comportamento e cerceamento de suas ações, de forma institucionalizada: a violência entre os Estados seria limitada pelo poder das instituições estabelecidas pelos mesmos. Os Estados, segundo o autor:

[...] se consideram veiculados a determinadas regras no seu inter-relacionamento, tais como a de respeitar a independência de cada um, honrar os acordos e limitar o uso recíproco da força. Ao mesmo tempo, cooperam para o funcionamento de instituições tais como a forma de procedimentos do direito internacional, a maquinaria diplomática e a organização internacional, assim como os costumes e convenções da guerra. Nessa acepção, uma sociedade internacional pressupõe um sistema internacional, mas pode haver um sistema internacional que não seja uma sociedade. (BULL, 2002, p. 19).

A Sociedade Internacional abrangeria cada vez mais Estados, à medida que estes fossem capazes de atestar sua capacidade de cumprir as regras previamente estabelecidas e se envolvessem, de forma positiva, naquele ambiente. Desta forma, o que ocorrera, segundo os teóricos da Escola Inglesa, foi um processo de transformação do sistema em sociedade internacional, processo esse que durou mais de três séculos – tendo seu fim, segundo Gonçalves (2002, p. 18), no período subsequente à Segunda Guerra Mundial e ao processo de descolonização –, no qual as mais diversas regiões do mundo foram congregadas aos moldes da estrutura jurídico, política e cultural da sociedade europeia. É notória, então, a participação da França na Sociedade Internacional desde a formação da mesma: o Estado francês seria um dos principais partícipes da Sociedade Internacional Europeia, dessa forma, a adequação francesa às normas da sociedade Internacional Global seria algo indiscutível. Ao mesmo tempo, Estados periféricos, como o Brasil, teriam sido “incorporados” a essa Sociedade no século XIX, quando os europeus teriam, segundo Watson (2004, p. 369), conseguido transformar sua rede de relações econômicas e estratégicas em uma espécie de unificação mundial.

Nesse caso, postula-se que a entrada de regiões periféricas em tal Sociedade seria estimulada, porém difícil, tendo em vista a grande diversidade cultural de tais regiões: algumas partes do mundo foram, então, colocadas “[...] debaixo da hegemonia coletiva do concerto europeu [...]” (WATSON, 2004, p. 371), algo que perduraria até os mais recentes processos de descolonização da segunda

metade do século XX. Para que a participação dessas novas regiões se tornasse possível, foi necessário criar mecanismos capazes de agregar os países de forma abrangente, a partir de organismos e instituições internacionais das mais variadas.

É importante salientar que os moldes descritos pela Escola Inglesa veem sua criação e efetivação dentro de um contexto fortemente europeu ocidental cristão, de forma a desconsiderar qualquer tipo de coletividade que fugisse dos padrões instituídos. O “clube” de Estados soberanos europeus foi, assim, capaz de estabelecer as regras e aceitou a entrada apenas daqueles países que se mostraram aptos a adaptações às mesmas. Para fazer parte da Sociedade Internacional contemporânea, os Estados não-europeus (ou mesmo aqueles da periferia da Europa, como a Rússia e a Turquia) deveriam demonstrar capacidade de seguir as regras pré-existentes e evidenciar que compartilhavam dos valores de tal sociedade.

O Brasil, em sua insistente tentativa de participar de tal Sociedade, desde os tempos do Império, conseguiria fazê-lo efetivamente a partir do processo de independência das colônias europeias do Novo Mundo. O caso brasileiro seria, também, pleno de especificidades: pela instalação da Coroa portuguesa no país e alterações no *status* colonial do país – em especial, a elevação do Brasil a Reino Unido de Portugal e Algarves em 1815 –; e pelo seu processo de independência, levado a cabo por Dom Pedro I, príncipe regente, garantindo, assim, a continuidade política nos moldes europeus. Isso seria possível, também, pela política do Império a partir da busca de D. Pedro II para manter as relações entre o Brasil e a Europa em bons termos, apresentando ao Norte um país capaz de se adequar sem grandes obstáculos à Sociedade Internacional nos moldes europeus. As ações de D. Pedro II, nesse sentido, seriam várias; destacamos, aqui, a participação brasileira em eventos como as Exposições Universais da Filadélfia e de Paris.

A própria presença do Imperador Dom Pedro II, em 1876 na Filadélfia, já demonstrava a tentativa brasileira de pautar os valores e condutas do Brasil tendo em vista aqueles dos Estados participantes da Sociedade Internacional naquele momento. Em Paris, a presença brasileira seria marcada pela busca de um Brasil civilizado, capaz de versar sobre seus feitos da mesma forma que os países civilizados da Sociedade Internacional nos moldes europeus. Se o país não possuía o prestígio de nação civilizada, as ações de Dom Pedro II, tendo em vista os avanços científico-tecnológicos, seriam capazes de criar um espectro de sofisticação

da elite brasileira que garantiria ao país, mais tarde, uma entrada “livre de maiores obstáculos”, sendo o Brasil considerado uma espécie de “Neo-Europa”, como observa Monique Goldfeld (2012). Para a autora:

Em meados do século XIX, entidades não europeias de variados portes passaram a demandar ou a ser demandadas a integrar uma sociedade internacional de núcleo europeu. Trata-se de um período importante de “virada imperial”, sobretudo britânico, em que o planeta passou a ser esquadrihado, ocupado e as relações da Europa com o mundo, redefinidas com base em um centro europeu. Assim, como sugere a Escola Inglesa, o período foi marcado pela expansão da sociedade internacional de cunho europeu mundo afora, de forma extremamente estratificada, seja entre os próprios europeus e também entre os não europeus. (GOLDFELD, 2012, p. 38).

Assim, como observa Bull (2002), outras formas de integração e interação entre os Estados partícipes da Sociedade Internacional foram sendo criadas, baseadas no princípio de convivência e de partilha de valores comuns, o que protegeria os atores do estado de natureza hobbesiano. Essa partilha de valores pode ser percebida, no caso brasileiro no século XIX, pela transformação do país em “império” tendo em vista necessidades locais e internacionais de reconhecimento e diferenciação em relação ao Reino de Portugal. Enquanto Império periférico, o Brasil não rompia definitivamente com a Europa – que, afinal, criara o rumo imperial: o país não necessitava de outros territórios, tendo em vista suas proporções geográficas “continentais” para se autoafirmar Império. Ao mesmo tempo, a adesão aos modos e regras preconizados pela sociedade internacional europeia já se faziam notar na própria coroação de Dom Pedro I, que seguia o modelo napoleônico (GOLDFELD, 2012) e seguiria no Segundo Império e na Primeira República, iniciada em 1889. Também o modelo republicano brasileiro foi inspirado nas ideias que, como veremos, partem da França, ou seja, é um dos países do centro da Sociedade Internacional que fornece ao Brasil – país periférico e, ainda hoje, emergente, devido à distribuição desigual de poder na política internacional (HURRELL, 2007:02; BULL, 2000) - parâmetros para sua atuação internacional.

Postulamos que uma das formas pelas quais Estados buscam poder – e isso principalmente a partir da década de 1990 com a queda do muro de Berlim e o fortalecimento de organismos como a Organização das Nações Unidas – é a partir

de uma participação ativa no cenário internacional na qual contribuiria a articulação de fatores culturais nacionais com aqueles provenientes de uma “cultura” internacional.

Tal articulação dar-se-ia por meio de Relações Culturais Internacionais e de uma ação da diplomacia Estatal. Para tanto, Estados considerados poderes emergentes buscariam agir por meio das instituições base da Sociedade Internacional – como a diplomacia – com o objetivo de destacar sua cultura como facilitadora das relações no plano global. Ao criar uma estratégia cultural (FERGUSON, 2000), Estados poderiam articular valores internacionais com possibilidades de “excepcionalidades” nacionais para se sobressairem no plano internacional. Assim, esporte, cinema e todos os outros tipos de atividades que aumentassem o intercâmbio e o conhecimento entre os Estados seriam de interesse, também, para o jogo internacional. Veremos, mais adiante, como as associações entre os Estados contaram com os elementos culturais para se desenvolverem. Passemos a uma breve revisão bibliográfica sobre a questão identitária no Brasil e a uma análise da mesma.

1.3 Entre Relações Culturais Internacionais e Diplomacia Cultural: a ação Estatal

“O essencial da cultura, não esqueçamos, reside em que ela é a resposta aos problemas permanentes do homem.”

(CELSO FURTADO, 2012, p. 53)

“Cultural diplomacy is the exchange of ideas, information, values, systems, traditions, beliefs, and other aspects of culture, with the intention of fostering mutual understanding.”

(MILTON C. CUMMINGS, 2003)¹⁶

¹⁶ A diplomacia cultural é o intercâmbio de ideias, valores, sistemas, tradições, crenças e outros aspectos da cultura, com a intenção de levar à compreensão mutual. (Tradução nossa)

Consideramos aqui que a participação política de um país, no âmbito das relações internacionais, conduz à constituição de imagens diversas do Estado, apresentadas e/ou representadas no cenário internacional. Há uma necessidade de projeção, que, quando não alcançada por meios bélicos, tende a ser suprida de outras formas. Uma delas seria a partir de relações culturais internacionais ou na forma como a circulação das representações, das práticas, dos modos de vida e dos objetos simbólicos que transpõem as fronteiras (FRANK, 2012, p. 373) e auxiliam na imagem do Estado internacionalmente.

Para compreender a política externa de um Estado e a estratégia de inserção adotada por este ao longo do tempo, devemos, primeiramente, entender quais os valores que regem a política interna e se vinculam à política externa desse país, o que nos leva à questão da identidade nacional e cultural. Dada a diversidade cultural mundial, é possível postular também que a identidade nacional e os imaginários nacionais que circulam no cenário internacional são de grande importância para o estabelecimento do diálogo entre os Estados.

A transmissão dos costumes, valores e ideias é possível à medida que o país define aquilo que considera mais relevante ou estrategicamente eficiente para se representar no exterior. A tentativa seria não apenas de compreender a ação do outro, baseando-se em variáveis cognitivas que afetam essa ação, como, também, de perceber em que medida um país busca instrumentalizar sua cultura e transmiti-la a seus homólogos na sociedade internacional. Assim, língua, música, dança, teatro, cinema, ciência e tecnologia, tornam-se eixos importantíssimos para a transmissão da identidade nacional em um nível supraestatal. Como bem considera Milza (1980), a cultura seria um fator ou agente das Relações Internacionais na medida em que ela é capaz de modelar as mentalidades e orientar o sentimento do público em relação ao Outro. O autor foi o primeiro a tratar da utilização do termo “cultura” pelo Ministério de Relações Exteriores Francês – *Quai d’Orsay* – e a esmiuçar a relação entre diplomacia e cultura estabelecida pelo dito Ministério a partir da criação de sua Direção de Relações Culturais em 1945. Cabe lembrar que a criação de um organismo responsável apenas por relações culturais na diplomacia francesa em 1945 foi a formalização de uma política cultural já existente na França desde o século XIX. As relações exteriores da França têm, assim, historicamente um

viés cultural-identitário evidenciado pelo governo francês. Relações Culturais, no caso da França, são políticas de Estado, intrinsecamente ligadas à identidade nacional.

Ao inscrevermos nosso trabalho no campo das Relações Culturais Internacionais, faz-se necessária uma breve caracterização do mesmo, dentro do domínio das Relações Internacionais. No campo das Relações Internacionais, a análise da manipulação de fatores culturais pelos Estados como mecanismo de projeção de poder tem ocupado, até o presente momento, um lugar periférico, como destacam alguns autores (RIBEIRO, 1989; NYE, 2002, 2004; MONTIEL, 2009). No campo estritamente da História, percebe-se que não apenas a análise da história cultural tem-se apresentado como um campo extremamente profícuo para a pesquisa, como também os seus parâmetros têm sido importantes para a compreensão sobre a utilização política que se faz da própria história cultural. Essa é uma questão salientada por autores recentes, como é o caso de Dennis Rolland (1999, p. 12). É justamente da combinação destes dois campos, política externa e reelaboração da história cultural, que emerge uma esfera de ação política governamental, identificada no âmbito das Relações Internacionais, e que muito nos interessa pesquisar: a História das Relações Culturais Internacionais (CHAUBET; MARTION, 2011; DULPHY *et al.*, 2010).

Como observa Juliette Dumont (2012, p. 217), se esse é um campo de investigação que, por muito tempo, foi relegado à margem da historiografia, ele é, hoje, incontornável para a compreensão da dinâmica internacional em sua totalidade. Dessa forma, ressalta Olivier Compagnon (2008):

Parmi les renouvellements de l'historiographie des relations internationales, la prise en compte de leur dimension culturelle constitue probablement l'un des terrains les plus féconds et les plus prometteurs à l'heure actuelle (COMPAGNON, 2008, p. 11).¹⁷

Se o estudo das “forças profundas” das relações político-diplomáticas entre os Estados – no qual se inscreveria a dimensão cultural – foi sugerido por Pierre

¹⁷ Entre as renovações da historiografia das relações internacionais, a consideração de sua dimensão cultural constitui provavelmente um dos terrenos mais férteis e mais promissores da atualidade. (COMPAGNON, 2008, p. 11, tradução nossa)

Renouvin na década de 1930, apenas na década de 1980 que o campo das relações culturais internacionais recebe, de fato, grande empenho dos pesquisadores em Relações Internacionais. Os debates pioneiros seriam aqueles realizados por autores de tradição francófila no âmbito do Congresso sobre Cultura e Relações Internacionais. Dentre eles, destacam-se os escritos de Pierre Milza (1980), **Cultura e Relações Internacionais**, e Jacques Freymond (1980), **Encontros de Culturas e Relações Internacionais**, que utilizamos em nossa análise. Destacamos, aqui, o sentido dado ao termo cultura por Pierre Milza (1980), no intuito de delimitar o campo de pesquisa sobre a analogia entre cultura e relações internacionais:

La culture, comprise dans son sens plus large, à savoir la production, la diffusion et la consommation des objets symboliques créés par une société, constitue en premier lieu un agent ou un facteur des relations internationales dans la mesure où elle façonne les mentalités et oriente le sentiment public. Mais elle est aussi en même temps un enjeu, ou si l'on préfère un terrain d'affrontements sur lesquels interviennent divers groupes et forces antagonistes dont l'action s'opère soit de façon explicite, soit le plus souvent d'une manière détournée ou occulte. (MILZA, 1980, p. 366).¹⁸

Outro trabalho de grande impacto na área foi **International Cultural Relations**, de J.M. Mitchell, publicado em 1986, que trataria das ações pública e privada no encaminhamento das relações culturais internacionais. Ressalta-se, aqui, o interesse dos Institutos de Relações Internacionais da Universidade de Paris I e de Altos Estudos Internacionais de Genebra no assunto. Os mesmos seriam responsáveis por esse evento pioneiro e, também, por uma avaliação do campo das relações culturais internacionais trinta anos depois, em colóquio organizado em 2003. Neste último, seria abordada a relação entre as fronteiras, representações e relações culturais. Destaca-se, também, o seminário no âmbito do Instituto de História do Tempo Presente (IHTP) intitulado **História das Relações Culturais Internacionais**, que ocorreu entre 1990 e 2004.

¹⁸ A cultura, compreendida em um sentido mais amplo, a saber: a produção, a difusão e o consumo dos objetos simbólicos criados em nossa sociedade, constituem em primeiro lugar um agente ou um fator das relações internacionais à medida em que ela baliza as mentalidades e orienta o sentimento público. Mas ela é, ao mesmo tempo, um desafio, ou, se preferirmos, um terreno de enfrentamentos no qual diversos grupos e forças antagônicas intervêm e no qual a ação se opera seja de forma explícita, ou, mais comumente, de forma desviada ou oculta. (MILZA, 1980, p. 366, tradução nossa).

Os eventos promovidos pelos referidos institutos marcam, assim, o estudo da história cultural e de sua relação com a diplomacia, sendo responsáveis pela criação de termos, conceitos e relações importantes para nosso trabalho. Seguindo o raciocínio aqui apresentado, uma relação que merece ser destacada é a formulada por Freymond (1980) entre cultura e política exterior:

Enquanto sistema de referência coletiva, a cultura própria de cada Estado/sociedade constitui um dos fundamentos da política exterior dos Estados, que ela contribui ao influenciar. Da mesma maneira, ela orienta as relações transnacionais. Ela modela, em grande parte, a paisagem onde as políticas são elaboradas e executadas. Ela influencia a visão, a percepção e o comportamento dos atores, sejam eles governamentais ou não. (FREYMOND, 1980, p. 405).¹⁹

Observa-se, desde a década de 1970, quando a história cultural se estabeleceu enquanto disciplina, uma tentativa de compreensão da relação entre cultura e história que ultrapassa o âmbito estatal. Nesse momento, surgia, também, a preocupação conceitual acerca das relações culturais internacionais e sua historicização.

Conceitualmente, como estabeleceu Mitchell (1986), as relações culturais internacionais podem ser de cunho estatal ou privado e se caracterizam como formas alternativas de diálogo entre Estados, de forma a precaver de situações que poderiam se tornar conflituosas. As relações culturais internacionais basear-se-iam em dois tipos de relações culturais entre Estados: os intercâmbios culturais organizados, como aqueles da diplomacia ou de organismos supra ou não governamentais, como a UNESCO, a FIFA, ou organizações religiosas; e os intercâmbios culturais informais, não institucionalizados, como a circulação musical, artística, midiática.

As Relações Culturais internacionais são, então, relações que se forjam à medida em que dois ou mais Estados estão em contato. O objetivo primeiro de tais relações não é produzir uma vantagem unilateral, mas sim criar um ambiente

¹⁹ Tradução livre de: “En tant que système de référence collectif, la culture propre à chaque Étatsociété constitue un des fondements de la politique extérieure des États, dont elle contribue à influencer le cours. Elle oriente de la même manière les relations transnationales. En tout cas, elle modèle en grande partie l’environnement dans lequel les politiques s’élaborent et s’exécutent. Elle influe sur la vision, la perception et le comportement des acteurs, qu’ils soient gouvernementaux ou non”. (FREYMOND, 1980, p. 405).

profícuo para benefícios multilaterais, marcado pelo entendimento e a cooperação entre as sociedades nacionais para o seu mútuo benefício (MITCHELL, 1986, p. 3-4). Isso porque, ao criar um ambiente de intercâmbio cultural, o país estabelece com outros Estados um padrão de diálogo com símbolos compartilhados, apresentando, assim, importantes resultados, não apenas no âmbito cultural, como também econômico, comercial e político, tanto no plano doméstico brasileiro, como no exterior.

Na literatura sobre o assunto²⁰, estabelecem-se alguns modelos básicos de Relações Culturais Internacionais, os quais variam, principalmente, segundo os atores/agentes das relações culturais. Não trataremos desses modelos, pois foge ao interesse do presente trabalho neste momento. Entretanto, é importante salientar dois tipos de ação subjacentes aos diversos modelos, levando-se em conta o peso da participação do Estado e dos agentes não estatais: Política Cultural e Diplomacia Cultural. A política cultural seria o

Conjunto de ações planejadas para, em longo prazo, amparar e/ou fomentar a difusão e venda dos produtos culturais no exterior [...] A política cultural visa estabelecer cooperações técnicas e científicas, intercâmbios e acordos universitários, difundir autores ou ideias por meio de conferências, seminários ou cursos, organizar comemorações internacionais [...] e eventos de caráter transnacionais [...] A política cultural não se realiza sem a autorização, o acordo e o apoio (político e/ou econômico) do Estado, quando não é francamente planejada, dirigida e subvencionada pelo mesmo. [...] Entretanto, a política cultural não se limita às iniciativas emanadas do Estado. Ela se beneficia dos trabalhos e competências dos profissionais, artistas, intelectuais, cientistas ou de ONGs que do Estado ou que para o Estado contribuem involuntária ou voluntariamente [...]” (LESSA, 2002, p. 16).

Enquanto na primeira tipologia tem-se a participação direta de atores não estatais, a segunda, a Diplomacia Cultural é percebida como o *locus* da ação estatal *sui generis*. Destacamos aqui, a compreensão do diplomata brasileiro Edgard Telles Ribeiro (1989), em seu trabalho **Diplomacia Cultural: seu papel na Política Externa Brasileira**, no âmbito do Curso de Altos Estudos do Instituto Rio Branco, para quem o diferencial da diplomacia cultural, em relação às relações culturais internacionais de forma mais ampla, encontra-se no fato da primeira buscar também – para além do desenvolvimento, compreensão e aproximação dos povos e instituições das

²⁰ Cf. Dollot (1964) e Mitchell (1986).

relações culturais internacionais – a realização de objetivos comerciais e econômicos. Dessa forma, há uma união do campo político com o das relações econômicas.

Uma das primeiras definições internacionalmente aceitas de Diplomacia Cultural foi a formulada por Milton Cummings (2003), para quem

O intercâmbio de ideias, informação e outros aspectos da cultura entre nações e populações no intuito de colaborar para a compreensão mútua, o que pode ser mais do que uma via de mão única ou de intercâmbio bilateral, como quando uma nação concentra seus esforços na promoção da língua nacional, explicando suas políticas e seus pontos de vista, ou “contando sua história” para o resto do mundo. (CUMMINGS, 2003, p. 1, tradução nossa).²¹

Assim, percebemos que, diferentemente da Política Cultural, em que a propaganda do país pode estar presente de forma explícita, a Diplomacia Cultural busca ofuscar ou mesmo apagar a presença aparente do Estado em busca da promoção do país. Ela se direcionaria à imagem internacional do país, que procura estabelecer relações de confiança e cooperação com outros atores a partir de metas a serem alcançadas a longo prazo (SOARES, 2008, p. 57). Como salienta La Porte (2006, p. 3), a Diplomacia Cultural fundamenta-se no convencimento de que as manifestações culturais são o que melhor representa uma nação. Ao analisar o valor de fatores culturais, é possível entender os caminhos políticos e, muitas vezes, identificar interesses a serem escolhidos por um ator em determinado caso (RIBEIRO, 1989).

Assim, a transmissão da cultura de um país para outro, realizada intencionalmente por meio de políticas específicas, através da chamada “Diplomacia Cultural”, está ligada a valores e a significados nacionais – elaborados em cada Estado, muitas vezes com o apoio da máquina estatal – que buscam moldar as relações entre nacionais e estrangeiros. Esse referencial coletivo interno, baseado em valores, ritos e mitos compartilhados; ou simplesmente bens simbólicos que,

²¹ *The exchange of ideas, information, art and other aspects of culture among nations and their peoples in order to foster mutual understanding’ which ‘can also be more of a one-way street than a two-way exchange, as when one nation concentrates its efforts on promoting the national language, explaining its policies and point of view, or “telling its story” to the rest of the world. (CUMMINGS, 2003, p. 1)*

compartilhados no mundo inteiro, acabam por representar um Estado-nação para o resto do mundo. O êxito da diplomacia cultural depende da possibilidade de gerar um clima de confiança através do desenvolvimento da capacidade de escutar os outros, do reconhecimento do valor de outras culturas, de mostrar um desejo sincero de aprender e aplicar programas que realmente facilitem a comunicação equitativa em ambas as direções.

Parece-nos importante salientar ainda que, para o embaixador Edgard Telles Ribeiro (1989), a diplomacia cultural seria diferente das relações culturais internacionais em seu sentido mais amplo. Para Ribeiro (1989, p. 23), a diplomacia cultural representaria, ainda, a utilização das relações internacionais para a realização de finalidades específicas, não apenas no campo cultural, como também políticos, comercial e econômico. Dessa forma,

As atividades culturais promovidas por determinado país em outro, também repercutem positivamente no plano comercial, favorecendo, sempre a nível de plano de fundo, o fortalecimento de um clima de confiança nas qualificações deste país. A ideia básica aqui não poderia ser mais singela: se um país é o dono de uma cultura rica, forte, variada, dinâmica – e dela se orgulha a ponto de difundi-la fora de suas fronteiras – esse país, ao demonstrar sua capacidade no plano cultural, estará igualmente chamando atenção, implicitamente, para suas qualificações em outras áreas de atuação, por mais variadas que sejam. (RIBEIRO, 1989, p. 28).

É dentro dessa perspectiva que, segundo o autor, um país, ao fazer uso da diplomacia cultural, buscaria vender conjuntamente ideias e produtos em circunstâncias adequadas: o consumidor está subordinado a um leque de imagens e conceitos, que incidem sobre suas escolhas. A cultura, como filtro formador dessas imagens, contribui nos hábitos de consumo. Exemplos disso seriam, segundo Ribeiro (1989), o cinema estadunidense e a música popular do Brasil. É também nesse sentido que veremos, mais adiante, a importância dada à propaganda dos produtos brasileiros pelo governo federal, durante a temporada brasileira na França, em 2005.

Ao mesmo tempo, é necessário salientar o importante papel da diplomacia cultural na consecução da projeção internacional de um Estado. Ao conseguir reafirmar sua identidade no plano internacional e “vender” sua imagem, os Estados passam a ter um maior campo de ação na dinâmica das relações internacionais. A

diplomacia cultural passa, então, a ser percebida como mecanismo gerador de *Soft Power*, em que se leva em conta a capacidade do Estado para cooptar os outros agentes internacionais, através da promoção da sua cultura, das instituições e políticas governamentais; enfim, de valores que, no cenário mundial, irradiem para países que se desejam atrair para alianças e parcerias. Desse ponto de vista, os valores nacionais são pontos que, quando aceitáveis e desejáveis pela comunidade internacional, representam, segundo Nye (2004), fontes decisivas de *Soft Power*. Os Estados podem, então, atrair a atenção, seja pela propaganda de seus valores democráticos, pela mobilidade de seus representantes (governamentais ou da sociedade civil, como artistas), por acordos bilaterais que promovam a interação cultural, como, por exemplo, a partir de um sistema de bolsas de intercâmbio e imersão cultural, dentre outros. É conciliando os valores nacionais com aqueles da esfera global que a visibilidade se faz eficaz.

Concebemos, assim, que questões sobre identidade cultural e representações são essenciais para a formação de imaginários circulantes não apenas a nível nacional. Utilizada como mecanismo de consecução de poder no cenário internacional, a cultura passa a ser valorizada e promovida pelos Estados na medida em que ela possa atender a seus interesses. Como ressalta Ribeiro (1989), essa não é, entretanto, uma estratégia que busca resultados imediatos: por depender do desenvolvimento do conhecimento compartilhado sobre o outro e da formação de um diálogo intercultural, qualquer mecanismo baseado na cultura deve buscar objetivos duradouros, possíveis de se alcançar a longo prazo. Parece-nos importante observar, então, como se dá a aplicação deste conceito no cenário da diplomacia cultural brasileira.

A pergunta que nos fazemos, então, é: como observar a estratégia brasileira de busca de projeção internacional no cenário mais atual e compreender as representações de si que são elaboradas, tendo em vista essa tão almejada projeção? Para respondê-la, passaremos a um breve estudo da identidade internacional do país e sua relação com as relações culturais internacionais.

1.4 Identidade nacional e diplomacia: a elaboração de imagens para a matriz brasileira nas Relações Internacionais?

“A diplomacia é a alternativa civilizada à guerra”.

(GILBERTO Gil durante concerto na Assembléia Geral das Nações Unidas, 2003)

O Brasil vem, a cada dia, assumindo um papel mais importante na política internacional, caracterizando o que Cervo (2008) define como uma matriz de relações internacionais baseada em práticas não-confrontacionistas e na boa convivência das diferenças culturais²². Durante toda a história brasileira, os governantes ensaiaram, de uma forma ou de outra, a criação de uma imagem favorável do país no âmbito internacional. Essa tentativa tem, por princípio básico, a construção de uma impressão moral do país (*ethos* Estatal) favorável à sua atuação junto aos outros Estados. Exemplo disso seria a tentativa histórica de representantes brasileiros em participar, no âmbito internacional, da maioria dos organismos de tomada de decisão que tenham a negociação pacífica como principal eixo. Para criar uma boa reputação, os representantes brasileiros apostam em discursos que ressaltam a existência de um caráter pacífico e de busca pelo consenso da política externa brasileira que se basearia na promoção da justiça social e do desenvolvimento equitativo. Nessa medida, há uma articulação de valores nacionais e internacionais, exaltados em fóruns multilaterais.

²² Uma matriz de Relações Internacionais seria o conjunto de conceitos formulados por pesquisadores e profissionais da área no intuito de reavaliar as teorias de âmbito global por um viés nacional. Ao tratar da matriz de relações internacionais de um país como o Brasil, estamos tratando da forma como diplomatas, Estado, Governo e pesquisadores tendem a dar forma para a política externa brasileira, publicizá-la. Para Amado Luiz Cervo (2008, p. 22), são os “[...] conceitos – e não as teorias – [que] descobrem no coração dos povos o que lhes convém em termos de cultura e interesses [...] Os pensadores que forjam a cultura da nação lançam as sementes de paradigmas de Estado, tão caros à teoria das relações internacionais.” Nesse sentido, Cervo (2008) propõe que a matriz de Relações Internacionais do Brasil – assim como a de outros países – basear-se-ia na concepção e prática de políticas exteriores não confrontacionistas, pautadas pela convivência das diferenças culturais (CERVO, 2008, p. 11). Consideramos aqui que essa matriz brasileira consistiria em uma elaboração ideológica da realidade nacional para a construção de uma imagem que os representantes brasileiros pudessem utilizar também no exterior. – Essa elaboração foi produzida nos anos 1930 na busca por uma identidade brasileira, com grande apoio do governo, baseando-se, de certo modo, no contrato pacifista de Gilberto Freyre, fundado nos temas da democracia racial e da capacidade de lidar com a alteridade.

Diversos autores têm salientado a importância das representações coletivas e do imaginário social na constituição das identidades nacionais. Para Hobsbawm (2004), é a partir da “invenção” das tradições nacionais que os Estados buscam, desde o século XVIII, criar mecanismos de coesão cultural e unidade identitária entre os cidadãos: ao fazer referências ao passado, é possível entender o presente e projetar o futuro comum, que será de conhecimento público, ultrapassando as fronteiras nacionais.

Ao mesmo tempo, partimos da ideia de que a identidade nacional é fluida, e não deve ser percebida enquanto um fim em si mesma: ela é, ao mesmo tempo, o “meio” em que entramos em contato com o outro (MARTINS, 2006, p. 2) e adaptável aos diferentes momentos da história. Desta forma, seria impossível tratar de uma identidade engessada. O que tentamos fazer, então, é observar alguns traços identitários que são ressaltados historicamente em sua constante reelaboração do “eu” e do “outro”.

No caso brasileiro, o tema racial é uma constante na definição da identidade nacional na literatura, nas ciências sociais, na mídia escrita e audiovisual – passando por constantes ressignificações pelos mecanismos acima citados, ou mesmo (e, talvez, principalmente), pelo Estado.

Ao trabalharmos com a ideia de uma rearticulação da mestiçagem e da identidade nacional, apoiamos-nos nos trabalhos de Lilia Schwarcz (1993), para quem a história do Brasil e de sua identidade é a história das miscigenações (SCHWARCZ, 1993, 2007, 2015), sendo as representações mestiças assunto que continuam a fazer parte do pensamento social do país. Para a autora,

[...] há um interesse crescente pelas interpretações que o Brasil recebe e recebeu, e uma nova curiosidade acerca destes “Brasis”, desenhados, projetados e imaginados por tantos pensadores locais e estrangeiros. (SCHWARCZ, 2009, p. 11).

Nesse contexto, percebe-se que, no Brasil, as representações identitárias que se ligam à mestiçagem e à malandragem tiveram enorme relevância em diversos momentos. O malandro – mestiço – passa a ser símbolo nacional, personificando o brasileiro *sui generis*, segundo vários autores e estudiosos sobre a

questão da identidade no Brasil, como Antônio Cândido (1993), em **Dialética da malandragem**; Mário de Andrade (1928), com o romance **Macunaíma**; ou Lilia Schwarcz (1994), em **O complexo Zé Carioca**: memórias de uma identidade mestiça e malandra.

Em **Dialética da malandragem** (1993), Antônio Cândido analisa a obra **Memórias de um Sargento de Milícias**, de Manoel Antônio de Almeida (1853), na tentativa de demonstrar como Leonardo, personagem principal da trama, pode ser percebido enquanto o primeiro grande malandro da tradição novelística brasileira. A malandragem, segundo Cândido (1993), poderia ser vista como atributo inato de uma sociedade despida de caráter moral. Leonardo, o personagem do romance, seria uma síntese de heróis eruditos e, principalmente, populares do Brasil. Tendo o romance, segundo a tradição, sido escrito com base em relatos verídicos de um sargento, fica ainda mais clara a tentativa de corroborar a ideia da malandragem como inerente ao povo brasileiro. Essa seria a sociedade do Rio de Janeiro no século XIX, sendo a obra baseada em uma realidade social historicamente localizada (CÂNDIDO, 1993, p. 75). Para tanto, hábitos dessa sociedade são utilizados para fornecer os traços relacionados à tal malandragem, criando um “romance representativo”. Como bem observa Cândido (1993),

Não é a representação dos fatos concretos particulares que produz, na ficção, o senso da realidade; mas sim a sugestão de uma certa generalidade, que olha para os dois lados e dá consistência tanto aos dados particulares do real quanto aos dados particulares do mundo fictício. [...] De um lado, o cunho popular introduz elementos arquetípicos, que trazem a presença do que há de mais universal nas culturas, puxando para a lenda e o irreal, sem discernimento da situação histórica particular. De outro lado, a percepção do ritmo social puxa para a representação de uma sociedade concreta, historicamente delimitada, que ancora o livro e intensifica o seu realismo infuso. Ao realismo incaracterístico e conformista da sabedoria e da irreverência popular, junta-se o realismo da observação social do universo descrito. (CÂNDIDO, 1993, p. 83).

Destacamos, aqui, o papel da capoeira e o retrato físico e moral do capoeirista – ou capoeira – abordados na obra estudada por Cândido (1993). A história da Capoeira é também a história da colonização do Brasil e da escravidão promovida por Portugal. Devido à incerteza dos dados – decorrente, dentre outros fatores, da tentativa de “apagar a história negra da escravidão”, promovida por Rui

Barbosa (MELLO, 1996, 29) – é preciso salientar que não há documentação que possa certificar se a capoeira é uma tradição inventada no solo brasileiro ou se ela já existia em outros locais da África. Acreditamos que esta deve ser percebida como tradição recriada a partir daquelas experienciadas na África pelos negros em que se trabalha a reverência, a música, a dança, a arte e a luta de várias tribos africanas transportadas para o Brasil. Percebida como símbolo de resistência, a Capoeira foi, durante muito tempo, considerada algo a ser apagado da vida social brasileira, sendo proibida pela Primeira República, dois anos após a abolição da escravidão pelo Decreto nº 847, Código Penal Brasileiro de 11 de outubro de 1890, Capítulo XIII: Dos vadios e capoeiras, de 11 de outubro de 1890.

Na trama da obra **Memória de um Sargento de Milícias**, a perseguição aos capoeiristas é de responsabilidade da polícia – do sargento Vidigal – enquanto o desordeiro Chico-Juca exercia o papel de capoeirista. Percebe-se, então, o lugar que era destinado à capoeira nas representações sociais à época – e que sobreviveria ao longo dos anos – a desordem, a ginga, a malemolência marginal, a ser perseguida pela polícia e proibida pelo Estado.

Vale sublinhar que apenas em 1937, na apresentação de “Mestre Bimba” – Manoel Reis Machado – para o presidente Getúlio Dornelles Vargas, a capoeira foi reconhecida como parte integrante da cultura brasileira.

Também os trabalhos realizados durante o Movimento Modernista da década de 1920 contribuíram fortemente para a formação de uma cultura tida como “genuinamente” brasileira. A experiência moderna na arte, principalmente durante a Semana de 1922, teve grande efeito no que concerne às discussões sobre a identidade nacional, sem negar as relações entre os “ismos” da Europa e dos Estados Unidos com o Movimento Modernista brasileiro. O que se buscava, neste último, era avançar em temáticas que fossem importantes para a compreensão do Brasil.

Dentre as obras literárias produzidas à época, **Macunaíma**, de Mário de Andrade, publicada pela primeira vez em 1928, é a mais emblemática do caráter nacional atribuído aos brasileiros pelos artistas modernistas. Como observa Martins (2006, p. 2), há na obra – como havia no Movimento – uma vontade de recuperar e repensar a cultura nacional das primeiras décadas do século XX. Para tanto, Andrade buscou atribuir à obra perspectivas nacionais “primitivas”, a partir de uma linguagem literária que fugia dos padrões – sendo popular, oral, e, portanto,

cotidiana –, bem como de traços do folclore brasileiro (como a presença do personagem lendário Curupira na obra).

A partir de então, a obra de Andrade apresenta um “herói sem nenhum caráter”, ironicamente, o herói brasileiro. Esse herói nasce longe da civilização, é marcado por uma natureza arcaica e feio em sua mestiçagem, como salienta o autor no primeiro parágrafo da obra. Com seus dois irmãos, Macunaíma representaria o branco, o negro e o índio, tratando, portanto, da composição étnica do Brasil. O herói, que se transforma em branco – mas guarda traços de sua mestiçagem – parte, então, para São Paulo, rumo ao maior centro urbano do país. A transformação de Macunaíma marca, também, a transformação do Brasil e de sua cultura. Na cidade-máquina, entre a massa – em detrimento do povo – ele se rende e se adapta, incapaz de retornar ao mundo rural. Nesse contexto, a oposição do herói é o grande capitalista Venceslau Pietro Pietra, que, em São Paulo, tinha em seu poder o talismã do herói brasileiro.

Desta forma, a origem do povo brasileiro, que Macunaíma representa sinteticamente, estaria na miscigenação. Esse herói sem etnia definida, nascido do encontro do branco, do índio, do negro carrega, então, “as marcas” dessa miscigenação: é dotado de uma preguiça sem igual, que o simples som “ai que” sintetizaria. Como salienta Eni Orlandi (2003), na apresentação de uma recente edição da obra,

[...] o território da identidade do Brasil fica um tanto difuso, ou então, no outro lado, estão nos encontros das três raças: branco, índio e negro. A tradicional mistura, mas uma mistura distinta em que não sabemos bem a proporção entre cada um dos componentes, não difere no que se diz ser brasileiro. Ser brasileiro, finalmente, não é ser branco, ser índio ou negro, é ser brasileiro. (ORLANDI, 2003, orelha do livro).

Esse herói anti-herói brasileiro no poema-fundador de Mário de Andrade adaptado à paisagem tropical, síntese dessa identidade brasileira tornar-se-ia emblemático no campo literário e, mais tarde, audiovisual. A obra seria adaptada às

telas durante a popularização da nova estética cinematográfica brasileira nas décadas de 1950 e de 1960, o Cinema Novo²³.

O movimento, influenciado pelo *renouveau* cinematográfico à época (o cinema revolucionário soviético, a *Nouvelle Vague* francesa e o neorrealismo italiano), e inspirado no Modernismo dos anos 1920, buscava transformar o mercado cinematográfico brasileiro ao criar filmes que dialogassem diretamente com a cultura “tupiniquim”. Os filmes deveriam, então, refletir e agir sobre a realidade e a identidade nacional do Brasil a partir de temáticas locais e da criação de estilos nacionais. Rompendo com a estética até então prevalecente, o Cinema Novo seria primitivo e revolucionário, apresentando um universo brasileiro plural que ia do sertão aos grandes centros urbanos, passando pelas fazendas, pelas favelas e pelas praias – dentre outros – em busca de uma estética pós-colonial para a construção de um Brasil melhor (DEBOIS, 2010, p. 130).

O filme, assim como a obra literária, evidencia a chegada da cultura de massa, da descaracterização do Brasil sertanejo tendo em vista a nova colonização, em que o país se tornava componente do mundo capitalista. Para combater à colonização cultural seria preciso, segundo o cineasta Glauber Rocha (1965) fazer uso da estética da violência, a única que o colonizador seria capaz de compreender. As adaptações das obras brasileiras seguem, então, no intuito de discutir a própria realidade do país. Como afirmaria o diretor Joaquim Pedro de Andrade, sua filmografia seria sua forma de “falar do Brasil”, o único assunto que o interessaria²⁴.

Esse Brasil e seu herói malandro – pleno de ironias, balançando entre primitivismo e hipermodernidade – seriam, também, de conhecimento do público estrangeiro a partir da exportação dos filmes produzidos pelo Cinema Novo. Ou mesmo a partir do personagem Zé Carioca, criado por Walt Disney, entre as décadas de 1930 e 1940, para ilustrar o brasileiro em suas obras.

O texto **Complexo Zé Carioca**: notas sobre uma identidade mestiça e malandra, de Schwarcz (1994), permite-nos entender melhor as transformações

²³ Movimento cinematográfico brasileiro iniciado em meados da década de 1950 e bastante influenciado pelo recente processo de industrialização acelerada do país. Com o objetivo de criar um cinema nacional, que distinguisse o Brasil da Europa e dos Estados Unidos, abandonando a “colonização cultural”, o cinema brasileiro passa por um processo de reelaboração. Segundo Glauber Rocha, um dos idealizadores do Movimento, “Nosso cinema é novo porque o homem brasileiro é novo e a problemática do Brasil é nova e nossa luz é nova e por isso nossos filmes nascem diferentes dos cinemas da Europa.” (ROCHA, 1981, p. 17). Dessa forma, o cinema nacional passa, também, pelo processo revolucionário que parece marcar a década de 1950.

²⁴ Cf. <<http://www.filmesdoserro.com.br/jpa.asp>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

descritas acima por meio de uma análise dos mesmos personagens e objetos, que foram fundamentais para a construção e exportação da identidade mestiça do Brasil. No trabalho, Schwarcz (1994) trata da mestiçagem “ressignificada” em malandragem em **Macunaíma** e, no caso do personagem Zé Carioca, apresentando uma “malandragem simpática”, se não uma verdadeira síntese local, ao menos uma “boa imagem a ser exportada”. Para a autora, apoiando-se em Morse (1991), a identidade construída pelo Brasil, apoiada em um contexto exterior rearticulado localmente, seria, então, uma “opção cultural”.

Dentro de um contexto político definido – que precede a Segunda Guerra Mundial e de inserção da política de Boa Vizinhança dos Estados Unidos da América –, o papagaio “malandro”, *bon vivant*, Zé Carioca apresentava, então, características similares a outros personagens da literatura brasileira, a exemplo de Leonardo e de Macunaíma. Entretanto, faz-se necessário salientar uma alteração também no discurso da malandragem: esse “resultado” da miscigenação, compreendido enquanto degeneração do indivíduo, passa por uma ressignificação, sendo-lhe atribuído um sentido mais positivo a partir da associação da malandragem com a cordialidade:

Zé Carioca é a personificação do “homem cordial” brasileiro, o “boa praça”, animado, que trata os amigos com efusão e despreendimento. Estas características são mantidas quando da elaboração do Zé Carioca protagonista de narrativas sequenciais impressas (tiras e histórias feitas para comic-books), mas sua personalidade ganha profundidade pelo acréscimo de elementos culturais e sociais do país: nos quadrinhos, o papagaio torna-se malandro e participa (como vítima e algoz) das **contradições da realidade brasileira**. O personagem dos quadrinhos mistura a simpatia e a cordialidade que possui nos desenhos animados à malandragem, à esperteza, que, se não chega a se tornar crime, tampouco pode ser considerada ética. **Zé Carioca harmoniza o paradoxo de cordialidade e malandragem, não como contradição, mas como condição intrínseca de sua personalidade:** sua cordialidade suaviza a malandragem, evitando que ele (e, por extensão, o brasileiro que representa) se torne o vilão da história. Sua malandragem reveste-se de função narrativa – é ela que impulsiona suas desventuras. (SANTOS, 2002, p. 3, grifo do autor).

Ainda segundo Schwarcz (1994), o tipo brasileiro – cunhado por Sérgio Buarque de Holanda, em **Raízes do Brasil** (1937) – como “homem cordial” descreve um brasileiro como um indivíduo incapaz de respeitar as formalidades, de separar o público do privado devido à debilidade institucional e a falta de integração social no

país. As características ibéricas herdadas pelos brasileiros haviam criado uma sociedade fortemente personalista, na qual a solidariedade se manifestaria a partir das paixões, da exaltação do prestígio social e dos laços afetivos, impossibilitando o estabelecimento de um Estado burocrático impessoal. Desta forma, o homem cordial teria repulsa pelo ordenamento objetivo e imparcial, pelo trabalho regular desvalorizado em função da herança aventureira da colonização. O desenvolvimento de uma sociedade patriarcal personalista impediria, então, o desenvolvimento na burocracia racional. Nesse contexto, as relações rurais serviriam de base para a formação das cidades e das regras do Estado, causando os problemas de organização acima citados, interferindo na possibilidade da civilidade no Brasil.

Há, entretanto, desde a publicação da obra, uma ressignificação desse tipo ideal cordial brasileiro na qual as características consideradas por Sérgio Buarque de Holanda como causadoras da desordem político-social do país atribuídas aos brasileiros são percebidas enquanto qualidade, como no caso da própria cordialidade. Mesmo a malandragem, quando relacionada à cordialidade, pode ser positivada (SANTOS, 2002). E o mesmo ocorreria com a mestiçagem que, de problema social entre o século XIX e as primeiras décadas do século XX, seria rearticulada e transformada em algo positivo.

A aproximação positiva entre noções de nacionalidade e de mestiçagem se evidenciaria na música, na arte, nos esportes, na cozinha brasileira:

É esse o caso da feijoada, hoje destacada como um "prato típico da culinária brasileira". Originalmente conhecida como "comida de escravos", a feijoada se converte, a partir dos anos 30, em "comida nacional", carregando consigo a representação simbólica da mestiçagem associada à ideia da nacionalidade. O feijão preto e o arroz branco remetem metaforicamente aos elementos negro e branco de nossa população. A eles misturam-se ainda os acompanhamentos: o verde da couve é o verde das nossas matas; o amarelo da laranja, um símbolo de nossas potenciais riquezas materiais (REIS, 1994). Era, assim, na "cultura popular e mestiça" que se buscava a "cultura nacional", talvez em uma versão tardia e tropical do processo alemão citado por Norbert Elias. (SCHWARCZ, 1994, s/p.).

É possível estender a análise feita por Lilia Schwarcz (1994) a outros espaços e temas. No caso do futebol, merece atenção a terminologia utilizada para celebrar o futebol brasileiro: futebol-mulato e futebol-arte. A partir da entrada dos negros no futebol profissional, tende-se a aceitar a ideia que o esporte se

democratizou no Brasil, conquistando o grande público. Ao mesmo tempo, o futebol passa a ser interpretado como esporte nacional, abrindo a possibilidade para interpretações sobre a identidade brasileira a partir do “espetáculo da bola”. Como observa Gilson Gil (1994), o futebol brasileiro é caracterizado por seus pensadores, acadêmicos ou não, como sendo portador de uma identidade própria que o singularizaria perante outras nações. Tal ideia pode ser percebida, por exemplo, nos escritos de Gilberto Freyre que, em 1938, após a eliminação do Brasil da Copa do Mundo, cunharia o termo “futebol mulato”, dando mais respaldo a sua tese sobre a democracia racial brasileira (HOLANDA, 2014). Para Freyre (1964 *conforme* GIL, 1994), o estilo brasileiro de futebol seria a expressão do mulatismo em assimilar e se adaptar às regras europeias, impingindo-lhes o jeito brasileiro sem os formalismos da Europa, com agilidade e jogo de cintura. A “brasilidade” do futebol se faria notar – no jogo – através da “mistura da molecagem baiana e até um pouco da capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca.” (FREYRE, 1964, p. XIV). Como observa Holanda (2014),

[...] ao privilegiar a exibição em detrimento da simples competição, Gilberto Freyre minimizava a escassez de triunfos e capitalizava os aspectos positivos que lhe interessavam ressaltar no futebol brasileiro – diferenciando-o do praticado por outras nações, vizinhas ou distantes. (HOLANDA, 2014).

Dessa forma, o futebol brasileiro contribuiria para a formação identitária do Brasil a partir de sua representação esportiva. Enquanto a prática futebolística europeia e estadunidense era denominada “futebol científico” (HOLANDA, 2014), ou futebol força (GIL, 1994), o “futebol-arte”, genuinamente brasileiro, seria aprimorado, chegando a seu ápice no início da década de 1970, principalmente devido à vitória do Brasil na Copa de 1970. É assim que no Brasil o evento futebolístico, mais do que apenas um espetáculo, torna-se, também, traço determinante da identidade nacional digno de estudos nas ciências sociais ao se verificar que as mutações sociais do Brasil manifestavam-se, também, no futebol²⁵. Também a atenção dada pelos meios de comunicação de massa – jornais, rádio e televisão – possibilitaram

²⁵ Sobre o assunto, Cf. HOLANDA, B.B.B. **O clube como vontade e representação**: o jornalismo esportivo e a formação de torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

uma associação do futebol enquanto traço integrante da cultura nacional. É nesse sentido que a representação do Brasil enquanto o “país do futebol” torna-se tão forte – ou até mais – quanto a mestiçagem e a malandragem.

Reconhecido no domínio público – inclusive por outros povos – como uma manifestação cultural que revela nosso jeito, malícia, alegria ou ginga, o futebol protagonizou os contornos de um processo de identificação construído e engendrado por diferentes agentes sociais em interação. [...] Se hoje o futebol tem a possibilidade de ser percebido e vivido como um relevante índice de identificação de grupos sociais distintos, mobilizando um grande sentimento coletivo a cada Copa do Mundo, isso foi resultado da apropriação inventiva, negociada, confrontada e conquistada pelos diversos agentes mobilizados em torno de sua prática, ritual e cotidiana. (TOLEDO, 2000, p. 8).

Sustentamos aqui que os eventos esportivos, além de promoverem certa unidade nacional, têm o sentido de assegurar, também, o “cimento social” internacional. Na arena internacional, o esporte é ferramenta fundamental no processo de globalização da cultura e, também, recurso de política externa (HOULIHAN, 1994, p. 53), na tentativa dos Estados de participarem ativamente de todas as instituições da Sociedade Internacional global e na busca por projeção internacional das mais diversas formas. Se os esportes – e portanto, o futebol – podem ser instrumentalizados, tendo em vista a projeção internacional dos países (FERREIRA-MENEZES, 2013, p. 4), a atribuição de uma identidade própria ao futebol brasileiro tende a aumentar sua visibilidade criando para esse “futebol mulato” imagens de prestígio que favorecem à propaganda nacionalista brasileira internacionalmente.

Ao tratar o futebol como esporte brasileiro “por excelência”, mesmo que importado da Inglaterra; ao abrir espaço para a música popular – e mesmo que tal espaço tenha surgido antes no exterior que no próprio Brasil –, tem-se a construção de uma identidade nacional à brasileira. A partir da contribuição dos recursos midiáticos (impressos, áudio e vídeo), torna-se mais fácil perceber semelhanças e diferenças, criar um sentimento de identificação com alguns, e de alteridade com relação a outros. Percebemos então que a brasilidade é construída justamente em contraposição à identidade do outro, do mesmo modo como se formaram as diversas identidades nacionais pelo mundo.

Futebol-arte, Cinema Novo, a Música Popular Brasileira são, assim como a mestiçagem e a cordialidade, produções simbólicas corresponsáveis pela imagem – ou imagens – do Brasil no recente cenário internacional. E é nesse jogo de produção das representações e dos discursos que se inscrevem as relações culturais internacionais. É nesse sentido que, salientando a busca por negociações pacíficas e expondo o “jogo de cintura” da sociedade – vinculado, imaginariamente, a uma identidade nacional mestiça, acostumada a trabalhar as adversidades – que se estruturaria a matriz de Relações Internacionais brasileira. O legado da miscigenação e do passado-presente multicultural seria, exatamente, o pilar da capacidade de se relacionar com diferentes culturas, ressaltado por representantes do país em seus discursos em plenários internacionais como estratégia para que o país alcance plena visibilidade.

Robert Frank (1994), em *Images et imaginaires dans les relations internationales depuis 1938: problématiques et méthodes*, sublinha a importância do sistema de representações e do peso que têm as imagens transversais que se firmam: de si, no exterior; e, do outro, internamente. Há, aí, segundo o autor, algo da psicologia coletiva e da formação de mitos e estereótipos de caráter internacionais que deve ser observada. Assim, o que se percebe é que, na busca de um papel preponderante internacionalmente, o Brasil lança mão de estratégias que conjugam as representações que os demais atores fazem do país e efeitos de patemização²⁶. Isso pode ser percebido na atuação de representantes brasileiros em fóruns como a ONU, que assumem uma postura conciliadora, a partir de um *ethos* internamente construído e que se baseia também nas representações que outras nações fazem do Brasil.

A compreensão do desenvolvimento da política externa brasileira passa, necessariamente, pela percepção de como são tomadas as decisões no âmbito da política interna do país. Acreditamos que, no cenário atual, há uma tentativa de rearticular o imaginário do Brasil no plano externo, apoiando-se em reestruturações identitárias internas que facilitariam, ainda mais, a projeção do país internacionalmente: sem renegar a questão da miscigenação, o que se percebe é que ela vem, atualmente, acompanhada de um discurso multidentitário que se firmaria no país nas duas últimas décadas.

²⁶ Patemização diz respeito a afetos, paixões e sentimentos que fazem com que se passe a aceitar o outro e as suas ideias.

Desse modo, se, até o final da década de 1990, o discurso da mestiçagem tinha por princípio suavizar o tabu racial do Brasil como se atitudes racistas fossem minoritárias e excepcionais (SCHWARCZ, 2007, p. 179), as políticas públicas de discriminação positiva, iniciadas com a discussão sobre cotas para minorias, possibilitaram um questionamento sobre o racismo no Brasil e a fábula da democracia racial. O racismo, que em uma sociedade marcada pelo paternalismo e pelo clientelismo só se afirmava na intimidade (SCHWARCZ, 2007, p. 182) passou, então, a ser tema de debate cada vez mais. As implicações sociais do racismo no Brasil são, assim, evidenciadas: a abolição da escravatura em 1888 não significou igualdade e, ainda hoje, convive-se com essa herança. Tal discurso comporta a ideia que o país seria um dos principais interlocutores culturais externamente, por possuir, no âmbito interno, uma aceitação da diversidade que vem sendo sustentada por ações estatais.

Acreditamos que a criação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (21 de março de 2003), a criação de um sistema de cotas raciais nas universidades e demais instituições federais – bem como as ações do Ministério da Cultura – contribuíram para que a questão racial no Brasil se tornasse tema de debate nesse período recente de nossa história, ampliando, assim, os olhares “do” e “sobre” o Brasil. Essa tentativa de administração das diferenças inscreve-se em um fenômeno que toca a maioria dos países, em especial, aqueles com passado colonial e escravocrata, como o Brasil: o multiculturalismo. A confirmação da heterogeneidade da população – fenotípica e culturalmente –, em uma dinâmica social cada vez mais contestatória da “democracia racial”, impôs a necessidade se repensar as relações aqui existentes.

Há de se ressaltar a afirmação de um discurso governamental marcado pelo pluralismo cultural e étnico, que levou ao debate sobre as ações governamentais, tornou-se bastante emblemático no governo Lula. Nesse contexto, a diversidade não está mais circunscrita à democracia racial, e a retórica oficial brasileira passa, então, a ser projetada internacionalmente, como se o país estivesse um passo à frente nos debates mundiais sobre diversidade e multiculturalismo. Exemplo disso é a manifestação brasileira a respeito de uma exceção cultural à brasileira em organismos internacionais como a UNESCO. O Brasil passa, portanto, a uma proatividade internacional em defesa do multiculturalismo e de uma representação múltipla para si.

Dessa forma, em nossa tese, ao afirmarmos uma pluralidade de “Brasis” no discurso diplomático do século XXI, buscamos perceber como a questão da mestiçagem, sem ser destruída, é reelaborada de forma a possibilitar exatamente uma maior reverberação de um discurso multicultural. Como observava Schwarz (1994), não há uma recriação do imaginário brasileiro, mas sim uma ampliação do discurso identitário, sendo a identidade fluida, relativa, contrastada e situacional (CUNHA, 1985 *conforme* SCHWARCZ, 1994). Assim, considerando a questão da mestiçagem como parte inerente da identidade do país, os promotores da imagem do Brasil no período recente podem, então, ampliá-la, afirmando os traços culturais externos que teriam formado tal identidade em um discurso de compreensão da diversidade. Nesse contexto, consideramos que a miscigenação foi utilizada politicamente no período mais recente pelo governo brasileiro, não mais com o objetivo de encobrir marcações raciais, mas para abrir espaço para afirmações sobre a “exceção cultural” brasileira ao dar voz a outros “Brasis”.

Nesse sentido, seja qual for o peso que se considere ter *a priori* a identidade coletiva, o papel dos governos não deve ser desprezado na elaboração dos traços identitários uma vez que, é justamente através da máquina do Estado e em sua determinação de fazer circular uma identidade nacional que fundamenta seu poder, que mitos e ritos serão produzidos e disseminados, forjando uma solidariedade que transcende as barreiras de classe e de religião, dentre outras. Porém, como bem observa Schwarcz (1994), mesmo a participação estatal deve estar apoiada em símbolos pré-existentes: “[...] a primeira condição é a utilização de símbolos inteligíveis e disponíveis, sem os quais (a identidade) se torna vazia e inócua em sua própria vigência”. Portanto, é necessário que a identidade passe por um processo de interiorização e não seja definida *a priori*, imposta, manipulada externamente, mesmo que o fator externo tenha grande peso em sua formação. Como pontua Guibernau (1997, p. 36), no momento em que os membros de uma coletividade se identificam com uma série de símbolos, crenças e estilos de vida, eles podem, então, traduzir o sentimento de pertencimento a uma determinada comunidade e mesmo a pensar em um destino comum.

Assim, o cimento social, que constrói a comunidade imaginada²⁷ apoia-se no governo que, por sua vez, é dependente de um imaginário pré-existente, das representações culturais que criam uma sensação de realidade compartilhada entre os indivíduos. Politicamente, esse imaginário será importante para atribuir legitimidade aos governos, ao criar vínculos entre estes e os cidadãos.

No caso brasileiro, muitos dos processos culturais descritos nas páginas anteriores encontraram sustentação em políticas estatais. As mudanças constitucionais do Estado Novo inaugurado em 1937, mesmo com seu caráter nacionalista e autoritário, marcam o investimento forte do Estado na tentativa de unir o povo brasileiro. Um ano depois, a Copa do Mundo de 1938 seria o espaço necessário para que o apelo à união fosse respondido pela população. Ao mesmo tempo, o governo não se esqueceu de colocar em evidência outras bases da cultura popular como o samba e o carnaval. Se a elite brasileira negava tais traços interna e externamente, como salienta Fléchét (2013), o reconhecimento externo do samba criou a possibilidade de legitimar a dança internamente.

Le succès obtenu par les musiciens brésiliens à Paris eurent aussi un impact important au Brésil durant toute la première moitié du XXe siècle. Villa-Lobos, qui occupait une position très marginale dans le milieu musical brésilien avant son départ pour Paris, devint le grand compositeur national à son retour en 1930. [...] Le pouvoir de légitimation de Paris ne se limita pas cependant aux itinéraires individuels de compositeurs et d'interprètes de musique savante, mais contribua aussi à la légitimation de la musique populaire afro-brésilienne dans les années 1910-1920. (FLÉCHÉT, 2013, p. 112).²⁸

Nesse extrato, percebemos que a França possui um papel de destaque no reconhecimento da cultura e identidade brasileiras, seja pela atração pelo exotismo do país, seja pela apreciação do refinamento também existente no Brasil. Trabalhos como o de Hugo Rogério Suppo sobre a política cultural francesa no Brasil entre os

²⁷ Sobre o entendimento de comunidade imaginada, Cf. ANDERSON, B. *L'imaginaire national: réflexions sur l'origine et l'essor du nationalisme*. Paris: La Découverte, 2002.

²⁸ "O sucesso obtido pelos músicos brasileiros em Paris teve um importante impacto no Brasil durante toda a primeira metade do século XX. Villa-Lobos, que ocupava um espaço bastante marginal no meio musical brasileiro, antes de sua ida a Paris, se tornou o grande compositor nacional em seu retorno (ao Brasil) em 1930. [...] O poder de legitimação de Paris não se limitava, entretanto, aos itinerários individuais dos compositores e intérpretes da música erudita, mas contribuiu igualmente para a legitimação da música popular afro-brasileira nos anos 1910-1920." (FLÉCHÉT, 2013, p. 112, tradução nossa).

anos 1920 e 1950²⁹, e de Mônica Leite Lessa sobre a política cultural francesa e o centenário da independência do Brasil (2001), bem como sobre a aliança francesa no Brasil (1998), oferecem um panorama do Brasil enquanto objeto – ou país receptor – da diplomacia cultural francesa. De fato, o Brasil seria um dos grandes alvos da política oficial de diplomacia cultural da França. Colocamo-nos, entretanto, assim como Anaïs Fléchét (2013) e Juliette Dumont, do outro lado do espelho: o Brasil enquanto sujeito/protagonista da diplomacia cultural e o papel da França em tal processo.

O exercício de rearticulação identitária encontra-se ligado às definições de pontos-chave, por representantes brasileiros, de posturas que garantam um sucesso na atuação do país internacionalmente. Para tanto, deve-se buscar uma ponte entre a política externa e a interna, identificando seus momentos históricos principais. Parece-nos importante, a essa altura do trabalho, oferecer um breve histórico sobre o nascimento da diplomacia cultural brasileira tendo em vista a estruturação dessa matriz brasileira de relações internacionais.

1.4.1 Identidade e representação diplomática do Brasil

D. Pedro II era considerado, enquanto Imperador, diferente dos seus pares, por admirar novidades e buscar trazê-las para o seu país. Exemplo disso se deu no caso do telefone, quando o imperador participou, com honras, da abertura da Exposição Universal de 1876, na Filadélfia. Ao lado de Ulysses Grant, então presidente dos Estados Unidos da América, ele subiu ao púlpito e apoiou com interesse o projeto de Graham Bell, que resultou na criação do telefone. Na mesma ocasião, inaugurou o Pavilhão brasileiro, construído para a Exposição, com os objetos e animais “exóticos” lá expostos. Ele combinava, assim, uma apresentação do Brasil como um país exótico e, ao mesmo tempo, inovador ou interessado no desenvolvimento científico e tecnológico. Essa presença do exótico, em especial, fazia com que a imagem do Brasil continuasse a ser relacionada à sua natureza.³⁰

²⁹ SUPPO, H. R. La politique culturelle française au Brésil entre les années 1920 et 195. Paris: IHEAL, 2002.

³⁰ Sobre o assunto, Cf. PESAVENTO, S. J. Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a

Mais tarde, na exposição de Paris de 1889, a imagem do Brasil seria ainda do exotismo, de uma grande plantação devido a seus jardins exóticos, como observa Pascal Ory (1989, p.83-85), ao mesmo tempo em que, devido à sua busca pelo espaço civilizatório e política de imigração pós-abolição, tenha deixado, também, uma visão de um país aberto para a imigração europeia (bastante necessária a países como a Alemanha e a Itália, em plena crise econômica) e ao capital estrangeiro. O Brasil buscava apresentar-se, assim, como um país apto a fazer parte do concerto de nações civilizadas que se formava naquele momento (BARBUY, 1996). E isso era evidenciado pelos discursos do jornalista Frederico José de Santa-Anna Nery, ao cobrir a exposição de 1889:

Le Brésil est venu à Paris, non pas pour en imposer aux yeux, mais pour faire constater à la vieille Europe qu'il n'est pas indigne, par ses progrès réalisés, d'entrer plus largement encore dans le concert économique des grands Etats. Le Brésil est venu à Paris non pas pour rechercher la vaine satisfaction de récompenses honorifiques mais pour nouer plus solidement les liens qui l'attachent à L'Europe, pour ouvrir de nouveaux débouchés à ses matières premières, et surtout pour donner confiance à tous ceux qui seraient prêts à le choisir pour leur nouvelle patrie, à y porter leur travail ou à y faire fructifier leurs capitaux. Pour être Américains du Sud, nous n'en sommes pas moins Américains, c'est-à-dire pratiques" (Santa-Anna Nery 1889b, p. X conforme BARBUY, 1996, p. 216)³¹.

Pouco tempo depois, a República se instaurava e, com ela, uma necessidade ainda maior de demonstrar que, mesmo não fazendo parte do continente europeu, o Brasil poderia, assim como os Estados Unidos, participar das grandes decisões mundiais. Isso se daria, principalmente, com intervenção do Barão de Rio Branco e, mais adiante, com a reforma do Itamaraty executada por José Manuel de Azevedo Marques que inseria “[...] a promoção do intercâmbio comercial

Exposição Universal de Filadélfia de 1876. **An. mus. paul.**, São Paulo, v. 2, n. 1, 1994. p. 151-168.

³¹ O Brasil veio a Paris não para se impor, mas para mostrar à velha Europa que ele não é (país) indigno, devido a seus progressos realizados, de entrar de forma mais ampla no Concerto Econômico dos Grandes Estados. O Brasil veio a Paris não para procurar a vã satisfação de recompensas honoríficas, mas para vincular mais solidamente os laços que o ligam à Europa, para abrir novos mercados à suas matérias primas e, sobretudo, dar confiança a todos aqueles que estejam prontos a escolhê-lo como sua nova pátria, a levar sua mão de obra e fazer frutificar seu capital. Por ser Americanos do Sul, não somos menos americanos, quer dizer, práticos. (SANTA-ANNA NERY 1889b, p. X conforme BARBUY, 1996: 216, tradução nossa).

e das missões industriais, intelectuais e comerciais em benefício do Brasil.” (CASTRO, 1983 *conforme* DUMONT; FLÉCHÉT, 2014, p. 205).

Porém, a reforma do Itamaraty não garantiria ações sistemáticas da diplomacia brasileira em direção à diplomacia cultural. Problemas mais sérios, ligados à própria identidade nacional, impossibilitavam que se pensasse em qual a imagem o Brasil estava disposto a partilhar com o mundo. A política de branqueamento da sua população, articulada a partir do Decreto nº 528, de 28 de junho de 1890, que **Regularisa o serviço da introduccção e localisação de immigrants na Republica dos Estados Unidos do Brazil**, e as teses sobre a identidade decadente, defendidas por Nina Rodrigues, Silvio Romero e Oliveira Vianna, a partir de teorias de “degeneração”³² da nação mestiça causaram conflitos, também, na política externa brasileira.

Como salientam Dumont e Fléchét (2014), a diplomacia brasileira se fortalece entre o final do século XIX e o início do século XX, e, a partir da década de 1920, ou seja, no período jovem da República no Brasil, passa a preconizar a instituição de uma política cultural internacional para o país.

Desde sua independência, o Brasil desenvolveu uma diplomacia ativa, que integrou a dimensão cultural. Limitada ao campo literário e às visitas oficiais de estudiosos estrangeiros até o final do século XIX, a diplomacia cultural brasileira se consolidou no período posterior à Primeira Guerra Mundial e experimentou diversos desdobramentos ao longo do século XX, fazendo do país um pioneiro e colocando-o à frente das demais nações do continente americano. (DUMONT; FLÉCHÉT, 2014, p. 204).

Dessa forma, tendo por base a política de diplomacia cultural francesa, o Brasil antecede países como os Estados Unidos e a Grã-Bretanha nos debates internos sobre a projeção internacional via cultura. O fim da 1ª Guerra Mundial havia criado um ativismo internacional para o governo brasileiro, mesmo este tendo se retirado da Liga das Nações, em 1926. A título de exemplo, nesse mesmo ano, o Brasil seria defensor da criação de um Instituto Pan-Americano de Alta Cultura, projeto do professor da Universidade do Rio de Janeiro, Xavier de Oliveira. Baseado

³² Sobre o assunto, Cf. SCHWARCZ, L. M. O espetáculo da miscigenação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 20, jan./abr. 1994.

nos moldes do Instituto franco-brasileiro – fundado em 1925 no Brasil por George Dumas –, tal Instituto teria por objetivo possibilitar a compreensão mútua e o conhecimento da vida social dos povos da América Latina, a partir do intercâmbio de professores, o que – sugeriam seus idealizadores – possibilitaria uma emancipação da região *vis-à-vis* as práticas do Norte. O Brasil se tornaria, portanto, um dos principais encampadores da ideia, tendo em vista a necessidade de garantir, no continente, um espaço de atuação, tendo em vista, também, a impossibilidade de participação ativa na própria Sociedade das Nações.

Ao mesmo tempo, o desejo de participar do Concerto das Nações e das ações definidas principalmente pelos países europeus forçava a diplomacia a discutir um plano para a projeção internacional do Brasil. O país se voltaria, então, para o Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IICI), criado em 1924 e ligado à Sociedade das Nações – em uma nova investida no campo cultural. Mesmo não sendo membro da Sociedade das Nações em 1926, o Brasil teve sua participação no Instituto assegurada pela autonomia do organismo frente à Organização. O representante brasileiro, Elysée Montarroyos, que esteve presente durante toda a história do IICI – ao considerar a postura a ser adotada pelo Brasil no âmbito internacional e, aproveitando-se das alterações advindas durante a presidência de Getúlio Vargas, indicava que deveriam ser fornecidas informações sobre o país sob os auspícios do Serviço de Expansão Intelectual (1934) – instituição responsável pela internacionalização dos livros brasileiros, considerada imparcial. Montarroyos propunha que se aproveitasse a chance de projeção do Brasil, para que fosse criado um ar de civilidade e modernidade para o país³³. Ressalta-se, aqui, o grande interesse de Montarroyos em melhorar a imagem do Brasil no exterior, sem, no entanto, fazer uso direto de uma propaganda nacional governamental. Tal fato demonstra que o Brasil, durante o governo Vargas, compreendia a dinâmica criada pelo *Quai d'Orsay* como algo a ser seguido, explorado. Como observaria Peregrino Júnior (1939), em artigo publicado no Jornal do Comércio em 1939, sobre a atuação de Montarroyos, a cooperação intelectual tinha por objetivo oferecer a propaganda necessária ao Brasil. Mais adiante, a criação de programas de intercâmbio que possibilitassem a divulgação da cultura brasileira no exterior e de institutos bilaterais de alta cultura garantiriam a

³³ ARQUIVO HISTÓRICO DO ITAMARATY. **Informação de Ribeiro Couto ao Secretário Geral do Ministério das Relações Exteriores**. Rio de Janeiro: 542.6/995. 16141. 1 de março de 1934.

continuidade de tais políticas. Como observa Juliette Dumont (2008), tendo em vista as propostas brasileiras à época,

Le choix de l'IICI par le Brésil confirme les analyses de Gerson Moura quando il parle de pragmatisme, et plus particulièrement, d'équidistance pragmatique. De fait, en choisissant d'agir au sein de cet Institut, tout en étant partie prenante de l'Union Pan-Américaine, le Brésil se place au centre d'un triangle dont les trois extrémités sont l'Europe, les États Unis et le reste de l'Amérique Latine, se rapprochant parfois plus particulièrement d'un de ces trois pôles, mais sans jamais rompre cet équilibre. (DUMONT, 2008, p. 3).

Assim, a mudança acontece na década de 1930, tanto na esfera intelectual – quando começa a haver uma positivação da miscigenação do povo brasileiro – e, principalmente, na esfera política – quando as ações do presidente Vargas buscam uma união do Brasil em detrimento das políticas regionalistas, é extraordinária. Ela refletiria na criação de diversos Ministérios, dentre eles o Ministério da Educação, Cultura e Saúde (MEC)³⁴ que, no plano internacional, buscariam fortalecer a imagem do Brasil em um período de crise e guerra na Europa. Foram criados Serviços de Cooperação Intelectual (1937), buscando mostrar uma “imagem verdadeira do Brasil”³⁵, a criação de institutos bilaterais de estudos de língua e cultura (1934), a Divisão de Cooperação Intelectual (1938) que, segundo Roberta Maria Lima Ferreira (2006), teria por objetivo auxiliar o Ministério das Relações Exteriores, no que diz respeito às relações culturais internacionais do país, providenciando as informações relevantes ao público estrangeiro, no que tange à cultura brasileira.

³⁴“O Ministério da Educação foi criado no Brasil em 14 de novembro de 1930 como o nome de Ministério da Educação e Saúde Pública. Sua criação foi um dos primeiros atos do Governo Provisório de Getúlio Vargas, que havia tomado posse em 3 de novembro. [...] [Em 1934 tomara posse do Ministério o mineiro Gustavo Capanema que] Foi também nessa época que se definiu uma política de preservação do patrimônio cultural do país, que culminou na criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), concebido por Mário de Andrade e dirigido por Rodrigo Melo Franco de Andrade. Merecem destaque, ainda, a criação do Instituto Nacional do Livro e a construção do edifício-sede do Ministério da Educação no Rio de Janeiro, marco da moderna arquitetura brasileira, com painéis de autoria de Cândido Portinari.” (Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas/1/anos30-37/IntelectuaisEstado/MinisterioEducacao>>. Acesso em: 2 abr. 2015). É importante observar que a criação desse Ministério fazia parte de um processo maior, de construção de um suporte organizacional responsável pelas mudanças pretendidas por Getúlio, fortemente ligadas à construção da identidade nacional do país.

³⁵ SUPPO, H. R. Gilberto Freyre e a imagem do Brasil no mundo. **Cena Internacional**, Brasília, Ano 5, n. 2, 2003. p. 43.

O governo Vargas teve, dessa forma, grande importância na formação e consolidação de dois vetores de nosso trabalho: o primeiro refere-se à primeira posituação da identidade nacional – mesmo que essa não seja aquela que identificamos como a contemporânea – e, o segundo, à busca por caminhos da diplomacia cultural. Vale ressaltar que Vargas, enquanto presidente “estrategista”, buscava as oportunidades necessárias para o desenvolvimento do Brasil, como durante suas barganhas na Segunda Guerra Mundial³⁶.

Foi também por iniciativa do governo de Vargas que a diplomacia cultural brasileira não se manteve engessada apenas ao Itamaraty. A criação do MEC e a possibilidade de acordos bilaterais de intercâmbio de professores e alunos é um exemplo de como a diplomacia cultural também pode se estabelecer por outras vias.

Na fase final do Estado Novo, a administração de Vargas preocupou-se em criar organismos como a Divisão de Cooperação Intelectual, revisada em 1945 dando origem ao Decreto-lei nº 8.324, o qual **Dispõe sobre a organização do Ministério das Relações Exteriores e dá outras providências**, que estabeleceu o Departamento Político, Econômico e Cultural (DPEC), composto por quatro divisões, entre as quais estava a Divisão Cultural do Itamaraty (DCI), constituída em abril de 1946, após a divulgação do Decreto-lei nº 9.121, o qual Altera o Decreto-Lei nº 8.324, de 8 de Dezembro de 1945. Como demonstram Dumont e Fléchét (2014),

A transição da "cooperação intelectual" à "ação cultural" significou uma ampliação das atribuições da Divisão, cujas competências passavam a compreender também os acordos de cooperação técnica e científica, além da difusão da língua, das artes, das letras e da música brasileira no mundo. (DUMONT; FLÉCHÉT, 2014, p. 210).

Essa preocupação com a dimensão cultural enquanto forma de projeção da imagem do Brasil é importante pelo momento histórico interna e externamente. No plano doméstico, a utilização da máquina estatal para a reestruturação da imagem do país era notável. De fato, o governo Vargas agiu ativamente para que se estabelecesse uma identidade nacional positivada, abandonando-se as críticas à mestiçagem. No plano internacional, a política brasileira assumia uma postura ativa

³⁶ Para maiores informações sobre o assunto, Cf. VIZENTINI, P. F. **Relações Internacionais do Brasil: de Vargas a Lula**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. _____. **Relações Exteriores do Brasil (1945-1964) o nacionalismo e a política externa independente**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

frente às potências europeias e aos Estados Unidos, em um período que antecede à 2ª Guerra Mundial. Ao mesmo tempo, afirmava-se a ligação entre a cooperação intelectual e o comércio. Como observa o diplomata Borges da Fonseca, em 1935³⁷, a cooperação intelectual seria o grande intermediário entre países vendedores e compradores, sendo, portanto, um problema de conveniência mercantil, em que os retornos econômicos estariam relacionados àqueles da cultura intelectual. Dessa forma, ao mesmo tempo em que intelectuais brasileiros, como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, buscavam teorizar sobre a formação da identidade nacional brasileira e auxiliavam no estabelecimento de uma diplomacia cultural, instalavam-se no país missões religiosas, artísticas e científicas francesas, frutos das negociações entre Brasil e França. Foi neste contexto que Levi-Strauss, Braudel e Bastide passam a fazer parte da missão francesa de colaboradores para a criação da Universidade de São Paulo. Paralelamente, Montarroyos propunha mostrar um Brasil cultivado, ao invés de insistir na imagem de um vasto território povoado por índios selvagens e mestiços analfabetos³⁸.

Este primeiro momento da diplomacia cultural brasileira parece-nos bastante fecundo, dando abertura para grandes modificações a partir da década de 1940. Logo depois, na metade do século XX, a política cultural brasileira passa por uma reformulação a partir de reformas do Ministério de Relações Exteriores, e da criação de departamentos exclusivamente culturais, como a Divisão Cultural do Itamaraty (criada em 1946) e da Divisão de Divulgação Internacional (1978). A abertura promovida, a partir da década de 1950, deu-se, também, com a incorporação de determinados traços populares à política cultural do país. Como observa Anaïs Fléchét (2012) há uma mutação do conteúdo da política do Itamaraty que passou a congregar ativamente elementos populares.

Essa política teria se fortalecido a partir da década de 1960 com o grande número de artistas e intelectuais brasileiros que se fixaram na França, sobretudo, durante o período ditatorial no Brasil (1964-1985). É durante essa época que grande parte da discografia brasileira torna-se conhecida do público estrangeiro: durante a década de 1970, muitas canções brasileiras são trabalhadas e transformadas em

³⁷ ARQUIVO HISTÓRICO DO ITAMARATY. Carta de A. Borges da Fonseca a Mario de Saint-Brisson, Consul Geral do Brasil em Hamburgo. v. 542, n. 6, 464/7042. 02/12/1935. In: **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 1936.

³⁸ ARQUIVO HISTÓRICO DO ITAMARATY. **Informação de Ribeiro Couto ao Secretário Geral do Ministério das Relações Exteriores**. Rio de Janeiro: 542.6/995. 16141. 1 de março de 1934.

versões francesas, tendo como intérpretes grandes ícones da música francesa à época. É possível notar que, no campo da música, essa simbiose ganha força a partir do surgimento da bossa-nova, no fim da década de 1950, e com a grande produção musical dos anos 1960 e 1970, de uma forma geral. Com isso, ao dar espaço para a demonstração da cultura brasileira no continente europeu, a França criava, na elite brasileira, uma possibilidade de aceitação de uma cultura mestiça, reconhecendo o hibridismo cultural do país. O que se percebe é que, no caso do Itamaraty, mesmo durante o período ditatorial, em que vários artistas e cientistas eram perseguidos no território nacional, no exterior eles eram promovidos pelos consulados e embaixadas. Assim, por mais paradoxal que se possa parecer³⁹, aproveitando-se do exílio de várias “celebridades” intelectuais, tais consulados não se acanharam em promover a “imagem cultural brasileira” a partir da ação dos personagens obrigados a viver no exterior.

É importante salientar, ainda, a participação de diversos agentes que já se encontravam envolvidos no processo de projeção cultural do Brasil na década de 1970-80. Um exemplo disso é o Diplomata Celso Amorim, que mais tarde se tornaria Ministro das Relações Exteriores (1993-1995; 2003-2010); antes, no entanto, havia dirigido a Embrafilme (1979-1982), quando, juntamente com Edgard, Telles Ribeiro, atuou na promoção de filmes brasileiros no exterior, principalmente durante as semanas de Filme Brasileiro em Buenos Aires, entre 1978 e 1980.

A partir de 1984, o projeto de cooperação França-Brasil volta a fazer parte das preocupações dos Ministérios das Relações Exteriores de ambos os países. A diplomacia cultural passa, então, a ser novamente uma política interessante. Em 1986, ocorre a tournê da *Comédie Française* no Brasil, manifestações de música popular brasileira em Paris e outras cidades francesas, a quinzena do filme musical brasileiro, e a exposição de pintores brasileiros em *La Défense*. Ao mesmo tempo, o Brasil continua a receber expoentes da arte, música e literatura francesa: as

³⁹ O papel ambíguo do Itamaraty é notório. Por um lado, como ressalta Pio Penna Filho em **O Itamaraty e os anos de chumbo - o Centro de Informações do Exterior (CIEIX) e a repressão no Cone Sul (1966-1979)**, há uma ampla colaboração do organismo com a ditadura militar brasileira. Ao mesmo tempo, deve-se sublinhar a promoção de artistas exilados no exterior, como demonstrado por Dária Jaremtchuk em **O Itamaraty e as artes**: a criação do *Brazilian-American Cultural Institut* (1964-2007), em uma tentativa de desfazer a imagem de repressão externamente. O caso do exílio na França foi tratado em 2005, em colóquio realizado em Paris sobre as relações Brasil-França durante a ditadura. Como salientaria uma das organizadoras do evento, a professora da Universidade Paris-Nanterre, Ildelette Muzart, se o fluxo de exilados brasileiros na França não foi tão alto quanto, ele foi significativo pela ampla receptividade de intelectuais e artistas que lá se fixaram. (Disponível em: <http://www1.rfi.fr/actubr/articles/105/article_13001.asp>).

associações de professores de francês recebem cada vez mais demandas e, no âmbito do intercâmbio científico-acadêmico, aumenta o número de brasileiros que procuram a França como país referência e de pesquisadores franceses que, como Lévi-Strauss na década de 1930, continuam a vir ao Brasil e mantêm parcerias com seus pares brasileiros. Entre 1987 e 1988, outros projetos são colocados em prática, notadamente as manifestações de homenagem a Villa Lobos na França e a Auguste Comte no Brasil, bem como em exposições científicas de arte popular e culturais. Dessa forma, percebe-se que o momento de reabertura política no Brasil significou, também, período de análise das relações culturais entre o país e a França.

Como demonstram os trabalhos citados, a França é um dos países-chave em se tratando da diplomacia cultural brasileira. Artistas e diplomatas brasileiros percebem a importância de criar laços com o hexágono no intuito de promover música, dança, teatro, cinema e a própria política brasileira no exterior. Assim, a cultura, considerada a uma das dimensões das relações internacionais, passou a ter um papel de destaque na formulação da política externa brasileira. Baseando-se em um modelo considerado francês – como grande parte da produção intelectual e política do Brasil – o Estado assumiu, para si, a responsabilidade de promover a cultura brasileira no exterior. A máquina estatal foi, então, colocada em funcionamento a todo vapor e em todos os níveis: a diplomacia cultural cabia, não apenas ao Itamaraty, como também à presidência da República e aos outros ministérios.

É neste sentido que, salientando a busca por negociações pacíficas e expondo o “jogo de cintura” da sociedade – vinculado, imaginariamente, a uma identidade nacional mestiça, acostumada a trabalhar as diversidades e adversidades – que se estruturaria uma emergente matriz de Relações Internacionais brasileira. O legado da miscigenação e do passado-presente multicultural seria, exatamente, o pilar da capacidade de se relacionar com diferentes culturas, ressaltado por representantes do país em seus discursos em plenários internacionais como estratégia para que o país alcançasse plena visibilidade. Postulamos que, nos últimos anos, essa vem sendo, justamente, a tônica das intervenções brasileiras na dinâmica internacional.

Capítulo 2

*“Terre d’Amérique”: os fundamentos
históricos das relações culturais Brasil-
França*

2 “TERRE D’AMÉRIQUE”: OS FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DAS RELAÇÕES CULTURAIS BRASIL-FRANÇA

“A condição de homem (sic) exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo - como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar.”

(SCRUTORI, 1986, p. 156)

Para Mario Carelli (1994), o funcionamento das relações franco-brasileiras sempre foi atípico. Isso se deveria, em grande medida, a dois fatores principais: à contínua transformação étnica e cultural do Brasil e, ao impedimento da instauração do binômio metrópole/colônia entre os dois países, tendo em vista a colonização do Brasil por Portugal – o que faz com que a analogia colonial clássica não se imponha no caso franco-brasileiro.

A França não foi um país com grande fluxo migratório para o Brasil – como Itália, Alemanha e Japão –, mas participou ativamente da formação dos ideais norteadores da sociedade brasileira, exercendo papel de liderança no campo político, enquanto Inglaterra e, mais adiante, Estados Unidos o fizeram no campo econômico. Dessa forma, as relações entre Brasil e França se fixaram, majoritariamente, no plano intelectual com uma eficaz preponderância cultural francesa, de forma que o paradigma cultural brasileiro tem raízes na influência francesa. É dessa relação que derivam os traços da intelectualidade brasileira e as organizações burocráticas e militares, dentre outras. Como observa Carelli (1994, p. 18),

Se as referências francesas aparecem com evidência na cultura erudita brasileira, do mesmo modo não estão ausentes da cultura popular. Podemos observar, por exemplo, uma recuperação simbólica do mito da França na literatura da divulgação, em torno de grandes personagens tais como o Rei Artur, Carlos Magno ou os Cavaleiros da Távola Redonda (os 12 pares de França tornam-se os 92 “pares” no folclore de Pernambuco). Maria Antonieta e Luís XVI, rodeados de lacaios à francesa, estão entre as fantasias mais valorizadas do carnaval. (CARELLI, 1994, p. 18)

Simultaneamente, percebemos que também a França se encontra fascinada pela complexidade cultural do Brasil. Esse não é um fato novo: o deslumbramento francês pelo Brasil é algo histórico que nasce com a colonização do país por Portugal. Não raras foram as tentativas da França – em diversos períodos da história das relações entre os dois países, de se aproximar do Brasil: da Colônia à República.

No presente capítulo, destacaremos três momentos históricos das relações Brasil-França que nos parecem referências para a presente interação entre os dois países. São eles: as tentativas de colonização do território brasileiro com o projeto de uma França Antártica, as missões francesas do século XIX – determinante da imagem lírica das referências francesas sobre o Brasil; e, as relações entre os dois países no século XX, destacando-se o exemplo republicano francês, as relações acadêmicas, e a exportação musical, dentre outras.

O exame das ocasiões e períodos escolhidos, longe de esgotar a riqueza das relações entre Brasil e França, oferece apenas um esboço da representação imaginária de franceses e brasileiros em uma tentativa de compreender as estruturas de trocas culturais estabelecidas entre os dois países no período atual.

Elas nos oferecem a possibilidade de compreender o fascínio mútuo existente entre os dois povos e a troca cultural que se forjou a partir de então: tem-se imagens cambiantes originadas a partir de um jogo de espelhos que determinam uma narrativa sobre o outro, atribuindo-lhe certas características. A questão, observa François Hartog (1999, p. 228), é decifrar como a narrativa “[...] traduz o outro e como faz com que o destinatário creia no outro que ela constrói [ou] de reunir as regras através das quais se opera a fabricação do outro.”

Essa fabricação seria uma necessidade para a formação da própria identidade de uma nação – uma preocupação relativa à modernidade. É, como consideram Freda Indursky e Maria do Carmo Campos (2000, p. 11), um paradigma que “[...] emerge a partir da conceptualização do indivíduo como centro de uma reinterpretção fundadora da autoria de si e do mundo.” Há a formação de um universo baseado em mecanismos de exclusão/inserção e aceitação/dominação que perpassam toda a relação entre os indivíduos e coletividades a partir da criação do Estado-nação. Se essa dinâmica se torna mais clara com o advento do capitalismo,

é possível e necessário apontar para suas raízes históricas, em uma tentativa de compreensão da dinâmica social de construção e desconstrução identitária. Passemos, então, a uma breve apresentação do estabelecimento de representações franco-brasileiras.

2.1 Primeiras impressões

*“Si l’harmonie existe jusque dans le contraste,
le contraste continue jusque dans
la réconciliation des antagonismes.”*

(ROGER BASTIDE, 1999)⁴⁰

Em 1503, o primeiro habitante proveniente da mais nova colônia portuguesa, o Brasil, chegava à França. Um indígena, filho de um cacique de Pernambuco que o capitão Binot Paulmier de Gonneville adotaria como filho e educaria como francês (LAFAYE, 1992, p. 116).

Gonneville não se contenta em adotar Essomericq, e transmite-lhe seus títulos de nobreza, fazendo-o casar na aristocracia normanda. Da linhagem desse índio – provavelmente o primeiro “brasileiro” a se integrar na sociedade francesa – nascerão três cônegos de Lisieux. (CARELLI, 1994, p. 33)

Três anos após o início da colonização portuguesa, o interesse francês pelo território e pela população brasileira mostrava-se grande. Há, também, que se sublinhar a importância da documentação francesa: Gonneville escreveria para o Almirantado de Rouen, em 1505, ***Relation Authentique du Voyage du Capitaine de Gonneville es Nouvelles Terres des Indes*** – um relatório notorial obrigatório após voltar à França, extremamente rico em observações sobre geografia e primeiros habitantes do Brasil - e, mais adiante, em 1663, seria publicada ***Mémoires***

⁴⁰ Se a harmonia existe até o contraste, o contraste continua até a reconciliação dos antagonismos. (BASTIDE, Roger. ***Brésil, terre de contrastes***. Paris: l’Harmattan, 1999, p. 13, tradução nossa).

*touchant l'établissement d'une Mission Chrestienne dans le Troisième Monde, autrement appelé, la Terre Australe, Méridionale, Antarticque et Inconnue*⁴¹ -

obra organizada pelo abade Jean Paulmier de Gonneville, descendente de Essomericq enquanto projeto de evangelização indígena.

O empenho francês no Brasil envolvia certa dose de curiosidade e grande contemplação de proveitos econômicos: mercadores da região da Normandia – noroeste francês – passariam a “negociar” com os índios Tupinambás. Do escambo, eles enviariam à França, nesse primeiro momento, animais e madeira, o Pau Brasil.

Para Lafaye (1992), mais que apenas exploração dos Tupinambás pelos mercadores franceses, o que se tinha ali era uma atração mútua, que passava, também, pelo aprendizado linguístico, facilitando a compreensão entre os dois grupos e, também, o primeiro projeto de miscigenação dos índios brasileiros com europeus. Carelli (1994), na mesma direção, aponta que jovens intérpretes franceses – os trugimães⁴² – eram deixados no Brasil para se ambientarem com a língua e a cultura indígena. A aproximação com os índios, principalmente com os tupi-guaranis era, então, mais proveitosa que aquela conseguida pelos portugueses, tendo em vista o processo de “selvagerização” desses franceses, dando origem a um modelo francês de colonizar o Novo Mundo.

Essa busca por uma aproximação linguística seria a primeira instância de articulação das identidades franco-brasileiras. Criaram-se, ali, mecanismos de construção das interações entre franceses e indígenas do Brasil diferentes daqueles desenvolvidos dos últimos com os portugueses, mesmo que os interesses franceses nas riquezas da região fossem semelhantes àqueles de Portugal. Para Carelli (1994, p. 31) “[...] o imaginário francês sonhava com paraísos lendários situados nesse Novo Mundo que acabava de ser ‘inventado’ pelos espanhóis e portugueses.” Havia uma confusão entre imaginação e realidade relativa ao território brasileiro, confusão essa alimentada pela oralidade e por publicações dos relatos idealizados feitos pelos conquistadores. O Brasil era fantasiado como o ‘Eldorado’, ou a ‘Ilha de Utópos’, de Thomas More⁴³.

⁴¹ Memórias sobre o estabelecimento de uma Missão Cristã no Terceiro Mundo, também chamado de Terra Austral, Meridional, Antártica e Desconhecida. Paris: C. Cramoisy, 1663.

⁴² TAVARES, L. F. F. Conflitos da França Antártica. Franceses se instalaram na Guanabara em 1555, mas diferenças religiosas enfraqueceram a empreitada. In: **Revista de História**, Biblioteca Nacional, 2 de outubro de 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/u0eZbj>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

⁴³ A fantasia com relação à semelhança entre o Brasil e a Ilha de Utópos de Thomas More se encontra na tentativa de relacionar os personagens do conto e suas descrições a personagens reais,

Segundo Elmalan (2008, p. 250), o trato entre os dois povos era tão amistoso que logo foram produzidos dicionários normando-tupi-guaranis, contendo principalmente fórmulas de cortesia.

Normandos e Tupinambás bilíngues se multiplicam, graças à amizade que nasceu e a uma coexistência que deu vida a mestiços, intermediários comerciais perfeitos entre os fornecedores indígenas e os mercadores normandos. Mas, para além da comodidade, houve o projeto de uma sociedade mestiça (LAFAYE, 1992, p. 116).

O exotismo e exuberância do território brasileiro e de seus primeiros habitantes era algo comentado pelos portos do norte da França. O “Outro”, ali, fascinante, conquistava um espaço no imaginário dos franceses: para Lafaye (1992), o Brasil e sua população ofereceram ao espírito europeu as primeiras representações de um novo mundo. Durante quase cinquenta anos, aquele fascínio por uma população “exuberante e primitiva” foi alimentado, de forma que, em 1550, também os monarcas franceses estavam curiosos para vislumbrar o que existia do outro lado do oceano.

Dessa forma, para agradar Henrique II e Catherine de Médicis em sua visita a Rouen, dentre todas as festividades necessárias quando da presença de monarcas em seus territórios, um espetáculo com alguns índios brasileiros – e muitos franceses fantasiados de indígenas – foi organizado para a visita entre nos dias 1 e 2 de outubro de 1550 (DENIS, 1851 *conforme* QUICHERAT, 1852, p. 495). A partir de uma imagem preservada – da qual não se sabe o autor – de testemunhos recolhidos e documentos encontrados, Ferdinand Denis escreveu, então, “*Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550*”, no qual descreve o quão suntuosa e emblemática foi a primeira aparição dos indígenas brasileiros para a Corte francesa em território francês. O autor buscava, então, demonstrar em sua obra como se desenvolveram as primeiras relações entre a França e poucos representantes do território brasileiro, mas que, naquele período, já significavam muito em termos de preservação dos laços históricos entre a França e o Brasil.

como no caso de Rafael Hitlodeu e de Américo Vespúcio, mesmo que na obra o autor tenha denominado a terra como “sem lugar”. Dessa forma, aponta Bernard Émery (2007), o Brasil foi criado e recriado como sonho utópico pelos ocidentais.

Uma das imagens anunciadas representa, efetivamente, as cenas da vida brasileira, interpretadas pelos selvagens em questão em uma praia do Sena que havia sido decorada com árvores pintadas, imitando a vegetação da América do Sul. (QUICHERAT, 1852, p. 496).

Figura 1 – *Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550*



Fonte: ORIGINAL NA JOHN CARTER LIBRARY/BROWN UNIVERSITY.

O contato primário entre as duas culturas influenciou, também, a cultura francesa na moda – com o uso de penas e plumas nos chapéus – e, no âmbito das mentalidades, tendo em vista o contato com uma cultura mais livre e uma organização social mais “democrática”, o que influenciou os movimentos humanistas que apareceriam mais tarde na Europa (ELMALAN, 2008, p. 251).

Surgem, assim, as primeiras impressões sobre o “fascinante” povo brasileiro. Tais impressões são importantes na medida em que se desenvolveria, nos franceses, certa cobiça pelas terras brasileiras: desejo de conquista e de conhecimento, a ânsia por conseguir conquistar parte do território português por contrato. A falta de um projeto de colonização português dava aos franceses a

possibilidade de criar laços com as tribos indígenas e de exportar, para a França, matéria-prima de alta qualidade, aumentando, assim, a riqueza dos comerciantes e o interesse francês pelo Brasil.

2.1.1 *La France antarctique*

Entre 1550 e 1600, a França passa, então, a investir de forma mais direta na empreitada pela colonização brasileira. Em 1555, o rei Henrique II, que havia ficado embevecido com a festa preparada em Rouen, colocaria à disposição do Almirante de Coligny dois navios, encarregados de criar uma colônia no Brasil. Dessa forma, o cavaleiro da Ordem de Malta, Nicolas Durand de Villegagnon, comandante dos dois navios, partiria em direção à Guanabara, em agosto de 1555, para tal empreitada⁴⁴. Ele seria acompanhado de um piloto reformado, Nicolas Barré, de um monge franciscano que havia percorrido o Oriente antes de embarcar com Villegagnon, Andre Thévet e, mais tarde, de um pastor calvinista, Jean de Léry. Os escritos desses três, juntamente com as cartas enviadas por Villegagnon ao Duque de Guise e à Rainha Catharine de Médicis são considerados as fontes mais ricas sobre a tentativa francesa de se estabelecer no Brasil, o projeto da França Antártica.

Curiosamente, a obra do monge franciscano Andre de Thévet, considerada de suma importância à época como um dos primeiros trabalhos etnográficos sobre o Brasil *Les singularités de la France Antarctique* (1557), limita-se a escritos de alguém que se adoentou ao chegar ao Brasil em 1555 e, dez semanas depois, era reenviado à França. Thévet é, portanto, apreciado enquanto um compilador da tentativa francesa de dominar a Guanabara (CARELLI, 1994, p. 38). Em 1575, Thévet publicaria a *Cosmografia Universal*, uma obra que teria ainda mais impacto na documentação francesa sobre sua incursão no Brasil. A obra de Thévet é classificada como sendo a primeira a contar com uma descrição minuciosa da flora e da fauna brasileiras e dos laços de amizade entre franceses e Tupinambás (PERRONE-MOISÉS, 1996, p. 86). O reconhecimento da obra fez de Thévet, ao

⁴⁴ Disponível em: <<http://goo.gl/dN5dF4>> e <<http://goo.gl/zH5low>>.

retornar à França, Capelão da rainha Catarina de Médicis e, mais tarde, cosmógrafo do rei Francisco II.

Já Jean de Léry, em *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil*, assinala mais claramente o intento de Villegagnon – vice-almirante da Bretanha – em se instalar na Baía de Guanabara. Inicialmente simpático às causas reformistas, mesmo sem ser explicitamente um huguenote, Villegagnon, austero e disciplinado (CARELLI, 1994, p. 35), solicitou auxílio de Calvino em sua tentativa de povoar a colônia com homens de boa índole, preocupados em conduzir na América uma melhor organização social que aquela existente na Europa do período: “[...] o Brasil seria o local escolhido para estabelecer uma comunidade onde o serviço divino seria feito de modo melhor que na Europa.” (TAVARES, 2009, s/p). Léry apontava, então, para o projeto complexo da França Antártica: seria o território em que súditos europeus oprimidos, principalmente devido às causas religiosas tão prementes na Europa do período, seriam bem recebidos, o refúgio ideal. Como assinala Carelli (1994),

A tomada de posse dos lugares configurou seu “batismo” francês: França Antártica, Forte Coligny, Rio dos Vasos. E o Pão de Açúcar foi naturalmente nomeado pelos normandos o “Pote de Manteiga”. O primeiro movimento consistia assim em tentar reproduzir o Antigo Mundo, e suas referências familiares, no Novo. (CARELLI, 1994, p. 37).

Entretanto, a tentativa francesa de se estabelecer na Guanabara não lograria êxito: Villegagnon retornaria à França em 1558, deixando a colônia sob a guarda de Bois-le-Comte e, logo, as forças portuguesas, sob as ordens do governador geral Mém-de-Sá (1500-1572) foram felizes na rendição do Forte Coligny. O jesuíta português José de Anchieta descreveria, então, a vida herege dos franceses que se fixaram na região: de maioria protestante, eles teriam se distanciado da Igreja e se tornado selvagens na medida em que viviam como os índios: “[...] comem, bebem, dançam e cantam como eles, cobrem-se de pinturas negras e vermelhas, enfeitam-se com plumas de pássaros [...]” (ANCHIETA, 1984) e se perdiam como eles. Desta forma, percebemos que a crítica feita por Anchieta aos franceses que se estabeleceram, para além da condenação por terem se desvinculado da Igreja católica, se dirige ao fato de tentarem uma convivência com

os indígenas diferente daquela do padrão português. Ressaltamos, aqui, que a forma de convivência adotada pelos trugimães era diferente, também, daquela que marca a tentativa de Villegagnon de se fixar em terras brasileiras. Entretanto, com os atritos entre católicos e protestantes dentro da Companhia francesa, a mesma se enfraqueceu, o que auxiliou na tomada das fortalezas pelos portugueses.

Esses atritos perdurariam na Europa, onde em **Cosmografia Universal**, Andre Thévet acusaria protestantes da falência do projeto de França Antártica. O debate, então, seria continuado pela obra de Jean de Léry sobre sua viagem ao Brasil, que era uma defesa dos huguenotes. A obra de Lery conheceria notável sucesso: cinco edições a partir de 1578 e, ao menos outras dez – em francês e em latim – até 1611 (SCWARCZ; STARLING, 2015). Como assinala Tavares (2009), independente dos dissensos entre católicos e protestantes, há de se considerar a riqueza dos relatos como fundadores da historiografia sobre o Brasil: a experiência da França Antártica, por mais temporária que tenha sido deixou, juntamente com os relatos de viagem de Gonville, uma importante riqueza documental e social para o Brasil e, principalmente, para a Guanabara.

2.1.2 As missões francesas do século XIX: o Brasil através da arte francesa

*“Que pena e pincel possam suprir reciprocamente
sua insuficiência mútua.”*

(JEAN-BAPTISTE DEBRET)

Entre a primeira visita francesa ao território brasileiro e a vinda da comitiva artística no século XIX, a organização social europeia – e mundial – passou por grandes transformações. Do fim do feudalismo à Era das Revoluções, tem-se o surgimento da modernidade, ou do “[...] estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII, e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência.” (GIDDENS, 1991, p. 11). As alterações se deram em todos os campos: político, econômico, técnico, social e das ideias. A contestação da ordem social anterior se dava a partir das alterações das

bases econômicas e política e a insatisfação da classe emergente – a burguesia – levou à uma reorganização das relações sociais. O acesso à educação e à cultura são, então, marcas do período que, segundo o historiador Eric Hobsbawm (2004), marcaria uma época em que os ideais de liberdade e igualdade entre os cidadãos dominavam os discursos revolucionários na Europa e se espalhavam pelo mundo.

Para Hobsbawm (2004), esse período compreenderia a última década do século XVIII – iniciando em 1789 – e perduraria até meados do século XIX – mais precisamente, 1848. Dessa forma, mesmo que as ditas revoluções burguesas tenham começado anteriormente, com a Revolução Inglesa (1640) e a Revolução Americana (1776), a marca escolhida por Hobsbawm, para a Era das Revoluções, refere-se, em grande medida, ao calendário republicano francês – 1789, ano da tomada da Bastilha, caracterizando a Revolução e a vitória dos ideais burgueses sobre o clero e a monarquia na França; e, 1848, fim da Comuna de Paris. Esse período compreende, também, o início da Revolução industrial na Inglaterra, com a construção da primeira usina do mundo moderno e, finalmente, ao ano da “Primavera dos Povos” – ou dos levantes do operariado que passava a exigir melhores condições de vida e trabalho – em toda a Europa, se espalhando pelas colônias na África, Ásia e Américas sem, no entanto, conseguir garantir uma vitória a longo prazo, bem como a publicação do Manifesto Comunista, de Marx e Engels (1848). Hobsbawm (1989) caracteriza o período da seguinte forma:

A grande revolução de 1789-1848 foi o triunfo não da “indústria” em si, mas da indústria capitalista; não da liberdade e da igualdade em geral, mas da classe média ou da burguesia liberal; não da “economia moderna” ou do “Estado moderno”, mas das economias e dos Estados de uma região geográfica particular do mundo (parte da Europa e alguns trechos da América do Norte), cujo centro eram os Estados rivais e vizinhos da Grã-Bretanha e França. A transformação de 1789-1848 é essencialmente a o levante gêmeo que se deu naqueles dois países e que dali se propagou por o mundo. (HOBSBAWM, 1989, p. 17).

Esse período analisado pelo autor compreende, portanto, a vitória dos princípios da sociedade burguesa de forma global e do surgimento de uma classe trabalhadora organizada. É, também, o período da “construção das nações”⁴⁵,

⁴⁵ Em referência ao termo cunhado pelo economista e jornalista inglês Walter Bagehot.

entidades sociais relacionadas ao Estado territorial moderno, ou ao Estado-Nação (HOBSBAWM, 1991, p. 19) que será tema de debates inflamados a partir do século XIX (GUIBERNAU, 1996, p. 48). Os debates da Europa levaram a questionamentos da organização, também, em parte longínquas, principalmente, nas colônias. O espírito contestador do Iluminismo chegaria ao Brasil e, 1789 seria, também, um ano emblemático para a formação do moderno Estado Brasileiro. Esse foi o ano de grandes insurreições contra o poder da Monarquia Portuguesa sobre a Colônia na América do Sul. É possível, por exemplo, perceber o conhecimento prévio dos debates de Iluministas franceses sobre política, economia e organização social nas ideias daqueles que participaram da Inconfidência Mineira, um dos marcos republicanos no país. E, embora não se possa atrelar claramente Revolução Francesa e Inconfidência Mineira, é possível perceber os dois movimentos enquanto explosões do clima libertário do final dos Setecentos e perceber suas afinidades no campo das ideias: os projetos de construção de novas sociedades estão, de alguma forma, interligados⁴⁶.

É importante salientar que as ações que se passaram no palco europeu tiveram influência direta sobre o encaminhamento da sociedade brasileira no período: da Revolução francesa à era napoleônica, o risco de desaparecimento da Monarquia em Portugal, devido aos avanços de Napoleão Bonaparte e ao seu Bloqueio Continental tiveram por efeito a transferência de Dom João VI, Rei de Portugal, juntamente com sua Corte para o Brasil, em janeiro de 1808. Sendo então alçado a Reino Unido de Algarves, o território colonial brasileiro passou por grandes alterações: a abertura dos portos às nações amigas, garantindo os produtos necessários à vida da Corte e a continuidade das relações econômicas, principalmente com a Grã-Bretanha. O desenvolvimento das relações econômicas levou, também, a um progresso da indústria, a construção de estradas e melhorias executadas nos portos, a um aumento da produção agrícola e à criação de organismos educacionais e administrativos no Brasil⁴⁷. Em setembro daquele mesmo ano seria publicado o primeiro jornal de circulação no território brasileiro, a **Gazeta do Rio de Janeiro**. Durante os doze anos seguintes, o Brasil desenvolveria uma relação privilegiada com Portugal, tornando-se sede da Monarquia Portuguesa.

⁴⁶ Sobre o assunto, Cf. ACERVO. **Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 4, n.1, jan./jun. 1989.

⁴⁷ Sobre o assunto. Cf. PRADO JUNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2006.

Com o retorno de D. João ao território europeu, em 1821, D. Pedro I seria nomeado príncipe regente no Brasil. Entretanto, a tentativa portuguesa de reinstaurar o *status* de colônia ultramarina no território brasileiro – que havia sido elevado à condição de reino unido de Portugal – fez com que, em 7 de setembro de 1822, Dom Pedro I fosse levado a declarar a Independência do Brasil – que se tornaria um Império, na esteira de movimentos na Europa. E é nesse contexto de grandes alterações político-econômicas e sociais, que a primeira missão de artistas franceses se instala no Brasil em 1816.

Os artistas da primeira Missão Francesa atinham-se aos padrões da arte neoclássica europeia em suas ilustrações da realidade brasileira. Dessa forma, como observa Carelli (1994, p. 74), há uma representação do Brasil para atender ao gosto europeu da época:

Esta reconstrução do real é flagrante na célebre gravura “Fôret Vierge du Brésil”, do mantenedor das Antiguidades do Louvre, o Conde Charles de Clarac. Nesta cena primitiva, a reprodução da natureza luxuriante dos trópicos atinge seu propósito enquanto os índios são totalmente reinterpretados. (CARELLI, 1994, p. 74).

As cenas brasileiras são, portanto, retrabalhadas tendo em vista o gosto artístico europeu naquele momento: forjavam-se paisagens, os índios, que no século XVI haviam sido figuras de admiração, perdem seus traços próprios para se adequarem à paisagem. As obras tornam-se, então, palatáveis e, mesmo agradáveis para o europeu curioso sobre a vida no Brasil.

O propósito dos pintores franceses não era de “mentir”, mas lhes faltava por demais frequentemente a verificação do cotidiano e essa familiaridade que atenua e amadurece as impressões contraditórias da descoberta. Na maior parte das vezes, o olhar procurava não somente o que queria encontrar, mas ainda imagens apresentáveis, dignas de serem lembradas [...]. (CARELLI, 1994, p. 76).

Como observa Schwarcz (2010, p. 92), essa representação francesa sobre o Brasil – como as representações no geral – não são um reflexo passivo da realidade, pelo contrário, elas produzem, também, as realidades. Dos pintores

viajantes franceses no Brasil, destacam-se os nomes de Nicolas Antoine Taunay e Jean-Baptiste Debret, que teriam traduzido a natureza pitoresca do Brasil em suas obras.

Considerado um ilustrador e documentarista, conhecedor da importância da movimentação das gravuras para a propagação da imagem do Estado⁴⁸, coube a Debret assegurar a representação da passagem da família real portuguesa pelo Brasil, como na tela **Casamento de D. Pedro e de Dona Amélia** (1829). O artista, que ficou em território brasileiro entre 1816 e 1831, voltaria à França, onde exporia suas obras e publicaria **Viagem pitoresca ao Brasil**, em três volumes compostos por 156 pranchas litografadas e seus textos descritivos.

Liderados por Joachim Lebreton – secretário da classe de Belas Artes do *Institut de France* – Taunay e Debret, juntamente com Grandjean de Montigny, Simon de Pradier e François Ovide, dentre outros, instalariam-se no Rio de Janeiro para a fundação da Imperial Academia de Belas Artes, em agosto de 1826. Dessa forma, enquanto mecanismos de representação da realidade brasileira, as obras dos pintores românticos franceses da primeira metade do século XIX servem de modelo para essa sociedade que se estruturava.

O que se percebe a partir das gravuras dos artistas da missão francesa é uma necessidade de adaptação de uma sociedade mestiça que fosse palatável ao europeu: a realidade brasileira se alterara nos Oitocentos tendo em vista, exatamente, as mudanças ocorridas na Sociedade Internacional Europeia. A reestruturação dos portos, a mudança da Corte para o Rio de Janeiro, a construção da cidade e o desenvolvimento da moda, dos transportes e das instituições, dentre outros, nos arquétipos europeus.

Esse Brasil da primeira metade do século XIX, sob forte influência europeia, seria essencial para a construção da própria identidade nacional do país, uma vez que essas seriam as bases para a construção do Estado-nacional brasileiro anos mais tarde. Ressalta-se, também, a forma como a questão da miscigenação – já presente de forma fluida nos séculos anteriores – é representada nas obras desses artistas franceses ao tratarem da “família brasileira”. A “terra dos canibais” do século XVI que chocara o Velho Mundo, que selvagizara os europeus em seu próprio processo de conquista e colonização – como apontaram Thévet e Lery – pela

⁴⁸ Sobre o assunto, Cf. DEBRET. **Enciclopédia Itaú Cultural**. Disponível em: <<http://goo.gl/EMDG8A>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

simples convivência com os índios seria pacificada pelo favorecimento da união entre índios e colonos (CARELLI, 1988; FREYRE, 2005). Primeiramente com os índios, em seguida com os negros, de forma a completar a “epopeia mestiça” de formação do povo brasileiro. Esse será um traço importante para a formação da identidade nacional brasileira que surgirá nas décadas seguintes.

2.2 As relações Brasil-França na jovem república

*“Cada século tem sua missão a cumprir
como cada indivíduo o seu papel a
representar no teatro da vida ou na
comunhão social; a do século
atual é universalizar a sciencia e
confraternizar os povos.”*

(J.B. LACERDA, 1876)

A segunda metade do século XIX é marcada, então, pela sedimentação da burguesia e da estrutura político-econômico-social que a acompanha. Nesta época, as incursões nacionalistas tomam conta do Velho e do Novo Continente em uma preocupação político-intelectual de reafirmar o projeto liberal. É assim, entre 1850 e 1930, que a grande preocupação com a definição do termo nacionalismo desponta na cena europeia com suas diferentes ondas, como observa Hobsbawm (2004, p. 188). Para o autor, a primavera das ideologias nacionalistas se dá entre 1880 e 1914. São as diversas alterações na determinação do território, do pertencimento, da cidadania, da política características do fenômeno da modernidade (GUIBERNAU, 1996, p. 49) que determinarão o futuro das relações entre os povos. A vontade de “[...] afirmar seu pertencimento a uma nação e de se organizar politicamente [...]” dará o tom dessas relações. (HOBSBAWM, 2004, p. 189).

Os debates sobre a origem e desenvolvimento dos nacionalismos e os questionamentos sobre sua naturalidade ou não são intensos desde então. Se, para Ernst Gellner (2009), por exemplo, o nacionalismo advém de uma vontade natural – e, até mesmo, inevitável – dos povos de se organizarem (GELLNER, 2009), para autores como Eric Hobsbawm e Benedict Anderson essa é mais uma anedota para

que a causa nacional seja considerada, sendo o nacionalismo fabricado a partir da máquina estatal. Em nossa pesquisa, aproximamo-nos das proposições dos dois últimos autores. Para nós, é a necessidade do Estado de se afirmar que fará com que ele impulse na criação do sentimento nacional. Como bem observa Hobsbawm (2004, p. 196) o Estado não apenas cria a nação como ele necessita da mesma para assegurar sua própria existência. E o caso brasileiro não seria diferente.

Se o grito de “independência ou morte” de Dom Pedro I nos parece uma tradição inventada para dar uma certidão de nascimento ao Brasil, os mitos desenvolvidos com o intuito de assegurar essa identidade nacional foram muitos, apoiando-se, principalmente, na miscigenação como eixo fundador do povo brasileiro.

Os primeiros anos da República no Brasil são marcados pela preocupação com o projeto de nação e com a necessidade de dar ao país uma História. A criação da **Gazeta do Rio de Janeiro**, ainda sob os auspícios de D. João, tinha possibilitado a criação da primeira comunidade imaginada brasileira, pela transformação do tempo e espaço da colônia a partir das alterações globais – tendo em vista o bloqueio continental napoleônico – e a transferência da corte portuguesa para território americano. O fim da colônia, mesmo que não tenha colocado simultaneamente um ponto no reino dinástico – tendo em vista a mudança pela continuidade de Dom Pedro de Regente a Imperador – possibilitou, no mínimo, um laço imaginário do Brasil com a modernidade que tomava a Europa. Em 1889, o afastamento definitivo de Portugal, com a expulsão do Imperador Dom Pedro II e o fim da escravidão, um ano antes, ofereceria aos teóricos o laboratório ideal para se pensar a questão nacional no Brasil. A partir de então, a máquina estatal passou a se preocupar com seus porta-vozes, com a explicação da vida cotidiana e com a necessidade de se forjar a causa patriótica. Passemos, então, ao estudo da “nova religião laica dos Estados” (HOBSEBAWM, 2004, p. 196), a nação, no Brasil.

Nesse quadro, o positivismo francês seria ponto de apoio para as mutações político-sociais no Brasil, sendo ele o responsável pelos instrumentos conceituais da instauração da República.

Como observa José Murilo de Carvalho (1993), o “imaginário comtista” influenciaria o Brasil de sobremaneira. O debate intelectual à época sobre o fim do Império no Brasil fazia-se, principalmente, no círculo militar e o pensamento

científico-positivista de Auguste Comte era dominante: “Quando a República foi proclamada em 15 de novembro de 1889, o povo cantou La Marsellaise. O dia 14 de julho foi decretado festa nacional.” (CARELLI, 1994, p. 151). A teoria positivista de Auguste Comte encontrou eco no Brasil de forma que, “[...] o que Comte havia sonhado, os brasileiros realizavam à sua maneira.” (CARELLI, 1994, p. 151). O positivismo comtiano, com seus rituais cívicos, teria sido capaz de converter as classes liberais que defenderiam a República. E estas passavam, então, a manipular os símbolos disponíveis em favor da doutrinação política republicana. Como afirma o autor, “[...] se a ação tinha de se basear no convencimento, impunha-se o uso dos símbolos. [...] A briga pelas imagens adquiria importância central. (CARVALHO, 1993, p. 140).

Assim, para conquistar o coração e a cabeça dos cidadãos em torno do imaginário republicano, era necessário que os proclamadores da República fossem capazes de agenciar símbolos que unissem a elite e as classes populares. “Daí sua luta pelos monumentos, pelo mito de Tiradentes, pela bandeira republicana, pela figura feminina.” (CARVALHO, 1993, p. 140). Entretanto, ressalta o autor, naquele momento, a falta de envolvimento popular na Proclamação inibira a possibilidade de uma identidade republicana que produzisse efeito sobre a vida no Brasil. As figuras emblemáticas eram ambíguas – como no caso de Tiradentes – e mantinham todas as fraturas existentes na moderna República. Incapaz de (re)constituir um povo, de criar o “cimento social” aclamado por Hobsbawm, a unidade nacional, no Brasil, não seria alcançada, de imediato, com o advento da República.

Nesse contexto, a tarefa dos republicanos, no Brasil, tão logo se deu a substituição do governo, estaria relacionada, justamente, à construção da nação. Como veremos, a questão da mestiçagem tornou-se central para os questionamentos sobre o Brasil enquanto nação.

Talvez por ser um país resultante de um processo de colonização que durou mais de três séculos, o caso brasileiro seja bastante ilustrativo das teorias de fabricação da identidade nacional.

Sem dúvida alguma, para a maioria, os intelectuais brasileiros foram conquistados pela eficácia de um sistema globalizante, enquanto se propunham a dar uma nova partida ao seu país. Viram no positivismo uma doutrina tendo, ao mesmo tempo, uma ascendência sobre o real e uma moderação nos meios que deveriam ser implementados para instaurar um

regime simultaneamente progressista e conservador. (CARELLI, 1994, p. 152).

As influências positivistas francesas fizeram-se notar na Constituição, nas preocupações sociais, morais, políticas e filosóficas: na separação entre Estado e Igreja, na busca por regulamentação de horários de trabalho e pensões, dentre outros. Dessa forma, foi impossível aos intelectuais brasileiros escapar da mediação dos modelos franceses (CARELLI, 1994, p. 153).

As tradições foram fabricadas sem muita preocupação em esconder suas origens – tendo em vista o mito fundador do Império e aquele da República, por exemplo. No caso do Brasil republicano, o calendário das festas a serem preservadas nos dá a dica sobre o “marco zero” da moderna tradição brasileira (OLIVEIRA, 1989). Partindo do calendário formulado pelo memorialista brasileiro Rodrigo Otávio de Langaard Menezes, em 1894, a autora apresenta aquele que seria o nosso calendário republicano. São “as festas que a República manda guardar”:

- 1 de janeiro - comemoração da fraternidade universal;
- 21 de abril - comemoração dos precursores da independência brasileira, resumidos em Tiradentes;
- 3 de maio - Descoberta do Brasil;
- 13 de maio - fraternidade dos brasileiros;
- 14 de julho - república, liberdade e independência dos povos americanos;
- 7 de setembro - Independência do Brasil;
- 12 de outubro - Descoberta da América;
- 2 de novembro - Mortos;
- 15 de novembro - comemoração da Pátria brasileira.

(OLIVEIRA, 1989, p. 182)

Ressalta-se, aqui, a confluência das datas com um “calendário internacional” algo que, como observa Lúcia Lippi de Oliveira (1989), estaria de acordo com o Decreto 155-B de 14 de janeiro de 1890, o qual **Declara os dias de Festa Nacional**. Nele, o Governo Provisório frisaria “[...] que cada pátria deve instituir tais festas segundo os laços especiais que prendem os seus destinos aos de todos os povos [...] ” (DECRETO n. 155, 1890). Desta forma, o calendário republicano brasileiro

coincide, diversas vezes, com seu homólogo francês, que deu origem ao calendário internacional.

Outro fator que deve ser observado é a frequência com que as instituições brasileiras refletiam homólogas francesas: a Academia de Belas Artes, a Academia Brasileira de Letras, a Academia Militar.

A presença francesa no Brasil prosseguia a grandes passos a partir da própria política de “*rayonnement*” cultural estabelecida pelo governo francês, que buscava basear sua influência no mundo na admiração pela cultura e civilização francesas. Essa política, iniciada ao final do século XVIII, atingiu seu ápice entre 1870 e 1940, quando a França percebeu a necessidade de adequar sua diplomacia às alterações do mundo e, conseqüentemente, de sua projeção internacional, tendo em vista a diminuição de seu poder bélico e comercial. A partir daquele momento, a proposta francesa passou a ser de modalização da cultura para as elites internacionais tentando, assim, garantir um espaço de destaque. E, no caso brasileiro, não foi diferente: do modelo educacional aos Liceus franco-brasileiros, passando pela instalação das Alianças Francesas em território brasileiro em 1886⁴⁹, a língua francesa era – juntamente com o português – indispensável para garantir uma educação considerada de “alto nível” e, mesmo, para ingresso nas universidades, enquanto inglês e alemão eram facultativas (LESSA, 1994, p. 89).

Entretanto, outros fatores contribuíram para a formação da identidade nacional e da percepção do povo brasileiro enquanto tal. E, nesse processo, as relações entre Brasil e França devem ser consideradas.

⁴⁹ Sobre o assunto, Cf. LESSA, M. L. A Aliança Francesa no Brasil: política oficial de influência cultural. **Varia História**, Belo Horizonte, n. 13, junho de 1994. p. 78-95.

2.2.1 Entre projeto de fracasso e de civilização: a questão da mestiçagem

“Le Brésil a aujourd’hui un peuple, il n’a encore qu’une nationalité factice, ce qui fait le peuple, c’est la race”.

(GUSTAVE AIMARD, *Le Brésil Nouveau*, 1888)⁵⁰

Sublinhamos como a representação da sociedade brasileira realizada pelos franceses exerceu um papel importante na caracterização do Brasil – e, mesmo do Novo Mundo em certa medida –, entre o início da colonização e o século XIX. As imbricações dessa representação tornaram-se importantes para a percepção do futuro da nação. O Brasil era o local ideal para o estudo dos efeitos da mestiçagem na vida social. A obra de Arthur de Gobineau – Ministro da França no Brasil a partir de 1869 – sobre o encaminhamento das raças humanas foi, em certa medida, emblemática para a discussão sobre a direção da sociedade brasileira. Em um discurso baseado na classificação da humanidade a partir do escalonamento racial, Gobineau (1853) afirmava que raças oriundas da miscigenação, como a brasileira, estariam fadadas ao fracasso: a mestiçagem daria origem a uma sociedade degenerada, sem valor, despida de classificação (GOBINEAU, 1853, p. 24). E essa raça, para o autor, poria termo inexoravelmente à civilização. Ao chegar ao Brasil Gobineau escreveria, então, sobre os brasileiros enquanto uma população fadada ao fracasso justamente devido à mestiçagem. A solução, para o autor, estaria em um branqueamento da população a partir da imigração para salvar o país da inviabilidade de uma nação composta por raças mistas (SCHWARCZ, 2008, p. 36).

Esse questionamento sobre o futuro do Brasil miscigenado, juntamente com o fim da escravidão em 1888, forneceu, a partir de então, o traço fundador das análises sobre a sociedade brasileira. As teses de Gobineau seriam bastante consideradas, principalmente em escritos de autores brasileiros positivo-evolucionistas, como Nina Rodrigues. Elas estariam presentes, também, no ideário da política de branqueamento da nação que se iniciara antes mesmo do fim do Império, em 1877, e se fortalecera no início da República. Afinal, a mestiçagem, aos

⁵⁰ O Brasil possui hoje um povo, ele ainda conta apenas com uma identidade fictícia. (Tradução nossa)

olhos de Gobineau e daqueles que o seguiram constituiria “[...] uma pista para explicar o atraso ou uma possível inviabilidade da nação.” (SCHWARCZ, 2015, p. 18).

O Decreto nº 528 de 1890, que **Regularisa o serviço da introdução e localização de imigrantes na Republica dos Estados Unidos do Brazil**, versaria sobre o assunto em seus quatro primeiros artigos:

Art. 1º É inteiramente livre a entrada, nos portos da Republica, dos individuos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos á acção criminal do seu paiz, exceptuados os indigenas da Asia, ou da Africa que sómente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admittidos de accordo com as condições que forem então estipuladas.

Art. 2º Os agentes diplomaticos e consulares dos Estados Unidos do Brazil obstarão pelos meios a seu alcance a vinda dos imigrantes daquelles continentes, communicando immediatamente ao Governo Federal pelo telegrapho quando não o puderem evitar.

Art. 3º A policia dos portos da Republica impedirá o desembarque de taes individuos, bem como dos mendigos e indigentes.

Art. 4º Os commandantes dos paquetes que trouxerem os individuos a que se referem os artigos precedentes ficam sujeitos a uma multa de 2:000\$ a 5:000\$, perdendo os privilegios de que gozarem, nos casos de reincidencia⁵¹. (DECRETO nº 528, de 28 de junho de 1890)

A política de branqueamento contaria com a crise de países europeus como Itália e Alemanha para prover o Brasil com a mão de obra branca europeia tão almejada por seus idealizadores, até os anos 1930. Exemplo dessas considerações seria o trabalho do médico brasileiro João Batista Lacerda – diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro na época – apresentado no Congresso Universal das Raças, em julho de 1911.

Das imagens utilizadas por Lacerda para ilustrar seu trabalho, o quadro **A redenção de Cam**, de Modesto Brocos y Gomes se destaca ao apresentar uma cena da evolução/branqueamento do povo brasileiro. Para o autor, a mestiçagem brasileira teria solução em uma transição “branqueadora” que se daria no intervalo de um século, caso a política de branqueamento tivesse continuidade: “*Le nègre*

⁵¹DECRETO. Decreto n. 528 de 28 de junho de 1890. **Regularisa o serviço da introdução e localização de imigrantes na Republica dos Estados Unidos do Brazil**. Disponível em: <<http://goo.gl/s9QSfG>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

*passant au blanc, à la troisième génération, par l'effet du croisement des races*⁵²
(LACERDA, 1911 conforme SCHWARCZ, 2015, p. 16).

Figura 2 – A redenção de Cam (1895) – Modesto Brocos y Gomes



Fonte: MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, IBRAM/MinC. Rio de Janeiro, 2015.

A imagem do Brasil mestiço, produtor de “filhos do sol” – parafraseando o francês Gustave Aimard (1887) – era, de fato, apreensiva para o governo e elites locais, encontrando ecos nos escritos dos pensadores sociais à época. Como salienta Schwarcz, esse era um assunto político e historicamente construído globalmente no período em questão – haja vista as teses sobre o darwinismo social – e, no Brasil, o tema racial era ponto chave para a compreensão da nação.

Nesse mapeamento da questão nacional – relacionada a características físicas e atributos morais – foram vários os intelectuais nacionais que opinaram sobre a questão. Se a tendência até a década de 1930 era a uma percepção da questão da mestiçagem negativada, esse quadro que passaria a se modificar na

⁵² O negro passando a branco, na terceira geração, por efeito do cruzamento das raças. (Tradução nossa).

década de 1920, principalmente a partir da Semana de Arte Moderna, ganharia contornos bastante diferentes com a política nacionalista de Getúlio Vargas e as teorias sobre a “democracia racial” – que tem em Gilberto Freyre seu principal representante – e sobre o “homem cordial brasileiro”, tratado por Sérgio Buarque de Holanda, que exerceriam influência nas décadas seguintes, como se vê a seguir.

2.3 Do morro da Conceição para o cotidiano francês: esboços de uma imagem brasileira na França na segunda metade do século XX

“Entre 1942 e 1960, portanto, dezoito anos separam Orfeu de sua morada em uma favela carioca para o imaginário mundial. Sua história deu uma nova dimensão internacional sobre o Brasil e sua cultura. A peça de Vinícius de Moraes quebrou tabus, fundou amizades, inaugurou parcerias e iluminou o mundo com a história mítica de seu herói trágico.”

(VINICIUS DE MORAES, 2015)⁵³.

Em 1958, o Brasil ganhava um espaço de grande destaque no imaginário francês. O país, que já era admirado imagetivamente no Velho Continente por seu exotismo desde o século XVI⁵⁴ e que, como vimos, havia conquistado um espaço digno de nota para os franceses⁵⁵, alcançava, em meados do século XX, a posição almejada por seus representantes em momentos anteriores. E o fazia a partir de dois eventos: a vitória na Copa do Mundo disputada na Suécia por dezesseis países – sobretudo, através da vitória sobre a própria França na semifinal – e, a exibição, meses depois, de **Orfeu Negro**, filme vencedor de quatro grandes prêmios

⁵³ MORAES, V. **Orfeu da Conceição**. Disponível em: <<http://goo.gl/uDT0TB>>. Acesso em: 9 dez. 2014.

⁵⁴ Como observa Jacques Lafaye (1992), a primeira imagem cartográfica do Brasil na França apareceria em 1507, com a publicação em Saint Dié (Lorraine) da **Nova Cosmografia**. O país seria, então, denominado “Terra da América”. Naquele momento, os franceses se tornariam os primeiros curiosos sobre esse novo território, que teria grande impacto sobre a França: a apresentação de indígenas para o Rei Henrique II e a Rainha Catarina de Médicis e a série de obras artísticas que seguem a **Fête Brésilienne** (outubro de 1550); a publicação da obra **Histoire d’un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amérique** (La Rochelle, 1578).

⁵⁵ Ressaltamos aqui Montaigne, Victor Hugo e outros grandes nomes da literatura francesa que escreveram sobre o Brasil como exemplos de tal curiosidade.

internacionais: **Palma de Ouro do Festival de Cannes** (1959), **Oscar** (1960), **Globo de Ouro** (1960) e **British Academy of Film and Television Arts** (1961).

Nesse período, o Brasil culturalmente exótico cede espaço, também, para um novo Brasil, capaz de competir com as grandes potências europeias em seus domínios de produção de bens culturais.

Vale lembrar que o futebol, hoje esporte brasileiro por excelência, havia sido importado para o país apenas no final do século XIX e que, durante as primeiras décadas, era um esporte de elite, com a interdição da participação de negros em times profissionais⁵⁶. Isso somente foi modificado duas décadas antes da primeira conquista da Copa Mundial pelo Brasil (1958). No domínio cinematográfico, a união entre França e Brasil, mas, principalmente, a utilização de artistas brasileiros negros e mestiços e a utilização da paisagem e costumes brasileiros colocavam o país ainda mais em evidência no resto do mundo. O esporte, que possui um espaço de destaque nas relações internacionais (HOBSBAWM, 1997; HOULIHAM, 1994; SUPPO, 2012; FERREIRA-MENEZES 2013), consagrava o Brasil como um dos grandes países, ao ser capaz de disputar e de vencer uma Copa com a participação de outras quinze seleções, sendo três delas de fora da Europa. O Brasil fazia, assim, parte do seleto grupo da Sociedade Internacional capaz de cumprir as regras do jogo e vencer dentro das mesmas, com arte e desenvoltura.

É verdade que o Brasil estava entre os primeiros países a se apresentarem para a Copa do Mundo de 1930, ocorrida no Uruguai. Naquele momento, no entanto, o futebol ainda era algo novo na realidade cultural do país. Apenas na década de 1920, a participação no futebol brasileiro se tornou mais “democrática” na medida em que boa parte da população, antes proibida de atuar no esporte de forma profissional, fez sua entrada nos grandes clubes: o Vasco foi a primeira equipe a fazer uma campanha paulatina pela inclusão de jogadores negros nos times profissionais⁵⁷.

⁵⁶ A questão da “democratização racial” do futebol brasileiro passa a ser tratada por Mário Filho em 1947 recebendo, a partir da década de 1980, grande interesse das pesquisas sociais sobre a identidade brasileira. A este respeito, conferir as obras: **Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro**, de Marcos A. Souza (1996), no qual o autor trabalha com a questão das representações e construção da imagem da nação via futebol, problematizando, também, a questão do futebol-arte como produto genético da miscigenação do Brasil; **Esporte e poder**, obra organizada por Gilda K. Diegues (1985), em especial os capítulos de autoria de José Esmeraldo Gonçalves; **Futebol e poder: algumas reflexões sobre o jogo da política**; e de Lúcia Helena Corrêa, **Racismo no futebol brasileiro**; bem como as pesquisas de Cesar Gordon Jr. sobre a **História social dos negros no futebol brasileiro** (1995/2010).

⁵⁷ Mário Filho, em 1964.

Por outro lado, no cinema, seguia-se uma adaptação da peça de Vinícius de Moraes, **Orfeu da Conceição** (1956), fruto da mistura entre a mitologia grega e os negros dos morros cariocas, de suas histórias e identidades, criando a “tragédia carioca”, que teve sua estréia em 1956, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Pelo que consta, o próprio Vinícius de Moraes iniciou as conversas para transformar a peça em filme com apoio franco-italiano. Dessa forma, o Orfeu da “morada carioca” ganharia o mundo e os principais prêmios do cinema mundial, garantindo ao Brasil um lugar de destaque na sétima arte. O Cinema Novo e sua cultura política dos anos 1950/60, seguiriam, assim, na mesma estrada, em uma tentativa de questionar a identidade brasileira então estabelecida com base, principalmente, nos escritos de autores dos anos e das políticas governamentais dos anos 1930, haja vista a tese da democracia racial de Gilberto Freyre e a do tipo brasileiro de Sérgio Buarque de Holanda.

Esses eventos, que nos parecem tão díspares encontram-se, portanto, relacionados enquanto fatores constitutivos das reproduções mais recentes do Brasil no imaginário francês: o país do samba, do carnaval e do futebol. Simbolicamente, essas representações caricatas do Brasil parecem estar presentes em todas as nações – da Europa à Ásia, ao se perguntar qual a primeira imagem que se tem do Brasil, boa parte das respostas recaem sobre esses aspectos. E o que faria a relação com a França ser diferente?

A presença francesa no Brasil havia iniciado as relações entre os dois países muito antes da formação do Estado-Nação moderno. Havia estabelecido um reconhecimento mútuo que facilitou, também, a presença brasileira na França.

Figura 3 – *Une nouvelle vision de la vie à Paris: la maxixe au souper*



Fonte: REVISTA FEMINA, Paris, 1913.

Assim, como bem ilustra a gravura publicada na Revista *Femina*, de 1913, *Une nouvelle vision de la vie à Paris: La maxixe*⁵⁸ pendant le souper, na *Belle Époque*, o Brasil era o horizonte imaginário da canção francesa e era, também, representado por seus diversos ritmos e alguns artistas que partiam em turnê no hexágono: do popular ao clássico, todos os ritmos encontram espaço para se desenvolverem. Frisemos, entretanto, o olhar idealizador e os traços clássicos atribuídos ao maxixe na ilustração criando, então, um reflexo distorcido da realidade que apontava o ritmo como escandaloso sendo, no Brasil, atribuído a locais de moral duvidosa por ferir os bons costumes da época, além de ressaltar, também, traços africanos presentes na sociedade brasileira.

Esses pontos de encontro, realçados na pesquisa sobre história da música popular brasileira na França (FLÉCHÉT, 2013), mostram-nos como a entrada do Brasil na França encontra-se vinculada, principalmente, ao campo cultural. As manifestações culturais e os eventos diplomáticos, imbricados entre si, fortaleceram, assim, os laços entre os dois países. Para Fléchét (2013), a idade do ouro da música popular brasileira – aquela que rompe com a estética europeia em uma

⁵⁸ Considerado o primeiro ritmo genuinamente brasileiro, o maxixe era uma dança urbana que, enquanto predecessor do samba, surgiria no Rio de Janeiro por volta de 1870.

relação de “apropriação seletiva e de rejeição” que marca a relação colonizador/colonizado – da primeira metade do século XX corresponde, também, à idade do ouro da música popular francesa. E o Ministério das Relações Exteriores do Brasil estava disposto a utilizar dos artefatos musicais em prol de uma propaganda do Brasil no exterior:

Considerando o interesse crescente despertado pela música brasileira no exterior e a excelente oportunidade de defendê-la de maneira efetiva, a Secretaria de Estado das Relações Exteriores está procedendo à escolha de uma discoteca mínima da referida música, em seu aspecto erudito e popular, para ser remetida a todas as Missões diplomáticas e Consulados de carreira do Brasil, bem como, por seu intermédio, às emissoras mais importantes do país onde se acham acreditados e, eventualmente, às emissoras culturais representativas a que possa verdadeiramente interessar, o recebimento de uma dessas coleções. (VELOSO, 1945, s./p.).⁵⁹

É necessário ressaltar, entretanto, que a França abria seus grandes salões aos artistas brasileiros muito antes que o mesmo ocorresse no próprio Brasil. A entrada da dança popular no contexto da elite brasileira passa, portanto, por um processo de reconhecimento internacional anterior às manifestações locais. E isso nos aponta, também, em quais termos as relações entre os dois países no campo cultural se fixariam: a França acolhia as diversas manifestações – como símbolo de um exotismo – em busca de uma proximidade ainda maior com o Brasil. Os músicos brasileiros, como por exemplo, Villa Lobos e o grupo de samba Os Batutas, reconhecidos na França, buscavam, a partir de então, fazer circular a música brasileira no exterior com o claro objetivo de afirmação dos ritmos, também, internamente. Dessa maneira, o que percebemos é que a construção de representações na França encontra-se apoiada em um movimento contínuo de intercâmbio cultural que possibilita, entre outros, uma produção franco-brasileira vencedora do maior prêmio de reconhecimento do cinema francês.

Pela música, pelo cinema, ou pelo esporte, o Brasil mostrava que participaria ativamente da cena cultural internacional. E esse estabelecimento cultural prévio seria, então, utilizado pela diplomacia brasileira – ainda que de forma

⁵⁹ ARQUIVO HISTÓRICO DO ITAMARATY. Anúncio do Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Pedro Leão Veloso, sobre as medidas para a propaganda da música brasileira no exterior. DCI/540.36/Circular 171, Rio de Janeiro, 2010.

tímida, comparado com homólogos franceses –, na busca por reconhecimento na Sociedade Internacional. Ao vencer a Copa de 1958, o Brasil mostrava-se capacitado para adequações à cena internacional – em condições de concorrer de forma igual e ser bem sucedido na disputa – respeitando as condições impostas pelos Estados já estabelecidos.

Ressalta-se aqui a forte relação entre esporte e as instâncias constitutivas da Sociedade Internacional. A partir da criação de Organizações Não Governamentais (ONGs), de Organizações Internacionais e de Organizações Supranacionais específicas, os Estados estabelecidos definem quais Estados podem participar e de que forma. Ou seja, em situação análoga àquela existente na Sociedade Internacional, na qual a diplomacia assume papel importante na gestão das relações entre os Estados da forma mais pacífica possível com o uso de agentes oficiais (BULL, 2002, p. 187), o campo esportivo também cria aparelhos internacionais em uma clara tentativa de organizar as relações entre os participantes. Neste contexto, novos associados são obrigados a se adequar a um universo normativo em sua busca por participação. Ser um país partícipe dos megaeventos olímpicos tem, assim, a função de reconhecimento internacional, o que é buscado pelos Estados. Esta seria mais uma forma da Sociedade Internacional demarcar sua importância. E, nesse caso, vencer a Copa de 1958 havia possibilitado um reconhecimento significativo para o Brasil.

O mesmo pode ser observado com relação ao Cinema: toda a aparelhagem julgadora tem origem na França e nos Estados Unidos, sendo que a arte, a estética e os efeitos constituem-se como fatores de profunda importância para julgar a qualidade de um filme. A grande dificuldade para países como o Brasil estava no processo de industrialização e de questionamento dos mecanismos do sistema produtivo. Para os idealizadores do Cinema Novo, a identidade brasileira, ao invés de vir de dentro do país, havia sido importada do cenário internacional. Essa perspectiva, em conformidade com aquela apontada por Schwarcz (1994) aponta, então, para o forte impacto nacional das representações estrangeiras sobre o Brasil, como se observaria no caso do desenvolvimento urbano-industrial.

Desta forma, o processo de industrialização no âmbito internacional, que havia fornecido novas perspectivas aos países do Hemisfério Norte, era transmitido como realizado em países como o Brasil, que não haviam enfrentado o mesmo tipo de desenvolvimento. No campo cinematográfico, então, ao invés de aceitar as

“regras do jogo” internacionais, o que percebemos é uma forte propensão dos cineastas brasileiros a questioná-las. Discutir por que a importação das técnicas e estética do cinema internacional implicavam, também, a importação de ideias, formas, modelos e estruturas de pensamento que não corresponderiam à realidade brasileira (GALVÃO; BERNADET, 1983, p. 166-167). Entretanto, é difícil pensar no Cinema Novo enquanto proposta de rompimento com a cultura internacional: para nós, ele parece mais um fator de diálogo em torno do significado da cultura em um território colonizado e a consequente contestação da estética do colonizador. A cinematografia brasileira seria, então, uma questionamento do lugar e das regras do jogo dentro da própria Sociedade Internacional: refutava-se a imagem projetada pelo Estado Brasileiro⁶⁰ e, também, o imperialismo cultural criado pelos países desenvolvidos: seja da parte do cinema espetáculo americano ou daquela do cinema-refinado europeu.

Observamos, assim, que se 1958 significou um marco na percepção do Brasil internacionalmente, ou, ao menos, na França, esse marco estaria ligado, pelo menos, a duas características aqui expostas: à participação do Brasil em eventos da Sociedade Internacional; mas, também, a uma participação crítica, preocupada em repensar a identidade do país e utilizá-la na ação do Brasil internacionalmente. Ou seja, o Brasil seria, sim, parte da Sociedade Internacional e o Estado buscava exacerbar o sentimento nacional justamente nos pontos determinados por tal sociedade, haja vista o futebol e a participação em grandes campeonatos internacionais. Nesse movimento, percebe-se que os eventos esportivos teriam grande potencialidade na formação da identidade nacional. Por outro lado, a participação de atores privados, sem ligação com o Estado e, muitas vezes contestando o papel do mesmo de endossador de práticas imperialistas – como os responsáveis pelo Cinema Novo, abria espaço para o questionamento de uma

⁶⁰ Partimos da ideia que a identidade nacional vem apoiada em um projeto da modernidade na qual o Estado é seu principal agente fundador (GUIBERNAU, 1996; HOBBSAWM, 2004), pois, mesmo que possa existir uma vontade natural de afirmação de pertencimento – como observou Gellner – tal vontade é ampliada pela máquina estatal, como verificaria Hobsbawm, em **A Era dos Impérios**, a partir da utilização dos meios possíveis que garantissem a fidelidade dos cidadãos. Nesse processo, como verificaria o autor, a determinação dos governos em fundamentar seus poderes na identidade nacional é evidente: seria com bastante cuidado que os diferentes Estados forjariam as nações, favorecendo um patriotismo do tipo nacional, dando nascimento a um conjunto de cidadãos linguisticamente e administrativamente homogêneos (HOBBSAWM, 2004, p. 198). No caso brasileiro, a função do Estado pode ser claramente percebida a partir da ação de Getúlio na década de 1930.

identidade nacional engessada, promovendo a abertura para novos imaginários sobre o Brasil.

Esses novos imaginários ganhariam impulso a partir da segunda metade do século XX quando

Os músicos brasileiros começaram a ser considerados um modelo de representação do país no exterior. A atuação de compositores e intérpretes brasileiros na Europa, na América do Norte e, a partir dos anos 1960, nos países africanos, foi celebrada na imprensa nacional e internacional com entusiasmo patriótico. Elogiados por serem “esforçados propagandistas do Brasil no Universo”, os músicos eruditos e populares recebiam frequentemente o título oficioso de “embaixadores” quando faziam sucesso no exterior. A lista de “músicos diplomatas” é bastante longa [...] (FLÉCHÉT, 2011, p. 227).

Dessa maneira, o desenvolvimento do intercâmbio artístico entre Brasil e França tornou-se, efetivamente, uma via de mão dupla, contrariando a ideia recorrente de que o Brasil seria apenas um receptor de certa “influência cultural” francesa. O que se percebe é que o intuito apontado nos escritos de Montarroyos⁶¹ nos anos 1930 estava se tornando, o tracejo, ainda que fluido, de uma política de diplomacia cultural. As próprias ações do Itamaraty, durante a Ditadura Militar, levam-nos a crer que a diplomacia musical teve grande participação nas iniciativas relacionadas às imagens do Brasil transmitidas no exterior, sendo esse, ao lado do cinema, como bem aponta Edgard Telles Ribeiro (1989, p. 72), um dos principais eixos de sucesso da política cultural do Itamaraty.

As importantes reformas pelas quais passaram os organismos destinados à ação cultural no âmbito do Ministério das Relações Exteriores, principalmente as de 1945 e de 1961, apontam para um interesse genuíno pela ação cultural enquanto política contínua da diplomacia brasileira.

⁶¹ Diplomata brasileiro, Élysee de Montarroyos foi o delegado da Missão do Brasil no Instituto Internacional de Cooperação Intelectual na década de 1930. Nesse mesmo período, o diplomata defenderia a necessidade dos funcionários do Estado fazerem “propaganda” do Brasil no exterior de forma suficientemente inteligente para que não fosse recebida enquanto publicidade estatal, o que poderia gerar animosidade com relação ao país. Montarroyos seria, assim, o primeiro sistematizador de uma diplomacia cultural brasileira. Para Juliette Dumont (2009), o Brasil era um dos primeiros seguidores da iniciativa francesa de diplomacia cultural, precedendo os Estados Unidos da América.

Como observa Fléchét (2011, p. 238),

[...] a passagem de “cooperação intelectual” à “ação cultural” provocou uma ampliação sem precedentes nas atribuições da divisão (cultural do Itamaraty), cujas novas competências compreendiam oficialmente, além dos acordos de cooperação científica e técnica, a divulgação da língua, das artes, das letras e da música brasileira no exterior. (FLÉCHÉT, 2011, p. 238).

Se o exemplo mais estudado é o da Cooperação Técnica-Científica entre os dois países – que Guy Martiniere se preocupa em encontrar as fundações no século XIX – e o caso musical seja um campo recente de pesquisa, Fléchét (2011) oferece um panorama exemplar sobre a relação entre os Festivais da Canção no Brasil – bastante estudados por Marcos Napolitano – e a programação musical brasileira na França. Assim, entre 1957 e 1975, tem-se a apresentação semanal do programa de rádio *Aquarelles du Brésil*, por Michel Simon, na Radiodifusão Francesa sendo que, a partir daquele momento, o Itamaraty patrocinaria diversos encontros internacionais de música. Também o Festival Internacional da Canção do Rio de Janeiro – entre 1965 1972 – facilitou o intercâmbio musical enquanto único festival brasileiro de dimensão internacional.

Ao mesmo tempo, produtores culturais atuantes no mercado fonográfico brasileiro, como Andre Midani, utilizavam suas conexões internacionais no intuito de promover a música brasileira no exterior. Em entrevista concedida, Midani aponta que a participação de Gilberto Gil e de outros músicos brasileiros nos festivais musicais no exterior - como o Mercado Internacional do Disco e da Edição Musical (MIDEM) de Cannes, representado na foto de 1968⁶², ou o *Montreux Jazz Festival*, na Suíça – era articulada de forma particular, entre conhecidos. Entretanto, vale apontar que esses artistas recebiam atenção das Embaixadas brasileiras nos locais em que se apresentavam e tinham suas músicas selecionadas para compor o repertório oficial do Brasil no exterior, marcando uma nova fase de articulação da identidade nacional dentro do próprio Departamento Cultural do Itamaraty. E, a mudança da linha musical do Itamaraty, com a incorporação da música popular se mostrou uma política bastante atrativa: a demanda pela música popular brasileira

⁶² Sobre o MIDEM de janeiro de 1968, há uma reportagem completa disponível em: <<http://goo.gl/g6d8aT>>. Acesso em: 1 jul. 2015.

era tamanha que “[...] o corpo diplomático começou a perceber seu valor – tanto para conquistar um lugar no mercado fonográfico internacional como para defender os interesses econômicos e estratégicos do país.” (FLÉCHÉT, 2011, p. 250). Isso contribui para se compreender o aparente paradoxo de que artistas como Chico Buarque, Edu Lobo, Caetano Veloso e Gilberto Gil, entre tantos outros que eram artistas perseguidos no Brasil pelo regime militar, foram as vozes do Brasil no exterior, a partir da década de 1960, por vezes, com o apoio do Ministério das Relações Exteriores, que sustentou a participação das delegações brasileiras no exterior, garantindo o espaço nacional na cena cultural internacional.

O exercício que fizemos, até aqui – longe de apresentar uma lista exaustiva de todos os momentos de intercâmbio –, foi de demonstrar alguns traços das relações franco-brasileiras ao longo dos séculos, em uma tentativa de compreensão sobre os estereótipos circulantes sobre o Brasil em território francês. Como vimos, os intercâmbios culturais entre os dois países antecede a própria formação do conceito de nação e, conseqüentemente, de uma política de diplomacia cultural no sentido estrito.

Até esse momento, a representação brasileira na França relacionava-se, intrinsecamente, à questão do exotismo, fonte dos estereótipos sobre o país. O inventário de imagens baseava-se na comunhão entre a mestiçagem e aquilo que se atribuía “sua herança”: a música, o jogo-de-cintura nas relações políticas, o futebol, as expressões artísticas, as características físicas dos brasileiros e das brasileiras, dentre outras características do inventário. A simpatia recíproca entre os dois países era alimentada, na França, pela exportação de bens culturais que ressaltassem características do “país tropical”, fornecendo aos franceses o primitivismo e a autenticidade de um país onde todas as raças se misturariam na construção de uma cultura profundamente original. Como observa Paul Clavel (2014), os imaginários sobre o país forneceriam, em um primeiro momento, a “fabricação do Brasil” que se baseava-se, então, nos estereótipos circulantes sobre o país: um povo receptivo e caloroso, fortemente marcado pelo carnaval e pelo futebol, em que a arte é marcada por uma explosão de cores, dentre outros. Esses estereótipos seriam, então, rearticulados, unindo-se a outros, que se relacionariam à constante busca pelo desenvolvimento econômico – a ideia contínua de emergência – e à convivência da tradição e da pós-modernidade.

Há de se ressaltar, ainda, que o Brasil foi país citado quando da apresentação do projeto de “temporadas culturais” na França, formulado entre 1984 e 1986. Dessa forma, mesmo a política de diplomacia cultural mais recente encontraria apoio nas relações Brasil-França para sua formulação, embora a temporada brasileira tenha sido adiada até 2005. Se partimos do pressuposto que tal postergação relaciona-se com o quadro político do Brasil, entre meados da década de 1980 e o final do século XX, é importante frisar que isso não impediu a realização de outros eventos – de menor escala – também importantes para a continuidade das relações culturais franco-brasileiras, tais como o Projeto Brasil-França, os Colóquios sobre Imagens Recíprocas do Brasil e da França – ocorridos entre 1986 e 1989 – e, finalmente, o convite feito pelo governo francês ao Brasil, país homenageado na Feira do Livro de Paris, em 1998. Esses foram laboratórios importantes para o amadurecimento da proposta de um **Ano do Brasil na França** – que se efetivaria a partir de convite formulado em 2001 para realização em 2005 – tema ao qual nos dedicaremos no próximo capítulo.

Capítulo 3

*De Brasil a Brésils: identidades
múltiplas e projeção cultural*

3 DE BRASIL A BRÉSILS: IDENTIDADES MÚLTIPLAS E PROJEÇÃO CULTURAL

*“Brésil danse avec le futur.
C’est dans ce pays continent que se jouent les
prochains défis de la planète.”*

(MATCH DU MONDE, n. 1)⁶³

Em 1996, Jean Gautier, então Diretor de Assuntos Culturais de Paris, esteve no Brasil, por indicação de Jacques Chirac, então Prefeito da Capital Francesa, com a finalidade de observar e conhecer de perto o projeto de renovação da cidade do Rio de Janeiro, em especial do seu Centro Histórico e do Palácio da Boa Vista. Porém, Gautier deveria cumprir outra missão em sua viagem: ele trazia consigo um pedido feito pelo Adido Cultural da França no Rio de Janeiro, Romaric Büel, para propor, na França, a retomada histórica das Missões Francesas ao Brasil. Tratava-se, dessa maneira, de observar tanto o cenário da reforma urbana e paisagística no Rio, quanto as condições para proposições produtivas no intercâmbio entre os dois países⁶⁴.

Segundo Gautier (2014), logo ao chegar ao Rio de Janeiro e em visitas à Bahia e Minas Gerais, ele ficou encantado com a riqueza do patrimônio histórico, sobretudo diante de obras representativas do Barroco brasileiro. A partir de então, estabeleceu como meta que, ao retornar a Paris, enviaria esforços para a realização de eventos em que pudesse apresentar ao público francês um pouco da arte brasileira. No ano 2000, isso se tornou possível, quando dirigiu, pessoalmente, a exposição sobre o **Barroco Mineiro no *Petit Palais***. E, graças ao sucesso deste evento – que contou com a presença de um grande público, o governo de Jacques

⁶³ O Brasil dança com o futuro. É nesse país-continente que se encontram os próximos desafios do planeta. (Revista Match du Monde, n.1, 2005, tradução nossa).

⁶⁴ Entrevista concedida por GAUTIER, Jean I. [novembro, 2014]. Entrevistadora: Clarice Cristine Ferreira Menezes. Paris (França): 2014. 1 arquivo .mp3 (60min). A entrevista na íntegra encontra-se no Anexo desta Tese, em mídia eletrônica – CD ROM.

Chirac (1995-2007) manifestou-se favorável a que o Brasil fosse indicado como o país a ser homenageado, em 2005, durante a ***Saison Culturelle Française***.⁶⁵

Entretanto, o *Quai d'Orsay*, organismo responsável por tais temporadas, encontrava-se em plena modificação. Isso se faria notar pela transformação organizacional dos mecanismos responsáveis pelas *Saisons Culturelles*: a Associação Francesa de Ação Artística (AFAA) – organismo conjunto entre o Ministério de Instrução Pública e o Ministério de Relações Exteriores – existente, formalmente, desde 1934 – transformar-se-ia, em 2006, na **Associação para Difusão do Pensamento Francês** (2006). Esta, por sua vez, seria alterada para **Cultures France** e, por fim, se transformaria, em 2010, no **Institut Français**.

Do lado brasileiro, por motivos diversos, as atividades do organismo responsável pelas ações culturais caminhavam muito lentamente e não davam conta de responder de forma ativa ao convite francês. Vale lembrar que 2001 o então presidente Fernando Henrique Cardoso encontrava-se no penúltimo ano de seu mandato. A força política do seu governo estava em declínio, prenunciando a possível derrota eleitoral do seu partido e do candidato por ele apoiado. Sem entusiasmo e mesmo com iniciativas voltadas mais para o cenário interno do país, parece-nos que não houve real engajamento da embaixada brasileira, principalmente do Adido Cultural, ao convite formulado pela França. Aliás, o que parece ter ocorrido foi certo abandono de iniciativas⁶⁶, em que o Embaixador Marcos Azambuja e sua auxiliar Helena Gasparini teriam deixado o projeto descontinuado até o início de 2003, quando toma posse, então, o novo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Dessa maneira, verificamos que a preparação do **Ano do Brasil na França** se deu em um cenário de transição e de crise⁶⁷ tanto no caso do governo francês, quanto no caso do governo brasileiro.

Considerando a conjuntura aqui apresentada, este capítulo trata da construção da temporada cultural brasileira na França tendo em vista a compreensão de todo o processo em ambos os países. Para tanto, ele está dividido em três partes.

⁶⁵ A tradução mais utilizada para *Saison Culturelle* é temporada cultural. Em nosso trabalho, utilizaremos, doravante, ambos os termos como intercambiáveis.

⁶⁶ Que se assemelharia à falta de interesse pelo setor cultural do Ministério de Relações Exteriores (MRE), exposta diversas vezes pelo então Embaixador Edgard Telles Ribeiro, durante as décadas de 1980 e 1990.

⁶⁷ No Brasil, a crise do Mensalão e, na França a crise *des banlieus*.

Na primeira delas, tratamos da conjuntura doméstica na França no período que antecede à *saison culturelle* brasileira. Apontaremos as alterações do modelo francês de diplomacia cultural, tendo em vista a necessidade de rearticular as políticas de representação do país no exterior e de resolver conflitos remanescentes do fim da colonização, tais como o seu próprio modelo de integração. Verificamos, então, como a temporada brasileira em 2005 tinha um objetivo de conciliação identitária para o governo francês, baseado no discurso de compreensão multicultural do Brasil.

Na segunda parte do capítulo, tratamos basicamente da conjuntura brasileira no período anterior à construção do **Ano do Brasil na França**. Para tanto, apontamos a busca histórica do Brasil em participar da Sociedade Internacional e como a questão cultural nela se insere. Realçamos que o discurso brasileiro apresentava características de país autônomo e que se beneficiava do afastamento da França em relação aos Estados Unidos, principalmente no âmbito das Nações Unidas, para angariar um novo parceiro. E, nesse sentido, o **Ano do Brasil na França** foi um projeto que recebeu grande atenção do governo Luíz Inácio Lula da Silva que, unindo o Ministério da Cultura e o Ministério das Relações Exteriores, formulou como estratégia a busca de traduzir para o plano internacional a ideia de um Brasil plural, de uma terra de todas as raças e de todos os gostos.

O engajamento pessoal do ex-presidente Lula em tal projeto e a formação de uma equipe de pensadores e estrategistas da cultura brasileira auxiliaria nesse ponto. Era necessário que Brasil e França se compreendessem na mesa de negociações: discursos e temas culturais deveriam ser interpretados minimamente da mesma forma pelos dois países.

Nessa parte do capítulo vemos, ainda, como a preparação para o **Ano do Brasil na França** seria inserido em um projeto mais expressivo de união entre Brasil e França no campo internacional, em iniciativas como a **Aliança contra a Fome**, o **apoio francês às demandas do G-20**, o realce da liderança brasileira entre um grupo de países em desenvolvimento, e, finalmente, a formação de uma parceria estratégica entre os países.

A terceira parte de nosso capítulo é, talvez, a mais ilustrativa do mesmo: trata do orçamento e da escolha dos eventos realizados na tentativa de representar o Brasil na França. Foram projetos que se desdobraram em mais de 25.000 manifestações culturais na França (AMARAL, 2008, p. 11), das grandes cidades aos

pequenos vilarejos, durante todo o ano de 2005. A partir da coleta de dados divulgados por veículos da mídia impressa, televisiva, radiofônica e eletrônica na França em 2005, tentamos compreender como se organizou o ano das brasilidades no país da **Igualdade, Liberdade e Fraternidade**.

Como veremos, a temporada brasileira foi considerada a maior até então produzida na França, pelos esforços empenhados pelos dois governos e suas respectivas diplomacias e demais organismos na sua construção; pelo apoio financeiro oferecido por instituições públicas e privadas para a realização dos projetos e cumprimento do cronograma orçamentário; pelo engajamento de diversos organismos governamentais do Brasil e da França, para a estruturação da temporada cultural; e, sobretudo, pelo grande número de eventos organizados no ensejo da *saison culturelle* brasileira.

Para se ter uma ideia acerca da tipologia aplicada a alguns eventos realizados, bem como sobre a variedade de cidades em que ocorreram, destacamos, a seguir, alguns exemplos que foram retirados da longa lista disponibilizada ao público pela AFFA. Em nossa percepção, a tabela abaixo contribui também para que se evidencie o objetivo dos Comissariados em tematizar, sobretudo, a diversidade cultural brasileira.

Tabela 1 – Tipologia de eventos e as cidades que os receberam

(Continua)

Tipologia	Eventos	Cidades
Eventos musicais	<i>Musiques Populaires Brésiliennes/</i> Músicas Populares Brasileiras	Paris/La Villette
	<i>Museques Métisses /</i>	Angouleme, Les Chais
	Viva Brasil	Magellis, Ilê de Bourguines Paris
Arte Contemporânea	Traços da Bahia	Champigny-sur-Marne
	<i>Fil Rouge</i>	Avignon, Nice, Montpellier
	<i>Dialogues avec la nature:</i> <i>hommage a Frans Krajcberg</i>	Paris
	<i>Les images de l'inconscient</i> <i>Territoires transitoires</i>	Paris Paris

Tabela 1 – Tipologia de eventos e as cidades que os receberam

(Conclusão)

Tipologia	Eventos	Cidades
Fotografia	Canudos – <i>traces et mémoires</i> <i>d'une reolte dans le sertão</i>	Montpellier

	<i>brésilien</i>	Pontoise
	Nação Caiapó	
	O Cruzeiro, <i>un magazine au service de la modernité et de l'identité nationale brésilienne</i>	Toulouse
	Sebastião Salgado: <i>territoires et viés</i>	Paris
Colóquios e Eventos literários	<i>Le Brésil acteur global</i>	Paris (Lula)
	<i>Festival Etonnants Voyageurs</i>	Saint Malo
	<i>Regards sur la télévision: les telenovelas – l'emprise de la fiction</i>	Paris
	<i>Brésil: la diversité comme identité</i>	Paris
	<i>Le Brésil dans l'imaginaire français: de Jules Verne a Georges Bernanos</i>	Paris
	<i>Journée de l'Indien</i>	Guyane
Exposições patrimoniais	Popular no Barroco e Barroco no Popular	Chambery
	"Brasis" em Movimento: <i>trois siècles d'art brésilien</i>	Ruen
	<i>L'Univers de la littérature de cordel, Les bidules de Maître Molina</i>	Paris
Arquitetura	<i>Bule Marx est parmi nous</i>	Chaumont sur Loire
	<i>Le Corbusier no Rio</i>	Paris
	<i>Favelité</i>	Paris
Dança, Teatro	Circo Paradisio	Port de Bouc; Chesbourg e outras cidades
	<i>Groupe Lume</i>	"Bords de scene" (Paris)
	Giramundo	Charville-Mezieres, dentre outras cidades
Cinema, audiovisual	Jangada, <i>circulation de films</i>	Paris, Rouen e outras cidades
	Festival de Cannes; <i>Le nouveau cinema brésilien</i>	Paris
	Viva Brasil	
Grandes eventos	<i>Manger le Brésil</i>	Paris – Charles Pompidou
	<i>Orfeo fête le Brésil</i>	Paris, Grenoble
	<i>Frénétique Brésil</i>	Grenoble, Seyssins, Meylan
	<i>La mode vit plus Brésil</i>	Paris

Fonte: DADOS DA PESQUISA.

Dentre os eventos programados, iremo-mos deter mais detalhadamente nas atividades relacionadas às festividades do 14 de julho de 2005, com o desfile militar brasileiro nos *Champs Elysées*, ou seja, em espaço compartilhado com a força militar francesa – um acontecimento inédito na relação entre os dois países – e a apresentação da esquadrilha da fumaça, sem esquecer, obviamente, de atividades civis e lúdicas de igual importância, como a queima de fogos de artifícios na Torre Eiffel e o espetáculo verde-amarelo que isso pôde propiciar. Outro ponto que nos interessará bastante é a construção do Espaço Brasil – território autônomo edificado por trabalhadores brasileiros enviados para a construção da brasilidade na França.

É fundamental ressaltar que toda a produção midiática que serviu de fonte à presente pesquisa compreende um importante registro do fenômeno (**O Ano do Brasil na França**) e um conjunto de práticas discursivas, sobretudo das mídias francesas que contribuem para que possamos, efetivamente, compreender as diversas práticas sociais que se desenrolaram naquele período em torno de temáticas da diplomacia cultural. Além disso, é importante ressaltar que, além das vozes destacadas pelos dispositivos midiáticos, estaremos compartilhando também informações advindas de entrevistas e depoimentos com personalidades importantíssimas para desenvolvimento bem sucedido da programação de atividades do **Ano do Brasil na França**, dentre as quais destacamos:

Tabela 2 – Personalidades entrevistadas para a pesquisa

(Continua)

Nome	Função	Papel desempenhado no evento
Andre Midani	Produtor Musical	Comissário Geral (Brasil)
Celso Amorim	Ministro das Relações Exteriores – Brasil	Ministro das Relações Exteriores do Brasil

Tabela 2 – Personalidades entrevistadas para a pesquisa

(Conclusão)

Nome	Função	Papel desempenhado no evento
Dominique Dreyfus	Jornalista	Responsável pela exposição <i>Musique populaire brésilienne</i>
Edgard Telles Ribeiro	Embaixador - Brasil	Membro do Comissariado brasileiro - MRE
Jean Gautier	Embaixador - França	Comissário Geral (França)
Jean-Pierre Guis	Vice-prefeito do 12eme <i>arrondissement</i> de Paris	Responsável pelo desenvolvimento das atividades culturais locais relacionadas ao Brasil
Michel Riaudel	Professor Universitário - Université de Poitiers	Responsável pela direção dos colóquios e seminários
Moema Salgado	Cientista política - responsável de projeto	Membro do Comissariado brasileiro - Cordenadora das Relações Institucionais
Pierre Rivaz	Professor Universitário - Université Paris X	Responsável pela direção dos colóquios e seminários
Roberto Chaves	Produtor Cultural	Responsável pelo evento <i>Lavage de la Madeleine</i>

Fonte: DADOS DA PESQUISA.

3.1 Diplomacia e conjuntura política francesas no período prévio ao Ano do Brasil na França

“La France a le sentiment d’être une nation prééminente dans le domaine des réalisations et des aspirations culturelles, en même temps, qu’elle l’est par sa reputation.”

(AKIRA IRYE, 2002)⁶⁸

Como salientamos no primeiro capítulo, o modelo francês de diplomacia cultural, por ser a primeira tentativa de um Estado-Nação de garantir projeção internacional a partir de fatores culturais, foi também, exemplo para a maioria dos países. Desenvolvido a partir do século XVIII, esse modelo, que havia garantido à França o apoio entre a intelectualidade internacional – bastante influenciada pela cultura e civilização francesas –, entrou em crise quando as alterações provenientes do final da 2ª Guerra Mundial sedimentaram-se. Dessa forma, o reordenamento internacional, advindo do fim dos períodos de colonização e da Guerra Fria, marcou o momento de maior declínio do modelo francês clássico de diplomacia cultural. As alterações na estrutura social da França demandavam atenção e um ajuste das políticas domésticas, inclusive a cultural, em decorrência das ondas migratórias das décadas anteriores e da política de integração francesa. Assim, tendo em vista a afirmação de Pascal Ory (2002, p. 22) de que o estudo da diplomacia cultural de um país como a França nos permite interrogar sobre sua identidade cultural e suas crises, percebemos a correlação conjuntural entre a crise interna da sociedade francesa e o colapso de seu modelo de diplomacia cultural, em que se pese sua política de *rayonnement*⁶⁹.

⁶⁸ A França tem o sentimento de ser uma nação proeminente no domínio das realizações e das aspirações culturais, ao mesmo tempo em que ela o é, por sua reputação. (AKIRA IRYE, 2002, p. 182, tradução nossa).

⁶⁹ A política de influência cultural da França no mundo era baseada em um modelo de “irradiação”, ou seja, de ampla disseminação geográfica de sua cultura. Essa política apoiava-se, então, em fatores como língua, arte, cultura, civilização e em sua tradição diplomática de forma a reforçar constantemente a imagem de refinamento e a influência francesas no mundo. Estabelecendo o francês como a língua da diplomacia e das elites cultivadas internacionalmente, o Estado francês aproveitava seus atrativos culturais para criar uma aura de singularidade cultural – ou *exception culturelle* – no mundo. Apontava-se, então, o modo de vida, arte e literatura franceses como pontos de atração a serem articulados pelo Estado em seu favor.

Inicialmente, como observa Robert Frank (2012, p. 375), a sólida máquina diplomática, previamente criada, possibilitava que o “braço” artístico e cultural francês⁷⁰, a Associação Francesa de Ação Artística – AFAA, criada em 1922, intensificasse a presença francesa no mundo de forma unilateral, o que caracterizava a dita política de *rayonnement*, esplendor/radiação. Tal prática fazia-se necessária em um mundo entre guerras e colonizações, no qual a França insistia em manter sua posição de hegemonia cultural e a imagem de pilar civilizatório. Em 1936, durante sua estadia em Bucareste, Alphonse Dupront⁷¹ observava a tensão existente na Romênia no período entre-guerras. Para ele, o “[...] método de *rayonnement* francês seria uma das possibilidades de salvar a cooperação intelectual internacional [...] por fecundar a confiança e a amizade.” (DUPRONT, 1936, p. 1165). A AFAA tinha, então, um papel bastante importante no período: partia-se do princípio que a Associação, enquanto mecanismo cultural francês, teria o poder de auxiliar na geração da paz entre os países. Essa política francesa, entretanto, estava mais baseada na proposição de que a cultura e civilização francesas seriam benéficas para o mundo do que em uma relação de troca recíproca.

Foi somente no pós 2ª Guerra Mundial e durante a Guerra-Fria que se repensaria a tipologia das práticas utilizadas para alcançar uma diplomacia cultural fundada no princípio de intercâmbio recíproco entre os países e, como ressalta TRIMBUR (2012, p. 19), perceber-se-ia a adaptação das políticas culturais francesas às situações mundiais e locais particularmente cambiáveis no século XX. A cultura do poder, buscada pela França durante o século XVIII e até meados do século XX, dava lugar a uma política de trocas culturais em vias de mão dupla, com o objetivo de compreensão mútua. E, naquele momento, várias nações buscavam, de uma forma ou de outra, entrar no domínio da diplomacia cultural: a Grã-Bretanha com o *British Council*, os Estados Unidos com sua política antissoviética e a criação do Programa *Fullbright*, os soviéticos com a VOKS – sociedade para intercâmbios culturais entre a URSS e demais países. Enfim, todas as grandes potências haviam, de alguma forma, percebido a diplomacia cultural como forma de adquirir poder de modo menos dramático. Como observa Frank (2003, p. 332), a busca pela

⁷⁰ AUTISSIER, A.M. A ação artística da França no mundo. *Le Monde diplomatique*. Novembro 2008. Disponível em: <<http://www.monde-diplomatique.fr/1998/11/AUTISSIER/49472>>.

⁷¹ Historiador e conselheiro cultural francês, foi diretor do Instituto Francês de Altos Estudos na Romênia de 1933 até 1941.

penetração da cultura e civilização francesas cobria todos os territórios, mesmo os mais distantes, sendo uma instrumentalização do cultural na busca por influência na cena internacional.

A partir de 1956, segundo Robert Frank (2003, p. 331), percebe-se outra segunda fase da diplomacia cultural francesa, voltada, mais especificamente, para as ex-colônias, em uma tentativa de criar mecanismos de cooperação técnica e manter, ao mesmo tempo, a cultura e civilização francesas em seu estatuto civilizatório: a *francophonie*⁷² assumia, assim, o posto do neocolonialismo (VAISSE, 1998, p. 317).

Essa relação foi conflituosa a partir do momento em que os países recém-descolonizados percebiam que, na cultura e civilização francesas disseminadas pela AFAA, a cultura de seus países de origem era, puramente, esquecida, de maneira proposital ou não. Se a *francophonie* era aceita por outros países, aqueles que haviam pertencido à França reivindicavam seu *status* cultural.

Em 1959, Andre Malraux, enquanto Ministro da Cultura Francesa, foi enviado ao Brasil com o intuito de desenvolver um plano de relações culturais que pudesse satisfazer ambos os países, bem como outros países da América Latina. Na ocasião, ele dizia:

O Brasil, para os países europeus, é a pátria da esperança e do poder. [...] A minha vinda a este país se prende a dois pontos de grande importância, visando o seu desenvolvimento cultural de grande interesse para a França que espera muito desta grande nação sul-americana a ela ligada por vínculos mais profundos do que a simples cordialidade diplomática (MALRAUX, 1959)

Percebemos, então, que as mudanças no Ministério das Relações Exteriores na França são, na verdade, alterações gerais, tendo em vista a modernização da diplomacia cultural do país e que o Brasil ocupava, junto a outros países, lugar de destaque na diplomacia cultural francesa.

⁷² O termo *francophonie* foi utilizado pela primeira vez pelo geógrafo francês Onésime Reclus, em 1880, para designar os espaços geográficos nos quais o francês era falado. A noção tem dois sentidos: trata dos governos, países ou instâncias oficiais em que o francês é língua oficial e dos povos ou grupos de locutores que utilizam o francês para comunicar. Durante grande parte do século XX, além do sentido linguístico, o termo tinha, também, um sentido figurado, indicando língua, cultura e civilização da França.

Entretanto, a partir de 1969 a crise financeira chegaria ao Ministério das Relações Exteriores de tal forma que a França não seria capaz de enviar adidos culturais a todas as suas embaixadas, sendo obrigada a fazer escolhas estratégicas (FRANK, 2003, p. 339). A Direção Geral de Relações Culturais começa, então, a utilizar o cinema como vetor principal de sua diplomacia cultural: *Brigitte Bardot*, novo ícone nacional, torna-se grande substrato da diplomacia cultural francesa à época. A língua francesa, nesse momento, continua a ser o ponto principal da estratégia cultural do país.

Ao fim da Guerra Fria, todos os conflitos já existentes sobre a cultura e civilização francesas ganham ainda mais força, de forma que seria necessário repensar a diplomacia cultural do país tendo em vista dois caminhos: a língua e a cultura.

Nossa hipótese é de que, naquele momento, a escolha foi feita pela cultura, transformando a *francophonie* em algo mais amplo, com a participação das ex-colônias e demais países onde o francês exercia papel de destaque. Entretanto, essa escolha ainda não estaria totalmente efetivada mesmo nos dias atuais: as *saisons culturelles*, antes ponto forte da diplomacia cultural francesa, tinham perdido grande parte de sua importância entre os anos 1990 e o início dos anos 2000, o que levava a França a questionar sua estratégia de diplomacia cultural. Curiosamente, a realização do **Ano do Brasil na França** significou, para o país, a potencialização da sua diplomacia cultural, que ainda passou por mudanças organizacionais em 2006. Quando a AFAA e a Associação para Difusão do Pensamento Francês deram lugar à *Culturesfrance* na tentativa de renovar a ação cultural da França no mundo e, em 2010, quando a própria *Culturesfrance* foi reestruturada, dando vida ao *Institut Français* – organismo que tem por princípio a continuidade de uma rede cultural francesa calcada na liberdade de expressão e na compreensão do contexto de globalização no qual vivemos.

Figura 4 - Representação iconográfica da agência de diplomacia cultural francesa de 1922 a 2005



Fonte: INSTITUT FRANÇAIS, 2015.

Figura 5 - Representação iconográfica da agência de diplomacia cultural francesa de 2006 a 2010



Fonte: INSTITUT FRANÇAIS, 2015.

Figura 6 - Representação iconográfica da agência de diplomacia cultural francesa desde 2010



Fonte: INSTITUT FRANÇAIS, 2015.

Percebemos, nas imagens acima, como a alteração do logotipo tem também um significado a ser estudado. Há, na alteração nominal e estética, uma tentativa de reconfigurar a estratégia cultural francesa: de sua circunscrição centralizadora na França, passando pelo reconhecimento das diferenças culturais dos países

francófilos até a criação de um instituto – vinculando o nome à academia – que trataria de todas as atribuições científico-culturais relacionadas à língua francesa.

Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que, desde a primeira década do século XXI, a França vem passando por um conflito latente entre imigrantes de primeira e segunda geração, moradores das periferias, demonstrando a existência de, pelo menos, dois mundos sociais. Várias reivindicações e jornadas de luta contra discriminação emergiram neste sentido⁷³, sem que fossem alcançados os resultados esperados. Isso acontece porque, de certa forma, nunca houve integração desses dois mundos; os jovens imigrantes continuavam confinados à periferia da sociedade francesa, sendo as discriminações raciais ainda constantes e prementes.

Tendo em vista a necessidade de rearticular o modelo de integração francês, à luz das alterações sociais que se tornaram ainda mais evidentes na virada do século XXI, o recente exemplo brasileiro de questionamento sobre sua identidade nacional e questões relativas à mestiçagem e ao multiculturalismo apontavam, para a França, possibilidades de repensar seu arquétipo de integração social.

De fato, a passagem da ética do silêncio (MATTOS, 1995) estabelecida com a tese de uma democracia racial brasileira, apoiada pelo Estado para a denúncia do racismo e questionamentos sobre as relações entre raça, cultura e sociedade no Brasil tornou-se um dos temas centrais nos debates sobre a identidade nacional no país tendo, também, reverberação internacional. Ressalta-se, aqui, o papel da Constituição Federal do Brasil aprovada em 1988 que, de alguma forma, havia aberto o debate para se pensar as imbricações entre raça e cidadania no Brasil⁷⁴. Abria-se espaço para uma série de questionamentos sobre a relação entre raça, justiça e igualdade social. Como observa Donna Van Cott (2000 *conforme* GUIMARÃES, 2006), o modelo constitucional brasileiro, considerado multicultural pós 1988 se fundamentaria em:

⁷³ Sobre o assunto, Cf. FASIN, D. Conflitos do outono de 2005 na França. **Tempo Social**, Revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 18, n. 2, 2006.

⁷⁴ O Artigo 5º da **Constituição Federal** trataria da prática de racismo enquanto crime inafiançável e imprescritível, além de garantir a liberdade religiosa: “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma de lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias.” (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988). No Artigo 231, tem-se o tratamento diferenciado assegurados aos índios brasileiros: “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.” (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

- 1) reconhecimento formal da natureza multicultural de suas sociedades e da existência de povos indígenas como coletividades sociais e subestatais distintas;
- 2) reconhecimento das leis consuetudinárias dos povos indígenas como leis públicas e oficiais;
- 3) direito à propriedade coletiva com restrição à alienação ou divisão de terras comunitárias;
- 4) status oficial para línguas indígenas em unidades territoriais de residência; e
- 5) garantia à educação bilíngue. No caso brasileiro, precisaríamos acrescentar um sexto elemento ao modelo: reconhecimento do racismo como um problema nacional. (VAN COTT 2000 *conforme* GUIMARÃES, 2006, p. 273).

As alterações constitucionais foram, então, pontos-chave no reconhecimento das minorias no Brasil, abrindo o campo de debates sobre as consequências sociais da tese sobre a democracia racial e a necessidade de reconhecer a forte discriminação racial presente no país, onde estigmas relacionados à cor passavam por um processo de abrandamento. É nesse sentido que o novo multiculturalismo brasileiro e as políticas de ação afirmativa – que tiveram início no governo Fernando Henrique Cardoso e se estabeleceram durante os dois mandatos do governo Lula – apareceriam, para a França, como possíveis pontos de discussão no debate sobre cidadania e integração social entre os próprios franceses.

A realização do evento o **Ano do Brasil na França**, inscrevia-se, então, na lógica de discussão sobre os rumos da sociedade francesa no século XXI. Ao demonstrar a experiência multicultural brasileira e a convivência administrada de vários “Brasis”⁷⁵, o objetivo era, então, mostrar para os jovens franceses a possibilidade de um país integrado, em que o multiculturalismo havia conquistado o lugar da civilização sem cisões do refinamento criado por portugueses e, também, durante grande parte da república no Brasil.

⁷⁵ Embora essa seja a ideia passada pelo evento, enquanto pesquisadores brasileiros, devemos admitir que a existência de vários Brasis não culminou na existência de um país sem preconceitos e, muito menos, sem que os jovens negros e pardos ocupem exatamente essa periferia francesa. No nosso caso, principalmente nas periferias e favelas.

3.2 Conjuntura brasileira no período prévio ao Ano do Brasil na França

Vous êtes des hommes de sentiments élevés, vous êtes une généreuse nation. Vous avez le double avantage d'une terre vierge et d'une race antique. Un grand passé historique vous rattache au continent civilisateur: vous réunissez la lumière de l'Europe au Soleil de l'Amérique

(VICTOR HUGO em **Lettre aux Brésiliens** conforme Marchand; Héros, 1889, p. 3-4).⁷⁶

No caso brasileiro, a diplomacia cultural ocupou, historicamente, um espaço bastante restrito. Embora a vontade de participar do grupo das grandes potências houvesse feito com que, desde o Império, o Brasil procurasse participar das exposições e demonstrar sua capacidade diplomática e de inovação, essa busca por participação não era definida a longo prazo, mas muito mais em eventos pontuais, nos quais a diplomacia brasileira via-se à frente de um nicho de possibilidades.

Durante entrevista concedida, o Ministro Celso Amorim, mencionou sua participação na pasta de Assuntos Culturais do Ministério das Relações Exteriores entre 1987 e 1989 – setor que, como ressaltou o Ministro, era bastante desvalorizado dentro do Itamaraty, sendo estigmatizado como “o enterro diplomático” para alguns colegas de profissão do Ministro⁷⁷, algo, para ele, digno de anedota. Dedicando-se à pasta cultural, Amorim buscou impulsionar outra dinâmica, em que, segundo menciona, promoveu diversos eventos de diplomacia cultural envolvendo, principalmente, países da África, por considerar que as relações do Brasil com aqueles países deveriam ser sedimentadas. Dentre as diversas ações e projetos desenvolvidos, destacam-se também a promoção do **I Festival Brasileiro em Guiné Bissau**, a criação de **Centros de Cultura Brasileira**, a visita a Gana e, o que o Ministro considera o maior passo para o período: o aluguel de um espaço que viria a ser o Centro Cultural do Brasil em Moçambique, em 1989. A importância do espaço pode ser respaldada pelo Ministro quando, em leitura de um jornal em

⁷⁶ Vocês são homens de sentimentos elevados, vocês são uma uma nação generosa. Vocês possuem a vantagem dupla de uma terra virgem e de uma raça antiga. Um grande passado histórico os liga ao continente civilizador: vocês reúnem a luz da Europa ao sol da América. (VICTOR HUGO em **Lettre aux Brésiliens** conforme MARCHAND; HÉROS, 1889, p. 3-4, tradução nossa).

⁷⁷ Entrevista concedida por AMORIM, C. L. Nunes. Rio de Janeiro, 2015. A entrevista, na íntegra, encontra-se no Anexo desta Tese, em mídia eletrônica CD-ROM.

Genebra, em que se tratava da destruição de Moçambique, o jornal salientava que naquele local distante, o que se notava, ainda em funcionamento, era o Centro Cultural Brasileiro. Perguntado sobre as relações estabelecidas com países do Primeiro Mundo naquele momento, o Ministro salientou que seu propósito na Secretaria havia realmente sido a formação de laços com países do Sul, principalmente lusófonos, uma vez que os países do Primeiro Mundo que se interessavam pelo Brasil já propunham eventos, como no caso do Projeto França-Brasil, que tratamos no primeiro capítulo.

O que se percebe é que, apesar da tentativa brasileira de construir um cenário profícuo para o desenvolvimento de sua diplomacia cultural, durante o período que se estende do início da República até o fim dos anos 1990, houve dificuldades para o estabelecimento, o gerenciamento e o financiamento de tais estratégias. Esse fenômeno estava relacionado à preocupação com outros assuntos da alçada do Ministério das Relações Exteriores, em especial vinculados ao comércio e à estabilidade econômica proveniente do financiamento externo. Sendo assim, mesmo possibilidades abertas por outros países, como o convite Francês de Homenagem ao Brasil no Salão do Livro de 1998, foram tratadas como secundárias, sem um verdadeiro engajamento do Ministério das Relações Exteriores. O assunto cultural continuaria a ocupar um lugar periférico.

Assim, em 2001, quando o Brasil foi formalmente convidado⁷⁸ para, em 2005, ser o país homenageado, no âmbito das *saisons culturelles* francesas, o que

⁷⁸ Podemos notar que existem versões diferentes sobre de quem teria sido a proposta do Ano do Brasil na França. Para o diplomata brasileiro Ruy Amaral: “Foi do Itamaraty a iniciativa de propor ao Governo francês, por intermédio de carta de 19 de dezembro de 2000, do Ministro de Estado das Relações Exteriores, Embaixador Luiz Felipe Lampreia, a seu homólogo francês, Hubert Védrine, a realização de uma temporada cultural do Brasil na França, que teria por núcleo central a Mostra do Redescobrimento: Brasil + 500. Anteriormente, o Embaixador do Brasil na França, Marcos de Azambuja, solicitara e recebera autorização para abordar junto ao Governo francês a realização de uma temporada cultural brasileira, possivelmente em 2004. A ideia havia sido aventada, segundo Amaral, informalmente por Olivier Poivre d’Arvor, Diretor-Geral de *Cultures France*, então AFAA – *Association Française d’Action Artistique*, quando de sua viagem a São Paulo, em meados de 2000, para visitar, no Ibirapuera, a exposição comemorativa dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. Exigiu perseverança do Embaixador Marcos de Azambuja para lançar a iniciativa que enfrentou, num primeiro momento, duas frentes de hesitação e relutância. De um lado, o Governo francês que, conforme mencionado, chegou a considerar esgotado o modelo das temporadas culturais estrangeiras e cogitou extingui-lo. De outro, o Governo brasileiro que julgava o projeto demasiadamente ousado e ambicioso. Uma vez formalizada, a proposta brasileira recebeu pronta acolhida. Em 26 de janeiro de 2001, o Ministro Hubert Védrine respondeu positivamente ao novo Chanceler Celso Laffer, contrapondo o ano de 2005. O convite foi oficializado pelo Primeiro Ministro Lionel Jospin, quando de sua visita oficial ao Brasil, em abril de 2001. Em dezembro do mesmo ano, por decreto presidencial, o Embaixador Marcos de Azambuja foi nomeado Comissário-Geral brasileiro do Ano do Brasil na França, cargo que ocupou até janeiro de 2004, quando pediu seu

se notou foi um certo desconforto: faltavam dinheiro, estrutura, programas de ação e equipe, conforme salientou Moema Salgado⁷⁹. Talvez, por esse motivo, o projeto tenha ficado “engavetado” até 2004, quando da alteração do Comissário Geral. Ou seja, o Embaixador Marcos Azambuja, percebido pelo diplomata Ruy Amaral como o proponente do **Ano do Brasil na França**, e sua assistente no Projeto, a diplomata Helena Maria Gasparian, pediram a finalização de seus mandatos em janeiro de 2004 sem que nada para o ano seguinte houvesse, de fato, sedimentado-se.

A partir do afastamento de Marcos Azambuja, o projeto ganhou um novo curso. Por iniciativa do então Ministro da Cultura Gilberto Gil e o apoio do Ministério das Relações Exteriores e da Assessoria da Presidência da República, o empresário Andre Midani foi indicado para o Comissariado Geral do Ano do Brasil. Midani, responsável por grande parte da participação de cantores brasileiros nos festivais ocorridos no exterior a partir da década de 1960 e pela discografia de Gil desde os anos 1970, não hesitou em aceitar o convite, apesar de avaliar o curto espaço de tempo (apenas um ano) que teria para a programação, contatos e planejamento de todas as atividades. Não havia nada ainda acertado. Ao seu lado, estaria o Embaixador Edgard Telles Ribeiro que, desde a década de 1980, buscava, no âmbito do MRE, um espaço de maior destaque para a Diplomacia Cultural e tinha grandes ideias para mostrar como a diplomacia cultural seria um espaço de projeção e de acordos financeiros positivos para o Brasil. Moema Salgado foi então convidada pelo Embaixador Edgard Telles Ribeiro, não mais como voluntária, a compor o Comissariado Brasileiro para o **Ano do Brasil na França**.

É importante notar que o projeto do **Ano do Brasil na França**, que Ruy Amaral considerou como uma iniciativa brasileira, era, na verdade, uma continuidade das solenidades ocorridas no Brasil no ano 2000 como forma de homenagear

afastamento. Foi sua a iniciativa de fazer gestões, a partir de março de 2003, para que o desfile militar de 14 de julho de 2005 contasse com a participação de unidades das Forças Armadas Brasileira e para que o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva fosse convidado a co-presidir a cerimônia ao lado do Presidente da República Francesa. Entre março de 2003 e janeiro de 2004 ocupou o cargo de Comissário-Geral Adjunto o curador Emanuel Araújo. O comissariado francês somente foi nomeado no início de 2003. Em sua presidência, foi empossado Jean Gautier, egresso da *Ecole Nationale d'Administration* (ENA), *Maître de la Cour de Comptes* e ex-Diretor de Assuntos Culturais da Cidade de Paris. Para o cargo de Comissário-Geral, foi designado Jean François Chouquet, então Diretor-Geral de *La Villette*, também ex-aluno da ENA, que exercera previamente as funções de Administrador do Centro Georges Pompidou e de curador associado da Bienal de São Paulo de 1998. (AMARAL, 2008, p. 52-53).

⁷⁹ Entrevista concedida por SALGADO, M. [dezembro; 2014]. Entrevistador: Clarice Cristine Ferreira Menezes. Rio de Janeiro, 2014. 1 arquivo mp3 (XXmin). A entrevista, na íntegra, encontra-se no Anexo desta Tese, em mídia eletrônica: CD-ROM.

Portugal na passagem dos “500 anos de descobrimento”. Nesse caso, a França, que em 1503 havia começado a entrar em solo brasileiro, seria também homenageada pelo viés do “descobrimento” – que, em nossa leitura, chamamos de colonização.

Os vários eventos ocorridos no Brasil em 2000, com o propósito de enaltecer a colonização, já tinham gerado problemas no interior do país – citamos, aqui, a ocupação indígena em Santa Cruz de Cabralia como forma de protesto⁸⁰. Dessa forma, a proposta de **Redescobrimento: Brasil + 500** feita pelo Brasil teria pouco eco na França naquele período. Primeiramente, como bem observa o autor, porque a França estava repensando sua estrutura de diplomacia cultural, debatendo exatamente a continuidade das *saisons culturelles*. Outro ponto importante é que normalmente cabe à França escolher o país a ser homenageado em suas *saisons culturelles* com um período anterior mínimo de entre quatro e cinco anos, para que todos os preparativos possam ficar prontos a tempo, evitando alterações durante o ano. É preciso levar em conta a reserva dos museus, a publicização dos eventos – acordos com jornais, rádios e emissoras televisivas – e, principalmente o orçamento do evento, garantindo investidores.

Além disso, há que se lembrar do fato que, entre novembro de 1999 e fevereiro de 2000, a França já havia feito uma homenagem ao Brasil. Justamente aquele que seria mais tarde, pelo lado francês, o Comissário do **Ano do Brasil na França**, Jean Gautier, havia organizado uma exposição com 20 peças de Aleijadinho, nomeada *Brésil Baroque*, na qual se mostrava como a arte europeia tinha se transformado, “multiétnicizando-se” no Brasil, dando origem a algo que Gautier considerou “magistral”. Para ele, em suas visitas ao Brasil, o Barroco ficara como uma das marcas do sincretismo no Brasil – o que teria sido muito bem expresso na obra de vários artistas, sobretudo, o Aleijadinho e os traços que deixou em cidades mineiras como Ouro Preto e Mariana, enquanto ambientes de exposição de suas peças.

Dessa forma, há que se sublinhar a grande diferença entre o projeto proposto pelo Brasil em 2000, no qual havia a tentativa de retomar a “civilidade”

⁸⁰ Uma grande quantidade de indígenas se reuniu na aldeia Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabralia – BA. Na ocasião foram feitas diversas críticas à política indigenista e ocorreu a recusa a comemorar os 500 anos de descobrimento do Brasil com o governo brasileiro. O indígena Gildo Terena fez uma forma de protesto colocando-se de joelhos diante da tropa de choque da Polícia Militar do estado da Bahia, no dia 22 de abril de 2000. CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **Marcha e conferência indígena**. Fonte: CIMI: Brasília, 2000.

européia proveniente do “descobrimento” do Brasil⁸¹ e aquele apresentado e aprovado pela França em 2001, no qual enfatizava exatamente a existência das várias brasilidades: *Brésil, Brésils*.

A mudança de governo no Brasil em 2002 teve, assim, peso efetivo no projeto almejado pelos franceses. Primeiramente, porque o Presidente Lula, desde o início de seu governo – e mesmo durante campanha eleitoral –, sublinhava que não era possível falar de um único país, visto as diferenças, sejam elas de cunho econômico ou culturais, mas que era preciso perceber que esses “Brasis” deveriam conviver, aprender, partilhar suas riquezas e culturas. Como considerou o Ministro Celso Amorim, naquele momento (2004) Chanceler:

[...] a ação diplomática do Governo Lula é concebida como instrumento de apoio ao projeto de desenvolvimento social e econômico do país, possuindo, também, uma dimensão humanista, que se projeta na promoção da cooperação internacional para o desenvolvimento e para a paz. Está profundamente enraizada nos interesses e esperanças do povo brasileiro. É nacional, sem deixar de ser internacional”. São ações que *“requerem uma aproximação entre os povos e sociedades, por meio da arte, da cultura, da multiplicação da oportunidade de contato”*, baseada na vocação para o diálogo (do governo Lula) com os mais diversos atores do cenário internacional. (AMORIM 2004 citado por FERREIRA-MENEZES, 2014, p. 14).

Dessa forma, cultura e política externa deveriam caminhar em conjunto, desde o início do governo Lula, sendo determinadas por um projeto político em que o desenvolvimento nacional passa pelo discurso da diversidade cultural. Nesse sentido, a escolha de Gilberto Gil, primeiro artista negro a ser nomeado para o Ministério da Cultura (MinC)⁸², representava uma alteração, também, no conceito de cultura para o Ministério. Há de se ressaltar a participação histórica de Gil no movimento negro, sua persistente tentativa de mostrar as brasilidades como provenientes da mestiçagem, ignorando a ideia de “uma imagem”, como bem salientaram Andre Midani, Edgard Telles Ribeiro e Moema Salgado⁸³.

⁸¹ Algo que pareceria, assim, condizente com as proposições políticas do governo Fernando Henrique Cardoso no cenário internacional, em que se revelava um papel secundário e dependente do Brasil diante da Europa e dos Estados Unidos.

⁸² Sobre a nomeação de Gilberto Gil para o Ministério da Cultura, Cf. <<http://goo.gl/t2TcLM>>. Acesso em: 4 fev. 2015.

⁸³ Comentário a partir de entrevistas concedidas pelos coordenadores da equipe brasileira à frente da realização do **Ano do Brasil na França**.

O Embaixador Edgard Telles Ribeiro passaria a ocupar a pasta da Diplomacia Cultural no MRE, unindo-se, assim, o Ministério da Cultura com o Ministério de Relações Exteriores em um projeto comum de projeção da(s) brasilidade(s) no exterior, a começar pelo convite francês, transformando o trabalho que deveria durar quatro anos em um projeto mais amplo realizado em apenas um ano, em que todas as partes foram levadas a cooperar.⁸⁴

Passemos, então, ao processo de cooperação França-Brasil para a *saison culturelle Brésil, Brésils*. Abaixo, apresentamos a primeira notícia veiculada pela **Agência Francesa de Informação para o Público**, na tentativa de gerar curiosidade no público francês em relação à *saison culturelle* que começaria.

A análise do fragmento poderá esclarecer, de forma objetiva, a programação almejada para o ano seguinte, tendo em vista a realização da temporada brasileira, bem como a participação de governos e organismos públicos para a concretização da mesma.

⁸⁴ Comentário possível a partir de entrevistas com Jean Gautier, Comissário Geral da França; Edgard Telles Ribeiro, Embaixador brasileiro integrante do Comissariado; e Andre Midani, Comissário Brasileiro.

Fragmento de Informação Midiática 1 – Notícia prévia sobre o lançamento do **Ano do Brasil na França**. Divulgação feita pela Agência *France Presse* dos planos da temporada de 2005



lundi 8 novembre 2004

L'Année du Brésil en France: près de 400 spectacles et événements culturels



www.bresilbresils.org

L'Année du Brésil en France: près de 400 spectacles et événements culturels
AFP | 08.11.04 | 21h01

Près de 400 spectacles et événements culturels ont été programmés pour "l'Année du Brésil en France", en 2005, qui sera la plus grande manifestation culturelle brésilienne à l'étranger, a annoncé lundi le ministre de la Culture, le chanteur-compositeur Gilberto Gil. Gilberto Gil a présenté le calendrier des principaux événements qui incluent notamment un grand concert à Paris avec six chanteurs célèbres, dont lui-même et Caetano Veloso, une grande exposition d'art indigène et la visite du président Luiz Inacio Lula da Silva. Lula participera aux commémorations officielles du 14 juillet en tant qu'invité spécial de Jacques Chirac. Un budget de vingt millions de dollars a été consacré à l'Année du Brésil en France, financé par des industriels et les gouvernements des deux pays, a expliqué M. Gil. "Montrer le Brésil dans sa modernité et toute sa diversité", est l'objectif des divers événements culturels qui se dérouleront de mars à septembre sous le nom "un Brésil, des Brésils", a déclaré l'organisateur, André Midani. Le carnaval brésilien sera représenté dans ce qu'il a de plus moderne par le chanteur compositeur Carlinhos Brown, qui promènera en été son "trio eléctrico" (un énorme camion muni de haut-parleurs) dans les rues de Nice et de Cannes entre autres. De juin à septembre, à Paris, sera installé l'"Espace Brésil" sur le Carreau du Temple, un pavillon d'expositions de 2.400 m². Dans la Galerie Richelieu, aura lieu une grande exposition du célèbre photographe Sebastiao Salgado. "La France a choisi le Brésil pour célébrer l'amitié qui existe entre les deux pays, caractérisée par une coopération politique, économique et culturelle denses. Nous partageons une même vision d'un monde bipolaire", a déclaré l'ambassadeur de France au Brésil, Jean de Gliniasty. Le président Chirac soutient de nombreuses initiatives du gouvernement Lula dont son programme d'éradication de la faim, "Faim zéro", tout comme son aspiration à obtenir un siège permanent au sein du conseil de sécurité de l'ONU. Depuis 14 ans, la France consacre chaque année à un pays. L'Inde, l'Algérie, l'Egypte et la Chine (l'année dernière), ont figuré au palmarès.

Fonte: AFAA, 2005.

Tradução do Fragmento de Informação Midiática 1 – Notícia prévia sobre o lançamento do **Ano do Brasil na França**. Divulgação feita pela Agência *France Press* dos planos da temporada de 2005

Segunda-Feira, 8 de novembro de 2004.

O Ano do Brasil na França: quase 400 espetáculos e eventos culturais.

www.bresilbresils.org

O Ano do Brasil na França: quase 400 espetáculos e eventos culturais

AFP|08.11.04| 21h01

Quase 400 espetáculos e eventos culturais foram programados para o “Ano do Brasil na França”, em 2005, que será a maior manifestação cultural brasileira no exterior, anunciou na segunda-feira o Ministro da Cultura, o cantor e compositor brasileiro Gilberto Gil. Gilberto Gil apresentou o calendário dos principais eventos que incluem, notadamente, um grande concerto em Paris com seis cantores de renome, como ele mesmo e Caetano Veloso, uma grande exposição de arte indígena e a visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Lula participará das comemorações oficiais do 14 de julho como convidado especial de Jacques Chirac. Um orçamento de vinte milhões de dólares foi consagrado ao “Ano do Brasil na França”, financiado pelos empresários e pelos governos dos dois países, explicou o senhor Gil. “Mostrar o Brasil em sua modernidade e toda sua diversidade”, é o objetivo dos diversos eventos culturais que ocorrerão de março a setembro sob o nome “Brasil, Brasis”, declarou o organizador, André Midani. O carnaval brasileiro será representado naquilo que há de mais moderno pelo cantor e compositor Carlinhos Brown, que percorrerá no verão com seu trio elétrico (um enorme caminhão munido de alto-falantes) as ruas de Nice e de Cannes, dentre outras. De junho a setembro, em Paris, será instalado o “Espaço Brasil” no Carreau du Temple, um prédio de exposições com 2400 m². Na Galeria Richelieu, ocorrerá uma grande exposição do célebre fotógrafo Sebastião Salgado. A França escolheu o Brasil para celebrar a amizade que existe entre os dois países, caracterizada por uma cooperação política, econômica e cultural densas. Nós partilhemos uma mesma visão de um mundo bipolar, declarou o embaixador da França no Brasil Jean de Glinasty. O presidente Chirac apoia numerosas iniciativas do governo Lula como seu programa de erradicação da fome, “Fome Zero”, bem como sua aspiração em obter um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU. Há 14 anos a França consagra cada ano a um país. A Índia, a Argélia, o Egito, e a China (no ano passado) fazem parte desta lista.

Fonte: AFAA, 2005.

O que se verifica, a partir do fragmento acima, é, também, o interesse francês em compreender como o Brasil trabalhava no âmbito doméstico dois temas recorrentes na política internacional: modernidade e diversidade. Como vimos, esses temas interessavam à medida que dialogavam com as preocupações francesas a respeito da compreensão do outro e, também, de sua própria identidade em um mundo que passa por um constante processo de reestruturação.

Ao mesmo tempo, a França oferecia o reconhecimento do lugar brasileiro na Sociedade Internacional contemporânea e sublinhava as ações governamentais mais recentes como um passo adiante no intuito de fortalecer os laços de tal Sociedade: ao apoiar as ações no âmbito doméstico, como o Programa Fome Zero; e a busca pela participação mais efetiva internacionalmente – ao se ponderar sobre uma possível reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas, apoiando o pleito brasileiro a um assento permanente no mesmo.

3.3 Passamos à negociação: Quem vai? Quando vai? O orçamento...

*“Brasil!
Com quantos “Brasis”
Se faz um Brasil?
Com quantos “Brasis”
Se faz um país?
Chamado Brasil!”*

(LENINE, Sob o mesmo céu. 2005
Música-tema do **Ano do Brasil na França**)

Em entrevistas com os gestores do projeto, de ambos os lados – o Comissário Jean Gautier na França e membros ícones do Comissariado brasileiro: Andre Midani (Comissário), Edgard Telles Ribeiro e Moema Salgado –, ficou claro o quão difícil foi elaborar o **Ano do Brasil na França** em tão curto espaço de tempo.

Para o Comissário Jean Gautier, a escolha efetivada pela Presidência da República no Brasil, ao passar o Comissariado para Andre Midani foi, ao mesmo tempo, inusitada e muito feliz. Gautier, entre os elogios feitos a Midani, ressalta a sua capacidade para resolver, de maneira rápida e eficiente, os problemas colocados à mesa de negociação, sem nunca perder de vista a grandiosidade do evento. Segundo afirma, o escolhido era, ao mesmo tempo, um homem de visão estética, estratégica e de números/orçamento, o que fugia ao padrão dos profissionais com os quais ele estava acostumado a tratar.

Andre Midani, por outro lado, afirmou que somente aceitou a função, por se tratar de um pedido pessoal de Gilberto Gil – e não como algo do ofício do Ministério

da Cultura –, pois eram os laços de amizade e os compromissos anteriores entre os dois que o levava a aceitar a “empreitada”. O Comissário menciona que, entre as vantagens em ter Midani à mesa de negociação, estava o fato deste ser francês e ter atuado em gravadoras francesas antes de vir para o Brasil, tendo começado a trabalhar na Gravadora *Odeon* antes de fundar a *Polydor*. Ao descrever o Comissário Andre Midani, Jean Gautier sublinha características importantes para as negociações sobre o **Ano do Brasil na França** entre os dois países. Segundo o Comissário Francês, Midani compreenderia com igual acuidade as mentes francesa e brasileira. Além disso, nas negociações sempre estavam presentes Midani e Edgard Telles Ribeiro “[...] que se sentava a seu lado e logo que ele deixava passar algo, indicava discretamente, para que ele voltasse ao assunto.” (MIDANI, 2015). Sempre que possível, estava também Moema Salgado no Comitê do Comissariado brasileiro.

Tendo em vista a composição singular do Comissariado brasileiro, que contava com um empresário da indústria fonográfica residente no Brasil, há meio século, um embaixador especialista em assuntos relacionados à diplomacia cultural e uma brasileira nascida e educada na França, é possível sugerir que, de fato, esse Comissariado estava muito bem preparado para as negociações sobre a temporada brasileira. A temporada que se definia era conceitualmente diferente da proposta inicial, passando de uma discursividade vinculada aos conceitos clássicos de civilização para uma abertura dos debates sobre o que significaria o pluralismo cultural na experiência diária brasileira.

É nesse sentido que os eventos chancelados pelos dois Comissariados teriam o intuito de vender uma imagem de um país que já haveria conquistado sua autonomia identitária, formada pelo mosaico cultural presente no mundo de forma independente. Passemos, então, a uma breve análise desses eventos.

3.3.1 Os eventos escolhidos

*“Je souhaite montrer à tous notre modèle de
rencontre des cultures comme message de paix
au monde.”*

(Gilberto Gil, Discurso-concerto na Assembleia
Geral das Nações Unidas, 2003)⁸⁵

O **Ano do Brasil na França** foi considerado também uma temporada excepcional para o governo francês pelo forte engajamento do governo brasileiro na construção da mesma. Com a participação de mais de dois mil artistas e especialistas no setor cultural, ele colocou em evidência a disponibilidade brasileira em divulgar suas expressões culturais no âmbito externo. Para tanto, foram realizados quase 700 eventos chancelados pelos Comissariados francês e brasileiros estabelecidos para a realização do Ano. Esse eventos receberam uma grande atenção da mídia impressa e audiovisual e contaram com um público que extrapolou as expectativas dos seus idealizadores, como os mesmos ressaltaram.

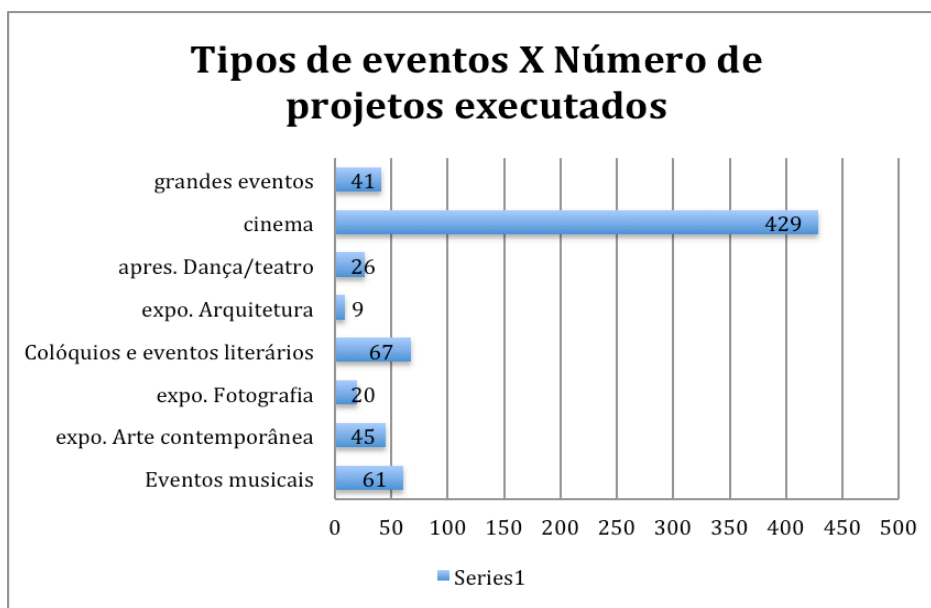
Os gráficos a seguir – realizados a partir das informações disponibilizadas pelo Ministério das Relações Exteriores da França, ao final do **Ano do Brasil na França** – ilustram, de forma resumida, a extensão dos eventos, a participação da população nos mesmos, bem como o número de cidades francesas que participaram ativamente da temporada cultural. Há de se ressaltar que, diferentemente das temporadas culturais de outros países realizadas pela França, o **Ano do Brasil** foi considerado um evento descentralizado, ao se dispersar por 161 cidades de forma oficial. Como sublinhou a Embaixadora Vera Pedrosa, que, enquanto membro da Embaixada do Brasil em Paris naquele período, participou da organização do evento, o **Ano do Brasil** demonstrava o forte intercâmbio identitário entre as diversas regiões do Brasil e da França, fortalecendo a disposição dos governos brasileiro e francês para aprofundar em suas relações recíprocas nos planos bilateral e internacional.

Na classificação realizada pela agência francesa responsável pela realização do **Ano do Brasil na França** – a *Association Française d’Action Artistique* – os

⁸⁵ Eu desejo mostrar a todos nosso modelo de encontro de culturas como uma mensagem de paz ao mundo. (GILBERTO GIL, Assembleia das Nações Unidas, 2003, tradução nossa).

eventos programados foram distribuídos em nove grupos: exposições, arte contemporânea, fotografia, arquitetura, dança e teatro, música, cinema e audiovisual, grandes eventos⁸⁶ e, por fim, os colóquios e acontecimentos literários.

Gráfico 1 – A temporada cultural em números: os eventos cancelados



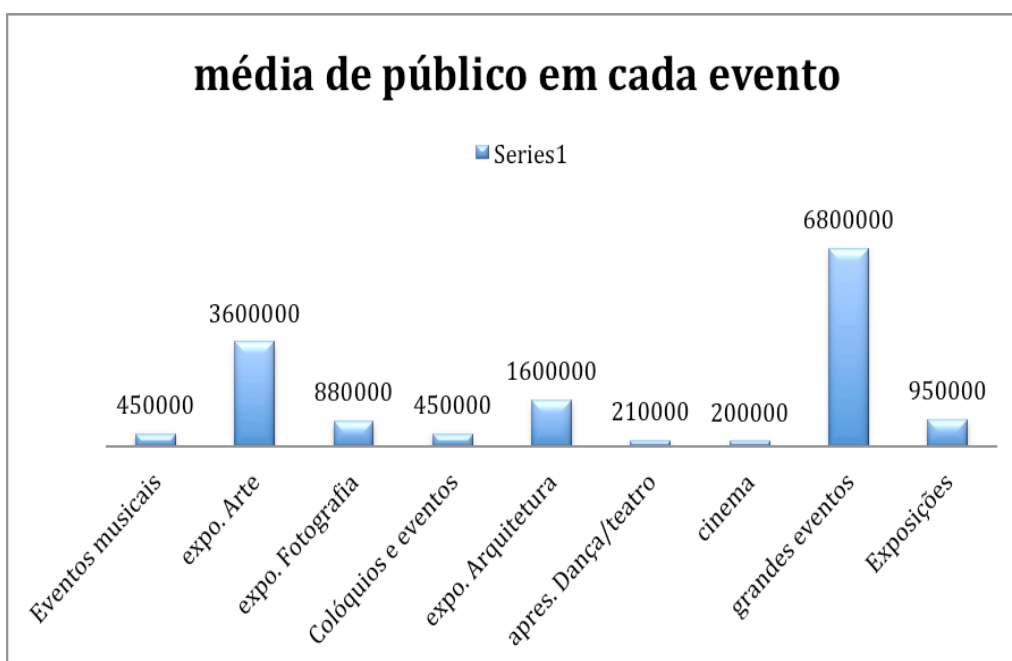
Fonte: DADOS DA PESQUISA.

No Gráfico 1, podemos perceber que as sessões de cinema foram a tipologia de evento que mais de maior ocorrência no Ano do Brasil. De acordo com o relatório de execução do programa, foram reproduzidas 429 sessões no decorrer do ano – o que evidencia uma certa simpatia ou desejo de conhecimento pelo cinema brasileiro ou sobre produções que, de alguma forma, tematizam o Brasil. Podemos ver, também, que o número de eventos musicais da programação foi bem próximo ao número de colóquios/eventos literários, 61 e 67, respectivamente. Tal proximidade pode ser pura coincidência, mas pode revelar, também, que ambos se situam bem proximamente na recepção pelo público do **Ano do Brasil na França**. As exposições de arte contemporânea e os grandes eventos (shows musicais,

⁸⁶ Os grandes eventos citados seriam, para os Comissariados, eventos comerciais criados por grupos franceses como FNAC, *Printemps* e *Galleries Lafayette* no intuito de promover a cultura brasileira de forma geral. Esses grandes eventos abrangiam, em si, exposições, ateliês, mostras fotográficas, projeções audiovisuais, concertos, difusões gastronômicas, esportes, dentre outros. Por assumirem uma forma plural, eles estariam, portanto, fora das classificações anteriores.

atividades do “14 de julho”) guardam, da mesma forma, uma proximidade quanto ao número de ações executadas (45 e 41, respectivamente), mas, como veremos, a atração aos grandes eventos foi bastante superior. Outras duas modalidades de mostras, as Exposições fotográficas e as Exposições Arquitetônicas, tiveram um importante espaço de destaque, embora com uma quantidade bem menor de projetos executados (respectivamente, 20 e 9). Porém, devemos levar em conta que, assim como as Exposições de Artes contemporâneas, elas são montadas, geralmente, para um espaço de duração maior durante o decorrer do ano. Outro dado importante sobre o conjunto da mostra e suas tipologias é que o número de projetos executados, segundo o nosso levantamento, diz respeito unicamente aos eventos cancelados e que, por este motivo, fizeram parte da Programação Oficial do Evento. Houve, no entanto, inúmeras atividades que se expressaram de maneira paralela à Programação do **Ano do Brasil na França**.

Gráfico 2 – Categorias de eventos e a participação do público na temporada brasileira

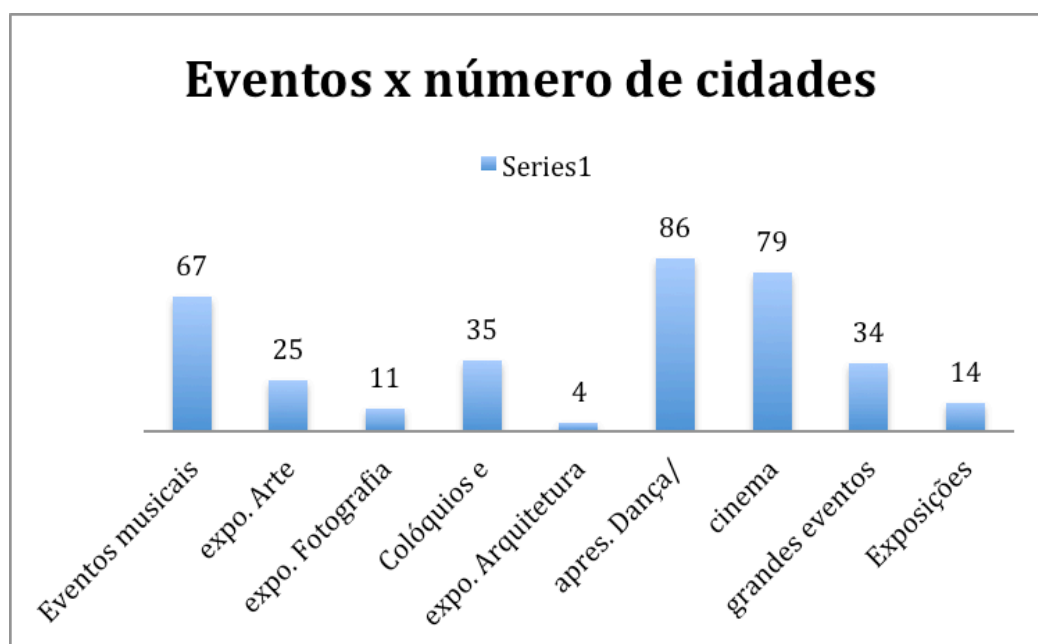


Fonte: DADOS DA PESQUISA.

No Gráfico 2, temos os dados quantitativos sobre o público que compareceu em cada tipologia de eventos. Verificamos, assim, que a tipologia de “grandes eventos” foi a que atraiu o maior número de participantes (6.800.000). Pela natureza

destes eventos, o público presente é, quase sempre, estimado pelos organizadores e, às vezes, com a colaboração de especialistas. O mesmo pode ter ocorrido para outras tipologias, sobretudo, para atividades em espaço aberto, como as exposições e eventos musicais. De qualquer maneira, podemos pressupor que o público presente tenha sido mesmo bastante elevado, qualificando o sucesso da temporada.

Gráfico 3 – Dispersão geográfica do **Ano do Brasil na França**



Fonte: DADOS DA PESQUISA.

No Gráfico 3, temos os dados sobre o número de cidades da França que acolheram as tipologias de eventos. Notamos, a este respeito, que muitos dos eventos eram itinerantes e outros fixos, quase sempre simultâneos – diversas atividades aconteciam ao mesmo tempo em várias cidades do país. Na distribuição das tipologias entre as cidades, pode ser percebido que a “Dança” e o “Cinema” foram as mais amplamente difundidas, quer dizer, as apresentações de dançarinos brasileiros aconteceram em 86 cidades e a reprodução cinematográfica esteve em 79 cidades francesas. Em terceiro lugar, também com destaque, foram as apresentações musicais de artistas brasileiros, com 67 ocorrências.

Em geral, podemos sublinhar que os diversos eventos e projetos tiveram ocorrência em uma grande amplitude geográfica, levando-se em consideração o número de cidades destacadas e contaram com um público expressivo.

Os dados ora tratados dizem respeito aos eventos cancelados pelos Comissariados para representar a diversidade cultural brasileira, sendo possível supor que o número de projetos sem o “selo” oficial do **Ano do Brasil na França** era mais que o triplo do aqui apresentado – segundo informações constantes nas mídias consultadas e entrevistas concedidas pelos gestores da temporada.

Como salientaram Andre Midani (2015) e Moema Salgado (2015), o Comissariado brasileiro dividiu a tarefa de escolha dos eventos a serem apresentados ao Comissariado francês, que, por sua vez, trazia também suas ideias e não abria mão de alguns eventos mais canônicos. Segundo Moema Salgado (2015), o Comissariado brasileiro, sabendo que iria enfrentar essas negociações e atento às possibilidades da cooperação, já propunha os clássicos procurados, como grandes nomes da Música Popular Brasileira (MPB), sem abrir mão de outros músicos, alegando a importância do reconhecimento de seus trabalhos em um país pleno de facetas. A divisão de tarefas, para Midani, deu-se da melhor forma possível dentro do Comissariado Brasileiro – cada assistente tinha por função escolher um tipo de arte e pensar, dentre as propostas apresentadas, quais os artistas seriam de maior interesse para o Brasil divulgar e em qual local. Após esse trabalho individual, as propostas eram expostas aos outros membros do Comissariado Brasileiro, para sua aprovação, indicando argumentos e contra-argumentos para cada um dos eventos submetidos, de forma que o Brasil se apresentava à mesa de deliberação bastante preparado para a definição do “quem vai”.

Ambos os Comissariados expressaram, abaixo, alguns dos parâmetros que serviram à elaboração da programação do **Ano do Brasil na França**:

[...] le Brésil, depuis le XVI siècle, bénéficie d'un imaginaire collectif riche et puissant en France. [...] Les érudits français ont ainsi souvent vu l'homme du Nouveau Monde à travers le Brésil et spécialement l'Indien brésilien. [...] Plus récemment, cette réflexion et cet imaginaire ont trouvé un nouveau souffle avec les travaux des maîtres de la Mission française des années 1930, qui ont participé à la création de l'Université de São Paulo. [...] En outre, le Brésil bénéficie bien sûr, en France, de la popularité des grands sportifs brésiliens, de la magie exercée par la forêt amazonienne et de l'intérêt pour les innovations sociales, expérimentées dans ce pays. Simultanément, il faut reconnaître que les Français connaissent très mal la

réalité de la grande culture brésilienne, à la différence de nos amis brésiliens qui ont souvent un grand savoir sur les œuvres des artistes français. La programmation se devait donc de stimuler cet enthousiasme des Français pour le Brésil afin de les conduire à découvrir la réalité de cette vaste culture. (ÉPHÉMÉRIDE, 2006, p. 8).⁸⁷

Podemos perceber, assim, do lado francês, uma preocupação manifesta em aprofundar o conhecimento sobre o Brasil, sobretudo, o conhecimento sobre o Brasil contemporâneo, enquanto um misto de várias culturas. Mas como fazer tal espetáculo? Como fazer com que os franceses se interessassem pelo Brasil durante um período tão longo - oficialmente, de março a dezembro de 2005? O encontro de culturas tinha seu lugar naquele ano, visto o apoio do Brasil e da França à Convenção sobre a Diversidade Cultural da UNESCO. Desta forma, o **Ano do Brasil na França** era, também, o momento de mostrar a aliança entre os dois países no quadro da UNESCO e a vitória de tal aliança – isso, possivelmente, em detrimento do posicionamento dos Estados Unidos sobre o assunto.

Decidiu-se por uma divisão do **Ano do Brasil na França** em três tempos, fazendo alusão aos trabalhos do historiador Mario Carelli, especialista nas relações Brasil-França, morto em 1994. Os três tempos escolhidos para a temporada das brasilidades na França seriam capazes de representar :

Trois facetes d'un pays où le temps, ce grand sculpteur, ne cesse depuis cinq siècles d'entremêler des apports hétérogènes pour façonner une culture polymorphe, extrêmement métissée, toujours en quête d'elle même, du passé et de l'avenir.⁸⁸ (DOSSIER DE PRESSE BRÉSIL, 2005, p.11).

⁸⁷ O Brasil, desde o século XVI se beneficia de um imaginário coletivo rico e potente na França (de forma que) [...] os eruditos franceses viram assim o homem do Novo Mundo através do Brasil, especialmente do índio brasileiro [...]. Mais recentemente, essa reflexão e esse imaginário encontraram novo fôlego nos trabalhos dos mestres da Missão francesa dos anos 1930, que participaram da criação da Universidade de São Paulo [...] além disso, o Brasil se beneficia claro, na França, da popularidade dos seus grandes esportistas, da magia exercida pela floresta amazônica e do interesse pelas inovações sociais ali experimentadas. Simultaneamente, tem-se que reconhecer que os franceses conhecem muito mal a realidade da grande cultura brasileira, diferentemente de nossos amigos brasileiros, que têm quase sempre um grande saber sobre as obras dos artistas franceses. A programação (feita) devia, então, estimular esse entusiasmo dos franceses pelo Brasil a fim de conduzi-los a descobrir a realidade desta vasta cultura. (ÉPHÉMÉRIDE, 2006, p. 8, tradução nossa).

⁸⁸ Três facetas de um país onde o tempo, esse grande escultor, há cinco séculos, não deixa de misturar as contribuições heterogêneas para criar uma cultura poliforme, extremamente misturada, sempre em busca dela mesma, do passado e do futuro. (DOSSIÉ DE IMPRENSA BRÉSIL. **Brésils**. Paris: 2005. p. 11, tradução nossa).

Para representar essas facetas e a busca pelos vários “Brasis”, o primeiro tema recebeu o nome de **Raízes do Brasil**, em referência à obra de Sérgio Buarque de Holanda. É interessante notar a escolha do tema, que coloca fim à ideia da *democracia racial*, de Gilberto Freyre, que teria ênfase caso o tema sugerido anteriormente pelo governo brasileiro – como apontou Ruy Amaral – houvesse sido aceito. Afinal, durante o ano 2000, no Brasil, o que se viu foi uma tentativa de registrar a ideia de que a democracia racial existiria no Brasil, sendo, muitas vezes alvo de contestação seja por comunidades indígenas ou negras, seja no âmbito das universidades. Como pontuou o jornal brasileiro **O Globo**, em sua matéria **Festas e Gafes nos 500 anos do Brasil**, ao tratar da repercussão das festividades dos “500 anos de Brasil”, em 2000, a imprensa estrangeira deu mais importância para os confrontos que ocorreram entre governo/militares e movimentos sociais e grupos indígenas do que realmente às festas preparadas pelo Governo Federal na época. O grande símbolo da festa foi a réplica das caravelas de Cabral, que havia custado ao Brasil R\$500.000,00 para o espetáculo da democracia racial e naufragou, mas o que ficou na memória foram os confrontos entre Polícia e manifestantes:

Os confrontos envolveram índios pataxós, sem-terras e militantes políticos que anunciaram uma marcha para denunciar desigualdades. Nada de grave ocorreu enquanto parecia apenas um ato pacífico. Porém, quando os manifestantes se aproximaram mais do local onde estavam as autoridades, a PM da Bahia entrou em cena para dispersar a marcha. Bombas de gás lacrimogêneo, pedradas e até o disparo de flechas pioraram a situação, fazendo com que a festa do descobrimento ganhasse repercussão vexaminosa, inclusive no exterior.

"Brasil comemora 500 anos reprimindo índios", foi o título do jornal francês *"Le Monde"*. "Amargo quinto centenário no Brasil", anotou o espanhol *"El País"*. "Índios lideram protestos enquanto o Brasil festeja", disse o britânico *"The Observer"*. (O GLOBO, 2000).⁸⁹

Dessa maneira, no **Ano do Brasil na França**, o primeiro eixo **Raízes do Brasil** deveria representar, segundo a equipe liderada por André Midani e Edgar Telles Ribeiro, um “caleidoscópio da alma brasileira” em uma série de eventos e mostras que frisariam as várias identidades do Brasil e como elas contribuíram para enriquecer a cultura do país sem perder suas origens. O mosaico identitário-cultural

⁸⁹ Leia mais sobre esse assunto em: <<http://goo.gl/qKlgh>>.

do Brasil seria construído a partir dessas “raízes” de forma que a face do país teria, também, suas várias facetas. Ressaltamos, aqui, algumas delas e a forma como elas foram apresentadas ao público francês.

A primeira grande mostra seria dedicada à cultura indígena, em uma recuperação de sua herança para a sociedade brasileira. Nesse sentido, a mostra **Identidades indígenas**, com a exposição de quatrocentas obras, tinha por objetivo apresentar um panorama da arte indígena para o grande público francês a partir da exposição **Brésil indien** (Brasil indígena), no **Grand Palais** do Museu do Louvre. Essa apresentação foi o carro-chefe das outras dedicadas à cultura indígena, na qual se apresentavam lendas, vestimentas, adornos e instrumentos de cozinha brasileiros, indicando como surgiram os povos indígenas e seus artefatos, e como se sedimentaram na cultura brasileira. Abria-se, assim, em uma ampla programação, que incluía: *Arts indigènes d’Amazonie* (Artes indígenas da Amazônia); *Sur la piste des Indiens d’Amazonie* (Sobre a pista dos índios da Amazônia); *D’or et d’émeraude, histoires et espoirs d’Amazonie* (Ouro e esmeralda, histórias e esperanças da Amazônia); dentre outras.

A herança negra se circunscreveria em **Fontes africanas** e teria o mesmo sentido da temática anterior, a saber, ressaltar os traços de formação da cultura brasileira, neste caso, a partir do legado africano escravocrata. Salientava-se como as músicas brasileiras e diversos artefatos do cotidiano brasileiros apreciados interna e externamente têm, também, suas fontes na senzala. Para o Comissariado Francês, o grande evento nessa linha seria a exposição “*Brésil, héritage africain*” (“Brasil, herança africana”) apresentada em Paris no museu *Dapper* em uma tentativa de demonstrar os “vínculos de parentesco entre as artes da África e as produções afro-brasileiras” tendo em vista a:

[...] *expression de l’héritage africain au Brésil à travers des objets africains et afro-brésiliens, des oeuvres d’art sacré et des oeuvres d’artistes contemporains qui s’intègrent à des thématiques ou à des symboles des univers africains.* (ÉPHÉMÉRIDE, 2006, p. 18)⁹⁰.

⁹⁰ Expressão da herança africana no Brasil através dos objetos africanos e afro-brasileiros, de obras de arte do sagrado e obras de artistas contemporâneos que se integram às temáticas ou aos símbolos dos universos africanos. (ÉPHÉMÉRIDE, 2006, p. 18, tradução nossa).

A exposição, que contou com a presença de 40.000 visitantes e ultrapassou o “tempo da *saison*”, estendendo-se até março de 2006, comprovando assim, o sucesso da temporada brasileira, mostrava, então, traços do passado africano na vida contemporânea dos brasileiros como, por exemplo, o sincretismo religioso que marca o país.

Ainda sobre as heranças, ou raízes do país, a mostra **Tesouros do Barroco** aproximaria o Brasil da cultura europeia, demonstrando como o período colonial ainda se faz presente na vida de várias cidades do Brasil, principalmente no Estado de Minas Gerais. Essa linha destacaria como a estética e as manifestações de fé no Brasil se articulavam com o ciclo do ouro, fazendo-se notar nas formas de ostensão, sincretismo e de agradecimento presentes na arte sagrada, nas Igrejas e manifestações religiosas. A principal exposição sobre os vínculos da Europa e do Brasil foi instalada em Rouen, que, como vimos, foi o primeiro local a receber brasileiros em terras francesas, em 1503. A mostra, denominada ***Trois siècles d’art brésilien: la collection du Camargo***, coleção de Beatriz e Mário Camargo, era constituída pela apresentação de trezentas peças capazes de oferecer uma representação contundente sobre a presença europeia no Brasil durante os períodos da colônia e do Império, ou seja, período que vai do século XVI ao século XIX. Outras exposições, como *Le Brésil Impérial dans les collections du château d’Eu*, completavam esse eixo temático.

Na confluência dessas heranças, havia o projeto dedicado às músicas populares brasileiras. Partia-se do princípio que a tradição musical brasileira deve ser percebida enquanto herança múltipla (e permeada por conflitos e influências) dos povos indígenas, dos ritmos africanos e das músicas europeias. Ao oferecer um lugar de destaque para a questão musical no Brasil, os Comissariados francês e brasileiro sustentavam a abertura promovida pela França àquilo que se considera a singularidade musical brasileira que, como vimos, tornara-se ponto de apoio da política cultural do Brasil no exterior a partir da década de 1960. É nesse contexto que a exposição *Musiques populaires brésiliennes* (“Músicas populares brasileiras”) na *Cité de la Musique* (Paris) buscava se efetivar como espécie de símbolo da relação entre brancos, índios e negros, como afirmou Dominique Dreyfus (2014),

curadora da exposição, em Paris⁹¹.

É nesse sentido que o segundo eixo temático que ilustrava a encruzilhada cultural formadora do Brasil seria apresentado sob o nome de **Verdade Tropical**, em alusão à obra homônima do compositor Caetano Veloso. Tal eixo relacionaria música popular e clássica aos eventos sobre a natureza, sobre a diversidade cultural e sobre a cidadania no Brasil. Para tanto, seriam apresentadas as raízes históricas e a transformação de eventos e estéticas musicais bastante relacionados à constituição identitária no Brasil.

Em se tratando da questão musical, ressaltou-se, ainda, o papel desempenhado pela Bossa Nova enquanto estilo musical da música popular brasileira que se desenvolveu ao final dos anos 1950 a partir de um novo arranjo estético e sonoro que evidenciava a sofisticação da música no país à medida que esta era capaz de incorporar ritmos apreciados internacionalmente como o jazz. Se existem dissensos sobre a caracterização da Bossa Nova enquanto “movimento”⁹², o mesmo não se pode dizer do Tropicalismo, terceiro ponto de apoio do eixo **Verdade Tropical**. No último caso há, desde o princípio, um postulado de transposição da estética até então existente comparável, na esfera musical, ao Movimento Modernista de 1922 em suas acepções artística e literária. Com o tropicalismo havia uma busca de reinterpretação da sociedade brasileira, seus símbolos e seus costumes a partir do estabelecimento de uma arte “tropical” com projeto político-societal apresentado no **Manifesto Tropicalista** em 1968, ou seja, em pleno regime ditatorial no Brasil. Desta forma, a exposição *Tropicalisme et suites* apresentaria para o público francês as propostas de reinterpretação da sociedade brasileira que deram origem ao Movimento e ao ritmo a ele vinculado a partir da mistura do samba com as técnicas eletrônicas, das músicas de contestação que não deixaram de se colocar contra o regime ditatorial.

⁹¹ Entrevista com DREYFUS, Dominique. [mês, 2014]. Entrevistador: Clarice Cristine Ferreira Menezes. Paris (França): 2014. 1 arquivo mp3 (Xmin). A entrevista, na íntegra, encontra-se no Anexo desta Tese, em mídia eletrônica: CD-ROM.

⁹² Para Santuza Cambraia Naves (2004, p. 10), a Bossa Nova deve ser percebida apenas enquanto um estilo musical e não como um “Movimento” no sentido sociológico do termo, por não apresentar um projeto coletivo cultural, estético ou político que se evidencia a partir de programas, manifestos e atitudes performáticas. Para a autora, os músicos e letristas responsáveis pela criação e veiculação do estilo musical não tinham por objetivo liquidar uma estética ultrapassada apresentando algo inteiramente novo. Podemos postular, a partir de entrevista realizada com o produtor musical Andre Midani, responsável pelo lançamento das músicas e dos intérpretes bossa-novistas, que o objetivo ali era estritamente comercial, em que se pese o oferecimento de música nacional de qualidade para a juventude à época.

Pretendia-se, com a apresentação dos ritmos e movimentos acima citados, apresentar a formação musical brasileira enquanto elemento-chave para a compreensão dos diversos caminhos percorridos até a efetivação de uma identidade cultural plural. O sucesso de público, em salas de concerto e nos festivais de rua, fazem-nos postular que essa foi uma forma eficaz de estabelecer o diálogo entre a percepção francesa sobre a música brasileira e sobre a própria história identitária do país.

A sub-faceta **Diálogos com a Natureza** demonstraria como o Brasil, enquanto país em desenvolvimento em sua busca pelo *status* de país desenvolvido, não teria deixado, nessa procura, de refletir sobre o meio-ambiente e em preservar suas fontes ambientais: encontros, seminários, propostas de experiências solidárias. A participação sempre ativa no Fórum Social Mundial, com manifestações sobre a temática, seriam provas dessa tentativa de trabalhar desenvolvimento e meio ambiente.

O terceiro eixo formador da representação do Brasil plural foi denominado **Galáxias**. O nome escolhido tem sua inspiração na obra de Haraldo Campos e trata exatamente da sedimentação de um Brasil plural. Para tanto, faz-se alusão ao processo de contestação e estabelecimento de traços múltiplos da cultura brasileira, a partir da explosão criativa nos mais diversos domínios da arte contemporânea. Segundo o Comissariado brasileiro, dessa forma seria possível demonstrar “com quantos “Brasis” se faz um Brasil” – como aludia a música-tema da temporada, escrita por Lenine – ou, o país que deve ser conjugado no plural. **Galáxias** apoiar-se-ia no teatro e na dança, na fotografia e nas artes plásticas, e no cinema em sua proposta de apresentar a multiplicidade cultural do Brasil. Das apresentações de referência, como a do Grupo Corpo, que goza de reconhecimento internacional, às mostras da associação social dos grupos formados nas favelas e artistas de rua (como o Grupo de Rua de Niterói), bem como aos festivais contemporâneos de teatro que ocorrem em diversas partes do Brasil, diversos grupos e artistas teriam vez na sub-faceta teatro e dança.

Em se tratando da fotografia, procurou-se mostrar a paixão dos brasileiros pela fotografia e dos franceses pela paisagem brasileira e seus costumes desde o século XIX: as exposições de Marc Ferrez, Pierre Verger demonstrariam o interesse francês pelo Brasil, assim como a exposição das obras de Sebastião Salgado, na *Bibliothèque Nationale de France* em Arles, demonstrariam as várias facetas da

criação contemporânea no Brasil que dá a volta ao mundo – tendo em vista o prestígio internacional do fotógrafo que começou sua carreira justamente durante seu exílio na França, no período da ditadura militar brasileira.

Por fim, artes plásticas e cinema teriam por foco a introdução da arte moderna no Brasil. O modernismo teria chegado com Anita Malfatti, após visitas à Europa e aos Estados Unidos, com sua exposição em 1917, e se concretizado com a Semana de Arte Moderna, em 1922 – criação de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, após visita dos dois a Paris, quando mantiveram contatos com os movimentos modernistas que embriagavam a cidade. A arte contemporânea também seria alvo de grandes exposições, preparadas, principalmente, no Espaço Brasil. Em se tratando do cinema, a França reconheceria que o Brasil não é somente o Cinema Novo, mas que há uma nova corrente de grandes nomes que se concretizam, como Walter Salles e Hector Barbenco, dentre outros, que demonstram o amadurecimento do cinema brasileiro e sua riqueza, muitas vezes esquecida. As mostras de cinema fechariam, assim, a última das facetas dos vários “Brasis” a se conhecer durante os nove meses do **Ano da França no Brasil**.

Dessa forma, os eventos escolhidos pelos dois Comissariados se fixavam na tentativa de mostrar a complexidade cultural do Brasil, ao mesmo tempo em que retroalimentavam as relações de fascinação e curiosidade mútua entre os dois países. O diretor da Associação Francesa de Ação Artística – AFAA salientou que, com os eventos escolhidos,

Si les tentatives de conquêtes française au Brésil furent toujours des échecs, du Huguenot Nicolas Durand de Villegagnon (1557) à la “France équinoxiale” de Claude d’Abbeville, le Brésil a lui, complètement conquis la France en 2005. (POIVRE D’ARVOR, 2006, p. 7).⁹³

⁹³ Se as tentativas de conquistas francesas do Brasil deram todas errado, desde o huguenote Nicolas Durand Villegagnon (1557) à “França equinocial” de Claude d’Abbeville, o Brasil conseguiu conquistar completamente a França em 2005. (Tradução nossa)

3.3.2 Parceiros e o orçamento de “*la Saison Brésilienne*” na França

Com a previsão inicial de 400 espetáculos por toda a França, o orçamento do **Ano do Brasil**, em 8 de novembro de 2004, seria de 20 milhões de dólares, segundo a *Agence France Presse*, encarregada da comunicação oficial governamental. Esse orçamento derivaria de parcerias e patrocínio (institucionais e privados)⁹⁴ que os governos dos dois países fariam, do investimento direto dos governos Brasileiro e Francês, além do mecenato – importante vetor para a França devido à lei de isenção fiscal. O apoio financeiro governamental e a criação de um fundo comum garantiriam ao **Ano do Brasil na França** o necessário para cobrir os custos básicos dos eventos propostos e garantir o aporte financeiro em caso de problemas com financiamentos privados – esse foi o caso, como observaram os Comissários Jean Gautier (2014) e Andre Midani (2015), do aporte esperado, mas que não se concretizou, do Banco Santos, devido à falência do banco –, o que levou a algumas mudanças de planos: na *Exposição “la musique populaire brésilienne”*, sob curadoria de Dominique Dreyfus, que ocorreu entre 15 de março e 25 de junho na *Cité de la Musique*:

⁹⁴ O Comitê francês de mecenas era formado por: *Accor* (hotelaria); *Arcelor* (siderurgia); *Areva* (energia); *CNPAssurances* (seguradora); *Suez* (energia e desenvolvimento sustentável, sendo parceiros *L’Oreal et Saint Gobain*; *Groupe Casino* (supermercados), *Fnac.com* (livraria), *Galleries Lafayette*, *La Mairie de Paris* (Prefeitura de Paris), *Metrobus*, *Le Printemps*, a RATP (Rede de Transportes Coletivos Parisienses), *Sceren* e *Voyages-scnf.com*. No caso brasileiro temos uma separação das parcerias e mecenas - Acesita, Aventis Pharma, Banco do Brasil, Banco Itaú, Banco do Nordeste, Banco BNP Paribas, Brasil S.A., Banco Safra, BNDES, Caixa Econômica Federal, Caixa Seguros, Carrefour, Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, Correios, Cemig, Cia Telefônica do Paraná, Companhia Energética de Goiás, Companhia Hidroelétrica do São Francisco, Copesul Petroquímica do Sul, Embraer, Fatec S/A, Federal capitalização, Furnas, Gerdau, Grupo Pão de Açúcar, Krupp Metalúrgica Campo Limpo Ltda., IBM, Infraero, Instituto Moreira Salles, Mineração Brasileira Reunidas, Natura, Petrobrás, REXAM, Rodobens, Sasse Companhia Nacional de Seguros Gerais, seara, Unibanco, Usina Siderúrgica de Minas Gerais, V&M do Brasil S. A., Varig e; seus parceiros institucionais: EMBRAPA, EMBRATUR, FENASEG, FIRJAN, Fondation Mérieux, Força Aérea Brasileira, Governo do Distrito Federal, Governo do Estado da Bahia, Governo do Estado do Maranhão, Governo do Estado do Estado de Minas Gerais, Governo do Estado do Pará, Governo do Estado de Pernambuco, Governo do Estado de São Paulo, Governo do Estado de Tocantins, Governo do Estado do Amazonas, Governo do Estado do Espírito Santo, Governo do Estado da Paraíba, Governos do Estado do Paraná; Governo do Estado do Rio de Janeiro, Ministério da Ciência e Tecnologia, Ministério da Cultura, Ministério da Defesa, Ministério das Relações Exteriores, Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Ministério do Meio Ambiente, Ministério do Turismo, Prefeitura do Recife, Prefeitura do Rio de Janeiro, REXAM Reality and Pharma, RODOBENS, SECOM/PR, Secretaria Geral da Presidência da República, SINDISEG, Subsecretaria de Assuntos Federativos do PR. Parcerias midiáticas: ARTE, Agence France Presse, *les Cahiers du Cinéma*, *France*, *France Télévisions* (France 2, France 3, France 4, France 5, RFO) *Match du Monde*, *leMonde 2*, *Mouvement*, *Radio-France* (*France-Info*, *France Inter*, *France Culture*, *France Musique*, *France Bleue*, *FIP*, *Le Mouv*), *Radio France Internationale*, *Télérama*, TV5.

Fui convidada para assumir a exposição Musiques Brésiliennes [...] Foram dois anos de trabalho da equipe [...] o que eu previ, o que eu preparei foi muito mais rico, muito mais amplo do que foi executado [...] acontece que três meses antes de abrir a exposição, a Cité de la Musique me informou que havia um problema financeiro e que eles não tinham dinheiro para trazer o material. [...] já estava tudo organizado, eles tinham sido informados de cada passo da pesquisa e estava tudo reservado [...] era só buscar o material [...] meu coração sangra ao pensar em todo o material que separei [...] e ficou. (DREYFUS, 2014).

O que ocorria, naquele momento, era que, os “princípios gerais” das *saisons culturelles* na França estabelecem que:

[...] o país convidado custeia o transporte internacional dos artistas, das obras e o seguro total das exposições. O país sede encarrega-se da apresentação das manifestações em seu território, do transporte interno e da comunicação de cada evento. (*PRINCIPES GÉNÉRAUX DES SAISONS CULTURELLES ÉTRANGÈRES EN FRANCE* conforme anexo de AMARAL, 2008, s./p.)

O custo do transporte e seguro total das obras escolhidas por Dominique Dreyfus deveria ser pago pelo Brasil, que, naquele momento, tinha perdido um dos grandes patrocinadores privados, cabendo ao Governo Federal realocar os fundos para que outros projetos não sofressem danos tão altos; assim, a curadora “reinventou” a exposição, que contou com grande público, como veremos mais adiante.

Utilizaremos a documentação francesa para a apresentação dos custos, que foram apontados no Relatório enviado ao Senado, constando na página do mesmo (documento em anexo em nosso trabalho) para tratar dos custos totais do Governo francês (em euros) com a temporada brasileira:

Tabela 3 – Custo total do **Ano do Brasil na França**

Nº	Orçamento total	Ministério de Relações Exteriores	Ministério da Cultura	Participação do Governo Brasileiro - conta comum	Mecenato e outras parcerias
005	3.304.746,99	525.672,48	682.440,50	805.000,00	1,291.634,01

Fonte: DADOS DA PESQUISA.

Devido à falta de acesso à documentação oficial brasileira, utilizaremos os dados coletados por Ruy Amaral (2008) para tratar deste aspecto.

Tabela 4 – Custo total do **Ano do Brasil na França** e sua divisão no Brasil

Custo total	Ministério da Cultura	Patrocínio	Amparo Lei Rouanet
58.912.863,12	41.039.720,18	17,883.142,94	9.161.142,00

Fonte: DADOS DA PESQUISA.

Lembramos que, no caso brasileiro, esses números foram apresentados em reais, de forma que deveríamos fazer uma conversão dos dois orçamentos para o dólar para verificação do orçamento apresentado pelos dois governos. Segundo dados do Banco Central⁹⁵, a média do dólar de 2005 foi de 2,43 reais, o que nos daria uma média do orçamento total informado pelo Comissariado Brasileiro de 24.243.976,59 dólares.

No caso do orçamento total informado pelos franceses, tendo em vista a média da taxa de câmbio euro/dólar de 1/0.857118 dólares, o orçamento total informado pelo Comissariado francês seria de 3.855.649,96 dólares.

⁹⁵ RELATÓRIO DE MERCADO. 30 de dezembro de 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/qIPVge>>. Acesso em: 9 abr. 2014.

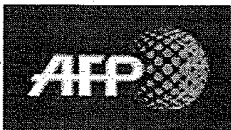
Nos dois casos, o orçamento poderia ser acrescido tendo em vista as parcerias acordadas, financiamentos próprios de um grupo ou mecenatos que não constam nas tabelas dos Comissariados, dentre outros. Preferimos, entretanto, nos ater às prestações de contas orçamentárias informadas pelo Comissariado de cada país aos órgãos competentes do governo. Tendo em vista os números informados, temos um total orçamentário de 28.099.626,55 dólares, muito mais do que se estimava, inicialmente, no acordo firmado entre os dois países. Além disso, a razão do que foi gasto pelo Comissariado Brasileiro em vista do que foi dispendido por seu homólogo francês é de 6,28, demonstrando, assim, o empenho do governo brasileiro de fazer do **Ano do Brasil na França** uma ação de altíssimo porte. Aliás, esse pode ser considerado como o primeiro grande passo da diplomacia cultural brasileira em décadas, como bem observou Edgard Telles Ribeiro, em entrevista, pois com esta ação abria-se espaço para a entrada de capital, via projeção cultural.

A seguir, apresentaremos um pequeno fragmento de informação veiculada pela *Agence Française de Presse* - AFP sobre o significado do empenho pessoal do então Presidente Lula em convocar industriais e comerciantes para fomentar o comércio internacional, a partir da iniciativa do **Ano do Brasil na França**. O evento tinha, assim, vários sentidos que não deveriam ser ignorados: ao mesmo tempo em que se buscava aproximar os dois países, a partir das articulações políticas entre os governos de Jacques Chirac e Luiz Inácio Lula da Silva, no cenário internacional, contrapunha-se à projeção dos Estados Unidos em sua Guerra ao Terror ao colocar em evidência formas de interação baseadas na compreensão mútua e na redução das diferenças sociais existentes nas regiões do planeta (como por exemplo, a tentativa de exportação do programa brasileiro **Fome Zero** com a formação da **Aliança contra a Fome** no plano internacional).

Além disso, era um evento de ampla mobilização cultural, pois o **Ano do Brasil na França**, segundo o discurso oficial, buscava aproximar os dois países a partir da compreensão da população francesa do universo brasileiro, formado por mais do que os estereótipos veiculados até então. Essa compreensão abriria, também, a possibilidade para que a população francesa repensasse sua identidade, visto o grande número de imigrantes presentes na França. Por fim, não se pode esquecer de que a política externa brasileira naquele momento era uma política de projeção internacional que tinha na economia um dos eixos principais: na estratégia internacional pensada pela equipe governamental naquele momento, as exportações

assumiam um papel importante tendo em vista a necessidade de mostrar o Brasil como um país que já havia ultrapassado barreiras históricas de seu processo de industrialização, podendo, assim, oferecer ao mercado externo produtos de qualidade.

Fragmento de Informação Midiática 2 – Lula conclama os empresários a tirarem proveito do
Ano do Brasil na França



11/15 PLACE DE LA BOURSE
75061 PARIS CEDEX 02 - 01 40 41 46 46

10 MARS 2005
Quotidien Paris

Page : 1 / 1

Le 10/3/2005 à 21:11
AFP Fil: ECF
Slug: eoh-gov

Lula demande aux industriels de tirer profit de l'Année du Brésil en France

BRASILIA, 10 mars (AFP)- Le président brésilien Luiz Inacio Lula da Silva a demandé jeudi aux industriels de son pays de "profiter" de l'Année du Brésil en France pour montrer au reste du monde la grandeur d'un pays considéré comme "petit" par les nations riches.

L'Année du Brésil en France, inaugurée ce mois-ci, sera "symboliquement très importante", a déclaré Lula lors d'une réunion du Conseil de développement économique et social.

"Il me semble important que les industriels brésiliens déploient tous leurs efforts pour faire de ce moment un moment important, pas seulement pour la culture brésilienne mais aussi pour montrer notre potentiel comme pays industriel, comme pays commercial", a précisé le président.

"Le moment est venu de montrer au monde comment nous sommes (...) car ils nous voient petits, comme un pays du tiers-monde. Ils s'imaginent que nous sommes une nation indigène avec quelques blancs, alors que nous sommes une nation d'indigènes, de blancs et de noirs, tous à égalité, et c'est là notre grandeur", a-t-il ajouté.

"Nous devons faire de cet événement en France un événement qui porte ses fruits dans le reste du monde", a insisté Lula.

Baptisée "Brésil-Brésils", pour souligner la diversité d'un pays-continent, l'Année du Brésil en France sera l'occasion d'une programmation variée de mars à septembre: concerts de grands noms de la musique brésilienne (Caetano Veloso, Gilberto Gil, également ministre de la Culture), expositions d'art indigène, rétrospectives de cinéma notamment.

Lula se rendra à Paris en tant qu'invité spécial du président Jacques Chirac pour assister au traditionnel défilé du 14 juillet.

js/str/cdo/laf

Fonte: AFAA, 2005.

Tradução do fragmento de Informação Midiática 2
Lula conclama os empresários a tirarem proveito do **Ano do Brasil na França**

10 de março de 2005

Quotidien Paris
AFP Fil: ECF
Slug: ech-gov

Lula pede aos industriais para aproveitarem o Ano do Brasil na França

Brasília, 10 de março (AFP)

O presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva pediu na quinta-feira aos empresários de seu país para aproveitarem do Ano do Brasil na França e mostrarem ao resto do mundo a grandeza de um país considerado pequeno pelas nações ricas. O Ano do Brasil na França, inaugurado este mês, será simbolicamente muito importante, declarou Lula durante a reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social. “Parece-me importante que as empresas brasileiras utilizem todos os seus esforços para fazer deste momento um oportunidade importante, não somente para a cultura brasileira mas também para mostrar nosso potencial como país industrial, como país comercial”, precisou o presidente.

“Chegou o momento de mostrar ao mundo como nós somos [...] pois eles nos veem como pequenos, como um país de terceiro mundo. Eles imaginam que somos uma nação indígena com alguns brancos, embora sejamos uma nação indígenas, de brancos e de negros - todos iguais - e está aí nossa grandeza”, concluiu ele.

“Nós devemos fazer deste evento na França um acontecimento que dê frutos no resto do mundo”, insistiu Lula.

Batizado “Brasil, “Brasis””, para sublinhar a diversidade de um país continente, o Ano do Brasil na França será a ocasião para uma programação variada de março a setembro: concertos de grandes nomes da música brasileira (Caetano Veloso, Gilberto Gil, igualmente Ministro da Cultura), exposições de arte indígena, e, também, retrospectivas de cinema.

Lula virá a Paris como convidado especial do presidente Jacques Chirac para assistir ao tradicional desfile do 14 de julho.

Js/str/cdo/laf (sem trad)

Fonte: AFAA, 2005.

O fragmento acima, ao apresentar o apelo feito pelo então presidente para que os empresários brasileiros se lançassem no mercado francês, inscreve-se na lógica da diplomacia cultural delineada pelo diplomata Edgard Telles Ribeiro que, em 2005, fazia parte do Comissariado brasileiro para a realização do **Ano do Brasil na França**. Como salientamos anteriormente, para Ribeiro (1989) a diplomacia cultural tem um caráter político, econômico e comercial que deve ser observado. Ao se vender a ideia de um país capaz de participar ativamente do mundo a partir de sua cultura, esta é acompanhada dos artefatos culturais passíveis de capitalização. O

Brasil estaria agindo, assim, conforme Ribeiro (1989), da mesma forma que a França já operaria há, pelo menos, um século, ao vender ideias e produtos.

Soma-se a teoria de Ribeiro (1989) ao discurso de Lula na citada entrevista, na qual o presidente salientava a necessidade de demonstrar o valor industrial do Brasil internacionalmente, pressuposto que se encaixa nos moldes da Sociedade Internacional contemporânea. Visando um horizonte mais amplo que a França, Lula vê o país europeu como uma porta de entrada para a ideia de um Brasil mais moderno, plural. O presidente brasileiro salientaria, então, a composição étnica do Brasil, demonstrando que o Brasil estaria apto a tratar em parâmetros de igualdade com as grandes nações do mundo devido ao seu potencial nos campos cultural e industrial.

Capítulo 4

*A mídia e “a maior” temporada
cultural no território francês: marcas
de sucesso*

4 A MÍDIA E “A MAIOR” TEMPORADA CULTURAL NO TERRITÓRIO FRANCÊS: MARCAS DE SUCESSO

“Plus de 15000 articles de presse et citations dans les médias, des dizaines de dossiers et numéros spéciaux consacrés au Brésil, des millions de téléspectateurs et d’auditeurs, en 2005 personne en France n’ignorait que l’on célébrait le Brésil.”

(AGNES BENAYER, 2005)⁹⁶

A pesquisa nos arquivos midiáticos franceses nos mostra que a imprensa daquele país deu início à tematização do **Ano do Brasil na França** antes mesmo da inauguração oficial do evento, criando expectativa quanto às atividades que seriam realizadas para marcar a temporada verde-amarela no Hexágono. A partir de janeiro de 2005, o tema se tornou central nos cadernos dedicados à arte e à cultura, sendo encontradas citações em diversos meios de comunicação, mesmo que as solenidades oficiais só fossem ter início mais tarde, no mês de março. Assim, a partir do lançamento oficial, a inserção do acontecimento na mídia foi ampliada e manteve-se na pauta durante todo o ano, com a produção de reportagens, comentários, avaliações e outros gêneros que circularam por todo o país, dando conta da cobertura das múltiplas atividades programadas.

Em vista dessa ampla cobertura midiática, temos à disposição um farto material para análise. Isso é algo positivo, pois nos permite “mergulhar” no conhecimento sobre essa produção, mas também nos coloca um problema, pois, no limite da pesquisa, precisamos realizar escolhas que possam ser mais produtivas. Os critérios para a escolha poderiam ser diversos, como o veículo de divulgação (jornal impresso, televisão, o rádio ou internet), a abrangência das publicações (nacional ou regional), os gêneros específicos dos diversos veículos (reportagens, notícias ou artigos de opinião para o jornal impresso; reportagens e comentários para o jornal televisivo.). A nossa opção foi apresentar, primeiramente, um panorama sobre as produções, porém, no que diz respeito à análise, resolvemos manter o foco nas atividades executadas, com realce para a organização das

⁹⁶ Mais de 1500 artigos de imprensa e citações nas mídias, dezenas de dossiês e edições especiais consagrados ao Brasil, milhões de telespectadores e de audiência radiofônica. Em 2005 ninguém na França ignorou que celebrávamos o Brasil. (Tradução nossa).

mesmas e a participação do público. Por outro lado, dentre as inúmeras atividades, procuramos destacar algumas que pudessem ser representativas do conjunto do evento, considerando, como centro da atenção, as iniciativas relacionadas à exibição de um Brasil múltiplo, de acordo com as perspectivas traçadas pelos Comissariados Francês e Brasileiro.

Dividimos o capítulo em três partes. A primeira versa sobre o **Ano do Brasil** na imprensa francesa de uma forma mais geral. A segunda trata da dificuldade de desconstrução dos estereótipos circulantes sobre o país, tendo em vista, principalmente, a forma como a informação era disseminada. A terceira é dedicada ao estudo das produções audiovisuais sobre o tema.

4.1 O Ano do Brasil na imprensa francesa: uma visão geral

*“Depuis 1985,
l’Année du Brésil en France est,
sans doute,
(la saison) la plus populaire.”*

(AGNÈS BENAYER – AFAA, 2005)⁹⁷

O Comissário Geral francês, Jean Gautier, começou o trabalho de divulgação do **Ano do Brasil na França** no final do ano 2004. A partir de então, os jornais, revistas e televisão francesa passaram à tematização desse assunto com grande atenção, já demonstrando mais interesse pela temporada brasileira do que por temporadas anteriores. Com isso, o **Ano do Brasil** passou a ser um evento esperado pelos franceses, que tomavam conhecimento sobre os espetáculos e mostras programadas sobre as regiões, cidades e segmentos que se envolviam pouco a pouco com os projetos.

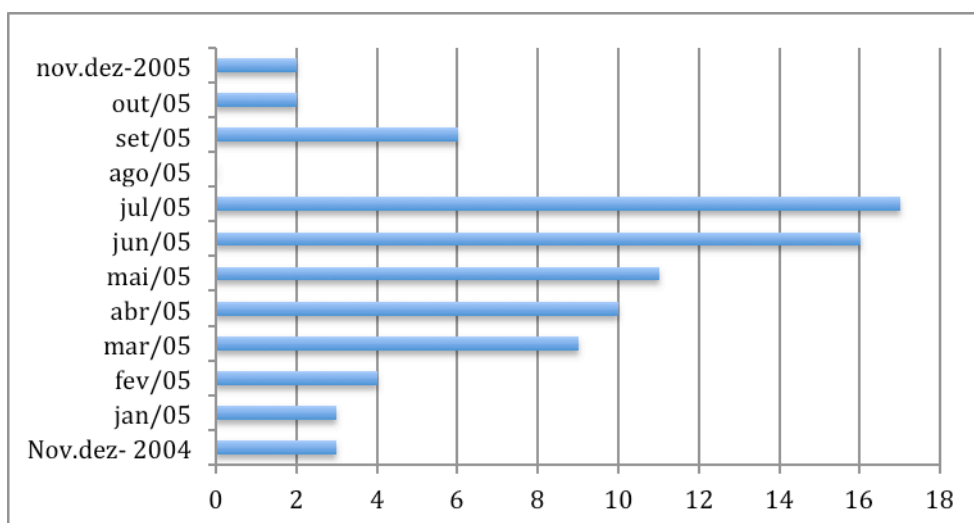
A participação e a cobertura pela mídia impressa, pela televisiva, radiofônica e eletrônica foi de capital importância para o acompanhamento do evento. Durante o ano 2005, essa mídia produziu e colocou em circulação mais de 15 mil materiais nos formatos de notícias, notas, reportagens, citações, boletins, artigos, peças

⁹⁷ Desde 1985 o ano do Brasil na França é sem dúvida "temporada" mais popular. (Tradução nossa)

publicitárias dentre outros; de 40 edições especiais de revistas (semanais, mensais, bimestrais, trimestrais); e de 100 emissões televisivas especiais sobre o Brasil⁹⁸, fazendo com que a temporada brasileira fosse considerada a mais proveitosa segundo a AFAA, pelo seu sucesso com o público francês, demonstrado pela participação intensa nas atividades, na audiência representada, pelas pesquisas de opinião e cartas ou e-mails recebidos.

Em um trabalho pioneiro, a AFAA decidiu, em 2005, fazer uma coleção que desse conta da cobertura completa feita pela mídia francesa sobre a *saison brésilienne*. Tal trabalho, executado sob demanda do Comissário Geral Francês Jean Gautier, encontra-se catalogado em 11 tomos de **Revue de Presse** (Notícia de Imprensa), organizados sob as seguintes rubricas, suportes e gêneros: artigos, citações, anúncios, revistas, propagandas, imprensa audiovisual, imprensa internacional, internet, imprensa nacional, e imprensa regional; subdividindo-se, ainda, em jornais de circulação diária, de circulação semanal, cadernos especiais, publicações quinzenais, mensais, bimestrais, semestrais e anuais. A tentativa da AFAA foi, então, de catalogar todas as notícias sobre o Brasil veiculadas na França durante todo o ano 2005. A título de exemplo, apresentaremos, a seguir, três gráficos ilustrativos dessa coleta realizada pela AFAA:

Gráfico 4 – Notícias publicadas pela AFP (*Agence Française de Presse*): O Ano do Brasil na França nov./dez. 2004, dez. 2005



Fonte: DADOS DA PESQUISA.

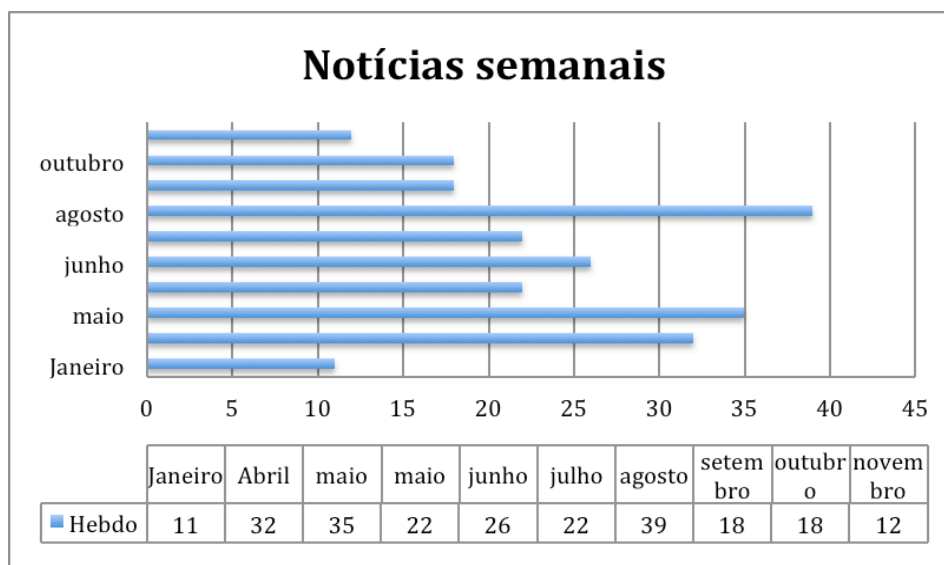
⁹⁸ Para maior facilidade, trataremos os materiais diversos sob a denominação de “documento de informação midiática”.

A partir do gráfico acima, elaborado por nós para o tratamento dos dados coletados, podemos perceber como o **Ano do Brasil na França** foi fomentado pela mídia francesa a partir de comunicados oficiais (releases), utilizados, mais tarde, para dar corpo aos artigos publicados pela mídia geral. De acordo com os dados, percebe-se que a AFP começou a fomentar o interesse da mídia sobre o **Ano do Brasil na França** em novembro de 2004, publicando, até o fim daquele ano, três documentos de informação sobre o acontecimento que seria lançado em março. Observa-se um aumento nas publicações de notícias sobre a temporada brasileira à medida que a data de lançamento do evento se aproximava. Dessa forma, se em novembro/dezembro de 2004 e em janeiro de 2005 foram veiculados três documentos de informação midiática respectivamente, já no mês de março, lançamento oficial do **Ano do Brasil na França**, foram publicados nove notícias sobre o evento, aumentando gradativamente, na medida em que as solenidades principais (14 de julho: o show Viva Brasil, na Praça da Bastilha, bem como a visita do Presidente Lula) aproximavam-se. O ápice foi justamente no mês de julho, quando foram publicadas dezesseis e dezessete notícias sobre a *saison brésilienne*.

O gráfico ilustra como, em geral, o trabalho da AFP foi importante para criar, entre o público francês, a expectativa quanto à temporada brasileira e seus desdobramentos. A participação do grupo de comunicação da AFAA foi, neste ponto, importante vetor para não deixar que a lassidão tomasse conta do longo período. Ao assegurar a renovação do interesse das mídias em tratar do Brasil, a AFAA garantia uma representação das diferentes facetas do país. A agência garantia, também, o objetivo do Ministro da Cultura do Brasil, Gilberto Gil, de mostrar várias identidades de um país unido “[...] pela língua e pelo ideal (de paz).” (GIL, 2004).

O gráfico a seguir ilustra as notícias semanais publicadas sobre a temporada brasileira e os eventos que ocorriam em Paris e em outras regiões da França. Essas notícias, entretanto, foram retiradas, em sua totalidade, de jornais circulantes na região parisiense.

Gráfico 5 – As notícias semanais sobre o Ano do Brasil na França em cada mês do evento



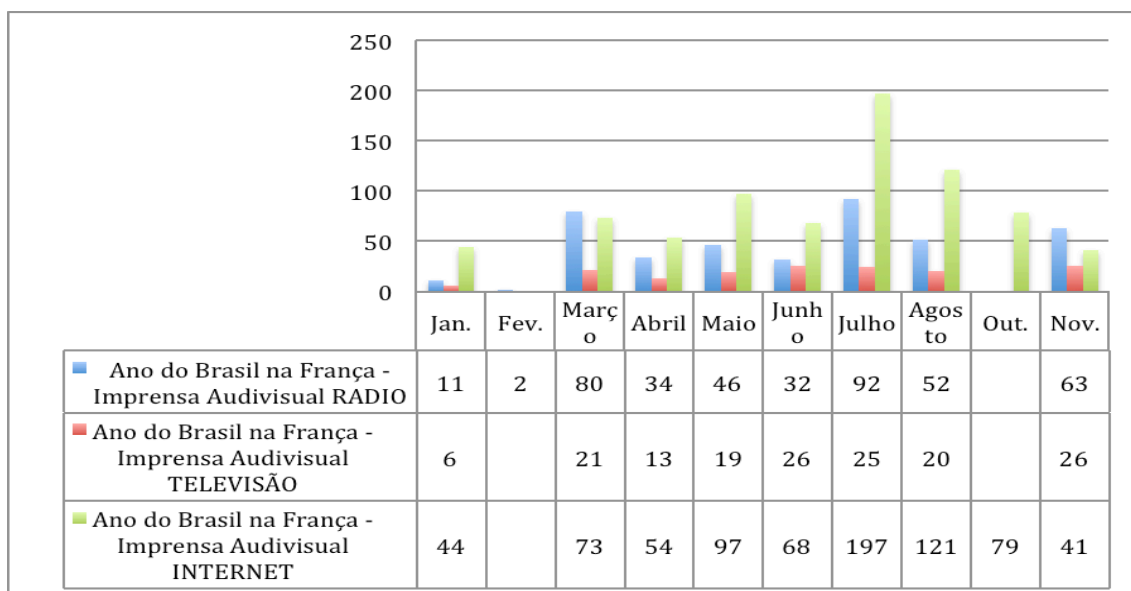
Fonte: DADOS DA PESQUISA.

O aumento expressivo dos artigos no mês de agosto, em se tratando das notícias semanais, deve-se ao balanço feito pelos jornais sobre a visita oficial do presidente Lula, que ministrou conferência no Colóquio **Brasil ator Global**, no dia 13 de julho de 2005, na Universidade Paris I - Sorbonne. Lula também participou, como homenageado, das solenidades oficiais do 14 de julho (data de comemoração da fundação republicana), estando presente no palco do **Show Viva Brasil** na noite anterior na Praça da Bastilha, o desfile oficial no dia 14 de julho, bem como participando no jantar organizado pelo Patronato francês na mesma data, em que ele voltaria a afirmar o papel do Brasil no comércio internacional. Entre julho e agosto, circularam, também, notícias sobre o escândalo do mensalão, mas essas receberam pouca atenção da mídia francesa que, em determinados momentos, comparou-o com a dificuldade enfrentada pelo próprio governo francês naquele período, proveniente de dissensos internos.

O gráfico a seguir apresenta dados da imprensa audiovisual sobre a temporada brasileira. Assim como demonstramos nos Gráficos 1 e 2, percebemos um interesse crescente quanto à *saison du Brésil*. Mesmo para os organizadores brasileiros, isso era algo ímpar, traduzindo uma demonstração de interesse da mídia, e, principalmente da população, que acessava os sites e deixava sua opinião.

Boa parcela dessa população tornava-se público fiel das emissões televisivas e participava ativamente dos programas de rádio.

Gráfico 6 – O **Ano do Brasil na França** na imprensa audiovisual – visão geral



Fonte: DADOS DA PESQUISA.

Embora tenhamos utilizado como exemplo a imprensa nacional, o mesmo poderia ser feito com a imprensa regional, uma vez que o trabalho da AFAA se estendeu a ela também. A nossa escolha foi, nesse sentido, voltada para a apresentação de um panorama geral, tendo em vista que a maioria dos artigos publicados pelos jornais parisienses servia, de certa forma, como informação primária para as pesquisas regionais. Por outro lado, não podemos deixar de observar que as localidades se engajaram para tornar o **Ano do Brasil** um evento único, buscando fatores identitários com os quais elas se aproximavam. Várias são as notícias de reuniões em pequenas localidades engajadas no intercâmbio de pessoas, na recepção de estrangeiros, no ensino de músicas infantis nas escolas primárias, etc. Esse engajamento mostrava-se também na denúncia de antigos estereótipos, como podemos observar no fragmento a seguir:

Fragmento de Informação Midiática 3 – A semana do Brasil denuncia estereótipos

FRANCE GUYANE
 84 AVENUE D'ENNA
 75116 PARIS - 01 53 23 93 23

19/20 NOV 05
 Quotidien Province
 Surface approx. (cm²) : 79

Page 1/1

UNIVERSITÉ

La semaine du Brésil dénonce les stéréotypes

Dans le cadre de la semaine du Brésil organisée au campus Saint-Denis, les étudiants ont montré, par leur investissement et leur participation au projet, leur intérêt pour la culture de ce pays. Le moins que l'on puisse dire c'est que ces derniers ont répondu présents à l'appel qui leur a été lancé. Mercredi, le débat concernant « les stéréotypes de la culture brésilienne en Guyane » a été très bien mené par les étudiants du Deug de portugais. A en voir la forte participation des autres étudiants et la virulence des échanges, ces derniers se sentent très concernés par ce problème de stéréotypes négatifs des Brésiliens, véhiculés en Guyane. Les participants au débat ont réfléchi à la manière de rompre avec ces images négatives. Pour Haci

Fanna, professeur de portugais à l'IESG et elle-même d'origine brésilienne, « c'est de la responsabilité de ces étudiants brésiliens présents en Guyane de montrer la richesse culturelle de notre pays ».

A l'issue du débat, les étudiants se sont tous déclarés satisfaits et pensent que c'est en travaillant ainsi sur le sujet que ces stéréotypes vont tomber. Katiúscia Marques, étudiante brésilienne inscrite en Deug de portugais confie : « Même si la peur des Guyanais envers les Brésiliens existe, on remarque que par rapport aux autres communautés la population brésilienne commence à être de plus en plus acceptée ». Les mentalités sont donc en pleine mutation.

L.B.

Fonte: AFFA, 2005.

Tradução do Fragmento de Informação Midiática 3 – A semana do Brasil denuncia estereótipos

France-Guyane
19/20 de novembro de 2005
Cotidiano Província

UNIVERSIDADE

A semana do Brasil denuncia os estereótipos.

No ensejo da semana do Brasil, organizada no campus Saint-Denis, os estudantes mostraram por sua dedicação e sua participação no projeto, interesse pela cultura deste país.

O mínimo que podemos dizer é que estes últimos responderam com sua presença ao apelo que lhes foi lançado. Quarta-feira, o debate que versava sobre os “estereótipos da cultura brasileira na Guiana” foi muito bem organizado pelos estudantes do DEUG de português. Observando-se a grande participação dos outros estudantes e a virulência dos intercâmbistas, estes últimos se sentem bastante tocados pelo problema dos estereótipos negativos sobre os brasileiros veiculados na Guiana. Os participantes do debate refletiram sobre a maneira de romper com essas imagens negativas. Para Hacı Fanna, professora de português no IESG, sendo ela mesma de origem brasileira, “é de responsabilidade destes estudantes brasileiros que estudam na Guiana mostrar a riqueza cultural de nosso país”.

Ao final do debate, os estudantes se declararam todos satisfeitos e pensam que trabalhando assim sobre os estereótipos que estes vão cair. Katiuscia Marques, estudante brasileira inscrita no DEUG de português afirma: “mesmo se o medo dos guianenses com relação ao Brasil existe, notamos que, com relação às outras comunidades, a população brasileira começa a ser cada vez mais bem aceita”. As mentalidades estão assim em plena mutação.
L.B.

Fonte: AFFA, 2005.

Como podemos perceber, o debate sobre o **Ano do Brasil na França** foi além do território da França metropolitana, chegando aos domínios franceses nas Américas. O fragmento acima tem seu valor não apenas por demonstrar a extensão geográfica da publicidade sobre a temporada brasileira, que chegou às fronteiras do Brasil, mas também pela temática abordada que, segundo o Ministro da Cultura Gilberto Gil, inseria-se entre os principais objetivos da temporada brasileira na França: demonstrar que o Brasil era muito mais que os estereótipos circulantes, inventados e reinventados de fora para dentro ao logo das relações do Brasil com os demais países da Sociedade Internacional. Se a tentativa de desconstruir estereótipos e clichês é sempre um trabalho árduo, tendo em vista que, muitas vezes, eles têm suas raízes nas relações identitárias nacionais, os Comissariados do Brasil e da França, para a temporada brasileira, tinham como meta reinterpretá-

los, realçando os traços positivos dos mesmos e desconstruindo aqueles considerados nocivos à imagem do Brasil na França. Como demonstrado na notícia, a melhor forma de fazê-lo, no contexto acadêmico, seria, então, através de debates e do intercâmbio de professores, pesquisadores e alunos, capazes de criar, no exterior, perspectivas mais aproximadas da realidade em contraposição à construção estereotipada da realidade. Passemos, então, a análise de alguns estereótipos brasileiros presentes durante o **Ano do Brasil na França**.

4.2 O Ano do Brasil na França: dos estereótipos à capitalização da moda

Começaremos nossa exposição tratando de temas que, por diversas vezes, em pesquisas como a nossa, assumem papel periférico, quando são abordados. No entanto, esses temas são interessantes para nossa tese em dois sentidos: eles demonstram como os conceitos de cultura e identidade estão muito mais vinculados às experiências diárias, do que geralmente se admite, e a forma como nos posicionamos perante tais temas, tendo em vista as projeções identitárias que são transmitidas ao outro; em segundo lugar, evidenciam como algo, que poderia passar despercebido, aquire o poder de movimentar a economia entre dois países de forma surpreendente e de criar um elo entre os mesmos a longo prazo.

Figura 7 – Publicidades sobre a moda brasileira nas grandes lojas francesas I



Fonte: *PRINTEMPS MAGAZINE*, 2005.

Figura 8 – Publicidades sobre a moda brasileira nas grandes lojas francesas II



Fonte: *GALERIE LAFAYETTE*, 2005.

Printemps e *Galerie Lafayette* são empresas responsáveis por grande parte do setor de moda da França. Atuaram como parceiras da França na *Saison Brésilienne* e trabalharam, durante todo o ano de 2005 com a temática “verde-amarela” – o que também lhes rendeu um bom capital, na medida em que estas se tornaram as cores prediletas do público e potencial sucesso de venda.

A seguir, temos duas outras imagens emblemáticas: a primeira, relativa ao lançamento da revista *Match du Monde*, bastante tratada pela mídia francesa no período e, a segunda, sobre a exposição que ocorreria no *Parc de la Villette* sobre moda e economia solidária, um contraponto às duas grandes redes apresentadas anteriormente.

Figura 9 – As imagens dos “Brasis” nas revistas francesas I



Fonte: *MATCH DU MONDE*, 2005.

Figura 10 – As imagens dos “Brasis” nas revistas francesas II



Fonte: PARC DE LA VILLETTE, 2005.

A capa da revista *Match du Monde* nos chama a atenção ao mostrar a alegria da mulher (a cantora brasileira Marisa Monte) que expressa sua liberdade a partir das roupas coloridas, sem uma combinação padrão, como seria de se esperar e, principalmente, pela possibilidade de se deslocar naquele mundo com sua bicicleta. Do outro lado, exhibe a moda das mulheres trabalhadoras, que se dedicam à criação com poucos recursos. A publicidade pretende manifestar que a moda, no Brasil, deixou de pertencer à classe burguesa, sendo apropriada também por classes populares.

Desse modo, percebemos que, mesmo um assunto comum, como a moda, podia ser trabalhado de diferentes formas, quebrando padrões e tabus, da moda clássica, ao dia a dia, do inovador à moda e economia solidária, por exemplo. E essa foi uma das características encontradas nos eventos que, inicialmente, deveriam terminar em setembro, mas se estenderam até dezembro⁹⁹, pela empatia causada no público.

⁹⁹ Lembramos que algumas exposições estenderam-se até o ano seguinte, devido ao sucesso junto ao público.

A moda foi tema de várias manifestações artísticas devido, também, à construção de estereótipos baseados no culto à forma no Brasil e na França. Assim, o **Ano do Brasil na França** foi o momento de mostrar esses clichês e, mesmo, de tentar reconfigurar cada um deles em diferentes domínios tais como: as exposições, vitrines e revistas de grandes lojas francesas, a exemplo das *Galleries Lafayette* (de 1º a 25 de junho de 2005), “*la mode vit plus Brésil*”, e da *Printemps Magazine* (abril/2005) “*Frénétique Brésil*”¹⁰⁰, na exposição **Moda e Economia Solidária**, no *Parque de la Villette* ou em revistas de grande circulação como *Elle*, *Marie Claire* e *l'Express Magazine*, dentre outras.

Tanto o Brasil quanto a França são países conhecidos pelo estereótipo do culto à beleza física. Para os franceses do século XVI, o exotismo dos ornamentos nativos do território brasileiro não passava despercebido, sendo considerados uma demonstração de força, de beleza ou de outros significados que poderiam ser atribuídos aos indígenas naquele período. A “moda” indígena foi levada ao Ocidente na medida em que os europeus começaram a utilizar as plumas em seus chapéus¹⁰¹ e outros adornos típicos do Brasil seiscentista. Isso teve continuidade, por exemplo, na incorporação de certos utensílios da moda europeia por brasileiros em períodos posteriores: em vários relatos sobre a população francesa que habitava na Rua do Ouvidor (Rio de Janeiro) no século XIX, percebemos como os brasileiros, muitas vezes, se apropriaram daquilo que vinha do continente europeu adaptando ao clima, às necessidades e, mesmo, à concepção do belo no Brasil. Seria-nos impossível adentrar nesse campo de forma paulatina.

O que nos interessa, nesse ponto, é demonstrar que o culto ao belo, que parece importado da Europa em um determinado período, já se encontrava no Brasil de outras maneiras. Sendo assim, o que houve foi uma apropriação de alguns maneirismos e produtos, que se tornaram indispensáveis para os brasileiros e brasileiras nos séculos a seguir e só aumentaram a procura com a grande abertura econômica mundial a partir dos anos 1990. É nesse sentido que as manifestações de moda organizadas no ensejo do **Ano do Brasil na França** nos parecem interessantes: elas abrem espaço para o trabalho de vinculação identitária presente no cotidiano de cada território e na percepção acerca dos estereótipos associados a

¹⁰⁰ Figuras acima.

¹⁰¹ Cf. ELMALAN, S. *Villegagnon ou a utopia tropical*. In: **História**, São Paulo, v. 27, n. 1, 2008. p. 247-281. Disponível em: <<http://goo.gl/PQIVZx>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

cada país. Dessa forma, há uma série de clichês circulantes, seja sobre a sofisticação da mulher francesa, em contraponto à beleza natural da mulher brasileira – tendo em vista a miscigenação – seja sobre a questão da sedução, presente dos dois lados, dentre outros.

Esses “Brasis” se encontram, de alguma forma, relacionado à perspectiva mais estereotipada do Brasil mestiço, do Brasil malandro. Não por acaso, nas ilustrações relativas às duas maiores lojas de moda francesas – *Printemps* e *Galerias Lafayette* – as figuras femininas são mestiças e aparecem envoltas em um ar de sensualidade. Se, no caso da *Printemps*, a modelo representa a acepção mais moderna; no caso das *Galerias Lafayette*, a foto remete claramente ao Brasil dos anos 1930 e do sucesso “Carmem Miranda”.

Da mesma forma, deve-se mencionar que a possibilidade de brasilidades distintas se dá nesse cruzamento de olhares em que a alegria, a descontração torna-se símbolo do Brasil frenético, do Brasil a descobrir, do Brasil das liberdades de escolha: das roupas, dos meios de transporte, das formas de vida. A possibilidade de expandir o debate, assumindo-se, aqui, que a economia solidária viria com essa ampliação, é, também, a possibilidade de retrabalhar as identidades locais e globais sobre o assunto, dando, ao tema “clichê” a possibilidade de se reconfigurar¹⁰².

¹⁰² Isso seria percebido, no Brasil, em 2007, quando o Ministro da Cultura Gilberto Gil promoveu a moda ao *status* da Cultura no governo brasileiro: “Quero propor um rearranjo da relação do Estado com a moda. Quero reverter o equívoco ou omissão do passado, e dizer a vocês [...] que a moda é hoje reconhecida pelo Ministério da Cultura como parte vital da cultura brasileira”. (GIL, G. **Fashion Marketing 17 de abril de 2007**. 2007. Disponível em: <<http://goo.gl/5yVQil>>. Acesso em: 2 abr. 2015).

Il y a du Brésil dans l'air au Printemps !

Seu Jorge et Salome de Bahia, en guest stars au Printemps ! Des concerts privés dans l'auditorium du grand magasin, voilà de quelle manière démarre sa célébration de l'année du Brésil. « Du 7 avril au 7 mai prochain, nous allons faire rêver nos clients à ce pays lointain », annonce Magali Chapas, directrice publicité et événements de l'enseigne. A cette occasion, les vitrines sont décorées aux couleurs du Brésil. « Cela représente 10 % de notre budget événement », indique-t-elle. La campagne de communication (presse, édition, sacherie, affichage) impacte de près de 20 % le budget, le reste étant constitué des dépenses de décoration et d'animation. Carte blanche est ainsi laissée aux communicants du Printemps - tout est réalisé en interne - pour rivaliser d'imagination et d'audace avec les Gale-

ries Lafayette, qui elles ont choisi de se mettre à l'heure indienne. « A tous les étages, nous matérialisons le Brésil »,

poursuit Magali Chapas. Capoeira, samba et foro au Printemps de l'homme, massages exotiques, maquillages épicés et body painting au Printemps de la beauté, atelier de customisation, exposition photos, ateliers gri-gri et restauration brésilienne au Printemps de la mode constituent quelques-unes des principales attractions.

Sans oublier des expositions ventes de bijoux, d'objets de décoration conçus par des artistes brésiliens. « C'est une véritable immersion dans les exubérances brésiliennes, avec ses rites, ses coutumes, ses carnivals, ses artistes, ses cultures », poursuit avec enthousiasme Magali Chapas. Avec néanmoins un objectif précis : +10 % des ventes. ■

Christelle Magaud



Tradução do Fragmento de Informação Midiática 4 – Tem Brasil no ar da *Printemps*

Point de Vente

11 de abril de 2005

Bimestral

Tem Brasil nos ares da Printemps!

Seu Jorge e Salomé da Bahia são as estrelas convidadas na Printemps!

Apresentações privadas no auditório da grande loja, tá aí de qual forma começa a sua celebração do Ano do Brasil. “Do 07 de abril ao 07 de maio próximos, nós vamos fazer com que nossos clientes sonhem com esse país distante”, anuncia Magali Chapas, diretora de eventos e de publicidade da rede. Nesta ocasião, as vitrines serão decoradas com as cores do Brasil. “Isso representa 10% de nosso orçamento para o evento”, indica. A campanha de comunicação (imprensa, edição, embalagens, posters) tem um impacto de quase 20% no orçamento, o restante constituindo nas despesas de decoração e com os animadores. Foi dada carta branca para os comunicadores da Printemps - tudo é realizado internamente - para rivalizar com a imaginação e a audácia com as Galeries Lafayette, que decidiram pelos indígenas. “Em todos os andares, nós representamos o Brasil”, prossegue Magali Chapas. Capoeira, samba e forró no Printemps de l’homme - parte masculina da loja -, massagens exóticas. Maquiagens apimentadas e pinturas corporais no Printemps da beleza, ateliês de customização, exposições fotográficas, ateliês de badulaques e restauração brasileiras no Printemps da moda constituem algumas das atrações principais. Sem esquecer das exposições-vendas de joias, de objetos de decoração concebidos por artistas brasileiros. “É uma verdadeira imersão nas exuberâncias brasileiras, com seus ritos, seus costumes, seus carnavais, seus artistas, suas culturas”, prossegue entusiasmada Magali Chapas. Com um objetivo preciso: um acréscimo de 10% das vendas.

Christelle Magaud

Fonte: AFAA, 2005.

Mas, a moda não é apenas uma forma de se veicular clichês e estereótipos, pois serve, também, a outros fins. Ressaltamos aqui que moda, no mundo atual, é um bem cultural dos mais passíveis à capitalização, o que atenderia às necessidades já expostas de, a partir da temporada cultural na França, estabelecer novos laços comerciais. Desta forma, o **Ano do Brasil na França** foi importante, também, ao abrir o mercado francês para a entrada de produtos brasileiros. Antes da temporada brasileira na França, cada empresa que desejava começar o processo de exportação deveria fazê-lo quase completamente de forma independente. Em 2005, dentro das comemorações do **Ano do Brasil na França**, as iniciativas

privadas eram apoiadas pelo governo brasileiro e contavam com incentivos do BNDES.

Desde a divulgação do **Ano do Brasil na França**, o presidente Lula havia impulsionado o comércio exterior, conclamando as empresas brasileiras a aproveitarem o evento para entrar no mercado francês e, conseqüentemente, europeu. A máxima, que valia para industriais, aplicava-se também às marcas capazes de se internacionalizar naquele momento. Observamos, por exemplo, a entrada e possível consolidação de duas grandes marcas, já sedimentadas no mercado brasileiro: **Havaianas** e **Natura**.

Essas empresas assumiram, segundo a mídia francesa, o ideal de brasilidade buscado pelo europeu. Elas teriam o poder de colocar os franceses mais em “contato com a natureza” como ocorria com os brasileiros. Isso é quase paradoxal: em um momento em que a população europeia busca, cada vez mais, produtos orgânicos ou provenientes dessa mesma cultura, a Natura conseguia entrar no mercado de dermocosméticos no país dos dermocosméticos por excelência!

Com a primeira loja inaugurada no dia 22 de abril de 2005 – quando do lançamento da exposição indígena no Museu do Louvre - no *Carrefour de la Croix Rouge (Saint Germain de Près)*, região emblemática de Paris pelas grandes farmácias e lojas de cosméticos, a **Natura** conquistou um público na França, o que possibilitou uma entrada de capital externo expressivo na empresa. A **Casa Natura Brasil** seria, assim, um espaço no qual “[...] o consumidor encontra produtos elaborados com ativos da biodiversidade brasileira e tem contato com aspectos da cultura e dos costumes brasileiros.” (ALCAZAR *et al.*, 2007, p. 236). Nessa perspectiva, segundo o fragmento utilizado e divulgado em novembro de 2014, o mercado internacional, no qual a **Natura** investe há dez anos, torna-se, exatamente a partir do **Ano do Brasil na França**, responsável por 14,5% das vendas do grupo¹⁰³.

¹⁰³ RADIO FRANCE INTERNATIONAL. **Natura luta para ganhar espaço no mercado francês de cosméticos**. Disponível em: <<http://goo.gl/PViDDe>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

L'Express

semaine du 14 au 20 février 2005

Cosmétiques : le Brésil s'implante

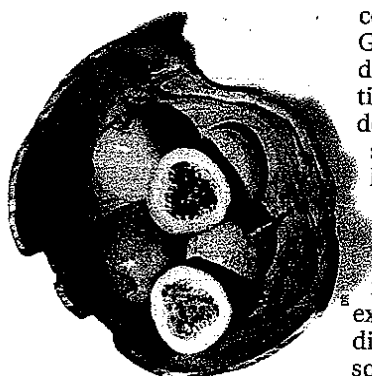
Natura, leader dans son pays, arrive en France. Misant sur des prix doux et sa culture du développement durable

Castanha, andiroba, pitanga, maracujá, pariparoba, breu branco : Natura, n° 1 brésilien des cosmétiques, débarque en France, les valises pleines des trésors de la *selva amazonica*. Avec pour principale vitrine, outre son site de vente en ligne, une luxueuse boutique à Saint-Germain-des-Prés, qui, à partir du mois de mars, vendra les produits phares de la marque : savons doux, crèmes de douche, sels exfoliants, élixirs, confitures d'huile ou encore brumes de lait aromatisées...

Glamour et exotisme : Natura joue ainsi au maximum de son origine brésilienne pour conquérir le marché hexagonal. Mais l'entreprise compte également user des mêmes charmes qui, en quelques an-

nées, lui ont permis de s'octroyer près de 20 % du marché brésilien de la beauté, septième au monde en la matière.

Ses atouts : des produits de bonne facture, issus de l'extraordinaire diversité de la flore brésilienne, servis par un packaging impeccable, et vendus à des prix qui les rendent accessibles au plus grand nombre. A cela s'ajoute un engagement fort en faveur du développement durable – en



Des produits de beauté qui jouent la carte de l'exotisme.

s'approvisionnant par exemple auprès des communautés indigènes d'Amazonie – qui lui permet de se distinguer des grosses multinationales du secteur. Résultat : depuis le début des années 1990, les ventes de l'entreprise ont plus que décuplé, augmentant encore de 30 % en 2004 pour atteindre 625 millions d'euros.

En s'attaquant au marché français, Natura, déjà présente en Argentine, au Chili et au Pérou, veut désormais prouver qu'elle peut réussir loin de ses bases sud-américaines. « La France aura pour nous valeur de test pour l'ensemble du continent européen, confirme Guilherme Peirão Leal, président du conseil d'administration de Natura. Nous nous donnons trois ans pour réussir. » Alors que, après celle de la Chine, débute bientôt l'année du Brésil en France, sans doute l'entreprise aura-t-elle à cœur, également, de se donner en exemple des ambitions grandissantes de son pays sur la scène économique mondiale... **Benjamin**

Masse-Stamberger

L'Express

Semana do 14 ao 20 de fevereiro de 2005

Cosméticos: o Brasil se estabelece.

Natura, líder em seu país, chega na França. Mirando nos preços baixos e sua cultura do desenvolvimento sustentável.

Castanha, andiroba, pitanga, maracujá, pari paroba, breu branco: natura, n. 1 do Brasil em cosméticos, desembarca na França, com suas malas cheias de tesouros da selva amazônica. Tendo por vitrine principal, além de seu site de venda on-line, uma luxuosa boutique em Saint-Germain-des-Prés, que, a partir do mês de março, venderá os produtos mais procurados da marca: sabonetes, gel de ducha, cremes exfoliantes, elixires, óleos ou ainda cremes corporais aromatizados...

Glamour e exotismo: a Natura joga, assim, ao máximo com sua origem brasileira para conquistar o mercado hexagonal. Mas a empresa vai utilizar, também, dos mesmos charmes que, em alguns anos, lhe permitiram conquistar quase 20% do mercado de beleza brasileiro, sétimo no mundo no quesito.

Suas vantagens: produtos de boa qualidade, originários da extraordinária diversidade da flora brasileira, entregues em embalagens impecáveis, e vendidos a preços que os tornam acessíveis ao grande público. Junte-se a isso um forte engajamento em favor do desenvolvimento sustentável – com a utilização da mão-de-obra das comunidades indígenas da Amazônia – que lhe permite de se distinguir das grandes multinacionais do setor. Resultado: desde no início dos anos 1990, as vendas da empresa cresceram mais de dez vezes, aumentando ainda 30% em 2004, chegando a 625 milhões de euros.

Ao buscar o mercado francês, Natura, já presente na Argentina, no Chile, e no Peru, procura provar, agora, que ela pode obter sucesso longe de suas bases sul-americanas. “A França terá, para nós, valor de teste para o conjunto do continente europeu, confirma Guilherme Peirão Leal, presidente do conselho de administração da Natura. Nós nos damos três anos para alcançar sucesso”. Tendo em vista que, após a temporada chinesa começará, daqui a pouco o **Ano do Brasil na França**, sem dúvida a empresa terá oportunidade, igualmente, de dar exemplo das grandes ambições de seu país na cena econômica mundial.

Benjamin Masse-Stamberger

Fonte: AFAA, 2005.

Observamos, em nossa pesquisa, que diversas publicidades sobre a Natura circulavam na França antes da abertura da filial internacional, o que comprova o interesse da mídia francesa em divulgar aquilo que estaria por vir e alimentar, entre os potenciais consumidores franceses, as expectativas quanto ao **Ano do Brasil na França**, em relação aos produtos brasileiros que estariam disponíveis no território francês.

A **Natura** coloca-se, neste caso, como uma possível ilustração sobre como as empresas brasileiras aproveitavam a alta do consumo de produtos orgânicos, na Europa, para lançar novos artigos, em que a publicidade remete à tão sonhada Amazônia, criando, assim, um vínculo com as exposições que ocorriam naquele momento e as quais se ressaltavam as habilidades indígenas no tratamento de objetos da natureza. Assim, ao fazer apelo ao natura(l) a empresa conseguia atingir o desejo do público francês, de ter acesso a fragrâncias exóticas e produtos considerados milagrosos, feitos de matéria prima proveniente da maior floresta “encantada” do mundo. Numa convivência entre os imaginários dos dois países, seria como se, ao usar os produtos **Natura**, as mulheres francesas fossem conseguir ter pele idêntica às mulheres brasileiras, tão bem comentada por sua “pigmentação feérica”.

Outro exemplo da entrada maciça de produtos brasileiros na França diz respeito à marca **Havaianas** que, por bastante tempo, foi um símbolo de pobreza no Brasil. Na França, ela ganhava um espaço que sedimentaria a empresa também no mercado brasileiro: as **Havaianas** passavam, naquele momento, de “chinelos”, ao *status* de “sandálias”. Como observa Laan Mendes de Barros (2006: 95), “[...] no campo empresarial, dentre tantas iniciativas bem sucedidas, o caso da Alpargatas, com as sandálias Havaianas seja, talvez, o mais emblemático.”¹⁰⁴

A marca, criada em 1962 para um público completamente diferente, adaptou-se ao evento e às necessidades que se impunham naquele primeiro momento: do calçado que, durante mais de trinta anos, foi símbolo das empregadas domésticas e de classes desfavorecidas, passou, mais adiante, a fazer parte do dia a dia das praias brasileiras e se tornou, para o Hotel Bristol, uma sandália cravada de cristais *Swarowsky* – presente a ser oferecido aos clientes que se hospedavam no hotel durante algum período de atividades do **Ano do Brasil na França**. A **Alpargatas** soube aproveitar a proposta e criar uma nova gama de produtos, adequados a uma classe que não era seu alvo quando da sua criação.

Os produtos escolhidos a título de ilustração são, em nosso entendimento, emblemáticos, uma vez essas empresas, em seu processo de internacionalização, conseguiram se fixar no mercado francês. Os fluxos dos produtos são, dessa forma, de mão dupla. E, o engajamento do presidente Lula para que as marcas brasileiras

¹⁰⁴ BARROS, L. M. Representações da Cultura brasileira na mídia francesa: 2005 – o ano do Brasil na França. In: **Libero**, Ano IX, n. 18, dez. 2006.

utilisassem o **Ano do Brasil na França** como plataforma comercial tem, assim, um eco duradouro: são dez anos de exportação e de abertura de outros pontos de venda também pela Europa. A França foi, assim, o vetor para a entrada dos produtos brasileiros de forma mais sistemática no mercado europeu.



11/15 PLACE DE LA BOURSE
75081 PARIS CEDEX 02 - 01 40 41 46 46

14 AVRIL 2005
Quotidien Paris

Page : 1 / 1

Le Brésil fait la promotion de ses produits en France

PARIS, 14 avr 2005 (AFP) - Le Brésil veut "améliorer son image" à l'étranger en faisant la promotion de ses points forts et ses produits exportés, a déclaré jeudi à Paris le ministre brésilien de l'Industrie et du Commerce extérieur Luiz Fernando Furlan, à l'occasion du "Forum économique France-Brésil".

Ce Forum, qui s'inscrit dans le cadre de l'Année du Brésil en France, vise à "diffuser en France une image plus juste du Brésil en valorisant les réalisations technologiques de ce pays et en présentant la stratégie de récupération économique conduite par les autorités".

Il faut "améliorer notre image", qui ne doit pas uniquement se résumer à celle d'un pays "sympathique" et "du football", a dit M. Furlan, en mettant en avant "la construction d'un nouveau pays" depuis l'arrivée au pouvoir du président Lula en 2002.

Le ministre a notamment mis l'accent sur le "changement structurel de notre commerce extérieur", qui permet de dégager des excédents courants, et le développement des technologies (recherche sur le génome, administration électronique, semi-conducteurs, logiciels, produits cosmétiques de l'Amazonie réalisés en respect du principe de la biodiversité).

L'Agence de promotion des exportations et des investissements (Apex), "transformée" depuis 2002, symbolise les progrès du commerce extérieur et a réalisé en deux ans 900 manifestations de par le monde, a expliqué son président Juan Manuel Quiros.

Plusieurs actions se déroulent actuellement en France, dont une présentation de produits brésiliens au Printemps Haussmann à Paris.

Fragmento de Informação Midiática 6 – O Brasil faz a promoção de seus produtos na França

Fonte: AFAA, 2005.

Tradução do Fragmento de Informação Midiática 6 – O Brasil faz a promoção de seus produtos na França

AFP

14 de abril de 2005

Cotidiano - Paris

O Brasil faz promoção de seus produtos na França

Paris, 14 de abril de 2005 (AFP) - O Brasil quer “melhorar sua imagem” no exterior fazendo promoção de seus pontos fortes e dos seus produtos importados, declarou na quinta-feira em Paris o Ministro brasileiro da Indústria e do Comércio Exterior Luiz Fernando Furlan, durante o “Fórum Econômico França-Brasil”.

Tal Fórum, que se inscreve no quadro do **Ano do Brasil na França**, visa “difundir na França uma imagem mais justa do Brasil, valorizando as relações tecnológicas do país e apresentando a estratégia de recuperação econômica conduzida pelas autoridades”.

É necessário “melhorar a nossa imagem”, que não deve se resumir unicamente àquela de um país “simpático” e do “futebol”, sentenciou o senhor Furlan ao evidenciar a “construção de um novo país” desde a chegada ao poder do presidente Lula, em 2002.

O Ministro sublinhou, notadamente, “a mudança estrutural de nosso comércio exterior”, que permite deslocar os excedentes existentes e o desenvolvimento das tecnologias (pesquisa sobre genoma, administração eletrônica, semi-condutores, logícies, produtos cosméticos da Amazônia fabricados respeitando os princípios da biodiversidade).

A Agência de promoção às exportações e aos investimentos (Apex), que passou por um processo de transformação em 2002, simboliza o progresso do comércio exterior e realizou em dois anos 900 manifestações pelo mundo, explicou seu presidente, Juan Manuel Queirós.

Várias ações ocorrem atualmente na França, como a apresentação de produtos brasileiros na *Printemps Haussmann*, em Paris.

Fonte: AFAA, 2005.

O fragmento de informação midiática apresentado acima endossa nossa hipótese de que, ao invés de desconsiderar os estereótipos circulantes sobre o Brasil, a proposta do governo brasileiro seria de recharacteriza-los em benefício do comércio do país. Sem deixar de lado a questão da simpatia, unia-se, a ela, a questão da competência brasileira, em diversos domínios, em um país em franca reestruturação. A relação que ficou clara na analogia entre a moda e o cuidado brasileiro com o corpo, como sugere o caso da **Natura** e, também, nos avanços relativos à pesquisa sobre a biodiversidade da Amazônia. Ao mesmo tempo, o processo de modernização dos parques industrial e tecnológico do Brasil, apontados por Furlan (2005), possibilitariam o pleito brasileiro por uma imagem mais arrojada.

Essa imagem estaria ligada, também, à ideia do multiculturalismo brasileiro que o Governo Federal buscava tornar pública, em suas ações, durante o **Ano do**

Brasil na França. Assim, a melhoria da imagem do Brasil não passaria pelo abandono da imagem do “país do futebol”, mas pela incorporação de outros atributos que demonstrariam como a nova imagem do país deveria ressaltar outras competências, em uma identidade mais afinada com as alterações de ordem social e econômica vivenciadas recentemente pelo país.

4.3 A participação audiovisual

*“Comment expliquer aux Français
les raisons pour lesquelles ils aimeint
réellement le Brésil?”*

(JEAN GAUTIER, 2014)¹⁰⁵

Uma parte importante da presente pesquisa foi realizada junto à *Inathèque*, biblioteca do Instituto de Audiovisual Francês (INA)¹⁰⁶ - componente da Biblioteca Nacional da França responsável pelo tratamento de toda documentação audiovisual exibida no território francês¹⁰⁷. Como observa Mathieu Gallet, Presidente/Diretor Geral da INA,

Longtemps sous-estimée, la mémoire audiovisuelle fait désormais partie intégrante de notre culture et de notre histoire : au même titre que les livres peuplant nos bibliothèques, les sons et les images sont devenus à la fois objets et sources de savoir, dont l'étude offre une multitude de clés pour la compréhension du monde contemporain. Aussi est-il essentiel pour l'Ina de proposer à tous les chercheurs – quels que soit leur statut ou l'objet de leurs travaux – l'accès à l'ensemble de ses collections, qu'il s'agisse de la TV, de la radio ou du web média.(MATHIEU GALLET, 2013)¹⁰⁸

¹⁰⁵ Como explicar aos franceses sobre as razões pelas quais eles amam realmente o Brasil? (Tradução nossa)

¹⁰⁶ O INA foi criado em 1975 e tem por objetivo a conservação do patrimônio, a partir da valorização e disponibilização dos arquivos multimídia produzidos na França.

¹⁰⁷ Refiro-me aqui a uma parte da pesquisa realizada no período de estágio doutoral, em Paris (França).

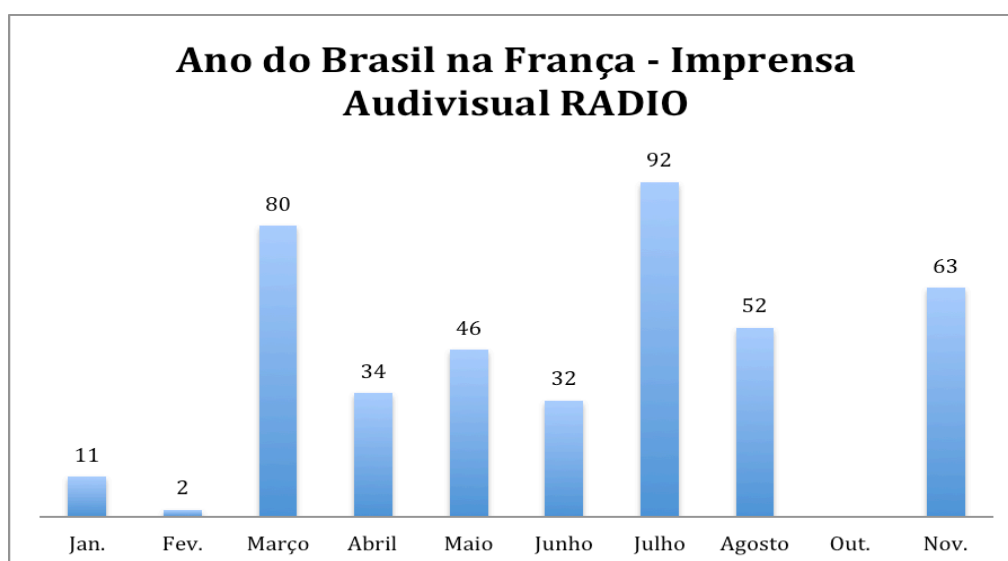
¹⁰⁸ Durante muito tempo subestimada, a memória audiovisual é, agora, parte integrante de nossa cultura e de nossa história: da mesma forma que os livros povoam nossas bibliotecas, os sons e as imagens se tornaram, de um lado, objeto e fontes de saber, que o estudo oferece uma série de chaves para a compreensão do mundo contemporâneo. Dessa forma, é essencial para a INA propor a todos os pesquisadores – qualquer que seja seu status ou objeto de trabalho – o acesso ao

A biblioteca do INA tem papel importante na documentação e conservação dos arquivos franceses, servindo de base para projetos semelhantes no mundo inteiro e tornando-se referência para pesquisas em acervo audiovisual na França. Em 20 de junho de 1992, a lei de *Dépôt Legal* conferiu ao INA o direito a todos os arquivos audiovisuais transmitidos na França e em seus territórios, de forma que o Instituto seja capaz de preservar essa modalidade de patrimônio francês da melhor forma possível, sempre sob a supervisão de documentaristas especializados.

Durante o período de cinco meses de nosso doutorado sanduíche, as visitas à *Inathèque* e consultas ao material ali disponível foram constantes. Na pesquisa, assistimos a várias emissões televisivas que tematizaram o Brasil como ponto principal, desde 1979, a fim de compreender qual era a imagem do Brasil no período anterior à temporada de 2005, para, em seguida, estudarmos os programas de rádio e televisão produzidos especialmente para o **Ano do Brasil na França**.

A seguir, apresentamos o Gráfico 7, com dados sobre a divulgação do **Ano do Brasil na França** no formato audiovisual com destaque para a radiodifusão.

Gráfico 7 – O **Ano do Brasil na França** divulgação e especiais nas rádios francesas



Fonte: DADOS DA PESQUISA.

No que diz respeito aos arquivos radiofônicos, o material recolhido parece evidenciar que o hábito de ouvir o rádio em relação ao hábito de assistir à televisão é bem mais forte na França do que no Brasil. Essa é uma hipótese baseada na quantidade de material disponível e em questionamento aos documentaristas do INA. O número de especiais sobre o Brasil que foram transmitidos nos rádios é algo digno de admiração. Não apenas especiais sobre a música brasileira, com horas dedicadas ao forró, ao *Hip Hop*, à MPB (já presentes no imaginário francês), aos novos artistas como Maria Rita, Badi Assadi, Seu Jorge, dentre outros, ou mesmo à Orquestra de Câmara e especiais sobre a(s) cultura(s) brasileira(s) como um todo. Ao que nos parece, o público francês é bem fiel às emissões radiofônicas, talvez porque elas sejam menos globalizadas que a televisão, colocando em destaque o regional e o local. Foram encontradas nos arquivos do INA, por exemplo, diversas transmissões radiofônicas e entrevistas sobre o **Ano do Brasil na França**, com a participação de personalidades políticas e, também do meio cultural, como Gilberto Gil e Seu Jorge. As emissões de rádio apresentaram, então, perspectivas brasileiras a partir de panoramas musicais e entrevistas com personalidades e artistas. No que concerne à música, percebe-se a preocupação em ampliar o olhar musical francês em relação à produção brasileira de maneira que, a Bossa Nova, o Samba e a Música Popular Brasileira fossem pontos de apoio para as programações. Não houve um estilo musical que deixou de participar do dia a dia francês, durante o período que se estendeu o **Ano do Brasil na França**.

Destacamos aqui três especiais televisivos que colaboraram para a percepção da imagem brasileira veiculada na França durante o **Ano do Brasil na França**. São eles: *Des racines et des ailes* (France 3); *Plus pres des étoiles* (France 4) e *Le dessous des cartes* (Arte). Passemos, então, à análise dos especiais escolhidos.

“*Des racines et des ailes*”. É um programa de reportagens temáticas exibido pela emissora *France 3*. O especial Brasil foi filmado no Rio de Janeiro, no Palácio do Itamaraty, e apresentado por Patrick de Carolis em 27 de abril de 2005¹⁰⁹. Esse

¹⁰⁹ Participantes da emissão: Luiz Antonio Ewbank (Conservador do Palácio do Itamaraty), Pedro Correa do Lago (Presidente da Biblioteca Nacional do Brasil), Ângelo Oswaldo de Araújo Santos (Prefeito de Ouro Preto e Comissário Científico da Coleção exposta em Rouen sobre os três séculos de Arte Brasileira), Rosiska Darcy de Oliveira (escritora e socióloga) e Vincent Rosenblatt (Fotógrafo e Cordenador da Associação Olhares do Morro).

nos parece o documentário mais importante do período talvez por ser o primeiro a ser gravado no Itamaraty. Os diretores do programa, preparado a partir de uma pesquisa realizada durante três anos antes da gravação, afirmavam querer fugir dos locais comuns e dos estereótipos de qualquer tomada internacional sobre o Brasil: gravar no Pão de Açúcar, ao pé do Cristo Redentor ou na Bahia seria uma forma de reafirmar os clichês sobre o Brasil, impedindo a realização de um documentário que pretendia demonstrar a riqueza do Brasil fugindo dos estereótipos mais comuns. Dessa forma, afirmam os diretores:

Le Carnaval de Rio, les corps body-buildés de Copacabana et le salsa-reggae ne constituent donc pas l'essentiel de ce 163e numéro des «Racines et des ailes» qui, fidèle à la ligne éditoriale de l'émission, s'intéresse au Brésil culturel, sous une forme attractive. (Des racines et des ailes, 2005).¹¹⁰

Do Palácio do Itamaraty, berço das Relações Internacionais Brasileiras, Patrick de Carolis fazia a conexão com colaboradores em todo o território brasileiro na tentativa de ultrapassar os clichês com 16 toneladas de material, 13 delas provenientes da França, quarenta técnicos franceses e outros vinte brasileiros. A emissão teve um custo estimado em 800.000 euros, o que a tornava aproximadamente 200.000 euros mais dispendiosa do que qualquer outro programa homólogo gravado no exterior. O programa, que primeiramente tratou dos elos entre o Brasil e a França, indo dos mais antigos às anedotas menos conhecidas, tinha por objetivo mostrar, a partir do Itamaraty, ou seja, do *locus* histórico do governo e da sua busca por projeção internacional, o Brasil plural e mestiço ao qual o Ministro da Cultura Gilberto Gil fazia alusão. Para tanto, durante as tomadas, o apresentador demonstrou o papel da França na cultura e na arquitetura brasileiras, mostrando por que inúmeros franceses, dentre eles Romaric Sulger-Büel - então adido cultural -, decidiram fazer do Brasil sua pátria. Para Sulger-Büel (na emissão):

¹¹⁰ O Carnaval do Rio, os corpos esculpidos de Copacabana, a salsa-reggae não constituem o essencial desse 163º número de “Des racines et des ailes”, que, fiel a sua linha editorial de emissão, se interessa ao Brasil cultural, de forma atrativa. (LEPOITTEVIN, S. Le Brésil loin des clichés. 27 de abril de 2005. Disponível em: < <http://goo.gl/u88hZ6> >. Acesso em: 15 abr. 2015, tradução nossa).

O Brasil é, na verdade, vários “Brasis”. É um país de contradições, sendo ao mesmo tempo a Europa, a África, etc. (...) é um país bem gerenciado e às vezes, mal gerenciado; um país de múltiplas influências. (CAROLIS, 2005).

A emissão tem, por jargão, a ideia do Brasil mestiço, do Brasil da mestiçagem cultural contínua, seja em Belém, em Minas, em Salvador, no Rio, ou qualquer outro lugar. Afinal, como observa Gil durante a emissão, o Brasil encontra-se em um processo contínuo de mestiçagem sendo, portanto, um laboratório para o mundo da mestiçagem. Nossa crítica, quanto à emissão, encontra-se no fato de que, ao fugir da discussão sobre o racismo no Brasil, o programa, assim como o próprio Ministro da Cultura, não aborda de forma crítica os problemas sociais, como vinculados aos problemas raciais, até hoje não resolvidos no país.

A crítica francesa ao documentário foi bastante positiva, destacando a preocupação de fugir dos clichês, a clareza das imagens/qualidade fotográfica e o tempo dedicado para o estudo e apresentação da emissão, o que demonstraria uma real preocupação com a pesquisa historiográfica a ser transmitida na França.

O que percebemos, durante toda a emissão, é a tentativa de se vincular o Brasil à Europa, principalmente à França, como se fosse possível ver no Brasil e na cultura mestiça que se tece ao longo dos séculos, a concretização dos sonhos franceses: as esculturas brasileiras remeteriam àquelas francesas, as escadarias da Casa de Tecidos em Belém seria uma ode à França e à alta costura centenária, as danças nas fazendas incorporavam o *menuet*, dança preferida do Rei francês Luis XIV, dentre outros exemplos possíveis. É interessante notar essa tentativa de buscar no Brasil atual traços da Europa, históricos ou não, reais ou construídos, como forma de afirmar identidades que, mesmo híbridas, possuiriam uma herança ‘traçável’.

Embora a escolha do documentário *Des racines et des ailes* possa parecer, para muitos, aleatória, ela se justifica, do ponto de vista acadêmico, por diversas razões: (a) foi o primeiro programa com grande audiência a lançar o **Ano do Brasil na França** da forma mais complexa possível; (b) sua transmissão foi comentada nos principais meios de comunicação: jornais, revistas, rádios e citações em outros vetores de difusão de informação; (c) o documentário teve grande repercussão após sua apresentação, o que, para nós, é um motivo a mais para considerá-lo em nossa pesquisa.

Fragmento de Informação Midiática 7 – *Des racines et des ailes* - Especial Brasil

Famille

chrétienne

15/27 RUE MOUSSORGSKI
75895 PARIS CEDEX 18 - 01 53 26 35 00

23/29 AVRIL 05
Hebdomadaire Paris

Page : 1 / 1

DES RACINES ET DES AILES

Spécial Brésil

FRANCE 3 20.55 *Un regard sur le monde* (Ad. et gds ados)

ue de contrastes ! A l'occasion de l'Année du Brésil, «Des racines et des ailes» s'est envolé de l'autre côté de l'Atlantique pour en explorer les facettes méconnues. Quatre reportages au programme : Rio de Janeiro, la ville la plus cosmopolite, qui a tissé de nombreux liens avec la France ; Salvador de Bahia, chargée d'images exotiques ; la région du Minas Gerais, terre de l'or et du café qui ont fait la richesse du pays ; puis Belém «d'indienne», située aux portes de la forêt amazonienne.

Entre petites leçons d'Histoire et vues panoramiques sur les incontournables plages brésiliennes, «Des racines et des ailes» nous apprend à voyager. Le magazine sait prendre

son temps et donner la parole aux locaux, faisant délibérément abstraction de tout l'aspect socio-économique, par ailleurs déjà largement traité récemment dans «Un œil sur la planète» (France 2). Diane Gautret

Salvador de Bahia

Fonte: AFAA, 2005.

Famille chrétienne

23/29 de abril 05

Semanal - Paris

Des racines et des ailes - especial Brasil

France 3 - 20h55

Quanto contraste! Por ocasião do Ano do Brasil, [a emissão] *Des racines et des ailes* voou para o outro lado do Atlântico para explorar facetas desconhecidas. Quatro reportagens no programa: Rio de Janeiro, a cidade mais cosmopolita, que teceu numerosos laços com a França; Salvados da Bahia, carregada de imagens exóticas; a região de Minas Gerais, terra do Ouro e do café que fizeram a riqueza do país; e, Belém “dos índios” situada às portas da floresta amazônica.

Entre pequenas lições de história e vistas panorâmicas das incontornáveis praias brasileiras, “*Des racines et des ailes*” nos ensina a viajar. A reportagem sabe aproveitar seu tempo e dar voz aos habitantes locais fazendo, deliberadamente, abstração de todo o aspecto sócio-econômico, que já muito bem tratado recentemente em “*Un oeil sur la planète*” (France 2)

Diane Gautret

Fonte: AFAA, 2005.

Dessa forma, percebe-se que o especial ***Des racines et des ailes*** foi pensado em dois sentidos: um primeiro, apresentando o Brasil estereotipado das praias, das cores, das festas, do Rio de Janeiro já conhecido dos europeus e, portanto, chamariz para o grande público. O segundo sentido é ultrapassar a perspectiva de que o Rio de Janeiro seria capaz de apresentar a totalidade do Brasil para o estrangeiro a partir da articulação de uma série de outros estereótipos regionais que se vinculam à ideia da multiplicidade cultural do país. Assim, os estereótipos ressaltados são vinculados às heranças africana (Salvador), europeia (Minas Gerais) e indígena (Belém) e passam, também, a compor a representação do país para o francês. A busca pelo contato com brasileiros especialistas na história e na composição social do país, bem como buscar “dar voz” às populações locais contribuiu, ainda, para que os diversos estereótipos sobre o Brasil se ajustassem às próprias imagens que os brasileiros têm de si.

O segundo especial que escolhemos como ilustração da nossa análise é um conjunto de emissões ligadas às festividades do 14 de julho (festa nacional francesa – tomada da Bastilha) intitulado ***Plus près des étoiles*** (“Mais próximo das estrelas”), que demonstrou como a França havia realmente se pintado de verde-amarelo, durante sua festa nacional, em homenagem ao Brasil.

Até semanas antes do evento, não se tinha conhecimento de como seria o espetáculo de fogos na Torre Eiffel, uma vez que a empresa responsável pelo mesmo buscava surpreender a todos os presentes. O Comissário Geral Jean Gautier, sabendo da presença iminente do presidente brasileiro, buscava fazer das solenidades do 14 de julho, algo sem precedentes. Durante entrevista, ele explicou-nos que, mesmo que as regras fossem conhecidas desde o início na AFAA, o **Ano do Brasil na França** tomava uma proporção que alterava (transformava) também, aquela manifestação cultural. Exemplo disso seria a presença do Presidente Lula nas manifestações do 14 de julho e a necessidade de prestar-lhe homenagem à altura, tendo em vista a projeção do Brasil e a reaproximação dos dois países desde a eleição de Lula. Afinal, a relação Chirac-Lula funcionava muito bem e os dois países se apoiavam na ONU e no quadro da UNESCO. A política externa brasileira deixava de lado seu viés americanista para se abrir para a Europa, principalmente à França “uma verdadeira amizade política”. O Comissário Geral lembrou, então, quão difícil foi a negociação para que a parada militar contasse, também, com militares brasileiros. Para o Estado Maior, aquilo seria impossível, devido à falta de acordos anteriores, como havia com a Inglaterra e a Alemanha. Foi necessária a intervenção do Presidente Jacques Chirac, garantindo a presença dos militares brasileiros e a apresentação da esquadilha da fumaça. Ao mesmo tempo, a presença do Presidente Lula, nas comemorações, era imprescindível para os franceses, devido à espera popular e à figura mítica que o trabalhador venerado na França desde os anos 1980 causava enquanto Presidente da República do maior país da América Latina. O empenho, então, dava-se dos dois lados para fazer da festa da República Francesa uma festa de amizade e da democracia.

O primeiro evento destas festividades foi a participação de Lula no colóquio **Brasil: ator Global** realizado na Sorbonne em 13 de julho de 2005.

O discurso de Lula tratava da tentativa de reconhecimento do Brasil enquanto ator global, ou seja, enquanto membro efetivo da Sociedade Internacional. Para fazê-lo, o ex-presidente brasileiro buscou projetar um inconsciente coletivo de lutas compartilhadas entre o Brasil e a França. Primeiramente, ao exaltar as lutas empreendidas pelos franceses, que teriam servido de fonte de inspiração para a construção dos movimentos brasileiros de contestação da ordem social; no âmbito bilateral, um dos exemplos utilizados por Lula foi o apoio oferecido pela França aos brasileiros que se exilaram na Europa durante o regime militar no Brasil. Dizia ele :

Ao considerar esses temas que dizem respeito ao ordenamento internacional, permito-me fazer um recuo histórico e falar um pouco da **convergência de pontos de vista** entre o Brasil e a França. Nossa **crença na liberdade como valor fundamental** [...] As idéias do iluminismo francês e a própria Revolução Francesa (ao lado da Revolução Americana) tiveram impacto direto no Brasil. Foram **fontes de inspiração** para idéias republicanas e movimentos de rebeldia [...] Esses movimentos foram duramente reprimidos, mas **deixaram uma herança** de lutas que contribuiu para acelerar nossa independência. Joaquim Nabuco, outro pernambucano, chegou a afirmar que "todas as nossas revoluções (antes da Independência) foram ondulações que começaram em Paris". Os que reprimiam os movimentos nativistas e republicanos falavam em erradicar "os abomináveis princípios franceses". São os princípios que se celebram no 14 de julho, não apenas pela França, mas **por todos os que amam a liberdade e creem na solidariedade humana**. A França foi para o Brasil, em muitos momentos, uma inspiração de liberdade. (LULA, 2005, grifo nosso).

A argumentação do Presidente Lula, nesse discurso, dá ênfase aos os princípios de igualdade, liberdade e fraternidade – palavras de ordem da República Francesa. Ao fazê-lo, ela aciona um ideário que o auditório tende a compartilhar. A estratégia está pautada em expressões que causam emoção no público, tais como “fontes de inspiração”, “herança”, “por todos que amam... e crêem...”. Sem essa parte do discurso, o Presidente poderia, talvez, suscitar a emoção, mas sem atentar para o espírito combativo, importante em sua idéia de mudança. Afinal, aqueles que amam a liberdade e crêem na solidariedade têm que participar de ações por um mundo mais equitativo, e isso estaria ligado aos saberes de crença, aos valores morais que guiariam franceses e brasileiros, a um sentimento de justiça a ser feita. Esse sentimento vai guiar, também, a continuação do discurso presidencial: ao retomar a ditadura no Brasil, o exílio de brasileiros em Paris, a invasão da França durante a II Guerra e os esforços de brasileiros na resistência francesa, Lula afirmou:

Durante os anos de autoritarismo, muitos brasileiros, **injustamente perseguidos** em nosso país, encontraram refúgio e proteção em terras francesas. Guardamos uma **dívida de gratidão** com o povo francês por essa solidariedade em uma hora difícil de nossa vida nacional. **Orgulhamo-nos**, ao mesmo tempo, de ver que as atividades do **Ano do Brasil na França** incluem homenagens a dois brasileiros que **lutaram** lado a lado com o povo francês em momentos difíceis para a França. Na

clandestinidade e com grande **sacrifício pessoal**, meu amigo e companheiro Apolônio de Carvalho deu contribuição destacada à **resistência e à libertação** da França do **jugo nazista**. Na diplomacia, a **coragem** do embaixador Luiz Martins de Souza Dantas ajudou a salvar centenas de **vítimas inocentes**. São exemplos dos **laços humanos que vinculam** a França e o Brasil. Isso confere à nossa parceria um **significado muito especial, porque** a defesa dos **direitos humanos** e a consolidação da **democracia** são hoje **tarefas inadiáveis** no plano internacional. (LULA, 2005, grifo nosso).

Assim, Lula deseja mostrar que a ação brasileira está baseada em um princípio moral de busca pela justiça social, princípio este que, em outras épocas, havia levado à resistência e ao exílio de brasileiros e franceses. São sentimentos que serão associados a reações afetivas, mas que se apoiam, também, em racionalidades. Como observa Boudon, citado por Amossy (2000, p. 317), a indignação que sentimos ao ver inocentes obrigados a se exilar e os fracos cassados pelos mais fortes, pode ser defendida por argumentos aceitáveis, que as pessoas que se indignam sejam ou não conscientes das razões que fundam seus julgamentos. Nesse sentido, as normas, valores e crenças que guiariam a ação brasileira, no plano internacional, seriam justamente baseadas nas palavras de ordem da República Francesa e que levaram a resistência em ocasiões de tensão e opressão. Ao colocar em evidência o orgulho que se deve sentir de tais personagens da resistência, o Presidente lança seu apelo para que tarefas inadiáveis ligadas, mais uma vez, à memória e valores compartilhados (promoção da democracia e dos direitos humanos) sejam realizadas com o auxílio de Brasil e França em todo o mundo.

A foto a seguir ilustra o pronunciamento do Presidente Lula aos intelectuais brasileiros e franceses presentes na Université Paris I – Sorbonne, no dia 13 de junho de 2005.

Figura 11 – Lula em seu discurso **Brasil: ator global**



Fonte: RICARDO STUCKERT/PR, 2005.¹¹¹

O discurso do presidente, preparado por seus assessores para causar emoção, recebeu atenção e aplausos dos intelectuais ali presentes, bastante impressionados com a desenvoltura do presidente, seja na recepção de alguns “penetras”, seja em sua postura enquanto estadista. Como observa Jean Gautier (2014),

Lula me deixou bastante impressionado no caminho para o seu discurso na Sorbonne. Ele havia acabado de descer do avião, vermelho, muito cansado. E ele abriu a Conferência deixando claro seu cansaço, mas que ele faria o máximo para que aquilo não interferisse em sua fala. Ele fez seu discurso e, ao final, um dos professores da Sorbonne disse que tinha três questões a fazer. Lula, então, disse que iria reunir as três questões em uma e respondeu de forma brilhante. Isso me mostrou seu brilhantismo. Se ouvimos correntemente que Lula não sabe falar nem mesmo o português (ohlá), a resposta às questões, de forma improvisada, foi de um brilhantismo muito impressionante. (JEAN GAUTIER, 2014).

Essa parece ser, também, a impressão que o Presidente brasileiro deixou na mídia francesa, que se interessou por todo seu percurso em Paris durante os três

¹¹¹ Disponível em: < <http://goo.gl/oAjkep>>. Acesso em: out. 2015.

dias de festividades. Lula foi considerado o Presidente “à *tout faire*”, capaz de se apresentar na Sorbonne, participar de forma impecável do desfile nos *Champs Élysées*, pronunciar-se de forma inequívoca no jantar organizado pelo patronato e pelos industriais, sem deixar de subir ao palco para agradecer a todos aqueles que estiveram presentes na Praça da Bastilha para o Concerto Viva Brasil.

Dessa forma, para os franceses, ao final das festividades do 14 de julho (mesmo com todas as tensões que se tornavam públicas sobre os escândalos de corrupção¹¹²), não apenas o Brasil, mas principalmente, o Presidente Lula, encontravam-se ainda “mais perto das estrelas”, em alusão ao nome da emissão.

É importante salientar que mais de 70% do dossiê de imprensa organizado pela AFAA, ao qual tivemos acesso do período de julho de 2005 e que tem o Brasil como foco, é destinado à presença do Presidente Lula em Paris. Esses números devem ser levados em conta, tendo em vista a importância dada à presença dos outros Chefes de Estado, brasileiros ou não, nas festividades francesas. Até agora, em nossas pesquisas, nenhuma se equipara àquela dada a Lula.

Nesse sentido, a compreensão do que significava a projeção do Brasil no cenário internacional, naquele momento de crise interna, é de suma importância: para os franceses, era mais importante ressaltar os projetos conjuntos (lembrando que também a França se encontrava em uma crise política interna, com tensões importantes) e a eficácia da diplomacia cultural e da temporada brasileira, que entrava em seu quinto mês, sem se tornar maçante para a população francesa. As infinitas possibilidades de descoberta do Brasil, segundo a mídia, favorecia, ao contrário, o crescimento do público nas exposições.

A terceira emissão que escolhemos para ilustrar nosso trabalho foi ***Le dessous des cartes – spécial Brésil*** emissão sobre geopolítica dirigida por Jean-Christophe Victor e apresentada pelo Canal ARTE, que se subdividiu em duas partes: ***Une année brésilienne en France***, exibida no dia 04 de maio às 20h30, na qual se discutiram fatos, como o Brasil ser a primeira potência econômica da América do Sul, que experienciava um governo de “esquerda” desde o início de 2003 com o Presidente Lula. Apresentava-se, então, o Brasil como um país

¹¹² Embora tenha dado pouca repercussão à temática, a mídia francesa não deixou de tratar, em seus jornais cotidianos da descoberta da corrupção no governo Lula, a partir das notícias sobre o mensalão. Durante o mês de julho de 2005 foram publicadas uma média de cinco notas sobre o assunto, sempre abordando a visita do presidente Lula e a crise interna que o Brasil enfrentava. O que observamos, entretanto, é que não foi feita nenhuma ligação com o evento na França e os escândalos sobre corrupção.

continente, com grandes riquezas e a maior floresta do mundo. A emissão trataria, ainda, das riquezas minerais do país e de sua disposição em se tornar uma grande potência. Como todas as emissões estudadas no período, há sempre uma tentativa de perceber a “herança ou influência francesa” como forma de estreitamento dos vínculos entre os dois países. O que nos importa nessa emissão é mais a forma didática que foi colocada em prática para se apresentar o Brasil. Há, nela, uma preocupação de explicar cada uma das regiões, suas diferenças culturais, modos de vida, riquezas exploradas histórica ou contemporaneamente, de forma a fornecer um panorama completo sobre o Brasil, uma explicação didática que vai além das festividades e dos estereótipos circulantes. A emissão apresentou, também, críticas ao desflorestamento, à procura desenfreada por outras fontes de riquezas, que colocariam em perigo o futuro do país e o desequilíbrio de um país o qual enfrentava, em 2005, um alto índice de desigualdade social. Discute-se a possibilidade de o país sair da linha da pobreza, a necessidade de pagamento da dívida pública e a aplicação de outros mecanismos de redistribuição de renda, ao mesmo tempo em que se considera a dificuldade de implantá-los.

Na segunda parte da emissão, ***Une politique étrangère d'ambition*** exibida no dia 11 do mesmo mês, têm-se a preocupação com o peso diplomático do Brasil e com o que o novo governo seria capaz de fazer, tendo em vista suas orientações políticas. Para o canal, a diplomacia de Lula crescia de forma importante, sendo necessário, então, verificar, quais suas orientações. Dá-se, então, importância às plataformas nacionais de governo assumidas internacionalmente, como o combate à pobreza, e à temas como o fortalecimento do Sul: em primeiro lugar, tendo em vista o MERCOSUL, prosseguindo para a Comunidade Andina como forma de projeção internacional do país. O Brasil voltaria a ser um “mediador da paz” como já havia sido durante o período de Rio Branco no Itamaraty. Ao mesmo tempo, segundo a emissão, o Brasil não abandonava seu papel de porta-voz dos países pobres, principalmente em relação à América Latina e à África. No caso africano, havia, ainda, uma dívida infinita do Brasil, que seria trabalhada no governo Lula em termos políticos e econômicos.

A emissão do dia 11 consagra-se, então, inteiramente, à possibilidade do Brasil potência e das alianças que estariam sendo feitas nesse sentido: a lusofonia como estratégia, a aproximação com África do Sul, Índia e Rússia e, também, com o mundo árabe, ambiente proscrito para a política externa estadunidense. As duas

emissões se completam no sentido em que buscam demonstrar como o Brasil, durante o governo Lula que se apresentava, com o Ministério da Cultura com Gilberto Gil e o Ministério das Relações Exteriores nas mãos de Celso Amorim, não mais como o país do futuro, mas como o país que buscava, naquele momento, as possibilidades de projeção internacional necessárias para ser considerado um país do presente. Afinal, como não cessava de colocar o Ministro Gilberto Gil, a política externa do Brasil se misturava com suas heranças culturais e identidades em busca da paz internacional. E a televisão francesa, ao que parecia, estava disposta a aceitar tal discurso de forma bastante aberta.

Ouest France

vendredi 21 janvier 2005

Cultures

« La moindre chose contient un peu d'inconnu. Trouvons-le. »
Guy DE MAUPASSANT

Après la célébration de la Chine en 2004, cap sur un autre continent

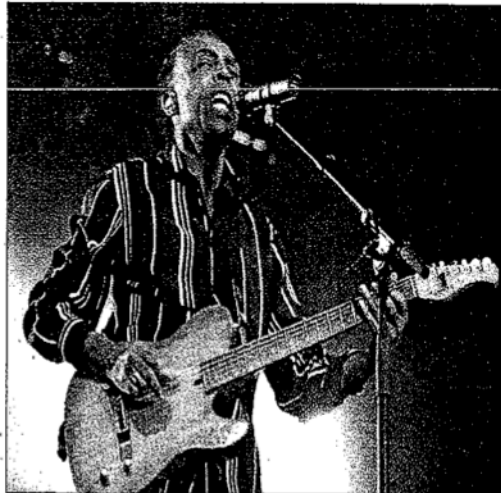
Les Brésils passent l'année en France

Après les festivités de l'année de la Chine, la France change de cap. Tout au long de l'année, à travers le pays, on va découvrir le Brésil, ou plutôt les Brésils. Pour tailler dans certains clichés.

Et le 12 juillet 1998, ça comptait pour du beurre ? Les bougres. Dans la chronologie des rapports entre la France et le Brésil, énumérés dans le programme-catalogue de l'événement, ils ont oublié le jour de la finale de la Coupe du monde entre les deux pays. On mettra ça au crédit d'un souci de diplomatie plutôt que sur le compte d'un moment d'étourderie.

Puisque l'Hexagone ouvre les portes de sa curiosité à son grand ami sud-américain, autant éviter un sujet qui fâche. On a même failli faire l'impasse sur le football, cliché obligé dès lors que l'on évoque le Brésil, mais le ballon rond reviendra au programme des festivités : « Il y a des contacts entre les fédérations pour organiser quelque chose. Et Rai (l'ex-grande star du PSG) est commissaire aux sports, côté brésilien, de la manifestation. »

Pour rester sur le terrain des clichés, il y a l'incontournable Carnaval de Rio. Grande première, il sera diffusé en direct sur France Télévision au début du mois prochain ! Mais l'immense Brésil, quinze fois la superficie de la France et le triple de sa population, même réactualisée par le dernier recensement, ne sau-



Le ministre de la Culture brésilien Gilberto Gil, en pleine action, l'été dernier à l'occasion de Brest 2004.



L'abbaye de Daoulas consacre son expo annuelle à l'Amazonie.

rait se résumer à ces images figées. Donc, 2005 sera « l'année de tous les Brésils » si l'on en croit les mots d'ordre lancés en début de semaine à Paris par les ministères de la Culture et des Affaires étrangères pour lancer un vaste programme festif et culturel qui irradiera le pays jusqu'à la fin de l'année.

Les deux pays se flattent de partager de nombreux engagements sur le front international, notamment en vue d'une « mondialisation plus humaine et plus équitable ». Leurs re-

lations sont vieilles de plusieurs siècles avec des échanges qui portent les noms de Montaigne, Claudel, Milhaud, Cendrars, Bernanos ou Levi-Strauss d'un côté, et de l'autre Caetano Veloso, Jorge Amado, Paul Coelho, Oscar Niemeyer ou Gilberto Gil : « On va vous proposer une image significative de la variété et de l'intensité de la culture brésilienne, s'enthousiasme ce dernier devenu ministre de la Culture. Sans filtre ni intermédiaire. Nous voulons charmer le public français. »

L'opération se fera autour de trois grands thèmes, les racines du Brésil, la vérité tropicale et les galaxies de la création contemporaine. Mais il n'y a pas de suspense à entretenir autour du succès de cette opération séduction. Avec des arguments aussi convaincants que les venues annoncées de danseuses de samba et de championnes de beach-volley, c'est déjà gagné.

Pierre FORNEROD.

Tradução do Fragmento de Informação Midiática 8 – Os “Brasis” passam o ano na França

Ouest France

Sexta-feira, 21 de janeiro de 2005

Culturas “A menor coisa contem um pouco de desconhecido. Encontremos-no”

Após a celebração da China em 2004, vamos para outro continente
Os “Brasis” passam o ano na França

Após os festivais do Ano da China, a França muda de lugar. Ao longo do ano, por todo o país, descobriremos o Brasil, ou melhor, os “Brasis”. Para esculpir alguns clichês.

Em 12 de julho de 1998 isso tinha alguma importância? A mancha. Na cronologia das relações entre a França e o Brasil, enumeradas no programa-catálogo do evento, parece que esqueceram o dia da final da Copa do Mundo entre os dois países. Vamos creditar isso como uma preocupação diplomática ao invés de considerar um momento de descuido.

Uma vez que o hexágono abre as portas de sua curiosidade a seu grande amigo sul-americano, é melhor evitar um tema que irrita. Nos ainda não conseguimos resolver o impasse sobre o futebol, clichê obrigatório quando se evoca o Brasil, mas a bola estará presente no programa das festividades: “as Federações estão em contato para organizar alguma coisa” E Raí, a ex-estrela do Paris Saint-Germain é o “Comissário dos esportes, do lado brasileiro, da manifestação”.

Para ficar no terreno dos clichês, tem o incontornável carnaval do Rio. A abertura será transmitida ao vivo pela *France Télévision* no início do mês que vem! Mas o imenso Brasil, quinze vezes a superfície da França e o triplo de sua população, mesmo reatualizado pelo último senso, não saberia se resumir a essas imagens fixadas.

Assim, 2005 será o “ano de todos os “Brasis”” se acreditarmos nas palavras lançadas no início da semana em Paris pelos Ministros da Cultura e das Relações Exteriores para lançar um vasto programa festivo e cultural que irradiará no país até o fim do ano.

Os dois países se vangloriam de partilhar inúmeros engajamentos no plano internacional, notadamente, tendo em vista uma “globalização mais humana e igualitária”. Suas relações são baseadas em vários séculos de intercâmbio que têm o nome de Montaigne, Claudel, Cendras, Bernamos ou Levi-Strauss de um lado e, de outro, Caetano Veloso, Jorge Amado, Paulo Coelho, Oscar Niemeyer ou Gilberto Gil: “Nós proporemos a vocês uma imagem significativa da variedade e da intensidade da cultura brasileira”, entusiasmo esse último, que se tornou o Ministro da Cultura. “Sem filtros ou intermediários. Nós queremos conquistar o público francês”. A operação ocorrerá em torno de três grandes temáticas: as raízes do Brasil, a Verdade Tropical e as galáxias da criação contemporânea. Mas não a suspense para garantir o sucesso dessa operação de sedução. Com argumentos tão convincentes quanto a vinda de dançarinas de samba e das campeãs de vôlei, já ganhou.

Pierre Fornerod

Fonte: AFAA, 2005.

Capítulo 5

*De bleu, blanc et rouge a verde
amarelo: os eventos que construíram os
“Brasis” que passam o Ano na França*

5 DE BLEU, BLANC ET ROUGE A VERDE AMARELO: OS EVENTOS QUE CONSTRUÍRAM OS “BRASIS” QUE PASSAM O ANO NA FRANÇA

*“2005 - Année des Brésils
une année savante et populaire.”*

(JEAN GAUTIER, 2014)¹¹³

*“Os brasileiros descobrem-se
Brasileirosem Paris.”*

(MARIO CARELLI, 1994)

Este capítulo dedica-se ao exame de alguns dos eventos que fizeram parte da miríade de aproximadamente 400 manifestações culturais sobre o Brasil na França, procurando relacioná-los à questão que tem acompanhado a nossa pesquisa, ou seja, quais os recursos culturais empregados pelo Brasil em termos diplomáticos para alcançar e/ou manter um lugar de destaque na dinâmica de disputa de poder no cenário internacional nos primeiros anos do século XXI. Do nosso ponto de vista, trata-se de eventos que ilustram a tentativa dos governos do Brasil e da França em apresentarem um Brasil plural que, de certa forma, também pluralizou a *saison culturelle française*: não apenas grandes centros urbanos foram estimulados em apresentar algo sobre o Brasil, mas os eventos se espalharam por toda a França de forma surpreendente. Ao tratarmos esses eventos enquanto diferentes espaços de abertura para a cultura brasileira, que foram criados na França a partir de 2005, designaremos os mesmo de “territórios de brasilidade na França”.

Salientamos que mesmo a AFFA percebeu que, com o **Ano do Brasil na França**, as temporadas internacionais se transformavam: em vinte anos de prática daquela diplomacia cultural francesa, a temporada brasileira demonstrou para o Ministério de Relações Exteriores da França – *Quai d’Orsay* – o quanto pequenas localidades da França podiam-se engajar em eventos culturais quando se sentiam estimuladas. É nesse sentido que os eventos cancelados pelos Comissariados

¹¹³ 2005 - Ano dos Brasis: um ano culto e popular. (Tradução nossa).

foram considerados pontos fortes da temporada desde seu início, como ressaltou o jornal **Le Parisien**, de 7 de março de 2005, que anunciava sob o título **Année du Brésil: c'est parti!**¹¹⁴:

*Batucada, feijoada, salsa et autres marimba sont les mots à retenir à Paris, qui célèbre l'Année du Brésil pour un an. Expos, concerts, bals, et bien sûr, fêtes, avec les Cariocas, le printemps et l'été seront chauds et colorés, c'est promis ! Voici une sélection de rendez-vous. [...] Cérémonie de lavage (« lavagem ») de l'église de la Madeleine et de celle du Sacré-Coeur : dans la tradition bahianaise, on purifiera les parvis des bâtiments avec de l'eau parfumée et des fleurs. Les 19 juin et du 27 juin au 3 juillet. Concert de Gilberto Gil, place de la Bastille. Le 13 juillet. (LE PARISIEN, 2005).*¹¹⁵

Dessa forma, escolhemos alguns eventos para ilustrar essa territorialidade brasileira que se estabeleceu na França. O primeiro território destacado por nós trata da herança indígena do Brasil, apresentada sinteticamente em nosso trabalho a partir da exposição **Brasil Indígena**, montada no Museu do Louvre. Em seguida, passaremos a uma apresentação da arte popular brasileira como constituinte da identidade nacional.

Assim, o segundo desses territórios seria a herança musical e sua reverberação internacional. O evento escolhido por nós para a representação desse território foi a mostra sobre a músicas populares brasileiras na Cidade da Música na periferia parisiense, *La Vilette*. Tal episódio merece destaque justamente pela apreciação dos franceses pela música brasileira e a necessidade, para os organizadores do evento, de apresentar as raízes históricas dos ritmos do Brasil.

Um desses territórios de brasilidade trata da questão da reciclagem e da criação lúdica. Uma das representações culturais do Brasil na França de grande impacto diz respeito à capacidade de recriação do novo a partir do velho, sendo a

¹¹⁴ Ano do Brasil. Foi dada a largada! (Tradução nossa).

¹¹⁵ Batucada, feijoada, salsa, dentre outras, são as palavras que devem ser lembradas em Paris, que celebra o Ano do Brasil por um ano. Exposições, concertos, bales, e, claro, outras festas, com os Cariocas, a primavera e o verão serão quentes e coloridos, prometido! Veja aqui uma seleção dos eventos: [...] Cerimônia da lavagem das Igrejas da Madeleine e do Sacré-Coeur: na tradição baiana, purifica-se a escadaria das construções com água perfumada e flores no dia 19 de junho e de 27 de junho a 03 de julho. [...] Concerto de Gilberto Gil na Praça da Bastilha no dia 13 de julho. (LE PARISIEN. **Année du Brésil : c'est parti !** 2005. Disponível em: < <http://goo.gl/k97nqX>>. Acesso em: 15 dez. 2014).

reutilização de sucata fonte para a arte. É nesse sentido que a mostra das “geringonças do Mestre Molina” aparece como exemplo desse exercício de criação.

O quarto território, fruto das imbricações históricas entre Brasil e França, trata-se do papel da iconografia nas diversas representações dos “Brasis”.

O quinto território de brasilidade a ser exposto é, talvez, o mais importante: o **Espaço Brasil**, centro cultural “multidisciplinar” inaugurado em 24 de junho de 2005, durante as festividades da temporada brasileira na França. Como veremos, diferentemente dos outros centros de manifestação artística, o **Espaço Brasil** foi o que poderíamos denominar “território autônomo” da cultura brasileira na França, por ser de concepção e gestão completamente brasileiras em um evento que tinha por princípio o trabalho bilateral.

O sexto e último território a ser tratado encontra-se relacionado aos demais e, de forma particular, ao segundo: trata-se do show **Viva Brasil**, ocorrido na Praça da Bastilha em 14 de julho de 2005.

Buscamos, assim, compreender como esses eventos/espacos foram capazes de produzir territórios representativos de “Brasis” diferentes, que dialogam entre si e produzem a imagem multicultural que o país buscou articular durante toda a temporada cultural.

5.1 Brasil indígena

A questão sobre a herança e a continuidade cultural das minorias étnicas no Brasil foi, de forma geral, tema central para a construção das diversas imagens do país durante a temporada cultural de 2005. É necessário perceber que a própria discursividade utilizada pelo governo brasileiro na construção de uma identidade plural – recebida avidamente no contexto do **Ano do Brasil na França** –, apoiava-se, justamente, no reconhecimento e na valorização da diversidade como herança, mas também como parte integrante da realidade brasileira no período contemporâneo. Nesse sentido, as exposições sobre a diversidade cultural que utilizavam as culturas africana e indígena ganhavam grande projeção na busca da rearticulação das imagens do Brasil no exterior. É nesse contexto que as mostras

indígenas e, em especial a exposição **Brésil Indien**, que ocorreu no *Grand Palais* do Museu do Louvre, entre 20 de março e 26 de junho, é destacada nesse trabalho.

A exposição, que agrupava mais de 400 obras indígenas, buscava oferecer um panorama da vida indígena no Brasil desde seus primórdios. Segundo a descrição disponibilizada pelos organizadores da mostra, a exposição **Brasil indígena** contava com duas seções. Na primeira, de caráter arqueológico e histórico, descrevia-se a herança do passado nas culturas dos indígenas no Brasil. A segunda, com caráter etnológico, tratava da importância da estética na cultura ameríndia, algo que teria reflexo direto na representação francesa sobre os brasileiros. Dessa maneira, o Brasil indígena apareceu para os franceses como parte de um todo, do Brasil em si.

Arte e cultura se misturavam, criando, para o público francês, um vislumbre da identidade indígena no Brasil e como ela está presente no dia a dia dos brasileiros: máscaras, plumas, enfeites para o corpo, cerâmicas, instrumentos de música e de cozinha, fotografias, desenhos e outros artefatos encontram-se, em formatos diversos, nas tribos e nas casas.

As exposições sobre a Amazônia e a arte indígena, por representarem o exótico, tiveram, de certo modo, grande destaque no âmbito da temporada brasileira – maior, talvez, que aquele destinado às culturas africanas e europeias em seus legados para o Brasil. Tratar dessa temática na França é, também, redescobrir Levi-Strauss e todo seu trabalho na floresta amazônica nos anos 1930. Dessa forma, podemos considerar que o imaginário francês sobre o assunto acaba por reencontrar a realidade indígena; mas, também, as obras de um dos maiores antropólogos franceses, que dedicou parte da sua vida ao estudo do Brasil e, durante muito tempo, teve sua vida dividida entre os dois países.

Tratar da questão indígena no Brasil, para os franceses, é tratar, também, de uma relação histórica, que remonta ao século XVI e que se apresenta de forma mítica, ou, como consideraria Hobsbawm (2004), como a invenção de uma tradição de proximidade entre dois povos separados pelo Oceano, mas que desenvolveram laços de amizade que devem ser preservados. O exotismo dos índios brasileiros passa a ser, na França, algo a ser cultuado, principalmente ao se pensar em seu habitat, a Amazônia, até hoje terra de mitos e sonhos de cura para os diversos males do mundo. A exposição *Brésil Indien* contou com 145.000 visitantes, sendo

seguida por diversas outras exposições que tinham os povos indígenas e a Amazônia por foco.

A curiosidade francesa sobre a questão indígena é, de fato, algo inerente às relações Brasil-França, como já apontado anteriormente, tendo, portanto, grande peso nas representações brasileiras no Hexágono. Esse grande interesse dado à questão da herança indígena no Brasil durante o Ano de 2005 é percebido a partir das inúmeras exposições de ilustrações, artefatos e fotografias indígenas bem como mesas-redondas, colóquios ou debates realizados com comunidades que se deslocaram do Brasil para contar suas experiências aos franceses. Salienta-se, também, o interesse da mídia pelo assunto. Se a Amazônia já é idealizada pela riqueza de sua biodiversidade, a experiência indígena é, também, um forte atrativo para os franceses desde, como vimos, o século XVI. Assim, ao tratar da cultura brasileira, as mídias não deixavam de lado o interesse destinado pelos franceses a um dos povos responsáveis pela formação do Brasil. Os eventos seriam notícia em rádios, em jornais, em revistas, televisão e pela internet, enfim, todos os meios de comunicação, inclusive com produções especiais sobre o assunto.

O que se percebe é a forte articulação das identidades indígenas com as identidades do Brasil que tais eventos tentaram promover, ao mesmo tempo em que buscavam ultrapassar a idealização francesa sobre o indígena brasileiro. Para romper com a ideia de um Brasil preso ao passado, sem possibilidades de desenvolvimento real, os eventos produzidos naquele período evidenciavam que a cultura indígena também passa por alterações e mostravam que o desenvolvimento tem grande efeito na vida das comunidades originais que sobrevivem na tentativa de preservação do seu patrimônio cultural e de suas tradições, ameaçadas pelas mudanças que percebemos no dia a dia, mas também na adaptação às novas realidades.

Exemplo disso que seria tratado durante 2005, era a questão da educação formal oferecida nas universidades federais especificamente voltadas para a realidade indígena. Com esse tipo de ação, o governo brasileiro legitimava a busca pela manutenção da exceção cultural indígena dentro do território brasileiro, salientando a perspicácia do Estado em reconhecer acordos internacionais, como aqueles elaborados no âmbito da UNESCO sobre as minorias étnicas e sua inserção no Estado-nação. Ressalta-se que, naquele mesmo período, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Brasil, em projeto conjunto

com a organização, produzia documentação sobre os povos indígenas, o que aumentava o interesse brasileiro em demonstrar a acuidade em tratar do tema no plano local. Dessa forma, as exposições sobre os povos indígenas e o Brasil, ao invés de oferecerem um problema para o estabelecimento brasileiro no cenário internacional – podendo ser vinculadas ao caráter arcaico do país – eram, pelo contrário, percebidas como uma afirmação do multiculturalismo, e, portanto, do desenvolvimento social, a partir da aceitação clara da diversidade do território nacional. E as exposições tinham o poder de demonstrar a mudança do pensamento social e das práticas políticas no Brasil nesse sentido.

Ao mesmo tempo, a arte popular recebia grande atenção dos organizadores do **Ano do Brasil na França**, em um entendimento que esta seria uma das maiores contribuições contemporâneas para a compreensão da criação identitária contemporânea.

5.2 La Villette: A Cidade da Música e a celebração da “música de todos os Brasis”

“Não posso penalizar o Brasil e a música brasileira que é a minha música!”

(DOMINIQUE DREYFUS, 2014)

Como sublinhamos anteriormente, em conformidade com Ribeiro (1989), a facilidade de exportação de produtos fonográficos faz com que estes sejam um dos principais mecanismos para a promoção do país no exterior.

Se os traços da política cultural brasileira baseada na exportação musical tem suas origens no século XIX, elas vão se tornar componentes fundamentais dessa política cultural a partir da década de 1960 (FLÉCHÉT, 2012) quando, preocupado em promover uma imagem oficial do país, o Itamaraty passa a promover certos compositores e intérpretes, no intuito de produzir uma imagem de refinamento e de “civilização” que facilitasse a participação brasileira na ordem internacional. É nesse sentido que esses artistas do mundo fonográfico passam a ser conhecidos como “propagandistas do Brasil no Universo.” (FLÉCHÉT, 2012, p. 227).

Se, em um primeiro momento, essa imagem de civilização almejada pelo Brasil fazia com que o critério de seleção musical deixasse de lado traços étnicos e, em especial, a música popular afro-brasileira, os questionamentos sobre a identidade nacional, marcadamente a partir de 1988, e a promoção de uma perspectiva multicultural do Brasil em um período mais recente – bem como a forte apreciação na Europa e nos Estados Unidos dos diversos estilos musicais brasileiros em períodos anteriores (FLÉCHET, 2013) – fizeram com que a aparência de civilidade almejada fosse abandonada, em uma ampla promoção da música brasileira no exterior. É nesse sentido que a exposição sobre a música popular brasileira, sob curadoria de Dominique Dreyfus, que ocorreu entre 15 de março e 25 de junho de 2005, na *Cité de la Musique (La Villette)* deve ser percebida enquanto um esforço de suplantar os estereótipos circulantes e a imagem produzida pela diplomacia sobre a música brasileira em períodos anteriores.

Essa exposição, esboçada durante três anos pela curadora e sua equipe, tinha por objetivo apresentar um panorama histórico sobre a temática em pauta, destacando os diversos clichês, desconstruindo-os e demonstrando como a Música Popular Brasileira deve ser percebida enquanto o encontro das várias etnias e populações que fazem o Brasil.

Dominique Dreyfus, francesa que habitou, durante grande parte de sua infância, o nordeste brasileiro, tinha, no decorrer da preparação para o evento, voltado às suas “origens brasileiras” de 1978/79, quando, recém-formada na França, foi a uma apresentação de Alceu Valença. Ela conta em entrevista concedida, que chegou a este show pensando se tratar da cantora Rosinha Valença, que morava na França, sem haver compreendido realmente o nome do cantor. No local onde ocorreria o evento, por volta de trinta ou quarenta pessoas encontravam-se à espera que o cantor começasse o show. Alceu Valença, por sua parte, segundo Dreyfus, apresentava-se ali também como uma coincidência: ele havia viajado para a Europa, estava sem dinheiro e um amigo que trabalhava no bar o havia convidado para tocar. Ao ouvir o repente do cantor, Dreyfus se sentiu como Proust ao molhar a *Madeleine* em sua xícara de chá. A música que ele cantava invocava, para ela, sua infância, os locais que havia deixado para trás, que pareciam esquecidos, mas faziam parte de sua identidade enquanto francesa formada em literatura brasileira (DREYFUS, 2014). A partir daquele momento, Dominique Dreyfus passou a se

dedicar ao jornalismo musical, especializando-se na Música Popular Brasileira e se tornou um ícone sobre o assunto na França.

Ao mesmo tempo em que lançava **Raízes musicais do Brasil**¹¹⁶, o convite da *Cité de la Musique* para que pesquisasse e apresentasse aos franceses a Música Popular Brasileira foi, nesse sentido, uma possibilidade para Dreyfus de mostrar aos franceses que a música brasileira era muito mais que “apenas a Bossa Nova”, nas palavras da curadora (DREYFUS, 2014). E as manchetes dos jornais, que divulgavam a exibição, frisavam tal intento. Em **O Brasil em tempo integral**, artigo publicado no jornal *Libération*, em 17 de março de 2005¹¹⁷, Edouard Launet observaria que, do samba ao *mangue beat*, da música mais contemporânea à suas fontes – choro, o próprio samba e o baião –, a exposição pensada tinha por objetivo apresentar a história da música popular brasileira a partir de recursos iconográficos, visuais e textuais, além do próprio audiovisual.

A exposição foi imaginada em vários capítulos: no primeiro capítulo, a história da música do Brasil nascendo do encontro dos três continentes e das diversas ondas de imigração, em uma exposição puramente iconográfica. Dreyfus salienta que essa, como uma exposição para o público francês, deveria começar do básico, mesmo que aquilo parecesse óbvio. Em um segundo momento, Dominique Dreyfus pensou em trabalhar com as músicas do período da ditadura, com os arquivos do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) que foram abertos à pesquisa, naquele momento (2003/2004). Os demais capítulos apresentariam o desenvolvimento da música popular brasileira através de materiais iconográficos, instrumentos e vestimentas. Com Mônica Jacobson – sua assistente no projeto –, ela delineou a exposição pensando em três gêneros originários da música brasileira: o choro, o samba e a música nordestina (baião e forró). Para Dreyfus, tudo o que existe hoje no Brasil decorre dessas três vertentes.

Outra parte do evento seria dedicada à divulgação da música pelo Brasil e no exterior: eventos como o carnaval, as comédias musicais no teatro, no cinema, a imprensa radiofônica e a televisão e, finalmente, a exportação da música brasileira, seja para filmes de *Walt Disney*, seja para países como a França, sempre abertos a todo tipo de música.

¹¹⁶ DREYFUS, D. (Org). **Raízes Musicais do Brasil**. Rio de Janeiro: Sesc-RJ, 2005.

¹¹⁷ LAUNET, E. Le Brésil à pleins temps. *Libération*. 17 de março de 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/Q5m3QV>>. Acesso em: out. 2013.

Um terceiro capítulo da exposição trataria dos carnavais do Brasil. Desse modo, Dreyfus buscava colocar em xeque o clichê recorrente de que o Carnaval brasileiro tinha um local e uma estética específicos – o Rio de Janeiro e a espetacularização do Carnaval na Sapucaí. A curadora fez, então, um trabalho de campo em busca da história do carnaval da cidade de Recife e outras manifestações análogas no Norte e no Nordeste.

O quarto capítulo da exposição tinha por foco os anos 1960 e a transformação do Brasil: de um lado, tinha-se a juventude burguesa com a Bossa Nova, vivendo um período de calma e, de outro, o Tropicalismo, contestatário, quebrando com a harmonia, sendo o porta-voz das mudanças e das interdições que tomavam conta do Brasil. O ambiente tornava-se sombrio e a música assumia, ali, um papel importante, ao conseguir dar vazão – mesmo que até certo ponto – aos acontecimentos.

O capítulo final trataria da contemporaneidade, mostrando que tudo é possível no Brasil, país onde os ritmos se misturam de tal forma que o baiano não tem mais que cantar apenas um tipo de música, que o forró pode usar de outros instrumentos, e que a música sertaneja também pode se misturar: o Brasil como o país do *Mangue-beat*, do *Afro reggae*, etc.

O que Dominique Dreyfus buscava com a exposição, segundo a curadora, era acabar com os clichês sobre a música brasileira: a música brasileira não deveria ser vista nem como música neutra – chamada de música de elevador –, nem como música de erotização constante, uma vez que ela é muito mais rica do que os estereótipos que permeiam o imaginário francês.

No entanto, o grande problema, para Dreyfus, como comentamos anteriormente, foi a falta de recursos que ocorreu com a falência do Banco de Santos e a impossibilidade de conseguir capital para o traslado das peças separadas para dar corpo à exposição. Nesse sentido, a exposição precisou ser reconfigurada, de forma a contar mais com material iconográfico e vídeo, deixando de lado materiais como os tambores, demais instrumentos musicais e artigos de vestimentas, separados durante dois anos para a exposição.

A exposição na *Cité de la Musique* recebeu, durante os três meses em que ficou aberta, 12.312 visitantes, de acordo com os dados do local, um número expressivo, mesmo com todos os percalços que ela enfrentou. Ela teve boa repercussão na mídia entre janeiro e o final da exposição, sendo março o mês em

que se definiu seu sucesso. As críticas variaram bastante, muitas delas salientando a inexistência de outras fontes que não as iconográficas e audiovisuais, o que nos faz perceber a importância da garantia dos financiamentos para eventos como este.

Para se ter uma ideia mais ampla sobre o significado e impacto das exposições no contexto do Ano do Brasil e como ilustração do potencial identitário da MPB, apresentaremos a seguir fragmentos de informação midiática 7 e 8.

Fragmento de Informação Midiática 9 – MPB, a música de todos os “Brasis”

L'Humanité
RUE JEAN JAURES
93528 SAINT DENIS CEDEX - 01 49 22 73 29

25 MARS 05
Quotidien Paris
OJD : 53036

Page : 1 / 2

CULTURE

Exposition. La Cité de la musique invite à suivre l'histoire de la musique populaire brésilienne, des origines jusqu'aux tendances les plus actuelles.

MPB la musique de tous les Brésils

Ce qu'on appelle la MBP, la musique populaire brésilienne, est d'abord le résultat des grandes figures de la bossa.

N/Réf. : 0030295169

Humanité

JEAN JAURÈS
SAINT DENIS CEDEX - 01 49 22 73 29

La diversité des musiques brésiliennes passe par un extraordinaire mélange des genres : bossa-nova, samba, soul, mangue beat, tchat-cheurs urbains, choro, baião... Cette pluralité des styles musicaux que l'on doit à l'étendue d'un immense pays (seize fois la France) est le fruit des cultures régionales où chaque pratique musicale est le reflet de vies sociales différentes.

Si elle remonte aux origines (le choro, la samba, le baião), en traitant également de la création contemporaine (rap, soul, funk), elle montre aussi très bien comment la musique se confond avec l'histoire politique du pays. À chaque événement répond un courant musical. Ainsi, à la suite du coup d'État du 1^{er} avril 1964, qui vit l'arrivée des militaires au pouvoir pour vingt ans, la musique joua un rôle majeur contre la dictature. Face à la censure et à la torture, intellectuels, artistes et musiciens vont s'insurger, donnant naissance à une création originale qui marquera profondément la population. Ces « enfants de la bossa-nova » vont connaître un grand succès auprès des mouvements étudiants, notamment, qui luttent contre la dictature. Elis Regina, Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Milton Nascimento, et beaucoup d'autres, vont ainsi se révéler au cours de sept années regroupées sous le vocable « d'ère des festivals », qui les populariseront également en dehors des frontières du Brésil. Issue des grands centres urbains (Rio, São Paulo, Recife, etc.), ce qu'on appelle la MBP, la musique populaire brésilienne, est d'abord le résultat des grandes figures de la bossa, de João Gilberto à Tom Jobim ou Vinícius de Moraes.

UN RÔLE MAJEUR CONTRE LA DICTATURE

Entre marché local et globalité d'un continent grand comme l'Europe, le Brésil est traversé par toutes sortes de courants musicaux dont la dy-

namique doit beaucoup à la richesse culturelle des populations brésiliennes (métis, Blancs, Noirs, Américains). Immigrations portugaises, africaines, mais aussi allemandes ou italiennes, le géant lusophone (près de 160 millions d'habitants) est un territoire de métissage. Au moment où la France célèbre l'année du Brésil, on vérifie que ce qui fonde l'âme du pays repose en grande partie sur la musique au cœur de laquelle il vit son identité. Parmi les nombreuses expositions prévues à cette occasion en 2005 sur le Brésil, celle qui consacre actuellement la Cité de la musique à la musique populaire brésilienne est à tout point de vue enrichissante.

Plus tard, la critique sociale passera par la mise en avant du tropicalisme, mouvement musical initié par Caetano Veloso, Gal Costa ou Gilberto Gil, devenu depuis ministre de la Culture du gouvernement Lula.

LA SEULE ARME DES ÉTUDIANTS, LA CHANSON

Partout, les festivals dénoncent le joug de la dictature, auxquels succèdent d'autres rassemblements populaires et manifestations. Telle celle des « cent mille », immense défilé contre la répression et la censure à Rio de Janeiro en 1968, auquel participent de nombreux musiciens dont Chico Buarque, Caetano Veloso ou Gilberto Gil. Ces derniers seront d'ailleurs arrêtés par le gouvernement militaire et forcés de s'exiler à Londres. La seule arme des étudiants, qui rêvaient de voir restaurer la démocratie, était la chanson. Il faudra attendre 1985 et le retour des civils pour voir le régime militaire remplacé par le gouvernement de transition de Tancredino Neves. D'autres manifestations marqueront la aussi l'histoire, avec des airs populaires restés gravés dans la mémoire collective. À l'image de *Caração de estudante* (Cœur d'étudiants) de

Milton Nascimento et Wagner Tiso, qui disait l'espoir de la jeunesse, la samba *Vai passar* (Ça va passer) de Chico Buarque et Francis Hime, *Inutil*, tube rock du groupe Ultraje a Rigor.

ENTRE RAP ET NOUVELLE BOSSA-NOVA

Le reste appartient à l'histoire moderne du Brésil et à l'arrivée en 2003 du président Lula. La MPB connaît un nouveau développement entre musiques électro, rap et nouvelle bossa-nova. C'est aujourd'hui au tour d'artistes tels que Bebel Gilberto, Carlinhos Brown, Lenine ou Seu Jorge, d'écrire une nouvelle page de l'histoire musicale du pays et de faire rayonner la culture brésilienne à l'étranger. Le Brésil n'a pas fini d'inventer, voire de surprendre. À l'instar de Marcelo D2 et de sa samba rap ou de Chico Science, prématurément disparu en 1997, et de son groupe Nacão Zumbi, qui contribua à fonder le mangue beat. Parti de Recife, ce mouvement continue de privilégier les mix entre rythmes du Nordeste et hip-hop. Un style, qui enregistre un véritable succès et commence à se faire connaître aux États-Unis et en Europe. Preuve que la musique populaire brésilienne, loin de s'éteindre, est prête à toutes les audaces. Désormais, tout est permis. La parole est maintenant au groove et à la fusion en tout genre. Une nouvelle ère est née.

(*) Exposition jusqu'au 26 juin à la Cité de la musique, 221, avenue Jean-Jaurès, Paris 19^e. Métro : Porte-de-Pantin.
Renseignements au : 01 44 84 44 84.

Écouter : La FNAC sort dans sa collection « On aime, on aide », une compilation exclusive de douze titres d'artistes de la nouvelle scène brésilienne. Les bénéfices sont reversés à l'UNICEF, afin de soutenir le projet Center South, dont la mission est de développer l'éducation de jeunes indigènes Quilombolas au Brésil.

Victor Hache

Tradução do Fragmento de Informação Midiática 9 – MPB, a música de todos os “Brasis”

L'Humanité
25 de março de 2005

Exposição: A cidade da Música convida a seguir a história da música popular brasileira, de suas origens até as tendências mais atuais.

A diversidade das músicas brasileiras passa por uma extraordinária mistura de Gêneros: bossa-nova, samba soul, mangue-beat, choro, baião...

Essa pluralidade de estilos musicais que se deve ao tamanho imenso do país (dezesesseis vezes a França) é fruto de culturas regionais em que cada prática musical é reflexo de vidas sociais diferentes.

Se ela volta às origens (o samba, o choro, o baião) em tratamento igual da criação contemporânea (rap, soul, funk), ela mostra também, muito bem, como a música se confunde com a história política do país. Em cada evento, uma corrente musical responde. Assim, após o golpe de Estado em 1 de abril de 1964, com o qual os militares chegam ao poder por vinte anos, a música tem um papel de destaque contra a ditadura. Face à censura e à tortura, intelectuais, artistas e músicos insurgirão, dando vida à criação original que marcará profundamente a população. Essas “crianças da bossa-nova” vão ter grande sucesso junto aos movimentos estudantis especialmente, daqueles que lutavam contra a ditadura.

Elis Regina, Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Milton Nascimento e vários outros vão, assim, se revelar durante sete anos conhecidos como “a era dos festivais” que os popularizará igualmente fora das fronteiras do Brasil. Provenientes dos grandes centros urbanos (Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, etc) aquilo que chamamos MPB, a música popular brasileira, é, de início o resultado dos grandes nomes da bossa, de João Gilberto a Tom Jobim, ou Vinícius de Moraes.

Um papel de destaque contra a ditadura

Entre o mercado local e a globalidade de um continente grande como a Europa, o Brasil é atravessado por todos os tipos de correntes musicais que devem seu dinamismo à riqueza cultural das populações brasileiras (mestiços, brancos, negros, indígenas). Imigrações portuguesas e africanas, bem como alemãs ou italianas – o gigante lusófilo, com quase 160 milhões de habitantes – é um território de mestiçagem. No momento em que a França celebra o Ano do Brasil, verificamos que o que funda a alma do país está, em grande parte, na música, no coração da qual vive sua identidade. Dentre as numerosas exposições previstas para 2005 sobre o Ano do Brasil, aquela a qual se consagra atualmente a Cidade da Música, à música popular brasileira, é muito enriquecedora. Mais tarde, a crítica social passará pelo sucesso do tropicalismo, movimento musical iniciado por Caetano Veloso, Gal Costa ou Gilberto Gil, que se tornou Ministro da Cultura no governo Lula.

A única arma dos estudantes, a canção

Por todos os lados os festivais denunciam o jugo da ditadura sobre os grupos populares e as manifestações. Aquela dos “cem mil”, imenso desfile contra a repressão e a censura no Rio de Janeiro em 1968, da qual participam músicos como Chico Buarque, Caetano Veloso ou Gilberto Gil. Esses últimos serão, então, presos pelo governo militar e forçados a se exilar em Londres. A única arma dos estudantes, que então sonhavam em ver restaurada a democracia, era a canção. Foi necessário esperar até 1985 e o retorno dos civis para ver o regime militar ser trocado por um regime transitório de Tancredo Neves. Outras manifestações marcam também a história com ares de memória coletiva. Como Coração de Estudante, de Milton Nascimento e Wagner Tiso, que tratava da esperança da juventude, ou o samba Vai passar de Chico Buarque e Francis Hime, ou ainda, Inútil, a música do grupo Ultraje a Rigor.

Entre o novo rap e a Bossa Nova

O restante pertence à história moderna do Brasil e à chegada em 2003 do presidente Lula. A MPB é renovada com a música eletrônica, o rap e a nova bossa-nova. Hoje chegou a vez de novos artistas como Bebel Gilberto, Carlinhos Brown, Lenine ou Seu Jorge de escrever a nova página da história musical do país e de propagar a música no exterior. O Brasil não terminou de inventar ou de surpreender. Exemplo disso é Marcelo D2 e seu samba rap ou Chico Science, morto prematuramente em 1997, e de seu grupo, Nação Zumbi, que contribuiu para a fundação do mangue-beat. Iniciado no Recife, esse movimento continua a privilegiar os ritmos do Nordeste e o hip-hop. Um estilo que tem muito sucesso e se torna conhecido nos Estados Unidos e na Europa. Prova que a música popular brasileira, longe de perder o brilho, está pronta para cometer todas as audácias. Agora, tudo é permitido. A voz agora pertence ao groove e à fusão de todos os gêneros musicais. Nasce uma nova era.

[...]

Victor Hache

A partir do fragmento acima, percebemos que a história da música e de sua relação com a vida social e política do Brasil passava a fazer parte das discussões cotidianas dos franceses, possibilitando a compreensão, também, dos fatos marcantes da história do país tratados anteriormente neste trabalho, como por exemplo, no discurso “Brasil, ator global” do presidente Lula em 13 de julho para intelectuais e políticos franceses. A exposição pensada em *La Villette* trazia ao conhecimento do público o contexto no qual cada onda musical no Brasil tinha se desenvolvido e, os meios de comunicação de massa facilitavam a compreensão dos elementos de debate ao difundir as notícias sobre o evento e demonstrar acuidade em tratar da música enquanto elemento de contestação ou de representação de um determinado momento político.

A promoção do Brasil pela música se tornava, então, domínio do rádio, da imprensa escrita e da televisão. É nesse sentido que diversos noticiários contribuíram para a representação musical brasileira para o público francês. Todos os estilos tiveram, então, espaços para compor a miríade fonográfica que constitui o Brasil e apresentar a diversidade social do país a partir dos seus ritmos.

Dentre os inúmeros artigos de jornais e emissões pesquisadas, percebemos que o tom expresso por Victor Hache é, antes de tudo, algo recorrente na atenção dada à temática. Em outro artigo assinado por Véronique Mortaigne intitulado **Uma leitura política sobre a música brasileira**, publicada pelo cotidiano *Le Monde*, em 18 de março de 2005, a jornalista ressalta como a exposição estruturada por Dominique Dreyfus tinha um fundo político sobre a história do Brasil e orientava os franceses para que buscassem conhecer essa história para uma melhor compreensão acerca do povo brasileiro. Mortaigne (2005) ressaltaria sobre a exposição:

*L'exposition de La Villette propose d'accompagner, plus que la naissance d'une musique, celle d'une nation. Le peuple brésilien entretient avec sa musique une relation si intime qu'elle touche à son identité nationale. On découvrira la modernité de la bossa-nova, apparue lorsque le président Juscelino Kubitschek construisait Brasília (photos splendides d'un Français en exil volontaire, Marcel Gautherot), tandis que les deux dandys cariocas (de Rio) Vinicius de Moraes et Tom Jobim composaient leur Orphée noir (Orfeu negro). (LE MONDE, 18/03/2005)*¹¹⁸

¹¹⁸ A exposição de *La Villette* propõe acompanhar, mais que o nascimento de uma música, aquele de uma nação. O povo brasileiro tem, com a música, uma relação tão íntima que toca sua identidade nacional. Descobriremos a modernidade da Bossa-Nova, que aparece no momento em que o

Mortaigne (2005) percebe, então, a importância atribuída pela *Cité de la Musique* à formação musical no Brasil (estilos, instrumentos) bem como as relações entre a música e o desenvolvimento histórico do país, na exposição e no noticiário da mídia. Ao mesmo tempo, Mortaigne (2005) abre espaço para outros tipos de produções: fotos, teatro e cinema que, se compunham a exposição, seriam, por si só, elementos de análise em momentos posteriores (exemplo disso seria a obra **Orfeu Negro** que receberia uma exposição específica em outra região da França). A autora prossegue, então, vinculando a história das músicas brasileiras à composição plural do país e exaltando o cuidado dos organizadores do evento em trabalhar, não apenas a partir de recursos sonoros, mas também com outros tipos de arquivos objetivando produzir um quadro real do país. Sem executar uma simples colagem sem sentido ou se perder na diversidade que marca a música brasileira, para a jornalista, a exposição tinha uma lógica facilmente observada. Ao mesmo tempo, Mortaigne mantém o espírito crítico, tendo em vista os cortes orçamentários pelos quais passou **MPB, Musiques Populaires Brésiliennes**.

Dessa forma, o que percebemos nas críticas de Mortaigne (2005) à exposição é muito mais a vontade de conhecer mais sobre a música popular brasileira do que uma crítica ao sentido da mesma. Trata-se, portanto, de um desejo de abertura do público francês, cada vez mais significativo, para a demonstração do emaranhado cultural que recebe o nome de Brasil e que, ali também, ganhava uma forma plural. É nesse contexto que a música é relacionada, também, à composição étnica do povo brasileiro, às produções da mestiçagem, mas também às riquezas da herança africana, europeia e indígena no Brasil, como ressaltariam os artigos sobre a temática.

O próximo evento a ser tratado, também inserido no debate sobre a arte popular, oferece um diálogo entre o desenvolvimento urbano e as atividades lúdicas disponíveis no Brasil. Trata-se da exposição sobre as geringonças do Mestre Molina.

presidente Juscelino Kubistchek construía Brasília – nas fotos esplêndidas de um francês em exílio voluntário, Marcel Gautherot – ao mesmo tempo em que os dois dândis cariocas (do Rio) Vinícius de Moraes e Tom Jobim compunham Orfeu Negro. (Tradução nossa).

5.3 As geringonças de Mestre Molina ou “*les biduilles de Maitre Molina*”

Esta foi das exposições mais tardias do **Ano do Brasil na França**, que, organizada pelo Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC), teve início no dia 22 de setembro de 2005 e se estendeu até 25 de março de 2006 (no plano inicial, a exposição iria até janeiro de 2006).

O SESC é uma organização criada em 1946¹¹⁹, quando o patronato brasileiro viu-se forçado a assumir o bem estar mínimo do proletário como condição trabalhista e oferecer locais coletivos de entretenimento, como forma de conter as tensões entre patrões e operários. Durante seus mais de 60 anos de funcionamento, passou, então, a ter um papel importante para o trabalhador e sua família, tornando-se local de construção de saber popular e da transformação de uma massa da população em artesãos. A exposição sobre as geringonças do mestre Molina, apresentada no Pavilhão das Artes de Paris, tinha por objetivo demonstrar o trabalho realizado dentro do quadro do Serviço, no qual várias formas de artesanato acabam por ganhar importância e acabam se tornando exposições no Brasil.

No caso das geringonças do Mestre Molina, o que se apresenta é a arte popular que representam, segundo o próprio SESC (2013), “[...] algumas das mais importantes obras da tradição nacional dos bonecos animados.”¹²⁰ Os bonecos, construídos em madeira e uma infinidade de material reciclável, criados por Manoel Josette Molina, em um trabalho de mais de quarenta anos, representam cenas da vida cotidiana, principalmente de operários, sob o olhar do artista no ambiente que ele frequentava e como o trabalho se insere no cotidiano do brasileiro, seja nas pequenas cidades, seja nos grandes centros urbanos.

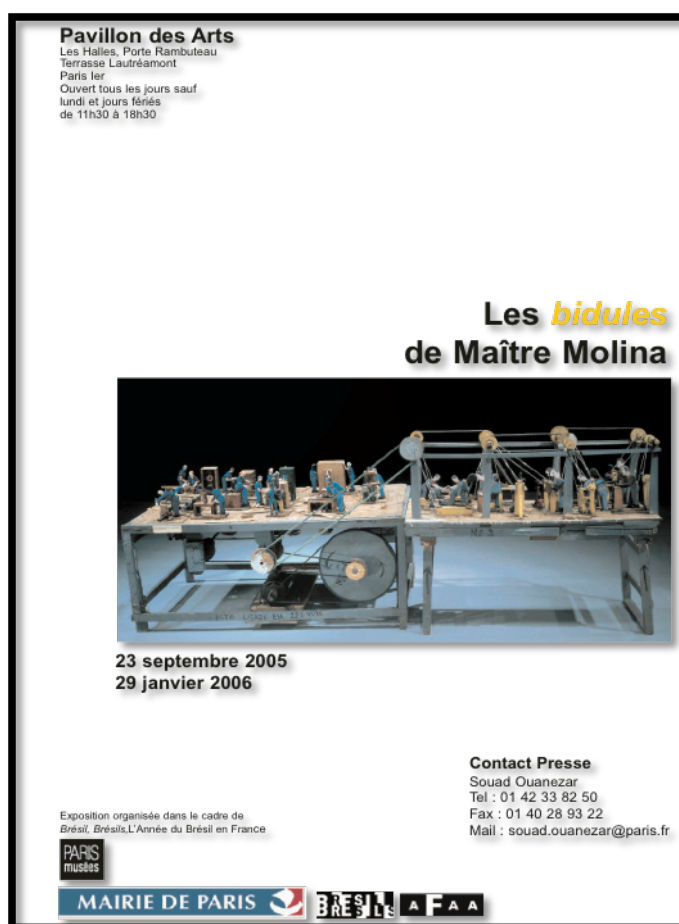
Représentations poétiques, à la fois sculptées et en mouvement, d’une manière de vivre, de travailler, de se divertir, de rencontrer ses amis, les « geringonças » évoquent donc les gens simples des campagnes ou des petites villes. Si leur aspect pittoresque et ludique les rapproche du monde des jouets, leur signification et leur valeur poétique vont bien au-delà. (SESC, 2013).

¹¹⁹ Para mais informações, verificar a história do SESC e de todo o “sistema S”.

¹²⁰ AS GERINGONÇAS DE MESTRE MOLINA. Disponível em: <<http://goo.gl/tuq6pC>>. Acesso em: maio 2015.

Contratado pelo SESC de São Paulo em 1985, Mestre Molina, que até então fazia suas geringonças em seu tempo livre, começou, então, a fazer de seu trabalho artesanal uma obra de arte a ser apresentada ao público brasileiro e estrangeiro. Embora o público principal de suas exposições sejam crianças, durante a exposição em Paris, *les bidules* de Molina receberam mais de 11.000 visitantes, demonstrando uma curiosidade do público francês por um tipo de arte que, comparativamente, pode ser relacionada às formas de espetáculos bastante presentes em cidades da França, como o *Guignol de Lyon*.

Figura 12 – Folder de divulgação da exposição **As geringonças do Mestre Molina**



Fonte: AFAA, 2005.

5.4 A fotografia e os diferentes “Brasis”

Seria-nos quase impossível escolher uma mostra fotográfica para exemplificar o que significa esse tipo de arte para o Europeu, tendo em vista o Brasil. Desde a invenção da fotografia e o encontro do primeiro fotógrafo com a paisagem brasileira, esta se tornou, para os franceses, símbolo de adoração.

A fotografia, nesse sentido, é capaz de acompanhar um viajante, como Marc Ferrez, integrante da Missão Artística Francesa no Brasil em 1875, que teve suas obras expostas entre 21 de setembro e 11 de dezembro de 2005 no Museu Carnavalet. Demonstrando o cotidiano brasileiro do século XIX e registrando não apenas paisagens notórias, como as da Baía de Guanabara, mas também o interior do Brasil, ao fotografar as minas do interior de Minas Gerais, ou mesmo, as mudanças que ocorriam na urbanização do Brasil, Ferrez foi capaz de eternizar em suas lentes o processo de urbanização do Brasil, principalmente, do Rio de Janeiro, capital do Império. Exemplo disso são os registros da Avenida Rio Branco, no centro da cidade.

Por outro lado, os franceses se interessaram, também, pelos registros das revoltas ocorridas no Brasil, como demonstrou a exposição em Montpellier sobre Canudos, intitulada ***Traces et mémoires d'une revolte dans le Sertão brésilien: 1897-1946-1997***¹²¹, em que, trabalhando com três fotógrafos, em três momentos diferentes, tentava-se demonstrar ao público francês visões de uma revolta bem pouco conhecida na Europa. Essa exposição, que se estendeu entre 20 de maio e 3 de setembro, contou com 15.699 visitantes, mostrando, assim, que houve um público na França bastante interessado em fugir de antigos clichês para se familiarizar com outras histórias do Brasil.

As exposições fotográficas foram, assim, inúmeras, tratando de eventos marcantes para a história do Brasil, de locais “invisíveis” como o Sertão, concentrando-se em fotógrafos ícones, como Sebastião Salgado – que conquistou o mundo mostrando a realidade de forma artística e realista –, mas também abrindo espaço para que a identidade nacional brasileira fosse observada a partir desses

¹²¹ Traços e memórias de uma revolta no Sertão brasileiro: 1897-1946-1997. (Tradução nossa)

olhares cruzados, demonstrando a impossibilidade de tratar de uma identidade única e imutável ao se levar em conta um país mestiço e continental.

Por fim, salientamos aqui a exposição realizada sobre a revista **O Cruzeiro**, semanário ilustrado que, lançada em 1928, foi publicada no Brasil até 1975. A revista é considerada, no espaço nacional, um ícone do fotojornalismo. Na França, a exposição que ocorreu em Toulouse, entre 19 de dezembro de 2005 e 29 de janeiro de 2006, recebeu o nome de “*O Cruzeiro, un magazine au service de la modernité et de l’identité nationale brésilienne*”¹²², considerando-se que a mesma teve um papel decisivo na elaboração de um certo viés da identidade nacional.

Cabe ressaltar, ainda, que a revista **O Cruzeiro**, editada no Rio de Janeiro pelos Diários Associados, deixa de ser veiculada em julho de 1975, período de grande transformação política e social no Brasil. Com a sedimentação da ditadura e da televisão como veículo de informação das massas, a leitura passa a ocupar um papel secundário na construção da identidade nacional do Brasil, país com estrutura altamente audiovisual.

5.5 Espaço Brasil

*“Lado a lado, no Carreau du Temple, a arte popular
e a arte contemporânea põem em confronto “dois
“Brasis”” já há muito identificados por Jacques
Lambert: o país da modernidade global
contemporânea das grandes metrópoles, e um
outro, tão distante dele como se vivesse num outro
tempo, vivendo por certo em outro espaço, em
zonas rurais e longínquas cidades do interior,
Brasil afora”*

(MARIA LÚCIA MONTES, 2005)

Em 24 de junho de 2005, foi inaugurado, em Paris, o **Espaço Brasil**. Construído por uma equipe de brasileiros enviados à França especificamente para essa finalidade, o prédio situava-se em uma das microrregiões de maior atração

¹²² O Cruzeiro, uma revista a serviço da modernidade e da identidade brasileira. (Tradução nossa).

econômica-cultural e reconhecida como pólo turístico da cidade: o *Marais*, no 3eme *arrondissement*¹²³.

Figura 13 – Fachada do Espaço Brasil – *Marais* – 2005



Fonte: FUNARTE, 2005.

O **Espaço Brasil** tinha por objetivo ser um local de apresentação da criação cultural brasileira em sua mais ampla diversidade. Com 2400 metros quadrados construídos no *Carreau du Temple*, ele foi concebido como um “território livre” para a exposição da cultura brasileira durante o **Ano do Brasil na França**: enquanto os outros locais eram construídos a partir de um diálogo entre Comissariados francês e brasileiro, o espaço do *Marais* foi uma criação predominantemente brasileira, da sua concepção às escolhas de exposição. No espaço destinado a exposições e diálogo foi instalado um palco para receber 1,2 mil pessoas nos shows e desfiles. Além disso, foi organizada uma área menor, adequada para receber 180 pessoas e salas de multimídia, com infraestrutura adequada para consultar informações e serviços dos estados brasileiros, em uma clara proposta de criar um turismo de negócios.

¹²³ A microrregião do Marais se encontra na rive droite e é dividida em Haut Marais – 3eme arrondissement – e bas Marais – 4eme arrondissement. Tendo sido o local da nobreza até o século XVIII, é no Marais que se encontram pontos turísticos como a Place des Vosges – mais antiga praça planejada de Paris, o Museu Carnavalet – dedicado à história da cidade, o Museu Picasso e o Centre Pompidou.

Com uma ampla programação que envolvia exposições de artes plásticas, recitais, desfiles, espetáculos de teatro e dança, seminários, workshops e feiras de negócios, o governo brasileiro buscava, então, criar um ambiente atrativo para aumentar o interesse pelo Brasil entre os franceses, durante os meses das férias de verão (julho-agosto-setembro). Para isso, as atividades desenvolvidas oscilavam entre mostras e apresentações culturais e atrativos a empreendimentos econômico-comerciais. Em entrevista à comitiva de imprensa durante sua visita ao local, o Ministro da Cultura classificaria o **Espaço Brasil** como um “[...] lugar de atualização da imagem do Brasil, um centro de representação artística gerador de encantamento e reflexão [...]”, ao mesmo tempo em que seria um centro de negócios Brasil-França (GIL, BBC - Brasil, 24 de junho de 2005).

A esse respeito, manifestou-se, inclusive, o Comissário Geral do Brasil, Andre Midani, em coletiva para a imprensa:

O Espaço Brasil é um projeto piloto de grande importância para a promoção da imagem do Brasil no exterior. Além de criar um novo modo de divulgar a cultura brasileira, a iniciativa também tem o objetivo de reforçar as relações comerciais já existentes entre os dois países. (BBC - Brasil, 24 de junho de 2005).

O investimento do governo brasileiro na sua construção foi de 18 milhões de reais¹²⁴, sendo uma ação conjunta do governo federal e os governos dos Estados envolvidos nas atividades, com patrocínio do **Banco do Brasil**, da **Caixa Seguros**, do grupo **CNP Assurance** e o apoio da **Varig Linhas Aéreas**, da **FIP**, da **Lei Rouanet de Incentivo à Cultura**, da **Mairie du 3e arrondissement** e da **Mairie de Paris**. Para a construção, foram contratados funcionários brasileiros, selecionados no Brasil e enviados para a França – onde ficaram até a conclusão dos trabalhos.

Como parte do empreendimento cultural e econômico-comercial, brasileiros residentes em Paris puderam se incorporar ao projeto e divulgar serviços oferecidos. Foi o caso, por exemplo, de Rosane Mazzer – dona do **Favela Chic** – um dos restaurantes brasileiros mais divulgados em Paris, que criou um “bar-gastronômico” no qual vendia bebidas e especialidades brasileiras durante os shows.

¹²⁴ Fonte: MINISTÉRIO DA CULTURA. Disponível em: <www.cultura.gov.br>. Acesso em: jan./dez. 2014.

O Espaço Brasil teve sua agenda organizada em dois tempos: em um primeiro momento, que se estendia da inauguração do mesmo até meados do mês de julho, as atenções seriam direcionadas para uma programação nacional geral. O momento seguinte, de 23 de julho até o fim da exposição, seria destinado à divulgação da diversidade cultural a partir de mostras culturais estatais. Para tanto, sete estados prontificaram-se a agir conjuntamente com o governo federal no intuito de divulgar suas culturas regionais. Foram eles: Amazonas, Tocantins, Paraná, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Pernambuco. Em parceria com os governos de cada um dos estados foi, então, definida uma programação que colocava em destaque diversas ações culturais.

Em relação ao primeiro momento, a programação privilegiou a realização de shows musicais, concertos, peças teatrais e mostras artísticas e fotográficas. Nesse sentido, apresentaram-se na cena musical: Adriana Calcanhoto, Antônio Nóbrega, Beth Carvalho, Elba Ramalho, Elza Soares, Cidade Negra, Margareth Menezes, Mart'nália, Monarco, Sandra de Sá, Zeca Baleiro, Wagner Tiso, a Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, Filarmônica do Brasil, Bangalafumenga, Jussara Silveira, Mônica Tomasi, Nene Quarteto, Jards Macalé, Nó em Pingo d'Água e Tião Carvalho (Projeto Pixinguinha), Armandinho, Yamandú Costa, Paulo Moura, Robertinho Silva (homenagem a Tom Jobim), dentre outros. Pode-se confirmar, por este rol de artistas, que o Espaço Brasil propunha-se a apresentar os contrastes entre o Brasil moderno e o Brasil tradicional, o popular e o erudito no campo musical. Ainda na programação nacional, destacam-se as apresentações teatrais dos grupos: Cobra Norato e Giramundo¹²⁵, de Lunário Perpétuo e Antônio Nóbrega e a apresentação de dança do grupo Vila em Movimento.

Na programação de mostras de Artes Pláticas, quatro exposições assumiram espaço de destaque: Amilcar de Castro – sob curadoria de Evandro Salles –, a exposição projéteis, de Antônio Grassi e Xico Chaves, Arte Popular Brasileira e Kumurô – bancos indígenas da Amazônia. É interessante observar que essas exposições, ao contrário de outros eventos do **Ano do Brasil na França**, receberam atenção da imprensa brasileira, que considerava o **Espaço Brasil** o

¹²⁵ Referência no teatro de bonecos no Brasil, o grupo **Giramundo** – criado em Belo Horizonte – ficara sem preparação de espetáculos entre 2003 e 2005, devido à morte de seu fundador, Álvaro Apocalypse. Retomando as apresentações com **Pinocchio**, o **Giramundo** conseguiu chamar atenção na França e no Brasil, tendo sido convidado para a criação dos bonecos da minissérie **Hoje é dia de Maria** da Rede Globo de Televisão.

“carro-chefe” da temporada brasileira. Manchetes como: **Amilcar de Castro ganha sua primeira obra individual no exterior** (FOLHA DE SÃO PAULO, caderno ilustrada, 15 de junho de 2005)¹²⁶, **Amilcar de Castro ganha mostra internacional em Paris** (CORREIO DO BRASIL, VIDA E ESTILO, 15 de junho de 2005)¹²⁷ ou **Monumentos esculturais de Amilcar de Castro e Henry More marcam retrospectiva das artes** (UOL, ENTRETENIMENTO, 21 de dezembro de 2005)¹²⁸ indicam como as 62 obras expostas do artista mineiro fizeram parte do circuito artístico internacional em uma projeção de “Brasis”.

A programação garantia assim que, a cada dia, entre 25 de junho e 17 de julho, artistas diferentes, representantes das diversas artes, subissem ao palco para a apresentação de vários “Brasis”, fugindo de um único padrão artístico:

[...] não só pelo exotismo que nela [na arte “outra”] busca o olhar estrangeiro, que nos povos e culturas reconhece apenas o que os distingue e separa, como também, no caso brasileiro, pelo desconhecimento ou desvalorização dessa arte, mesmo no próprio país” (MONTES, 2005, p. 100).

Na mostra fotográfica realizada sob patrocínio da Caixa Econômica Federal, exibiram-se trabalhos dos fotógrafos Albani Ramos, Araquém Alcântara, Aristides Alves, Cristina Villares, Delfim Martins, Ed Viggiani, Iara Venazi, Juan Pratginestós, Juca Martins, Leonid Streliav, Luiz Braga, Maurício Simonetti, Miguek Chikaoka, Nair Benedito, Orlando Azevedo, Renata Mello, Ricardo Azoury, Roberta Guimarães e Salomon Cytrynowicz. Já Alain Dhomé, Eneida Serrano, João Urban, Juvenal Pereira, Miki Ronchi e Paula Simas participaram dos vídeos fotográficos para projeção durante o período da exposição. Cabia a esses fotógrafos passar, através da imagem, as várias facetas de um país continental, transcultural, a começar pela Terra de Vera Cruz. A “viagem pelos Brasis” trataria do início da colonização, da

¹²⁶ UOL (REDAÇÃO). **Monumentos esculturais de Amilcar de Castro e Henry Moore marcam retrospectiva das artes**. 21/12/2005. Disponível em: <<http://goo.gl/hX54BJ>>. Acesso em: 10 maio 2015.

¹²⁷ CORREIO DO BRASIL. **Amilcar de Castro ganha mostra internacional em Paris**. Disponível em: <<http://goo.gl/CJBz7m>>. Acesso em: 10 maio 2015.

¹²⁸ UOL (REDAÇÃO). **Monumentos esculturais de Amilcar de Castro e Henry Moore marcam retrospectiva das artes**. 21/12/2005. Disponível em: <<http://goo.gl/hX54BJ>>. Acesso em: 10 maio 2015.

entrada do moderno pelo Barroco, do ciclo do ouro, da urbanização, das influências francesas, das festas e tradições populares, enfim, da herança mestiça

[...] cujo sincretismo produziu um inigualável espetáculo cultural, narração polifônica da história de uma nação [...] sem pretender esgotar todas as possibilidades de abordagem oferecidas por um país multifacetado, Viagem aos “Brasis” é um convite para a aventura de descobri-lo pelo olhar daqueles que, nascidos em seu território, o redescobrem a cada nova imagem (CATÁLOGO ESPAÇO BRASIL, 2005, p. 130)

A exposição fazia a ponte com o “segundo momento” definido para o **Espaço Brasil**, dedicado às representações culturais regionais e aprofundava a ideia de explosões identitárias brasileiras, o que, segundo Renato Janine Ribeiro (2005) é a expressão da “identidade de um país múltiplo”. Em tal momento, colocavam-se em evidência as cidades coloniais e da arte barroca, que traçam as linhas de Vila Rica, Salvador, São Vicente, São Luís, Belém e outras tantas cidades brasileiras que se desenvolveram a partir do “ciclo do ouro”, enquanto território português no Novo Mundo. No mesmo tempo, focalizava também a região amazônica, da herança indígena e de como esta se apresenta na contemporaneidade – principalmente, em locais como Tocantins, Amazonas etc. E, no seu deslocamento temporal, a mostra se estendeu para as construções mais modernas de sociabilidade no Brasil, em especial para a criação de Brasília e sua proposta modernizante.

Figura 14 – Vista panorâmica da exposição Viagem aos “Brasis”



Fonte: FUNARTE, 2005.

Esse seria o Brasil nascido em meio à cultura mundial, moderno por sua natureza híbrida. Para Olgária Matos (2005), essas são leituras de um Brasil que já nasce moderno sendo, mesmo o barroco, expressão da modernidade europeia durante a conquista. A autora completa: “[...] difícil identidade, no caso, a nossa, uma vez que o barroco se caracteriza por revogar permanentemente as normas.” (MATOS, 2005, p. 32). Dessa forma, a arte, enquanto expressão dessa identidade, não poderia ter papel diferente. A marca da brasilidade seria o traçado imaginário que se toma pelo real, de uma despreocupação com a memória única, sem cisões – às vezes importantes – entre os espaços.

É nesse contexto que a programação dos Estados ganha relevância: com mostras audiovisuais como os filmes de um minuto do festival **Um Amazonas**, de seminários de inclusão social, ciência e tecnologia ou sobre conhecimento tradicional e biodiversidade; com cantos típicos do Tocantins ou danças Karajá; com orquestra de viola caipira do Paraná ou apresentações do Ballet da Rua de Minas Gerais ou da Companhia de Ballet do Palácio das Artes; de manifestações culturais do congado com Titane, Tizumba e a Guarda do Congado (Minas Gerais) ou com a Banda de Congo Mirim da Ilha e Orquestra Mirim da Vale (Espírito Santo); de

mostras de cinema regional, passando pela música do Rio de Janeiro e por mostras audiovisuais de Pernambuco.

Para Maria Lúcia Montes (2005), o que ficaria claro, nas exposições escolhidas, seria a impossibilidade de considerar a arte brasileira una e linear. Seria necessário abandonar adjetivos que subalternizam a arte “[...] reconhecendo a diferença em seus próprios termos [...]” (MONTES, 2005, p. 104), indagando sobre seus entretos de forma a considerar as possibilidades de expressão dessa arte em sua ampla diversidade, mesmo que, para isso – ou talvez exatamente para isso – fosse necessário distanciá-la do padrão ocidental, percebendo o discurso da alteridade. Assim, seria necessário contestar a “universalidade abstrata”, abrindo espaço para a apresentação dos “[...] conjuntos significativos das obras de alguns poucos artistas, buscando sinalizar a complexidade desse universo de criação, ainda que representando apenas algumas de suas linguagens.” (MONTES, 2005, p. 101).

Montes (2005) ressalta fato importante sobre os artistas apresentados – ou que tiveram suas obras expostas – durante a existência do Espaço Brasil:

[...] os artistas que aqui representam a arte popular do Brasil têm em sua vida e sua obra traços em comum. Entre eles, o fato de serem autodidatas e em muitos casos iletrados, a criação tardia após exercerem inúmeras profissões humildes e atividade artística como forma de aumentar os ganhos minguados em meio à pobreza. Pouco importa que venham do Nordeste, Centro-Oeste ou Sudeste do país, que sejam artífices de madeira ou do barro, que muitas vezes te sejam nomeados sem graça de um sobrenome conhecido apenas como Nina, GTO, Isabel, Nuca, Louco, Conceição dos Bruges, Chico Otávio, ou os outros muitos nomes pelos quais também respondem ao falarem nesta mostra por quase todos os artistas populares do Brasil. (MONTES, 2005, p. 103).

Essa passagem ilustra a preocupação da exposição em valorizar a cultura, também, a partir daqueles que são, de alguma forma, considerados à margem do meio artístico. Ao abrir espaço para a divulgação de trabalhos de artistas desconhecidos, o **Espaço Brasil** criava oportunidade para que vozes, até então silenciadas sobre a diversidade da realidade brasileira, fossem ouvidas em um amplo repertório. Montes (2005) destaca, ainda, o papel das mulheres, donas de casa e geradoras de complementação para a renda familiar. Segundo a mesma autora,

[...] a cada nome, uma nova versão de uma mesma história de vida sofrida. Entretanto, nesse meio que é artistas populares desenvolvem sua extraordinária criação, pois engenho e arte não escolhem condição social. A pobreza e o isolamento podem ter nos distanciado dos benefícios sociais e culturais da metrópole, mas não os privarão dos meios de demonstrar seu talento. É o conhecimento profundo de um ofício, seus materiais e seus instrumentos, transmitido como tradição pelos mais velhos ou aprendido como experiência nas lidas do trabalho, o que lhes dá o domínio técnico necessário para que a urgência de criar, ainda que aliada à necessidade de sobrevivência, possa transformar-se em invenção e arte. (MONTES, 2005, p. 104).

Há uma confluência de identidades, de necessidades, de construções sociais que transformam arte, comunidade e vida no Brasil. E o **Espaço Brasil**, enquanto local para exposição desses entrecruzamentos, parece ter atingido seu objetivo no ano “de todos os Brasis” ao ser capaz de pintar o *Marais* de verde-amarelo e apresentar um “outro Brasil” entre as mais de 300 obras apresentadas de artistas conhecidos do público, ou não.

5.6 O Show Viva Brasil

“É o Pelourinho na Praça da Bastilha.”

(DANIELA MERCURY, Paris, 2005)

Segundo o Comissário Geral francês, Jean Gautier, o prefeito de Paris, Bertrand Delanöe havia, desde o início do projeto do **Ano do Brasil**, incorporado a ideia de um grande espetáculo de música e cultura brasileira a ocorrer em local aberto de Paris. A princípio, segundo Gautier, a proposta da Prefeitura de Paris seria de transportar a bateria de uma escola de samba do Rio de Janeiro, com todos seus instrumentos, para apresentação na França, fazendo um carnaval temporão no dia 14 de julho. O projeto foi discutido e, devido a fatores como o alto custo de deslocamento, não apenas de pessoal, mas também de material – por exemplo, a necessidade de locação de espaço para transporte aéreo e a manutenção dos instrumentos – e a dificuldade em fazer a escolha de uma escola de samba em

detrimento de outras, passou-se a optar por um espetáculo mais “tradicional” com o palco montado na Praça da Bastilha, espaço público da na França, tido como o palco popular da Revolução Francesa.

Com a alteração do projeto, a escolha dos artistas ficou sob a responsabilidade do Comissariado brasileiro, com Andre Midani à frente. Este apresentou, então, uma série de nomes emblemáticos da música brasileira, bem como artistas que fariam em Paris sua primeira apresentação internacional, como foi o caso de Seu Jorge e de Maria Rita. A popularidade dos grandes artistas garantia abertura para nomes menos conhecidos: Seu Jorge¹²⁹ e Maria Rita¹³⁰ entravam em cena já aclamados como novos ícones da música brasileira, apadrinhados por nomes como Gil, Lenine e Milton Nascimento.

Nessa dinâmica, os artistas que se apresentariam no **Show Viva Brasil** compuseram uma agenda de shows pela França, o que criou, no conjunto da comunidade francesa, o sentimento de participação nas atividades musicais que não se concentravam, assim, apenas na região parisiense. Todas as localidades interessadas receberam o apoio dos governos francês e brasileiro para que houvesse algum tipo de manifestação musical e puderam, assim, desenvolver seus

¹²⁹ O ano de 2005 deve ser considerado a data de “consagração” de Seu Jorge como artista na França, principalmente devido às inúmeras entrevistas concedidas pelo artista e ao interesse da mídia francesa em traçar seu perfil durante as festividades do **Ano do Brasil na França** como a mais nova voz da periferia brasileira a ganhar audiência internacional. Isso porque o cantor havia lançado o álbum CRU – pelo selo Naïve – na França e na Inglaterra, em setembro de 2004, tendo recebido boa aceitação da crítica especializada europeia. Nesse sentido, no **Ano do Brasil na França** o que se apresentava era um jovem artista sob os auspícios da diplomacia cultural, contando com o apoio governamental em sua busca por sucesso. Os editoriais de revistas como *Rolling Stone* (2005 *c'est l'année du Brésil, l'année Seu Jorge? Elle a déjà commencée*), *Elle Magazine* e *Vogue*, bem como entrevistas concedidas a jornais como *Le Monde* e *Le Figaro*, em 2005, asseguraram a visibilidade necessária ao artista como novo nome da música brasileira.

¹³⁰ A primeira apresentação de Maria Rita na França foi em 20 de março de 2005, durante a exposição *MPB Musiques Populaires Brésiliennes*, organizada por Dominique Dreyfus em La Villette. Benjamin MiNiMuM e Arnaud Cabanne em editorial **Musiques du Monde** da *Revue Mondomix*, de março de 2005 abordariam a biografia e participação da cantora no evento da seguinte forma:

“Dimanche 20 mars Maria Rita, fille de la légendaire chanteuse Elis Régina, se déplaçait pour la première fois en France. Après l'énorme succès de son album éponyme dans son pays - succès beaucoup plus relatif chez nous - elle était attendue avec impatience par un public très brésilien. Gilberto Gil, Ministre de la culture, s'est fait discret pour mieux laisser la vedette. Son répertoire jazz, relevé aux épiques brésiliennes, a rythmé la soirée avec douceur”.

“Domingo, 20 de março, Maria Rita, filha da legendária cantora Elis Regina, chegou pela primeira vez à França. Após enorme sucesso de seu álbum com seu nome em seu país - sucesso muito mais relativo em nossa terra – ela era esperada com impaciência por um público bastante brasileiro. Gilberto Gil, Ministro da Cultura, foi discreto para deixar espaço para a vedete. Seu repertório de jazz com pitadas brasileiras ritmou a noite com doçura.” (Tradução nossa).

próprios projetos. Ao mesmo tempo, estes artistas eram incentivados a convidar outros para compor o palco em suas turnês, criando um movimento de abertura do público francês para as diversas manifestações musicais brasileiras.

Dos casos, talvez o mais simbólico seja exatamente o do próprio Ministro da Cultura, Gilberto Gil, que, enquanto Ministro, durante as festividades, não podia receber cachê por seus concertos e fez várias apresentações gratuitas em diversas regiões da França no intuito de promover a música brasileira como veículo legítimo da mestiçagem: para Gil, a música brasileira tem o papel de evidenciar a mestiçagem cultural do país.

Ao ler as declarações de Gilberto Gil, durante o seu período à frente do Ministério da Cultura, constata-se o seu empenho em demonstrar como a música brasileira se apresenta como um veículo de comunicação multicultural e de diplomacia “em busca da paz”. Assim, as apresentações nas demais regiões francesas, no caso do Ministro, assumiam, também, um papel importante para a política externa brasileira em sua busca por projeção internacional. Gil fazia turnês em outros países da Europa, passava pela França, onde acompanhava o andamento da temporada brasileira, dava entrevistas e participava das manifestações artísticas. Dessa forma, o Ministro da Cultura dava um impulso forte à diplomacia cultural brasileira, assumindo a mestiçagem e a necessidade de intervenções culturais para o sucesso do Brasil no plano externo.

Tanto a proposta quanto a imagem que se buscava passar eram bastante diferentes das proposições de ação do Itamaraty durante o primeiro período de grande investimento na diplomacia cultural do país, ou seja, entre as décadas de 1950 e 1960. Se, no período anterior a preocupação com civilidade – bem observada por Anaïs Fléchét (2013, 2014) em seus trabalhos sobre a diplomacia musical do Brasil e de Juliette Dumont (2012, 2013, 2014) sobre a participação brasileira nos organismos internacionais – impede a representação de um Brasil ancorado nas culturas negra e indígena, nas intervenções culturais apresentadas neste capítulo e naquelas consultadas para conhecimento sobre o **Ano do Brasil** em sua globalidade, apontam para uma compreensão da mestiçagem enquanto riqueza de um Brasil que é, ao mesmo tempo, branco, negro e indígena, capaz de apreciar a mistura, mas também de valorizar cada traço cultural em particular, sem detrimento dos demais.

Os cantores escolhidos para exercer o ofício de embaixadores da cultura brasileira, durante suas apresentações na França, tinham, portanto, o perfil necessário para projetar os ares de multiculturalismo necessários à nova imagem almejada pelo Brasil no plano internacional. Vejamos os casos de Lenine e Seu Jorge:

Convidado para escrever a música-tema da temporada brasileira, o cantor Lenine, já conhecido do público francês (ele havia feito uma turnê em Paris em 2004, estando ainda na memória coletiva dos franceses como integrante da nova vaga de cantores brasileiros a se apresentarem na França), trabalhou com a ideia das diversas identidades que constroem o Brasil e com a impossibilidade de se tratar deste como um país que compreenderia algum tipo de unicidade, sobretudo etno-racial. Assim, a pergunta-chave da sua canção, repetida diversas vezes em seu refrão “com quantos “Brasis” se faz um Brasil? / com quantos “Brasis” se faz um país?”, foi, assim, eco dos questionamentos da temporada: a necessidade de aceitar, de conviver e de compreender um país multiétnico. O seu “hino” teve, portanto, papel fundamental: em um jogo poético, futuro e passado se unem para fazer o presente de um país que é múltiplo, que comunga as diferenças de forma positiva, mesmo que na canção.

Para Seu Jorge, que ganhava a cena francesa, era a oportunidade de consolidar sua recente entrada no mercado internacional. O interesse francês pelo sobrinho da legendaria cantora Jovelina Pérola Negra e primo do cantor Dudu Nobre, que havia sido morador de rua por alguns anos e tratava da violência urbana em suas canções, aumentava durante suas apresentações: a explicitação da favela como um problema social, a crítica à burguesia e à violência faziam com que a população francesa, que enfrentava problemas semelhantes, pudesse se manifestar e também refletir melhor sobre os mesmos¹³¹.

¹³¹ A tensão social na França teve um de seus grandes ápices em 2005, principalmente no segundo semestre do referido ano. Iniciada na periferia parisiense, os “*banlieues*”, com a morte de dois adolescentes, após perseguição policial, a tensão revelou o problema existente na França devido à exclusão social e econômica de certos grupos formados, principalmente, por imigrantes do norte da África. Nessas zonas urbanas, verificava-se, à época, uma taxa de desemprego duas vezes maior do que no conjunto do país. O sentimento, afirmava Giles Poux, prefeito de *la Corneuve*, parte da macrorregião parisiense, era de profundo descontentamento e de exclusão da população que não deixavam dúvidas de um futuro perigoso. A crise da periferia francesa pode ser comparada às crises das periferias vividas, por exemplo, no Brasil, quando pensamos nas organizações das favelas e como elas passam por um processo de desnaturalização dignos de estudo comparativo. Sobre o assunto, Cf. <<http://goo.gl/ii5gte>>.

O **Viva Brasil** era, portanto, a experiência concreta das identidades múltiplas. Mais que uma apresentação de músicas conhecidas, o show era permeado de interlocuções com o público que direcionavam para as mudanças ocorridas no Brasil, país que passava, naquele ano, a ser considerado, não mais um país do futuro, mas parte do presente.


Mesmo antes do lançamento oficial da temporada – ainda em janeiro – os meios de comunicação franceses tratavam desse concerto aberto como o ponto forte – imperdível – da agenda musical do **Ano do Brasil na França**. No início do mês de março, já com a data e horário oficiais, a população da França e, principalmente, os parisienses, eram então, convidados a “marcar na agenda um dos eventos mais importantes da temporada”.

Seguem, a título de ilustração, as informações circulantes no dia do evento nos meios de comunicação franceses. Como frisamos anteriormente, diferentemente do Brasil, que possui uma forte tradição audiovisual baseada na televisão¹³², a França segue uma tendência radiofônica. Portanto, as chamadas nas emissoras de radiodifusão para os eventos e para o concerto **Viva Brasil**, em particular, foram bem mais constantes que os comentários na mídia televisiva.

No primeiro deles, ressalta-se o papel do **Show Viva Brasil** no conjunto das comemorações do **Ano do Brasil na França**: a apresentação musical seria o grande evento da temporada. Já o segundo, indica a presença do presidente Lula no evento e destaca as apresentações dos fogos de artifício no 14 de julho, quando a temporada atingiria seu auge à medida que a Festa Nacional francesa teria as cores do Brasil.

¹³² A discussão sobre o papel da televisão brasileira na formação da identidade nacional teve início na década de 1980, quando se observou uma sedimentação do hábito de ver novelas e programas de auditório. A temática passou, então, a ser estudada com bastante interesse por sociólogos, antropólogos, psicanalistas e historiadores. Sobre o assunto, acreditamos que os trabalhos de Renato Ortiz, em **A moderna tradição brasileira**; Maria Rita Kehl, em **Eu vi um Brasil na TV**; Venício Lima, em **Brazilian television in the 1989 presidential election: constructing a president**; Armand Mattelart, em **Carnaval de Imagens: a ficção na TV**; Esther Hamburger, em **Diluído fronteiras: a televisão e as novelas do cotidiano** e em **Brasil antenado: a sociedade da telenovela**, têm grande convergência com nossa proposta sobre a formação das identidades no Brasil e devem servir de base para discussão sobre o tema. Vale mencionar, também, a título de contribuição, a dissertação de mestrado que realizei sobre o tema, intitulada: *La construction de l'identité nationale et de l'imaginaire sociopolitique au Brésil: une affaire des telenovelas* (Dissertação de Mestrado em História e Política Internacionais, Graduate Institute - Genebra - 2005).

Fragmento de Informação Midiática 10 – O show **Viva Brasil** nas rádios

 l'Argus de l'Audiovisuel		130, rue du Mont-Cenis 75018 Paris www.argus-audiovisuel.fr	TEL. 01.49.25.70.70 FAX 01.49.25.70.71 contact@argus-audiovisuel.fr
---	--	---	---

Alerte n°50231804

DATE	13/07/2005	HEURE	06:34:46
SUPPORT	France Info	DUREE	00:01:23
EMISSION	Journal de 6h30		
PRESENTATEUR	Frédéric BENIADA		

SUJET	Moment phare de l'année du Brésil en France, le concert de musique brésilienne aura lieu ce soir place de la Bastille. Itw. de Henri Salvadore (phon). Il est très touché de chanter ce soir avec Gilberto Gil.
-------	---

Fonte: AFAA, 2005.

Tradução do Fragmento de Informação Midiática 10 – O show **Viva Brasil** nas rádios


13/07/2005
 France Info
 Jornal das 06:30

Apresentação Frédéric Beniada

Momento-chave do **Ano do Brasil na França**, o concerto de música brasileira ocorrerá esta noite na Praça da Bastilha. Entrevista com Henri Salvador, que está bastante tocado de cantar nesta noite com Gilberto Gil.

Fonte: AFAA, 2005.

Fragmento de Informação Midiática 11 – O show **Viva Brasil** na televisão

 l'Argus de l'Audiovisuel		130, rue du Mont-Cenis 75018 Paris www.argus-audiovisuel.fr		TEL. 01.49.25.70.70 FAX 01.49.25.70.71 contact@argus-audiovisuel.fr	
Alerte n°50232044					
DATE	13/07/2005	HEURE	09:01:05		
SUPPORT	Europe 2	DUREE	00:00:43		
EMISSION	Journal de 9h00				
PRESENTATEUR					
SUJET	La fête nationale française est aux couleurs du Brésil. Elle commence dès ce soir avec un grand concert gratuit place de la Bastille. A l'occasion de l'année du Brésil en France, le président Lula est l'invité d'honneur des cérémonies du 14 juillet. Le feu d'artifice avec des dominantes de jaune et de vert sera tiré depuis la Tour Eiffel à partir de 22h30.				

Fonte: AFAA, 2005.

Fragmento de Informação Midiática 11 – O show **Viva Brasil** na televisão

Europe 2 13/07/2005 Jornal das 9 horas A festa nacional francesa está com as cores do Brasil. Ela começa nessa noite, com um concerto gratuito na Praça da Bastilha. Por ocasião do Ano do Brasil na França , o presidente Lula é o convidado de honra das cerimônias do 14 de julho. Os fogos de artifício predominantemente verde-amarelo serão queimados na Torre Eiffel a partir das 22h30.

Fonte: AFAA, 2005.

Com uma hora e meia de duração, o show **Viva Brasil** foi idealizado também como parte das festividades da Revolução Francesa, e estas combinadas à temporada brasileira na França – um pedido da Prefeitura de Paris atendido pelos Comissariados. Pelos extratos acima, percebe-se que o concerto na Bastilha, considerado ponto forte das festividades da própria festa nacional francesa, conseguiu alcançar, de alguma forma, seu objetivo: a ideia era que Brasil e França, em um encontro cultural, seriam capazes de transformar o espaço revolucionário da

Bastilha em algo ainda mais simbólico, passando da Revolução pelas armas à revolução pela música, em uma comunhão de ideias.

Os cantores Henri Salvador (patrono)¹³³; Gilberto Gil, Lenine, Seu Jorge, Jorge Benjor, Gal Costa, Daniela Mercury e o grupo baiano de percussão Ilê Ayê foram as atrações do evento. Aberto por Henri Salvador, que conclamava o público a fazer uma “Revolução musical” na Praça da Bastilha, o show teve como primeira música um pot-pourri da Marselhesa – Hino Nacional Francês – com o Hino Nacional Brasileiro e a canção Aquarela do Brasil, quando os músicos dividiram o palco. Seguiram-se as músicas: Sob o Mesmo Céu (Brasil “Brasis”) – Hino em homenagem ao **Ano do Brasil na França**, de Lenine; Jack Soul Brasileiro – Lenine/ Seu Jorge; Eu Sou Favela – Seu Jorge; A Banda do Zé Pretinho – Jorge Ben Jor/ Seu Jorge; Umbabaraúma (Ponta de Lança Africano) - Jorge Ben; Taj Mahal - Jorge Ben Jor; Filho Maravilha – Gilberto Gil/ Jorge Ben Jor; Filhos de Gandhi – Gilberto Gil/ Jorge Ben Jor; Touche Pas A Mon Pote – Gilberto Gil; La Seine – Gilberto Gil/ Jorge Mautner; Jardin D’Hiver – Gilberto Gil/ Henri Salvador; Falsa Baiana – Gal Costa/ Gilberto Gil; Garota de Ipanema – Gal Costa; Nos Barracos da Cidade (Barracos) – Gilberto Gil; Toda Menina Baiana – Daniela Mercury/ Gilberto Gil; Rapunzel – Daniela Mercury; Maimbê Danda – Daniela Mercury; O Mais Belo dos Belos/ Por Amor ao Ilê – Daniela. Finalmente, o show terminou ao som, novamente, da Marselhesa, iniciada por acordes de violino e entoada coletivamente pelos cantores convidados e também pelo público e da canção País Tropical, de Jorge Benjor, que pode ser também considerada como um hino da diversidade brasileira.

¹³³ Nascido na Guiana Francesa em 1917, Henri Salvador foi o cantor francês, com, talvez, maior influência no meio musical popular brasileiro. Instalando-se no Brasil na década de 1940, após uma turnê pela América Latina, Salvador passou a se apresentar no Rio de Janeiro, em locais de destaque como o Copacabana Palace e o Cassino Urca. Segundo informações circulantes (em entrevistas e jornais), Henri Salvador, com sua canção *Dans mon Ille* teria auxiliado na transformação do estilo musical brasileiro, principalmente, com relação à Bossa Nova e às composições de Tom Jobim. Em 2005, ele foi convidado, pelo Governo francês, para assumir o posto de patrono da música durante as festividades do **Ano do Brasil na França**, deslocando-se em todas as regiões francesas nas quais eventos de grande destaque musical requeriam sua presença, como o festival do MIDEM (Mercado Internacional do Disco e da Edição Musical), anualmente organizado em Cannes. Durante o show Viva Brasil, Henri Salvador fez a abertura do mesmo, sendo o único cantor francês em cena. Em novembro de 2005, Henri Salvador foi condecorado pelo Governo Federal Brasileiro com a Medalha **Ordem do Mérito Cultural** por sua contribuição à formação musical no Brasil. Fonte: *LE PETIT JOURNAL*. “**Ordem do Mérito Cultural**” por sua contribuição à formação musical no Brasil. Disponível em: <<http://goo.gl/3qlDqk>>. Acesso em: 3 maio 2015.

A apresentação da canção **Eu Sou Favela**, de Bezerra da Silva (1927-2005)¹³⁴ teve grande significado no âmbito do evento. O cantor, que falecera em janeiro do mesmo ano, é considerado, hoje, um dos grandes nomes do samba no Brasil – tendo sido por um longo tempo, no entanto, como cantor “marginal” na indústria fonográfica do país. Seu Jorge, nascido e criado no Rio de Janeiro, tendo contato com Bezerra da Silva e outros cantores residentes em morros e favelas cariocas se fez, então, o porta-voz da favela em Paris. Isso se deu em várias manifestações desse cantor emergente, como no presente show (e nos demais), em entrevistas concedidas e em declarações. Ao assumir esse papel, o cantor, ex-morador de rua por opção, criava interlocução com os jovens das periferias da França, mostrando que a periferia, em si, é um problema social “universal”. As crises das favelas no Brasil não seriam diferentes daquelas vividas nos *banlieues* franceses, ou nas periferias urbanas pelo mundo. Durante a apresentação, a interlocução com o público “O que que a favela é, hein, França? [...] Talvez eles lá no Brasil escutem...” é exemplo de como o problema não estaria resolvido, no Brasil, na França, ou em qualquer outro lugar. A resolução do mesmo passaria pela mudança de práticas de exclusão sedimentadas.

Tais práticas de exclusão estariam, segundo as declarações governamentais do Brasil e da França à época, sendo tratadas nacional e internacionalmente, sendo, neste último caso, necessária a ação concertada dos países no próprio sistema ONU. Ali, o debate sobre integração e exclusão passava por questões sociais, econômicas e culturais que deveriam ser observadas, tendo em vista o avanço de propostas alternativas ao modelo de globalização e força até então vigente: as

¹³⁴ Sobre os sambistas no Brasil e sua participação na formação da identidade brasileira no ambiente internacional, Cf. Anaïs Fléchét, em ***Si tu vas à Rio***, e ALBIN, R. C. **Dicionário Houaiss Ilustrado Música Popular Brasileira**. Criação e Supervisão Geral Ricardo Cravo Albin. Rio de Janeiro: Edição Instituto Antônio Houaiss, Instituto Cultural Cravo Albin e Editora Paracatu, 2006. Sobre Bezerra da Silva, Cf. MATOS, C. N. **Bezerra da Silva: singular e plural**. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, jul./dez. 2011. p. 99-114.; e, VIANNA, L. C. R. **Bezerra da Silva, produto do morro**: trajetória e obra de um sambista que não é santo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. A participação de Bezerra da Silva no rol dos grandes sambistas de partido alto – estilo musical ligado à urbanização do Rio de Janeiro, iniciada com a reforma urbanística de Pereira Passos em 1903, parece, hoje, aceita por todos os estudiosos da área. Pernambucano de origem, Bezerra da Silva se mudou para o Rio de Janeiro aos 15 anos, instalando-se no Morro Cantagalo, zona sul carioca, de onde acompanhou o processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro. A Reforma urbanística de Pereira Passos, inspirada na Reforma de Paris, entre 1853 e 1870, foi, também, responsável pela favelização do passado escravocrata do Rio de Janeiro. Ao habitar no “morro”, Bezerra da Silva tirava dali inspiração – considerada uma análise quase sociológica – para suas músicas de contestação, em um exame dos conflitos sociais existentes entre as favelas e a cidade e na marginalização dos moradores dos morros.

declarações conjuntas dos presidentes Lula e Chirac, no âmbito da ONU, fortaleciam a ideia do pensar e agir de outra forma.

A mesma percepção une-se, também, à discursividade de Gilberto Gil durante toda a temporada brasileira na França. Durante o show na Praça da Bastilha, o cantor reafirmaria tal declaração, ao tratar do mundo atual como multiétnico, resultado de constantes migrações:

A nossa época atual, contemporânea, é marcada exatamente pela presença desse povo mestiço no mundo inteiro; a mistura das raças, a mistura dos credos, a mistura das culturas, a mistura das comidas, a mistura das bebidas, a mistura das roupas, dos cabelos, dos enfeites, dos adereços, das festas bonitas. Tudo isso é a marca desse nosso tempo. (GIL, Viva Brasil. Paris, 2005).

O discurso de Gilberto Gil, ocorrido entre a apresentação do arranjo da canção **Fio Maravilha**, – que na versão do show, nas vozes de Jorge Ben Jor e Gil, se tornou “Filho Maravilha” – e a entrada de autoridades políticas – o Prefeito de Paris, Bertrand Delanöe, o Presidente Luís Inácio Lula da Silva e sua esposa, Marisa Letícia da Silva – reafirmava o engajamento brasileiro com a diversidade cultural, assim como a documentação oficial, assinada mais tarde, no âmbito da UNESCO, o faria em outros domínios¹³⁵. Gil continua convidando, então, as autoridades políticas para o palco:

Eu gostaria de saudá-los por isso: pelo seu engajamento com a cultura mestiça do planeta: o senhor prefeito de Paris e o presidente do Brasil, senhor Lula e sua esposa. Sim, meu chefe, meu Patrão! (GIL, Viva Brasil, Paris, 2005).

¹³⁵ A Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais, aprovada no âmbito da UNESCO, em 20 de outubro de 2005 – data emblemática para o Brasil, feriado em alguns estados, Dia de Zumbi de Palmares – pode ser considerada uma das grandes vitórias dos governos brasileiro e francês no ano de 2005 dentro do sistema das Nações Unidas. A união dos dois países em torno do assunto fez com a proposta dos Estados Unidos de considerar cultura como parte integrante do comércio internacional, devendo, portanto, pautar-se a partir das regras do comércio internacional, fosse abandonada. Criava-se ali, segundo alguns acadêmicos, com os quais tendemos a concordar, uma frente contra o imperialismo cultural dos Estados Unidos da América. Fonte: MINISTÉRIO DA CULTURA. **Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade de Expressões Culturais**. Disponível em: <<http://goo.gl/bSkCxG>>. Acesso em: dez. 2014.

A reação do público à chegada das autoridades é de grande euforia, com ovação contínua e o grito uníssono de “Brasil” modulando a fala do prefeito Bertrand Delanöe: “Obrigado a Gilberto Gil e a todos os artistas aqui presentes por reforçarem nosso amor pelo povo e pela cultura brasileira”. Seria, então, a vez do presidente Lula da Silva se pronunciar: “Estou muito orgulhoso de estar entre franceses e brasileiros, participando desse momento excepcional das relações entre França e Brasil. Por isso, viva a França e viva o Brasil”. A presença dos dois políticos no palco tinha um significado ímpar: de tradição socialista comum, Delanöe e Lula haviam sido eleitos após enfraquecimento da direita nos cenários municipal parisiense e federal brasileiro, respectivamente; o engajamento dos dois – e de seus partidos – com a proteção à diversidade cultural era algo presente, também, em suas campanhas eleitorais. Assim, o discurso de cada um deles parece, em si, eco da fala do outro. Sendo fortemente ovacionado, Lula foi ainda homenageado por Gil: “Esse é o nosso presidente que veio para animar a festa. O presidente Lula veio para animar a festa [repete a locução]. ‘Salve simpatia’”. Em seguida, Gil cantaria ***Touche pas à mon pote*** (1985), música de sua autoria que se tornou o *slogan* das associações contra o racismo na França. Ali, Gil enunciaria que o tempo de se impor pela força havia passado, sendo necessária a aceitação do outro, da alteridade e, poderíamos acrescentar, da diplomacia cultural.

O evento seguiria com as apresentações de Henri Salvador, Gal Costa e Daniela Mercury, finalizando com a apresentação conjunta da Marselhesa e de País Tropical. No dia seguinte, a imprensa francesa, a brasileira e internacional trariam as notícias da “Revolução musical” que havia tomado a Bastilha, pouco antes das festividades da República Francesa. No cotidiano ***Le Monde***, a notícia seria do concerto celebrante da amizade franco-brasileira:

Fragmento de Informação Midiática 12 – O show Viva Brasil no **Le Monde**

À la Bastille, un concert pour célébrer l'amitié franco-brésilienne

Le Monde | 14.07.2005 à 12h20 • Mise à jour le 14.07.2005 à 12h41

C'était le grand rendez-vous populaire de l'année du Brésil en France. La place de la Bastille colorée en auriverde (jaune et vert) et prise d'assaut par d'éminents représentants du génie musical bahianais, pour près de quatre heures et demie de concert gratuit. Les organisateurs attendaient 60 000 personnes, mercredi 13 juillet, pour cet événement retransmis en direct et en intégralité par France Inter, qui a honoré sa mission de service public. Les caméras de France 2 étaient également présentes. On espère que la chaîne ne diffusera pas les images cet été après minuit. (...) Autour de 22 heures, la politique reprend ses droits. Gilberto Gil annonce l'arrivée du maire de Paris, dont il peine à retrouver le nom. Bertrand Delanoë, à peine remis de l'échec rancunier de sa municipalité aux Jeux olympiques de 2012, dira que "Paris a le Brésil au cœur", avant de faire acclamer le président Lula pour un autre tissu de banalités : "Le Brésil ne doit pas être grand seulement pour ses dimensions territoriales mais aussi pour la qualité de son peuple." Certes. Jack Lang en profite alors pour se glisser sur la scène, faire la bise à Jorge Ben et Gilberto Gil, qui l'accueille en ces termes : "Merci Jack Lang, mon collègue ministre". Sourire de l'intéressé, qui a dû constater l'absence de Renaud Donnedieu de Vabres.¹³⁶

Fonte: *LE MONDE*, 2005.

Tradução do Fragmento de Informação Midiática 12 – O show Viva Brasil no **Le Monde**

Foi o grande encontro popular do **Ano do Brasil na França**. A Praça da Bastilha colorida de verde-amarelo foi tomada por eminentes representantes da genialidade musical baiana durante quase quatro horas e meia de concerto gratuito. Os organizadores esperavam 60 mil pessoas, quarta-feira, 13 de julho, para esse evento retransmitido direta e integralmente pela France Inter, que honrou sua missão de serviço público. As câmeras da France 2 estavam igualmente presentes. Esperamos que o canal não vá transmitir as imagens nesse verão depois de meia-noite. (...) Em torno das 22 horas a política retoma seus direitos. Gilberto Gil anuncia a chegada do prefeito de Paris, que ele tem dificuldade de lembrar o nome. Bertrand Delanoë, à duras penas refeito da perda de sua municipalidade para [receber] os Jogos Olímpicos de 2012, dirá que "Paris tem o Brasil no Coração" antes de fazer aclamar o presidente Lula para sua outra trama de banalidades: "O Brasil não deve ser grande somente por suas dimensões territoriais, mas também pela qualidade de seu povo". Certo, mas Jack Lang aproveita, então, para entrar em cena, dar um beijo em Jorge Ben e em Gilberto Gil que o acolhe nestes termos: "Obrigada a Jack Lang, meu colega Ministro". Sorriso do interessado, que deve ter constatado a ausência de Renaud Donnedieu de Vabres. (...)

Na Bastilha, um concerto para celebrar a amizade franco-brasileira. *LE MONDE* 14.07.2005 à 12h20 • Atualizado em 14.07.2005 à 12h41. Autor: Bruno Lesprit.

Fonte: *LE MONDE*, 2005.

¹³⁶ *LE MONDE*. A la Bastille, un concert pour célébrer l'amitié franco-brésilienne. 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/rF0Y7G>>. Acesso em: 2 maio 2015.

O que fica claro, nesse contexto, é o elo entre a França e o Brasil e, principalmente, entre as esquerdas francesa e brasileira. A ausência notada pelo cotidiano **Le Monde** era justamente do Ministro da Cultura à época – Renaud Donnedieu, de centro-direita –, em detrimento da presença de Jack Lang, do Partido Socialista, ex-Ministro da Cultura durante a presidência de François Mitterrand (1981-1986 e 1988-1992). Jack Lang foi responsável pela ampla reforma do Ministério da Cultura e de pontos culturais caros aos franceses – *Louvre*, *La Défense*, Opera da Bastilha, Biblioteca Nacional da França etc – os denominados **Grands Travaux de Paris** (Trabalhos Grandiosos de Paris) e pelo aumento de 100% no orçamento do Ministério da Cultura francês, algo, até então, inédito.¹³⁷ Já no site do UOL – Últimas Notícias – a notícia seguiria dando ênfase à receptividade do público ao presidente Lula e à emoção que teria gerado sua participação no show.

¹³⁷ Sobre o assunto, Cf. TOUSSAINT, J.-L. 100 portraits d'hommes et de femmes qui réussissent en dehors des Vosges, Strasbourg: Les cahiers de la liberté de l'est. In: **Editions La Nuée Bleue**, 10 octobre 2006.

Fragmento de Informação Midiática 13 – O show Viva Brasil na mídia brasileira


Assine 0800 721 2009 SAC
Bate-papo E-mail Notícias Esporte Entretenimento Mulher Shopping



Internacional


13/07/2005 - 20h05
Lula aclamado em show de música brasileira na Bastilha

PARIS, 13 jul (AFP) - O presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi aclamado nesta quarta-feira por milhares de pessoas que assistiam ao show "Viva Brasil", na Praça da Bastilha, em Paris.

Uma grande multidão tomou a praça parisiense para ver o show de música brasileira, que marcou o início das comemorações do 14 de julho, a festa nacional francesa.

Na metade do concerto, quando um público eufórico dançava, cantava e aplaudia os artistas há mais de hora e meia, o ministro da Cultura, Gilberto Gil, que terminava um dueto com Jorge Ben Jor, anunciou ao público a presença de Lula e do prefeito de Paris, Bertrand Delanoë.

Lula e Delanoë foram chamados e subiram ao palco, sendo aplaudidos durante vários minutos.

"Paris tem o Brasil no coração. Obrigado a Gilberto Gil e a todos estes artistas por reforçar nosso amor pelo Brasil e pela cultura brasileira. Esta noite celebramos a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Quero que Paris diga com entusiasmo e convicção: Bem-vindo Lula!", disse Delanoë.

Lula declarou: "Venho à França desde 1980, mas nunca imaginei que poderia estar em Paris no ano em que o Brasil é homenageado, como presidente da República".

"O ser humano será sempre do tamanho que quiser ser, se pensarmos pequeno, seremos pequenos, se pensarmos grande, seremos grandes. O Brasil não pode ser visto no mundo como um país grande por sua dimensão territorial, o Brasil deve ser um país grande pela qualidade de seu povo, pela solidariedade de seu povo e pelo humanismo praticado pelo povo brasileiro".

"Estou muito orgulhoso de estar entre franceses e brasileiros participando deste momento excepcional nas relações de França e Brasil", disse Lula, que terminou dando um "Viva a França, Viva o Brasil".

Em meio aos aplausos, o público gritava: "Lula, Lula".

 ÍNDICE DE ÚLTIMAS NOTÍCIAS
 IMPRIMIR
 ENVIE POR E-MAIL


Assine 0800 721 2009 SAC Bate-papo E-mail Notícias Esporte Entretenimento Mulher Shopping

Todos os direitos de reprodução e representação reservados. 2000 Agence France-Presse. Todas as informações reproduzidas são protegidas por direitos de propriedade intelectual detidos pela AFP. Por conseguinte, nenhuma destas informações pode ser reproduzida, modificada, armazenada, redifundida, traduzida, explorada comercialmente ou reutilizada sem o consentimento prévio por escrito da AFP.

Fonte: UOL, 2005.

O registro é, de qualquer forma, peculiar: o show foi um sucesso seja como estratégia de diplomacia cultural, com a apresentação dos artistas do circuito Rio/Bahia – mesmo sendo de Pernambuco, foi no Rio que Lenine fez sua carreira – ou pelo engajamento político que ali se apresentava: da esquerda franco-brasileira ocupando espaço e se reafirmando, mesmo em momento de crise.

Organizadores do evento, nos dois países, mostraram-se surpresos com a participação massiva do público no evento. Se os meios de comunicação da França e do Brasil esperavam em torno de 60 a 70 mil pessoas nas ruas, o número

ultrapassou a 100 mil presentes¹³⁸.

Um público inesperado, que fez com que o show pudesse ser considerado um dos grandes medidores dos espaços de brasilidades conquistados pelo Brasil na França e do sucesso da diplomacia cultural brasileira, que se apoiava naquilo que havia sido criado pela França. Como observaria a AFAA, em seu balanço sobre a temporada brasileira, um, em cada quatro franceses, havia participado de, pelo menos, um evento do **Ano do Brasil na França** que, como marca de sucesso, havia conseguido quebrar barreiras do público “habitual” da cultura: havia conquistado o grande público francês, gravitado em todas as esferas e ultrapassado a fronteira dos estereótipos, como observariam os membros do Comissariado francês Jean-François Chougnat e Jean Gautier (EPHEMERIDES, 2005).

Em entrevista concedida, no dia do show **Viva Brasil**, Gilberto Gil ressaltaria que o convite formulado pelo prefeito de Paris para que o Brasil fizesse algo especial para a festa nacional francesa estava sendo aceito como esperado: a tessitura das relações Brasil-França ganharia, ali, mais uma malha forte para as futuras relações entre os dois países.

5.7 Resultados iniciais do Ano do Brasil na França

Nesta parte de nosso trabalho, buscamos refletir sobre o significado da *saison brésilienne* na França tendo em vista as expectativas dos dois países. Nas entrevistas com gestores franceses e brasileiros do evento, ficou claro o quão difícil foi organizar um evento que, programado com três anos de antecedência, só foi articulado no último ano, devido, em grande parte, a contratempos da Embaixada Francesa e do Comissariado Brasileiro à frente do evento até janeiro de 2004. Há, ainda, que levar em conta, a falência do Banco Santos¹³⁹.

¹³⁸ Disponível em: <<http://goo.gl/LuVsfr>>. Acesso em: 2 maio 2015. Segundo o Ministério de Relações Exteriores da França, haveria 25 mil brasileiros (ou pessoas com dupla nacionalidade) habitando na França em 2005. Essa estimativa levava em conta os brasileiros registrados (2 mil) e aqueles sem registro (23 mil). Desta forma, mesmo com grande defasagem dos números apresentados pela Embaixada, percebemos que a maioria dos que ali se encontravam eram cidadãos franceses. Disponível em: <<http://www.ambafrance.org.br/fiche-bresil.htm>>. Acesso em: 2 maio 2015.

¹³⁹ Junto à falência do Banco, colocava-se fim à parceria firmada com Edemar Cid Ferreira, que seria responsável por grande parte das exposições na França em 2005. Ferreira, não apenas com sua coleção pessoal, mas também, com seu conhecimento histórico na realização de eventos culturais

Com o encerramento do **Ano do Brasil na França**, o mês de dezembro foi dedicado, pela mídia, a um balanço sobre o evento, sua preparação e resultados. Foi, também, um mês de críticas, principalmente à imprensa brasileira que, preocupada na maioria dos casos em reafirmar estereótipos e em criticar as escolhas feitas pelos comissariados em função das mostras artísticas (como o caso da exposição **Favelas** nos metrô parisienses) deixou a desejar enquanto veículo de informação. A crítica à mídia brasileira foi realizada, em grande parte, como observamos, de seus homólogos franceses: jornais impressos e noticiários audiovisuais demonstravam como o **Ano do Brasil na França** não recebeu atenção da mídia brasileira, em uma tentativa de apagar qualquer projeção internacional que o Brasil conseguisse com o evento.

deixou, segundo Romaric Sulger Büel, “um vazio na paisagem cultural brasileira” que o Comissariado brasileiro foi obrigado a preencher e, talvez, suplantando as expectativas dos franceses.

Le Monde

80 BOULEVARD AUGUSTE-BLANQUI
75707 PARIS CEDX 13 - 01 57 28 20 00

13/14 NOV 05

Quotidien Paris
OJD : 330768

Surface approx. (cm²) : 1015

Page 3/5

Les Français parlent de « véritable miracle ». Peut-être plus habitués, les Brésiliens se contentent d'évoquer un... « petit miracle ». A quelques semaines de la clôture de l'Année du Brésil, les organisateurs français de l'événement ne cachent pas leur satisfaction. Avec 350 manifestations à travers la France, plus de 15 millions de visiteurs et des réactions largement favorables, ils ont l'impression d'avoir rempli leur contrat. Comme d'heureux capitaines soulagés de voir apparaître les lumières du port.

D'autant que la traversée a été mouvementée. Changement d'équipage, grave avarie de dernière minute, manque de carburant, et jusqu'aux tentatives de piraterie au milieu de l'océan. « La catastrophe annoncée n'a pas eu lieu, mais on n'en est pas passé loin », reconnaît Jean-François Chougnnet, commissaire français de l'opération.

La phase préparatoire fut un cauchemar. « L'opération avait été annoncée en avril 2001. L'administration s'est mise au travail, lentement mais sûrement, raconte-t-on à l'Association française d'action artistique (AFAA), bras armé culturel du Quai d'Orsay. Tout semblait fonctionner. Les relations avec les Brésiliens étaient excellentes. Mais, lors d'un voyage en novembre 2003, nous nous sommes aperçus qu'ils n'avaient encore rien fait. »

Grosse colère, sonnette d'alarme tirée des deux côtés et au plus haut niveau. En avril, le commissaire brésilien, Marcos de Azambuja, ancien ambassadeur à Paris, est écarté et remplacé par André Midani. C'est Gilberto Gil, ministre de la culture et musicien, qui l'a choisi.

Homme d'affaire, Midani n'est autre que l'ancien patron de Warner Music pour l'Amérique du Sud, découvreur, à la fin des années 1960, du mouvement Tropicaliste, dont le ministre chanteur est une figure de proue.

Changement de braquet. « Midani a été impressionnant, se souvient Raphaël Bello, commissaire général adjoint. Il a fait aboutir toutes nos propositions, en particulier pour les expositions. C'était parfait. » Jusqu'à la tuile. Le 14 novembre 2004, le principal producteur brésilien, la société BrasilConnects, est emporté dans la tourmente financière de la banque Santos, qui met en cause son président, Edemar Cid Ferreira. A la tête de BrasilConnects, Ferreira a organisé les plus grosses expositions de l'histoire du Brésil, dont celle marquant, en 2000, le 500^e anniversaire de la découverte du pays. Pour l'occasion, il a rassemblé 25 millions de dollars. Et gagné une réputation internationale.

Le lancement des festivités est prévu en mars 2005, avec l'exposition « Brésil indien », à Paris, au Grand Palais. Pour cette seule manifestation – la plus prestigieuse de la saison –, BrasilConnects devait apporter plus de 1 million d'euros. « Jusqu'au 15 janvier, l'exposition a été menacée », assure Jean-François Chougnnet. Finalement, 300 000 euros d'écono-

mies sont trouvés (réduction du nombre d'œuvres et de divers frais). L'administration brésilienne apporte 200 000 euros, mais l'essentiel du trou est comblé par les Français : la Réunion des musées nationaux, qui rêvait déjà de larges bénéfices, doit au contraire piocher dans ses réserves et la société française Areva - mécène de l'opération - ajoute 200 000 euros de contribution.

Mieux : la justice brésilienne accepte de laisser sortir des œuvres théoriquement immobilisées des collections de Cid Ferreira et de la banque Santos. L'exposition s'ouvre à temps. Les apparences sont sau-

Face au retrait du banquier, chacun s'adapte comme il peut. Au Centre Pompidou, l'exposition d'art contemporain « Marepe » est réduite. A la Maison européenne de la photographie (MEP), celle de Miguel Rio Branco est sauvée par des coupes claires dans la communication et une contribution de 90 000 euros du fonds commun franco-brésilien, mais la collection personnelle de photos historiques de Cid Ferreira est bloquée par les autorités brési-

c'est une aide de 90 000 euros de L'Oréal qui permettra à François Hébel, le directeur des Rencontres photographiques, de sauver ses cinq expositions.

Les difficultés ne se sont pas limitées à la défection de Cid Ferreira.

A Rouen, l'exposition « Trois siècles d'art brésilien » n'a dû son salut qu'à un apport de dernière minute de 100 000 euros de la société Saint-Gobain. A la Halle Saint-Pierre, à Paris, en revanche, la directrice, Martine Lussardi, a été contrainte de remballer ses catalogues et d'annuler, trois semaines avant le ver-

nissage, l'une des deux expositions d'art brut prévues, celle d'Arturo Bispo de Rosario : « Le directeur du musée situé dans l'hôpital de Rio où fut interné l'artiste réclamait une commission », soupire-t-elle. Pas moins de 55 000 euros.

En juin, un nouveau coup dur frappe le commissariat français. Les Brésiliens annonçaient qu'il leur manquait 280 000 euros pour financer des billets d'avion et du fret. « Une dizaine de manifestations étaient menacées », assure Raphaël Bello. Une fois encore, on réduisit la voilure, puis le fonds commun - d'un montant de

A Paris,
personne
n'est
capable de chiffrer
les retombées
financières
de l'opération

1,6 million d'euros et nourri à parité par les ministères des deux pays - et des mécènes bouchèrent le trou.

Au même moment, Gilberto Gil obtenait à l'arraché des autorités brési-

A l'heure des comptes, et sauf catastrophe de dernière minute, aucune rallonge budgétaire ne devait être nécessaire. Sur les 30 millions d'euros que pourrait avoir coûté l'opération, une bonne partie a été payée par les entreprises brési-

A Paris, on est moins triomphal. Personne n'est capable de chiffrer les retombées financières de l'opération. Si les

médias français ont réagi positivement aux « festivités », leurs homologues brésiliens ont souvent boudé les programmes. Pour nombre d'entre eux - notamment ceux de l'opposition -, l'Année du Brésil ressemblait à une opération de communication du président de la République Luis Ignacio da Silva Lula, dont le parti - le Parti des travailleurs (PT) - est accusé de corruption. Certains de ses proches ont dû démissionner de leurs fonctions. La venue officielle de Lula à Paris, en juillet, et l'implication personnelle de son ministre de la culture lors du grand concert du 14 juillet, place de la Bastille, ont suscité des commentaires acerbes. Gilberto Gil a même renoncé à son cachet sous la pression de la commission d'éthique du Tribunal des comptes de l'Union brésilien, allergique au mélange des genres.

En guise de réciprocité, le Quai d'Orsay et le ministère de la culture évoquent aujourd'hui une Année de la France au Brésil. Les deux gouvernements en ont arrêté le principe et devraient, d'ici la fin du mois de novembre, l'annoncer pour 2008. Entre-temps, en 2006, le président brésilien remettra son mandat en jeu. « Autant dire que rien n'est fait », soupire un diplomate français. ■

NATHANIEL HERZBERG
AVEC VÉRONIQUE MORTAIGNE

O cotidiano Le Monde, em sua edição de 14 de novembro de 2005, realizou uma crítica contundente a esse respeito, numa avaliação de que o **Ano do Brasil na França** poderia ser considerado “A história de um resgate”. Com uma fase preparatória que mais parecia um pesadelo, segundo o jornal, o grande sucesso da temporada aparecia como um milagre. O sucesso da temporada seria, então, atribuído à mudança dos responsáveis pelo Comissariado brasileiro em 3 de fevereiro de 2004, ou seja, um ano antes do início das festividades, e ao forte engajamento direto do presidente Lula na realização do evento. Entretanto, ainda se notava a falta de empolgação dos meios de comunicação do Brasil em divulgar a temporada e outros percalços orçamentários, tratados acima.

Algumas das críticas à preparação da temporada foram reafirmadas em entrevista concedida pela jornalista Dominique Dreyfus (2014) e pelo Comissário Geral do Brasil, Andre Midani (2015), que evidenciaram a falta de interesse dos jornalistas brasileiros em tratar seriamente o evento, não apenas em se tratando de um evento de diplomacia cultural, mas, principalmente, porque a temporada brasileira na França, segundo os entrevistados, abria as portas para novas manifestações culturais no Brasil e no mundo, que deveriam ser foco da imprensa brasileira, assim como ocorre com a imprensa francesa, americana, inglesa.

O próprio fato de os responsáveis brasileiros, até janeiro de 2004, não terem feito nenhum esforço para a organização da operação, lançada em 2001, demonstra um descompromisso político que pode ser explicado, minimamente, por desavenças políticas entre o governo anterior e a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva. O fracasso do **Ano do Brasil na França** durante a gestão de Lula teria sido, nesses termos, um fracasso também da projeção internacional almejada pela Comissão Ministerial formada a partir de 2003.

A reorganização do **Ano do Brasil na França** e seu sucesso devem, dessa forma, claramente à união do Ministério da Cultura e o comprometimento pessoal do Ministro Gilberto Gil – seguida pela nomeação de André Midani para o Comissariado Brasileiro – e da reestruturação dos diplomatas brasileiros que trabalhariam com o evento. A escolha de Edgard Telles Ribeiro para compor o Comissariado Brasileiro, diplomata que dedicou sua carreira ao estudo das relações culturais internacionais e da diplomacia cultural, significava dois pontos fortes na política externa pensada pelo Ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim: em um primeiro lugar, a projeção cultural do Brasil, algo caro também ao Embaixador, que já havia ocupado

a pasta da divisão cultural e trabalhado diretamente com Edgard Telles Ribeiro. Mas, além disso, assumia-se ali uma política de governo que deveria ser, também, uma política de Estado, tendo em vista que, como observa Ribeiro, a diplomacia cultural é um vetor de capital que deve ser utilizada em todas as oportunidades possíveis. O convite da França para a *saison brésilienne* era, nesse sentido, uma abertura do mercado francês para produtos brasileiros. Se verificarmos as exportações daquele momento, veremos que elas aumentaram sobremaneira e que, ao final da temporada brasileira, os lucros advindos do comércio bilateral ultrapassavam os gastos com a mesma, criando, ainda, condições para continuidade desse comércio. Trata-se, aqui, de gerar parcerias confiáveis.

Por fim, ao se discutir a questão das identidades transversais, ficam evidentes, a partir da leitura de toda a documentação coletada pela AFAA, as preocupações dos franceses em compreender a multiplicidade do Brasil e, também, em tirar proveito desse fato para a compreensão das próprias identidades cruzadas na França.

Capítulo 6

*Uma via de mão dupla: 2009, o Ano da
França no Brasil*

6 UMA VIA DE MÃO DUPLA: 2009, O ANO DA FRANÇA NO BRASIL

*“No ano que vem, as rodas culturais brasileiras vão falar de littérature, musique, arts plastiques, théâtre ou cinéma. No fundo, até mesmo a cultura brasileira vai ficar com um jeitinho de “culture française”. Depois de 2005 ter marcado o **Ano do Brasil na França**, 2009 será o momento da retribuição, com a vasta programação do **Ano da França no Brasil**, que inclui mostras de artistas como Chagall, Matisse, Cartier-Bresson e Rodin; apresentações de dança contemporânea e teatro; shows e concertos de músicos franceses; mostras de filmes; e muitos convidados franceses vindo ao Brasil a fim de estreitar os laços entre as duas nações.”*

(O GLOBO, 21/12/2008)

Em 25 de maio de 2006, os presidentes Jacques Chirac (França) e Luiz Inácio Lula da Silva (Brasil) reuniram-se, durante visita do primeiro ao Brasil, para uma avaliação das atividades do **Ano do Brasil na França** e para refletir sobre a continuidade das ações em comum, com o estabelecimento de uma parceria estratégica entre os dois países. Passados dois anos dessa reunião, em dezembro de 2008, novamente se encontraram para continuidade do diálogo diplomático. Na ocasião, renovaram a avaliação sobre o sucesso do **Ano do Brasil** e a positividade do prosseguimento de manifestações artísticas e culturais brasileiras na França, no período pós-2005, bem como reafirmaram a permanência da parceria estratégica. Naquele momento, tal parceria reconhecia “O Brasil como ator global e candidato legítimo a um assento permanente no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas” (SENADO FRANCÊS, 2008)¹⁴⁰ o que, para a diplomacia brasileira, representava um sucesso de suas ações, tendo em vista que, desde a criação da Agência, o Brasil busca apoio dos membros do Conselho de Segurança em sua postulação pela reforma do mesmo que estabeleça, dentre outros pedidos, uma vaga permanente para o país.

Na consecução dessa meta, menciona o mesmo documento, a ação concertada franco-brasileira garantia uma série de iniciativas conjuntas dentro e fora

¹⁴⁰ SENADO FRANCÊS. 2008. *Colloque Economique sur le Brésil. Sénat de la République Française*. Disponível em: <<http://goo.gl/st3LtT>>. Acesso em: dez. 2014.

do sistema ONU, compartilhando, ainda, os recursos materiais, tecnológicos, humanos ou naturais¹⁴¹. A parceria estratégica reforçava, assim, a continuidade de várias ações diplomáticas anteriores, colocando em evidência pontos em comum das políticas externas dos dois países. Ao mesmo tempo, podemos deduzir que ela servia de base para que os mesmos pudessem fazer face, conjuntamente, à política externa dos Estados Unidos da América. No domínio da diplomacia cultural, seguia determinado pelo artigo VIII do Plano de Ação franco-brasileiro o anúncio de outra atividade de grande porte, a ser executada durante o ano 2009:

O Brasil e a França anunciam o lançamento do "Ano da França no Brasil". Após o imenso sucesso popular do "Ano do Brasil na França" em 2005, a amplitude e a diversidade dos eventos e das manifestações organizadas em parceria em todo o Brasil no quadro do "Ano da França no Brasil", de 21 de abril a 15 de novembro de 2009, permitirão a promoção do conhecimento e da imagem da França contemporânea, diversa e aberta junto aos brasileiros, bem como o aprofundamento da estima e da amizade entre os dois povos e da cooperação numa perspectiva de longo prazo. (PLANO DE AÇÃO, 23 de dezembro de 2008, tradução nossa).¹⁴²

Ressalta-se, assim, o sucesso da temporada brasileira na França nos planos político-diplomático, cultural e econômico. No que diz respeito ao plano econômico, vale lembrar, observa-se que a própria imprensa francesa havia feito eco ao salto quantitativo dos negócios entre empresariado francês e brasileiro, a partir de 2005.¹⁴³ É nesse cenário que se previa, para 2009, um ano que pudesse se constituir como o ano econômico franco-brasileiro.

Neste capítulo, discutiremos a temporada francesa no Brasil, enquanto um mecanismo de estreitamento de laços entre o Brasil e a França e de continuidade da ação das relações diplomáticas culturais. Entende-se, aqui que o **Ano da França no**

¹⁴¹“Il reconnaît le Brésil comme un acteur global et un candidat légitime à un siège de membre permanent au CSNU. Il engage un partage de savoir-faire et d'expertise par des initiatives conjointes, s'appuyant sur la mise en commun de ressources matérielles, technologiques, humaines ou naturelles.” Fonte: Disponível em: <<http://goo.gl/YokDgX>>.

¹⁴² Disponível em: <<http://goo.gl/0A9aWX>>. Acesso em: jun. 2015.

¹⁴³ Definia-se como os doze setores-chave das relações econômicas franco-brasileiras: bens de consumo, agricultura e derivados, infraestrutura de transporte e construção, energia, petróleo, meio ambiente, máquinas e equipamentos, automóvel, aeronáutica, tecnologias de informação e comunicação, saúde/indústria farmacêutica e turismo. Em um plano de ação detalhado, considerado “sem precedentes” pelas missões competentes, as empresas francesas vieram, então, buscar parcerias com homólogas brasileiras. Fonte: UBIFRANCE. *l'année de la France au Brésil*. 2009, Disponível em: <<http://goo.gl/9K0mxr>>. Acesso em: 1 jun. 2015.

Brasil é uma retribuição do Brasil à homenagem francesa de 2005 “[...] quando a cultura e a arte brasileiras foram recebidas calorosamente pelos franceses”. Dessa maneira, em uma conexão expressa já no nome escolhido para a primeira temporada organizada no Brasil, França e Brasil buscavam uma união contemporânea, em redes, que garantisse a demonstração das “[...] várias facetas de um país que, sem abrir mão da sua forte identidade cultural, se transforma e se reinventa: uma França moderna, diversa, aberta.” (NOTA DOS COMISSARIADOS DA TEMPORADA FRANÇA – BRASIL, 2005).

Partindo da Parceria-Estratégica Brasil-França e das Conferências Conjuntas dos Chefes dos respectivos países, passaremos, em seguida, para o simbolismo das datas escolhidas, em uma tentativa de compreender a conexão das datas para os dois países. Em seguida, dedicamo-nos a uma breve consideração pragmática sobre resultados da temporada francesa no Brasil. Isso significa observar as relações econômicas, o orçamento do **Ano da França no Brasil**, o número de acordos firmados em domínios como educação, dentre outras informações relevantes. Em um terceiro momento, interessamo-nos pelos eventos realizados, das cidades escolhidas e das regiões contempladas.

6.1 A Parceria Estratégica Franco-Brasileira

“Chirac inicia amanhã visita ao País” [...] Os presidentes Chirac e Lula assinarão um documento que classificará de forma oficial as relações entre os dois países como uma “parceria estratégica”. O subsecretário-geral político do Itamaraty, embaixador Antônio de Aguiar Patriota, explica que a cerimônia marcará o avanço nas relações bilaterais. “Há um avanço qualitativo e quantitativo nas relações Brasil-França. Estamos carimbando com um título algo que já estava ocorrendo. Nos últimos três anos, as relações se intensificaram muito”, afirma.

(JORNAL CANA, 23/05/2006)

Em 26 de maio de 2006, o cotidiano francês **Le Monde** trazia em destaque em seu caderno internacional – **Amériques** – a defesa de Jacques Chirac em favor de uma parceria estratégica entre a França e o Brasil. No artigo, o **Le Monde** tratava da visita oficial do então presidente francês ao Brasil, acompanhado de uma comitiva empresarial. O ponto de maior destaque ficava para as projeções de crescimento do Brasil até 2050 e a oportunidade de investimento francês, bem como o compartilhamento de ideias e “visões do mundo” similares.

Le Brésil et la France partagent une même tradition de confiance dans un progrès fondé sur l'éthique et la raison", a déclaré, jeudi, le chef de l'Etat français devant le Congrès brésilien. Les deux pays ont la même vision d'un "monde multipolaire harmonieux", seule "réponse qui vaille aux risques d'une mondialisation laissée à ses seules forces", a-t-il ajouté devant une cinquantaine d'élus réunis sous le dôme imaginé par le grand architecte Oscar Niemeyer. (LE MONDE, 26/05/2006, tradução nossa)¹⁴⁴

Durante o breve encontro, surgia a data para a realização do **Ano da França no Brasil**, uma retribuição brasileira à homenagem feita pela França em 2005, período no qual ficou muito evidente – como o presidente francês fazia questão de afirmar – que o “Brasil não se resumiria ao samba e ao futebol”. Dessa forma, o Presidente Chirac buscava fortalecer os laços estreitados entre o Brasil e a França, a partir da vitória de Lula nas eleições presidenciais de 2002. As ações de apoio ao Brasil haviam começado com as alianças formadas entre os dois países no âmbito multilateral – em fóruns como a ONU, como a **Aliança contra a Fome**, ou em Davos, no apoio às propostas brasileiras – e se tornaram mais poderosas com o sucesso surpreendente do **Ano do Brasil na França**.

De fato, a temporada brasileira passou a ser vista como um laboratório de renovação da estratégia de diplomacia cultural francesa que se deteriorara nos anos anteriores: as manifestações favoráveis por parte dos setores econômicos, o sucesso de público e a atenção positiva da mídia francesa indicavam que seria

¹⁴⁴ Jacques Chirac prega uma parceria estratégica com o Brasil”. “ ‘O Brasil e a França partilham uma mesma tradição de confiança em um progresso fundado sobre a ética e a razão’, declarou, quinta-feira, o Chefe de Estado francês diante do Congresso brasileiro. Os dois países têm a mesma visão de um “mundo multipolar harmonioso”, única “resposta que vale aos riscos de uma mundialização deixada a suas próprias forças”, completou ele diante de cinquenta prefeitos reunidos sob a cúpula imaginada pelo grande arquiteto Oscar Niemeyer”. Fonte: **LE MONDE. Jacques Chirac en visite au Brésil et au Chili pour resserrer les liens avec la France**. Disponível em: <<http://goo.gl/4G7Drw>>. Acesso em: 2 jun. 2015.

possível recuperar um certo *status* relacionado às temporadas culturais. Além disso, o interesse demonstrado pela diplomacia brasileira em seguir um trajeto diplomático, algo semelhante ao francês, aumentava a projeção das temporadas internacionais na França. Chirac trataria, ainda, de temas relacionados ao Brasil e à França enquanto peças-chave em cenários regionais: o Brasil estaria para a América Latina assim como a França estaria para a Europa (*LE FIGARO*, 24/06/2006). Definia-se, assim, os domínios de parceria entre os dois países e seus interesses em comum:

A défaut de gros contrats, une série d'accords dans le domaine de la coopération scientifique, technique et universitaire sera signée lors de ce voyage auquel participent cinq ministres et une vingtaine de grands patrons français. Grande activité diplomatique «Il existe une vraie dynamique avec le Brésil», s'enflamme un diplomate français, en invoquant les convergences de vue contre la guerre en Irak, les positions communes sur le développement, la «mondialisation humanisée» et la diversité culturelle. (Le FIGARO, 24 de junho de 2006)¹⁴⁵.

A cooperação diplomática entre o Brasil e a França se tornava, então, peça-chave para o jogo internacional francês. Se as relações acadêmicas, de ciência e tecnologia tinham já raízes mais profundas, a partir de 2005, as relações econômicas fortaleceram-se sobremaneira. E o interesse do Presidente Chirac, assim como o do Presidente Lula, parecia consistir em fortalecer os laços existentes e preparar terreno para novas relações que pudessem surgir, em especial, ações e acordos que auxiliassem os dois países na construção de maior autonomia frente aos Estados Unidos em questões relativas ao desenvolvimento industrial e nuclear, para fins de pesquisa. Uma das formas de seguir nessa direção, como expressaram os veículos de comunicação na ocasião, seria a parceria estratégica entre os dois países, para além do âmbito econômico. Esta visava criar, também, mecanismos de consulta mútua que garantissem um encaminhamento paralelo de tomadas de decisões políticas. No caso do Brasil, o governo francês oferecia apoio para as incursões no âmbito da ONU, mas, também, no âmbito regional, ao reconhecer o

¹⁴⁵“Para além de grandes contratos, uma série de acordos no domínio de cooperação científica, técnica e universitária, será assinada durante essa viagem da qual participam cinco ministros e cerca de vinte grandes empresários franceses. Grande atividade diplomática: “Há uma verdadeira dinâmica com o Brasil”, afirma um diplomata francês, ao invocar as convergências de perspectiva contra a Guerra no Iraque, as posições comuns sobre o desenvolvimento, a “mundialização humanizada” e a diversidade cultural”. (Tradução nossa).

papel de potência do Brasil na América Latina. Essa estratégia, ao mesmo tempo em que fortalecia as relações Brasil-França, encampava a ideia de representação da América Latina, por sua liderança, no caso de uma esperada reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

De son côté, Jacques Chirac n'a pas ménagé ses efforts pour appuyer le poids lourd brésilien dans son jeu de puissance régionale. C'est lui qui a poussé Lula à s'engager à Haïti où la mission de stabilisation de l'ONU, la Minustah, a été créée en 2004 sous commandement brésilien. Le président français a déployé une grande activité diplomatique pour soutenir la candidature du Brésil à un siège de membre permanent au Conseil de sécurité, faisant au passage grincer les dents de pays rivaux comme le Mexique. La tentative est restée vaine, mais Paris ne désespère pas. (LE FIGARO, 24/06/2006).¹⁴⁶

O Brasil seria o parceiro “exemplar” para a França na virada do século XXI (LE MONDE, 24 de maio de 2006)¹⁴⁷, com sua economia competitiva, cujo crescimento era duas vezes superior ao do Hexágono. A título de explicação, o diplomata francês Jérôme Bonnafont afirmava, antes da viagem, que o importante era o impulso que seria dado nas relações entre os dois países, com forte potencial de desenvolvimento.

Para tanto, o discurso do Chefe de Estado Francês apelava para os traços comuns entre Brasil e França e para uma relação identitária histórica, que deveria se tornar cada vez mais forte.

*La France, vous le savez, éprouve pour le Brésil une amitié profonde dont a témoigné l'éclatant succès de la récente saison du Brésil en France. Le Brésil occupe une place toute particulière dans notre vision du monde. Il est, pour les Françaises et pour les Français, une civilisation porteuse d'un art de vivre, d'une culture, notamment d'une culture politique, d'un espoir pour l'avenir. Il est une source permanente de rêve et d'inspiration. La France souhaite que ces affinités s'épanouissent plus encore dans la construction commune du monde de demain. (...) **Le Brésil et la France partagent une***

¹⁴⁶ Do seu lado, Jacques Chirac não poupou esforços para apoiar o peso pesado brasileiro em seu jogo de potência regional. Foi ele quem levou Lula a se engajar no Haiti, onde a Missão de estabilização da ONU, a Minustah, foi criada em 2004 sob comando brasileiro. O presidente francês teve grande trabalho diplomático para dar apoio à candidatura do Brasil a um assento de membro permanente no Conselho de Segurança, fazendo, durante sua passagem, ranger os dentes de países rivais como o México. A tentativa foi em vão, mas Paris não se desespera. (Tradução nossa)

¹⁴⁷ LE MONDE. Jacques Chirac en visite au Brésil et au Chili pour resserrer les liens avec la France. Disponível em: <<http://goo.gl/4G7Drw>>. Acesso em: 2 jun. 2015.

même tradition de confiance dans le progrès, une confiance fondée sur l'éthique et sur la raison. L'un comme l'autre, ils sont armés pour faire la course en tête. Nous devons aller plus loin dans nos copérations industrielles et scientifiques. Conduire ensemble des projets à la mesure des exigences modernes. Qu'il s'agisse de la conquête spatiale, de l'aéronautique, des énergies de demain, des biotechnologies ou des nanotechnologies, multiplions les liens entre nos universités, nos centres de recherche, nos entreprises. Fixons-nous pour objectif de doubler en dix ans le volume de nos échanges, et ceci, dans tous les domaines. (JACQUES CHIRAC, DISCURSO CONGRESSO NACIONAL BRASILEIRO – 25 de maio de 2006, grifo nosso).¹⁴⁸

A alocução do Presidente Chirac foi endossada pelo discurso do Presidente Lula na mesma ocasião:

A visita do Presidente Chirac é oportunidade para consolidar uma parceria privilegiada que foi lançada durante minha visita a Paris, em julho de 2005. É uma oportunidade para retomarmos e aprofundarmos assuntos da pauta bilateral, bem como de alcance regional e internacional. [...] **Para coroar a aproximação entre nossos dois países e, sobretudo, entre brasileiros e franceses**, estamos anunciando a realização, em 2009, do “**Ano da França no Brasil**”. Estou certo de que, assim como o “**Ano do Brasil na França**”, superará todas as expectativas. (LULA, 2006 grifo nosso)

Nota-se, no discurso do Presidente Lula, o estímulo à compreensão mútua entre brasileiros e franceses. Sem negar o forte caráter comercial da visita do Presidente Chirac e, mesmo, da parceria estratégica almejada pelos dois governos, é necessário notar que ambos percebiam que, para alcançar o ordenamento econômico e social internacional pretendido, os dois países teriam que se tornar conhecidos dos públicos locais, criando um ambiente de compreensão e amizades mútuas, que vinha se construindo ao longo do tempo, ganhando maior ênfase, a

¹⁴⁸ A França, vocês sabem, tem pelo Brasil uma amizade profunda que o sucesso recente da temporada brasileira na França é testemunha. O Brasil ocupa um lugar particular em nossa visão de mundo. Ele é, para os franceses e francesas, uma civilização que tem uma arte de viver, uma cultura, e, especialmente, uma cultura política, de esperança para o futuro. Ele é uma fonte permanente de sonho e de inspiração. A França deseja que essas afinidades cresçam ainda mais na construção comum do mundo de amanhã. [...] O Brasil e a França partilham uma mesma tradição de confiança no progresso, uma confiança fundada na ética e na razão. Um como o outro estão prontos para começar a corrida. Devemos ir mais longe nas cooperações industriais e científicas. Conduzir o conjunto de projetos à medida das exigências modernas. Que se trate da conquista espacial, da aeronáutica, das energias de amanhã, das biotecnologias ou das nanotecnologias, multipliquemos os laços entre nossas universidades, nossos centros de pesquisa, nossas empresas. Fixemo-nos no objetivo de dobrar em dez anos o volume de nossos intercâmbios e, isso, em todos os domínios. (JACQUES CHIRAC, DISCURSO CONGRESSO NACIONAL BRASILEIRO – 25 de maio de 2006, tradução nossa).

partir de 2003. O discurso do Presidente Lula, assim como o de seu homólogo francês, encontrava eco na fala de parlamentares brasileiros. Para o Deputado Paulo Delgado – presidente do Grupo Parlamentar de Amizade França-Brasil (2006) –, “[...] a relação de amizade e de cooperação entre Brasil e França é histórica. E hoje temos forte cooperação na área científica e tecnológica, educacional e cultural.” (DELGADO, 2006). O deputado, em entrevista durante a visita do presidente francês, evidenciaria a preocupação cultural e os acordos acadêmicos como pontos de apoio das relações França-Brasil, uma vez que a França seria o primeiro parceiro brasileiro, no que tange ao intercâmbio de pesquisas. Para além, frisaria o deputado:

A Convenção Internacional da Cultura Imaterial, de lendas, histórias e da espiritualidade brasileira; e a Convenção Internacional sobre Diversidade Cultural aprovada no ano passado na Unesco. Os dois grandes países líderes deste movimento são França e Brasil e isso revela a integração conjunta. (DELGADO, 2006)¹⁴⁹

Dessa forma, o discurso de identidade e diversidade cultural, fortemente trabalhado durante o **Ano do Brasil na França**, continuou a ter um peso importante para a construção da imagem comum entre Brasil e França. A parceria estratégica, mesmo que voltada para outros domínios, teria um fundo cultural que lhe garantiria, assim, aceitabilidade no âmbito internacional.

Durante os anos que se seguiram, entre a visita do então Presidente Francês Jacques Chirac, em 2006, e, de seu sucessor, Nicolas Sarkozy, em 2008, as relações bilaterais entre França e Brasil se desenvolveram, principalmente, a partir dos acordos estruturados em 2005 e 2006. Os acordos de educação e cooperação acadêmica passaram por uma reestruturação, com alterações do Acordo de Cooperação Científica e Técnica (1967)¹⁵⁰, substituído durante a temporada brasileira na França. Durante o evento **Educação**: quando se fala a mesma língua, com participação do então Ministro da Educação do Brasil, Fernando

¹⁴⁹ DELGADO, P. **Visita de Chirac reafirma boas relações entre Brasil e França, afirma Paulo Delgado**. 2006. Disponível em: <<http://goo.gl/lk4Sbp>>. Acesso em: 2 jun. 2015.

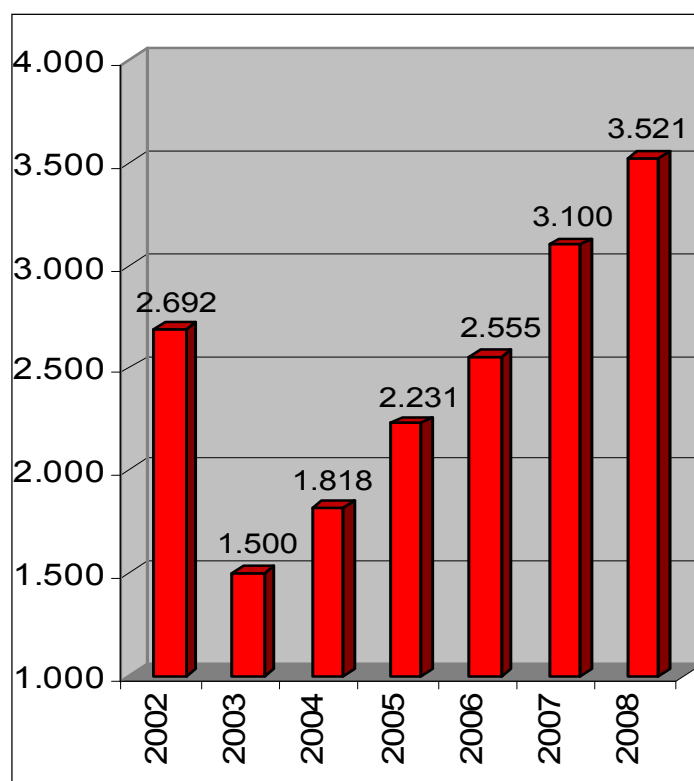
¹⁵⁰ ACERVO. Acordo de Cooperação Científica e Técnica firmado entre Brasil e França em 16 de janeiro de 1967. In: **Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jan./jun. 1989. Disponível em: <<http://goo.gl/CMI8c>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

Haddad, foi assinado o acordo de criação do Colégio Doutoral Franco Brasileiro em outubro daquele mesmo ano.

Paralelamente, ocorria, no Brasil, o Encontro de Educação Franco-Brasileira, com dois eventos institucionais principais: o primeiro, destinado aos gestores universitários ocorreu em São Paulo, na Pontifícia Universidade Católica. O segundo, um Salão dedicado ao contato dos estudantes e pesquisadores com as instituições francesas, ocorreu no Rio de Janeiro. Após esses dois eventos principais, os representantes das instituições francesas foram convidados a participar de feiras universitárias locais, nas principais capitais do Brasil. Esses eventos foram responsáveis pela restauração do *status* privilegiado da França na educação nacional do Brasil, ao fortalecer o intercâmbio de estudantes e professores e incentivar as pesquisas conjuntas.

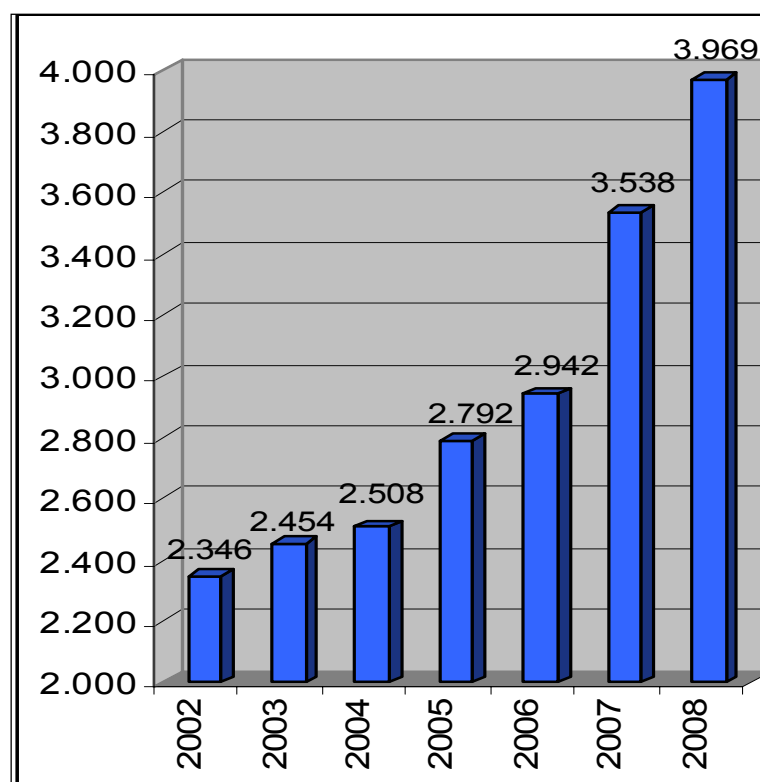
Na balança comercial, o resultado também era favorável aos dois países no período entre as duas temporadas culturais. O aumento das exportações e abertura para novos produtos, tanto na França como no Brasil, mesmo durante período de decrescimento da economia francesa (afetada pela crise de 2008), fazia perdurar o clima de otimismo das relações estabelecidas entre os dois países na virada do século XXI. Nos gráficos a seguir, baseados nos dados da alfândega francesa, temos alguns indicadores as relações comerciais entre os dois países no período entre 2002 e 2008. No Gráfico 8, com as barras em vermelho, tem-se a evolução das exportações de produtos franceses para o Brasil no período determinado, enquanto que, no Gráfico 9, representa-se o movimento das importações francesas provenientes do Brasil (milhões de euros).

Gráfico 8 – Evolução das exportações de produtos franceses para o Brasil entre 2002 e 2008



Fonte: ALFÂNDEGA FRANCESA, 2009.

Gráfico 9 – Evolução das importações de produtos brasileiros para a França entre 2002 e 2008



Fonte: ALFÂNDEGA FRANCESA, 2009.

O mercado entre os dois países – França e Brasil – aquecia-se e dinamizava: mais de 400 filiais de empresas francesas abriram suas portas no território brasileiro, no período, em uma franca aceleração dos intercâmbios comerciais, notadamente, nas seguintes áreas: aeronáutica e aeroespacial, equipamentos mecânicos, elétricos e eletrônicos, produtos farmacêuticos, agro-alimentos e minério de ferro, dentre outros¹⁵¹.

Em 2008, por ocasião da visita ao Brasil do então Presidente da República Francesa, Nicolas Sarkozy, a parceria estratégica iniciada durante o governo Chirac ganhava mais peso, justamente em momento de crise na Europa. A França apoiava-se, então, nas relações econômicas bilaterais entre os dois países, como uma das medidas que poderiam contribuir para a superação da crise. Enquanto primeiro parceiro econômico da França na América Latina, o Brasil oferecia a oportunidade para que novos investimentos fossem feitos no continente, bem como para uma demonstração da reinvenção das relações culturais da França no período contemporâneo.

Durante Colóquio Econômico preparatório sobre o Brasil, ocorrido em 19 de junho de 2008, no Senado Francês, o discurso do Presidente da Casa, Senador Christian Poncelet, enfatizava as união política de excelência estabelecida entre a França e o Brasil, formando um plano de fundo ideal para os intercâmbios econômicos e comerciais.

*Quel de chemin parcouru depuis lors dans nos relations bilatérales! Plusieurs repères marquants jalonnent le renforcement régulier de notre dialogue. Je pense en particulier aux visites réciproques des deux chefs d'États, brésilien en France en 2005 et français au Brésil en 2006 ; à l'année du Brésil en France en 2005 ; à la réélection du président brésilien en 2006, en attendant le lancement en 2009 d'une année de la France au Brésil pour laquelle plus de 200 manifestations sont d'ores et déjà programmées. (PONCELET, 30/05/2008)*¹⁵²


¹⁵¹ Para mais informações sobre o assunto, Cf. UBIFRANCE. **Les échanges commerciaux entre la France et le Brésil en 2008**. Disponível em: <<http://goo.gl/p1tfg0>>. Acesso em: 30 maio 2015.

¹⁵² Quanto caminho percorrido em nossas relações bilaterais! Muitos pontos de apoio apontam o reforço regular de nosso diálogo. Eu penso, particularmente, nas visitas recíprocas dos dois chefes de Estado, brasileiro na França em 2005 e francês no Brasil, em 2006; o Ano do Brasil na França em 2005, a reeleição do presidente brasileiro em 2006, e, esperamos o lançamento, em 2009, de um ano da França no Brasil para o qual mais de 200 manifestações já estão programadas. (Tradução nossa) Fonte: SENAT. **Colóquio Econômico sobre o Brasil** – Senado da República Francesa. Disponível em: <<http://goo.gl/h6EIEP>>. Acesso em: 30 maio 2015.

Assim, desde fevereiro de 2008, com o encontro dos Presidentes Lula e Sarkozy em Saint Geours de l'Oyapock (Guiana), tinha início o programa de mobilização das missões comerciais e econômicas da França para o Brasil, no intuito de conquistar uma parcela mais ampla do mercado brasileiro.


Em dezembro do mesmo ano, foi aberta a temporada francesa no Brasil, com a presença do presidente Nicolas Sarkozy e apresentações dos músicos Charles Aznavour e Gilberto Gil¹⁵³.

Fragmento de Informação Midiática 15 – O lançamento extraoficial do Ano da França no Brasil



23/12/2008 - 12h32

Aznavour e Gil são ovacionados em show para Lula e Sarkozy



Rio de Janeiro - O músico Gilberto Gil, ex-ministro da Cultura, e Charles Aznavour, ícone da "chanson" francesa, cantaram nesta segunda-feira (22) para os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Nicolas Sarkozy no Rio de Janeiro.

Os líderes de Brasil e França, o presidente da Comissão Europeia (órgão executivo da União Europeia), José Manuel Durão Barroso, e a primeira-dama francesa, Carla Bruni, foram os anfitriões de luxo do show.

O evento serviu também para inaugurar o "Ano da França no Brasil", que será celebrado em 2009.

A homenagem à cultura francesa chega como resposta ao ano do Brasil realizado na França em 2005 e que contou com uma agenda repleta de atividades artísticas e culturais.

Gil subiu primeiro ao palco da sala Vivo Rio, acompanhado de seu violão. O baiano terminou sua apresentação com uma canção em francês, para o deleite dos convidados europeus.

A seguir, Aznavour, vestido com sua habitual camisa preta, arrebatou a atenção dos espectadores e os conduziu por várias décadas de seu repertório de canções românticas acompanhado de sua orquestra.

Arrancou aplausos com "Mourir d'Aimer", foi acompanhado pelo público no refrão de seu clássico "La Bohème" e se despediu com uma grande ovação.

Para fechar o espetáculo, o músico Lenine cantou um hino ao ano francês no Brasil em forma de rock e dividiu o palco com o francês Arthur H, compositor dessa música.

Fonte: *LE PARISIEN*, 2008.

¹⁵³ Disponível em: <<http://goo.gl/gNcL8V>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

O acordo de parceria estratégica entre os dois países era inaugurado, então, com a venda de três caças franceses ao Brasil e com a abertura da temporada francesa no Brasil.

O Ano da França no Brasil oferecerá ao público, de 21 de abril a 15 de novembro de 2009, um conjunto de eventos culturais, científicos, econômicos e esportivos, envolvendo as instituições e a sociedade civil por todo o território brasileiro. Essa vasta programação tem como objetivo principal reforçar o diálogo entre as sociedades francesa e brasileira, para acompanhar a parceria estratégica assinada pelos dois Presidentes da República em 23 de dezembro. (COMUNICADO OFICIAL DO LANÇAMENTO DO ANO DA FRANÇA NO BRASIL, 23/12/2008).¹⁵⁴

Como observou Maria Susana Arrosa Soares (2009), o **Ano da França no Brasil** foi, assim, simultaneamente, o “Ano Econômico da França no Brasil” e o “Ano Cultural da França no Brasil” sendo que, este último, servia como base para o primeiro (SOARES, 2009). Passemos, então, a um estudo dos eixos centrais da temporada francesa no Brasil, das cidades contempladas com eventos e do orçamento de tais ações.

6.2 França.Br: tecendo relações em redes

*“Petite reine de lune, tu décolles de Paris
La jolie reine de lune arrive à Rio
Elle boit le soleil elle se perd dans la mer
Danse avec l’inconnu comme si elle était nue
Et son couer oublie tout le gris de Paris.”*

(LENINE e ARTHUR H.
Le voyage de la Lune et du Soleil, 2009)¹⁵⁵

¹⁵⁴ COMUNICADO OFICIAL DO LANÇAMENTO DO ANO DA FRANÇA NO BRASIL. 23/12/2008. Disponível em: < <http://goo.gl/3qspBK>>. Acesso em: 5 mar. 2015.

¹⁵⁵ Pequena rainha da lua, você decola de Paris. A bonita lua chega no Rio. Ela bebe do sol, ela se perde no mar. Ela dança com o desconhecido como se estivesse nua. E seu coração se esquece de todo o cinza de Paris. (LENINE; ARTHUR, H. **A viagem da Lua e do Sol**. Música-tema do Ano da França no Brasil, 2009, tradução nossa).

Se a temporada brasileira na França trazia em si um apelo identitário, baseado no plural do nome do país “Brésil/Brésils”, no caso do **Ano da França no Brasil**, tal apelo ficou a cargo da escolha por algo mais “contemporâneo”, fazendo alusão à formação de redes na atualidade. Em uma criação gráfica semelhante aos domínios da internet, o nome da temporada conectava França e Brasil a partir do ponto: “França.Br 2009”.

Com este logotipo, os Comissariados dos dois países buscavam “Refletir a vontade de percorrer os campos da modernidade pela confrontação dos pontos de vista e pela mobilização conjunta de competências.” O embaixador Yves Saint-Geours, Presidente do Comissariado francês da temporada, apontaria o significado da união em rede entre França e Brasil, proposta pelo nome:

Le nom de l'Année, França.Br 2009, reflète cette volonté de parcourir les champs de la modernité par la confrontation des points de vue et la mobilization conjointe des competences. (SAINT-GEOURS, 2009).¹⁵⁶

A partir das declarações dos organizadores do evento, na ocasião, é possível notar o forte caráter de transformação identitária preconizado pela simples utilização de um nome que sugere as metamorfoses das relações entre indivíduos e entre Estados. O discurso do Comissariado francês apontaria, durante toda a temporada, para a necessidade de perceber a França como um país com forte tradição no passado, mas completamente capaz de se ajustar às necessidades do futuro. Na *Rádio France International*, a notícia, veiculada em 30 de outubro de 2009, traduzia uma alusão ainda mais forte ao significado da imagem gráfica, criada pelo designer Philippe Apeloig:

¹⁵⁶ Tradução livre de: O nome desse ano é França.Br2009. A França é convidada do Brasil no imaginário, como possibilita a navegação na Internet com a modernidade dos computadores, como também na perenidade das relações que a história construiu e continua edificando dia após dia. Bilan de l'Année de la France au Brésil. Paris: Imprimerie du Marais, 2009, p .6.

*L'Année du Brésil en France, en 2005, aura été l'occasion d'aller au-delà des clichés habituellement véhiculés concernant ce pays-continent. Il en est de même en 2009 avec la manifestation retour, l'Année de la France au Brésil [...] (RFI, 2009).*¹⁵⁷

E como ir além dos clichês veiculados sobre a França? A escolha foi, então, demonstrar a abertura para a diversidade cultural, mesmo que o modelo de integração cultural francesa encontrasse, ele mesmo, em uma crise de identidade. Ou seja, a identidade nacional francesa vivia um período de questionamento desde a construção europeia e o fim do de suas colônias (SOMMAIRE, 2006, p. 13). Isso fez emergir no novo cenário uma dificuldade de integração entre franceses de diferentes partes – justamente herdeiros do passado colonial – no território francês, devido às diferenças culturais até então desconsideradas em nome de um discurso republicano “universalista” que, em vários momentos, mostrava-se desconexo com as práticas exercidas e que teria criado um ambiente hostil às diferenças. A “comunidade de cidadãos”, aparentemente bem integrada, dava lugar, principalmente, a partir dos acontecimentos de outubro de 2005, à erosão dos princípios do modelo de integração republicano, como afirma Bertossi (2009). Porém, o problema, como explicita esse autor, estaria no fato de que, a tentativa de assumir um “modelo republicano” assimilacionista criaria um paradoxo tendo em vista que a racionalidade da forma republicana de cidadania seria incapaz de garantir o universalismo e a igualdade, abrindo-se para particularismos racistas e de desigualdade.

Ao assumir as contradições existentes no modelo de integração, até então existente¹⁵⁸, e, tendo essas como geradoras da crise de 2009, a França buscava, em sua temporada no Brasil, trabalhar com a ideia de abertura cultural, uma lição na qual “o Brasil seria grande professor”. Dessa forma, em entrevista concedida em setembro de 2014, o Presidente do Comissariado francês Yves Saint-Geours, afirmaria que a tentativa foi justamente de mostrar uma França capaz de aceitar as

¹⁵⁷ O Ano do Brasil na França, em 2005, foi a ocasião de ir além dos clichês habitualmente veiculados sobre esse país-continent (o Brasil). Ocorre o mesmo em 2009 com a manifestação de retorno, o Ano da França no Brasil. (Tradução nossa) 2009: L'Année de la France au Brésil. 30 de outubro de 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/qgf6cm>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

¹⁵⁸ É importante salientar que desde o fim da colonização o modelo francês de integração passa por grandes debates, justamente por sua dificuldade oferecer uma integração de imigrantes condizente com a ideia preconizada pelo republicanismo. Como observa Bertossi (2009), esses questionamentos se tornaram importantes para a compreensão da dinâmica societal francesa a partir de meados da década de 1980, sendo incorporados aos grandes debates sobre o futuro da sociedade francesa.

diferenças – e considerá-las como uma riqueza – e de expô-las para o mundo. Para o Embaixador, a escolha dos eventos cancelados demonstrava esse cuidado de assumir um discurso identitário de diversidade. A França, assim como o Brasil, seria um país com várias facetas, capaz de se transformar e se reinventar sendo, portanto, moderna, diversa e aberta (SAINT-GEOURS, 2009).

Frisemos, aqui, a escolha, mais que simbólica, das datas das cerimônias de abertura e encerramento oficial da temporada francesa no Brasil: 21 de abril e 15 de novembro. Enquanto a primeira remete, no calendário brasileiro, ao dia de Joaquim José da Silva Xavier, ou simplesmente “Tiradentes”, fazendo alusão a seu enforcamento, em 21 de abril de 1792 e à Inconfidência Mineira de 1789, enquanto movimento social vinculado aos ideais republicanos da Revolução Francesa, que ocorreria naquele mesmo ano; a segunda tratava da Proclamação da República no Brasil, inspirada nos eventos franceses ocorridos cem anos antes. Como enfatizaria a exposição **A Inconfidência Mineira no contexto da Revolução Francesa** – inaugurada em 17 de abril de 2005 –, no século XVIII, a antiga Vila Rica era considerada como a “[...] cidade de maior relevância referente à influência francesa na formação da cidadania brasileira e das ideias iluministas, assim como no desenvolvimento político e social da sociedade no século XVIII”¹⁵⁹. É o que reforça, também, Francisco Iglésias, para quem “[...] os autores franceses tiveram influência decisiva nos eventos que culminaram com a Revolução de 1789.” (IGLÉSIAS, 1989, p. 8). Partia-se do princípio da internacionalização das ideias e do próprio movimento Iluminista, que se apresentava nas realizações dos Estados Unidos da América, em 1776, na Revolução Francesa (1789) e nos diversos “Movimentos Republicanos” no Brasil.

A data de encerramento da temporada, 15 de novembro, assumia, então, a consagração do ideal republicano, sendo 15 de novembro de 1889, a data da “Proclamação da República” ou do “Golpe Republicano” no Brasil.¹⁶⁰

¹⁵⁹ MUSEU DA INCONFIDÊNCIA. **Inconfidência Mineira no contexto da Revolução Francesa**. Museu da Inconfidência: Ouro Preto/ Minas gerais, 8 de abril de 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/NQDDFO>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

¹⁶⁰ Há, atualmente, um forte debate sobre o verdadeiro sentido do movimento de 15 de novembro de 1889 e, portanto, sobre a denominação do mesmo. Se, durante anos, em uma tentativa de trabalhar com a inevitabilidade da República no Brasil, enquanto caminho evolutivo, considerou-se “Proclamação” como a denominação mais acertada, sendo essa utilizada formalmente, mais recentemente, em historiadores como Américo Freire (2000) e Celso Castro (2000) tem-se o questionamento de tal atribuição, partindo do princípio que aquele foi um golpe militar, preparado por uma “mocidade militar” e levado a cabo por Benjamin Constant e Deodoro da Fonseca. Fonte: <<https://goo.gl/JY8De7>>.

Significativamente, a frase que consta na bandeira do Brasil, dando tom ao republicanismo projetado é de autoria de um mote do francês Auguste Comte, Ordem e Progresso – palavras de ordem do positivismo francês. Dessa forma, a tentativa era de relacionar o “calendário republicano” brasileiro aos traços do republicanismo francês. Ao fazê-lo, eram criadas raízes e laços históricos para a mobilização conjunta. Em um mundo contemporâneo, aberto às diferenças, a França apresentava aos “Brasis” seus traços modernizantes.

A próxima parte de nosso trabalho dedica-se, então, aos eventos chancelados para o **Ano da França no Brasil** que, segundo os Comissariados dos dois países, proporcionaria “[...] aos brasileiros, de todas as regiões do País, a oportunidade de descobrir a França atual, por meio de espetáculos, shows, exposições, palestras e debates nas mais variadas áreas”.

Veremos, assim, quais foram as cidades contempladas, as atividades que receberam e como tais atividades foram consideradas a nova vitrine da França no Brasil.

6.3 Projetos, partes envolvidas e orçamento

Com um conjunto de 1500 projetos recebidos, sendo 650 deles chancelados e 544 efetivados¹⁶¹ - para além de mais de 500 apresentações espontâneas, ou não-oficiais – o **Ano da França no Brasil** foi, então, a possibilidade brasileira de retribuir a acolhida francesa e a oportunidade francesa de reaquecer a francofilia existente no Brasil.

Nessa lógica, o Presidente do Comissariado Brasileiro, Danilo Santos de Miranda, ao apresentar uma justificativa para a realização do **Ano da França no Brasil**, ressaltou:

A França, entre todas as suas contribuições ao mundo ocidental, instaurou as bases da modernidade ao criar leis constitucionais revolucionárias, sistemas públicos de ensino e de conhecimento e limites novos que fariam da igualdade um direito civil a ser promovido e assegurado pelo Estado.

¹⁶¹ Fonte: Comissariado Francês do Ano do Brasil na França.

Com a cultura e a ciência francesas também aprendemos a entender o Brasil, conhecer os brasileiros, a mistura étnica e religiosa e até propor, antropofagicamente, a recriação da arte e do conhecimento a nossa maneira e para nossa própria identidade, mesclando autonomia, origem colonial, contestação, pesquisa, esforço e desenvolvimento intelectual. Em 2009, Ano da França no Brasil, depois do êxito de 2005, no Ano do Brasil na França, temos igual missão de recepcionar os eventos e atividades francesas segundo os pressupostos da territorialidade, da diversidade e da perenidade para reafirmar, junto ao público brasileiro, a antiga sintonia e a atual criatividade que não cessa de renovar na história e na cultura de nosso país as nossas ligações estrangeiras mais amigáveis. (MIRANDA, 2009).¹⁶²

É importante apontar que, se a França sempre foi, no imaginário brasileiro, o país da alta costura, da gastronomia, da diplomacia, dentre outros; a partir de um determinado momento, em que se pese a forte influência cultural dos Estados Unidos, a cultura francesa no Brasil se tornou mais elitizada no território nacional. Dessa forma, para a maioria dos brasileiros, ao imaginar a França, restava retransmitir os estereótipos circulantes. Como observou Yves Saint-Geours em entrevista (2015), foi feita uma pesquisa preparatória do **Ano da França no Brasil** em 2008, com o intuito de compreender qual seria o imaginário circulante da França no Brasil. O resultado, para o Embaixador, foi um aglomerado de clichês – literatura, cinema, gastronomia, moda –, o que não era uma novidade. O problema maior é que estes clichês estavam vinculados a grandes ícones do passado, sem que fosse possível pedir aos brasileiros que fizessem uma imagem da França atual. Um dos motivos que explicaria o declínio do conhecimento cultural brasileiro sobre a França – mesmo partindo da afirmação feita pelos entrevistados de que o brasileiro conhece mais sobre a França que o francês sobre o Brasil – diz respeito ao declínio do francês enquanto principal língua estrangeira no Brasil.

É fato, por exemplo, a queda do ensino da língua francesa nas escolas brasileiras entre as décadas de 1970 e 1980, ocasionando um afastamento da cultura escolar até então transmitida. Nos anos 1990, foi o meio acadêmico que passou por tal alteração. Portanto, é importante considerar que aqueles que haviam sido educados nos parâmetros linguísticos e socioculturais franceses no Brasil já haviam feito seu percurso acadêmico, de forma que a demanda nas universidades se voltava, com mais ênfase, para o ensino de língua inglesa.

¹⁶² DISCURSO DO COMISSÁRIO DANILO MIRANDA POR OCASIÃO DO LANÇAMENTO DO ANO DA FRANÇA NO BRASIL. 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/Xra48A>>. Acesso em: ago. 2014.

A tarefa da temporada francesa era, dentre outras, a de reconquistar a atenção do público brasileiro, como haviam feito as missões francesas em momentos anteriores (como a artística do início do século XIX e a acadêmica dos anos 1930), revitalizando os clichês e tentando positivá-los – já que, para os Embaixadores Yves Saint-Geours e Jean Gautier (2014), é melhor lidar com os mesmos que tentar desfazê-los – e apresentar novidades sobre a cultura francesa, evidenciando as semelhanças entre os dois países.

Para tanto, assim como na temporada brasileira na França, foi formado um Comissariado por cada um dos países. Da parte Francesa, estavam envolvidos na criação do mesmo o Ministério de Relações Exteriores e o Ministério da Cultura, bem como a Agência responsável pela promoção da cultura francesa no exterior – que havia surgido da união da AFAA e da ADPF – a *CulturesFrance*¹⁶³ – responsável pela operação cultural – e, a UbiFrance¹⁶⁴ – Agência nacional responsável pelo apoio à internacionalização da economia francesa –, responsável pelo fomento econômico-empresarial.

No Brasil, o evento era de responsabilidade do Ministério da Cultura e do Ministério das Relações Exteriores, sendo outros Ministérios e entidades acionados quando necessário. Como vimos, a presidência do Comissariado brasileiro ficou a cargo de Danilo Santos de Miranda – sociólogo, diretor Regional do Serviço Social do Comércio, SESC, do estado de São Paulo desde 1984 – enquanto o Embaixador Yves Saint-Geours assumiu o Comissariado francês, por indicação do ex-Presidente do Comissariado francês do **Ano do Brasil na França**, Jean Gautier. Integravam, ainda, o Comissariado brasileiro: o Embaixador Roberto Soares de Oliveira e a Ministra Eliana Zugaib, representando o Ministério das Relações Exteriores e sua Diretoria Cultural; Marcelo Dantas, Diretor de Relações Internacionais do Ministério da Cultura à época; Rodrigo Galletti, gerente de Intercâmbios e Projetos Especiais do Ministério da Cultura; e Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves, que assumiu a coordenação do Comissariado brasileiro. No Comissariado Francês, o Presidente do Comissariado, Embaixador Yves Saint-Geours assumiu equipe composta por Anne Louyot, Conselheira do Ministério de Relações Exteriores e Europeias da França; Pierre Colombier, Conselheiro de Cooperação e Ação Cultural da Embaixada da

¹⁶³ Em 2010, a *CulturesFrance* passou por ajustes, sendo renomeada *Institut Français*.

¹⁶⁴ A *UbiFrance* é, atualmente, conhecida como *Business France*.

França no Brasil; os representantes consulares da França no Brasil e as **Alianças Francesas**, bem como a *UbiFrance*.

Em um projeto em que o custo total foi estimado em 27 milhões de euros, o principal financiador foi o governo brasileiro, que investiu cerca de 43 milhões de reais na realização do mesmo. O investimento do governo francês foi feito em duas operações: 10 milhões de euros de aporte direto ao fundo do **Ano da França no Brasil**, e outros 10 milhões utilizados na produção e realização dos eventos (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2009). No que concerne ao mecenato, assim como no caso do **Ano do Brasil na França**, houve uma forte participação de empresas e organizações. Em um total de 33 empresas mobilizadas, dezesseis delas eram francesas e dezessete brasileiras. No caso francês, participaram da ação: *Accor, Air-France, Alstom, Areva, Câmara de Comércio França Brasil (CCFB), CNP Assurances, Dassault-Aviation, DCNS, EADS, GDF Suez, Lafarge, PSA Peugeot-Citröen, Renault, Safran, Saint-Gobain, Thales, Valourec*. Do lado brasileiro, vale sublinhar a participação do SESC, grande parceiro na realização do evento e o auxílio de Moema Salgado, que havia participado do evento do Brasil na França.

Como sublinhou Gilles Benoist, presidente do Comitê de Mecenas da temporada, aquela foi uma ação coletiva que favoreceu os laços entre as empresas participantes do mecenato. Com 88 projetos financiados a partir do Fundo comum criado pelo Comitê e com 23 projetos que receberam financiamento específico dos grupos envolvidos, a participação do mecenato foi importante em toda a temporada, como declarou Fanny Aubert Malaurie, Diretora de Comunicação da Agência Cultures France:

Fragmento de Informação Midiática 16 – Um grande mecenato para o **Ano da França no Brasil**

Un mécénat de taille pour l'année de la France au Brésil

MARTINE ROBERT - LES ECHOS | LE 07/09/2009

Patrick Jouin, un designer tout-terrain

Une soixantaine de projets. Chez Cultures France, Fanny Aubert Malaurie, la directrice de la communication, affiche sa satisfaction : « *L'année de la France au Brésil est une aventure exceptionnelle du côté du mécénat !* » Dix-sept entreprises réunies dans un comité de mécènes présidé par CNP Assurances ont apporté des contributions cumulées de l'ordre de 4,5 millions d'euros et appuyé une soixantaine de projets afin de renforcer le rayonnement de cet événement. A titre de comparaison, la saison de la Turquie en France rassemblant une douzaine d'entreprises mécènes porte sur un budget d'environ 1 million d'euros.

Au Brésil, le spectacle pyrotechnique d'ouverture assuré par le Groupe F a ainsi été financé par Areva et EADS, l'exposition Saint Laurent sur le thème des voyages extraordinaires par PSA Citroën. Vallourec, très implantée dans le Minas Gerais, a permis à la France d'être l'invitée d'honneur remarquée du Festival mondial de Cirque de Belo Horizonte, tandis que GDF Suez a illuminé les bâtiments emblématiques de Niemeyer à Brasília. Pour la venue de Nicolas Sarkozy est dévoilé un tableau de Nicolas Poussin, « Hyménée travesti pendant une cérémonie à Priape », propriété du Musée d'Art de São Paulo, restauré grâce à CNP Assurances et Caixa Seguros.

Dans la foulée de la visite présidentielle, le Forum économique consacré au développement durable par la chambre de commerce France Brésil, également mécène, permettra aux entreprises françaises de présenter leurs bonnes pratiques en matière sociale et environnementale.

@martiRD

Fonte: LES ECHOS, 2009.

Tradução do Fragmento de Informação Midiática 16 – Um grande mecenato para o **Ano da França no Brasil**

Um grande mecenato para o Ano da França no Brasil

Martine Robert - Les echos 27/09/2009

Patrick Jouin, um design no local

Em torno de sessenta projetos. Na *Cultures France*, Fanny Aubert Malaurie, a diretora de comunicação, demonstra sua satisfação: “O Ano da França no Brasil é uma aventura excepcional por parte do mecenato!” Dezesete empresas reunidas em um Comitê de mecenas presidido pela CNP Seguros ofereceram contribuições que chegam a 4,5 milhões de euros e apoiaram sessenta projetos para reforçar a disseminação do evento. A título de comparação, a temporada da Turquia na França reuniu uma dúzia de empresas que contribuíram com um orçamento de cerca de um milhão de euros.

No Brasil, o espetáculo pirotécnico de abertura será garantido pelo Grupo F e foi financiado pela Areva e EADS, a exposição Saint Laurent sobre viagens extraordinárias pela PSA Citroën. A Vallourec, bem assentada em Minas Gerais, permitiu à França de ser a convidada de honra no famoso Festival Mundial de Circo em Belo Horizonte, enquanto a GDF Suez iluminou os prédios emblemáticos de Niemeyer em Brasília. Para a vinda de Nicolas Sarkozy, uma tela de Nicolas Poussin “Himeneu travestido assistindo a uma dança em honra a Priapo”, propriedade do Museu de Arte de São Paulo, foi restaurado graças à CNP Assurances e à Caixa Seguros.

Durante a visita presidencial, o Fórum Econômico consagrado ao desenvolvimento sustentável da Câmara de Comércio França-Brasil, igualmente mecenas, permitirá às empresas francesas de apresentar suas boas práticas em termos de desenvolvimento social e ambiental.

@martiRD

Fonte: LES ECHOS, 2009.

É conveniente sublinhar, aqui, o interesse das empresas em participar do **Ano da França no Brasil** como uma clara estratégia de entrada no mercado consumidor brasileiro, que se mostrava mais interessante, por exemplo, que o financiamento de uma temporada turca na França. Esse fato deve ser considerado como indicador da projeção internacional do mercado e da economia brasileiros, durante a primeira década do século XXI, tendo em vista a discursividade recorrente da *UbiFrance* e de seus parceiros.

Ainda sobre a participação nos custos do **Ano**, o cotidiano francês *Le Monde* sublinhou, em nota publicada em artigo, a participação brasileira no financiamento da mesma, classificada como de grande importância para o sucesso da temporada. De fato, considerando o investimento direto do Brasil, percebemos que, diferentemente daquilo que ocorrera durante a temporada brasileira na França – na

qual o país convidado tem um comprometimento maior com os custos dos projetos – no caso do **Ano da França no Brasil** os custos foram maiores para o país anfitrião:

Fragmento de Informação Midiática 17 – O Brasil contribuiu de forma considerável ao financiamento

Le Brésil a largement contribué au financement

La France aura donné 10 millions d'euros pour faire briller son image au Brésil, dont 5,6 millions de fonds publics, via Cultures France, et 4,4 millions de mécénat provenant d'entreprises françaises (2,8 millions en France selon les termes de la loi Aillagon, 1,7 million au Brésil par le biais de la loi Rouanet, principale source de financement de la culture au Brésil). A cela s'ajoutent, selon Yves Saint-Geours, commissaire de França.Br 2009, les coûts de production de chaque événement, soit environ 10 autres millions d'euros, pris en charge par les artistes, les institutions ou les compagnies.

Le Brésil a largement mis la main à la pâte, dépensant près de 60 millions de reais (23 millions d'euros), dont 43 millions de reais sous forme d'exemptions fiscales (loi Rouanet). 500 projets ont été montés dans 80 villes, dont 14 villes de plus de 1 million d'habitants. Avec du flou et des réussites, des classiques - Matisse à la Pinacothèque de Sao Paulo - et de l'insolite - les polyphonies corses d'A Filetta en tournée dans les églises baroques du Minas Gerais.

Disponível em: <<http://goo.gl/6iuYa8>>.

Fonte: *LE MONDE*, 2009.

Tradução do Fragmento de Informação Midiática 17 – O Brasil contribuiu de forma considerável ao financiamento

A França teria fornecido dado 10 milhões de euros para fazer brilhar sua imagem no Brasil, sendo 5,6 milhões em fundos públicos, via Cultures France, e 4,4 milhões de doações provenientes de empresas francesas (2,8 milhões na França, segundo os termos da lei Aillagon, 1,7 milhões no Brasil, a partir da Lei Rouanet, principal fonte de financiamento da cultura no Brasil). A isso, soma-se, segundo Yves Saint Geours, Comissário do França.Br 2009, os custos de produção de cada evento, ou seja, quase 10 outros milhões de euros, recebidos por artistas, instituições ou companhias.

O Brasil colocou a mão na massa de forma considerável, dispensando 60 milhões de reais (23 milhões de euros), sendo 43 milhões sob a forma de isenção fiscal (Lei Rouanet). 500 projetos foram preparados em oitenta cidades, sendo 14 delas com mais de um milhão de habitantes. Com desfoques e sucessos, com clássicos - Matisse na Pinacoteca de São Paulo - e o incomum - as polifonias corsas de A Filetta em torno das igrejas Barrocas de Minas Gerais.

Disponível em: <<http://goo.gl/YrPXNT>>.

Fonte: *LE MONDE*, 2009.

Tais dados comprovam, em certa medida, o protagonismo assumido pela diplomacia brasileira e, por parte do Ministério da Cultura, de transformar a maneira

de inserção do Brasil no mundo, atraindo parcerias econômicas de forma menos propagandística – como preconizam os autores que se dedicam ao estudo da diplomacia cultural e diplomatas como Edgard Telles Ribeiro. Ao pensar nas inúmeras intervenções programadas para os sete meses de evento e nos locais em que elas ocorreram, percebemos que a estratégia de grandes investimentos esteve presente, prioritariamente, nos locais de tradição econômica.

Foram 120 cidades contempladas com as mais de 1100 operações: 300 projetos culturais, sendo 105 deles em artes visuais, 113 voltados para as artes do espetáculo, 25 projetos dedicados ao livro e à escrita, 45 projetos audiovisuais, 12 planos pluridisciplinares e 8 grandes eventos. No âmbito acadêmico, foram realizados 11 encontros, divididos em colóquios, seminários e conferências sobre as mais diversas temáticas. Foram realizados, ainda, oitenta projetos econômicos e cinquenta projetos de cooperação nos diferentes domínios, sendo os principais: meio ambiente, saúde, agricultura, solidariedade, esporte e defesa. Finalmente, foram prestadas três homenagens a personalidades emblemáticas da relação franco-brasileira que tratamos adiante.

Sobre a repartição geográfica, como era de se esperar, a maioria dos eventos se concentrou no sudeste brasileiro. Para fins de ilustração, seguem alguns números e imagens, que traduzem a concentração dos eventos em alguns nichos culturais.

São Paulo foi agraciada com 197 projetos; o Rio de Janeiro, com 180. Em terceiro lugar, ficaria a capital federal, Brasília, com 81 apresentações; seguida por Belo Horizonte, com 67; e Salvador, com 54. Já Curitiba receberia 41 projetos; Recife contaria com 36; Porto Alegre seria palco de exposições; Fortaleza, 25; Florianópolis contaria com 18 projetos; Belém, com 16; São Luís e Manaus, cada um com 14 e, por fim, Vitória, com 10. Dos estados brasileiros, Acre, Mato Grosso do Sul, Piauí, Rondônia e Roraima não tiveram atividade com o selo da temporada cultural francesa no Brasil.

É importante observar que, mesmo que o número de cidades contempladas e de projetos cancelados fosse semelhante aos do **Ano do Brasil na França**, o impacto geográfico do **Ano da França no Brasil** seria, com essas manifestações, obrigatoriamente menor que aquele da temporada de 2005, devido, dentre outros fatores, ao tamanho continental do Brasil.

Frisemos, ainda, que, como observou o Diretor do Centro Franco-Brasileiro de Documentação Técnica e Científica (CENDOTEC), Thierry Velentin, em entrevista concedida ao programa *Record News*, da Rede Record de Televisão, a dificuldade de informação concreta sobre todos os eventos que se relacionaram, de uma forma ou de outra, com a temporada cultural francesa:

Eu já descobri, por exemplo, numa viagem a Belo Horizonte, só no hotel tinha três propagandas de eventos que não eram cancelados, mas que eram homenagens ao Ano da França no Brasil. [...] São milhares, na verdade, porque tem iniciativas, assim, privadas. (VALENTIN, 2009)

Em se tratando da circulação das notícias, para além do site oficial, criado pelo Ministério da Cultura do Brasil, e da participação em redes sociais como *Facebok*, *Flicker*, *Twitter* e *Orkut*, foram publicados mais de 250 artigos em jornais, além das notas, que chegaram a um total de 8.798 divididos em diferentes domínios: sites de internet (6.130), jornais *online* (2.461), em 268 revistas, 137 em rádios e 293 em mídia televisiva¹⁶⁵.

Passamos, em seguida, para a uma breve apresentação dos eventos que compuseram a temporada francesa no Brasil, em uma tentativa de compreender como se deu a apresentação da França múltipla, concebida pelos Comissariados.

¹⁶⁵ Os dados, aqui apresentados, foram retirados da publicação do próprio INSTITUT FRANÇAIS. **Bilan de l'Année de la France au Brésil**. Paris: Imprimerie du Marais, 2009.

6.4 Os eventos do Ano da França no Brasil: “um eixo de resistência para a diversidade”

Figura 15 – O Ano da França no Brasil em destaque na imprensa francesa



Fonte: *PARIS MATCH*, 2009.

Os Eventos do **Ano da França no Brasil** buscavam, então, apresentar uma França tradicional, moderna, rica em cultura, pluridisciplinar. Para tanto, dividiu-se em cinco linhas fundadoras.

A primeira delas, dedicada aos grandes eventos que marcaram a temporada, era composta por oito cerimônias. A segunda linha, cultural, é,

certamente, a mais emblemática para o campo das relações culturais entre os dois países, em um intuito de compreensão da dinâmica identitária que marcaria as relações entre os dois países, em uma descoberta da França contemporânea “familiar e surpreendente”. O terceiro ponto de apoio da temporada diz respeito ao eixo “pesquisa, ciência e cooperação”, histórico nas relações Brasil-França. A penúltima linha da malha de relações dos dois países eram as relações econômicas e comerciais, com a apresentação de uma França “inovadora”. Por fim, buscando entrelaçar os fios das relações entre os dois países, foram prestadas homenagens a indivíduos que possibilitaram as relações amigáveis entre os dois países. Passemos, então, a uma apresentação de cada uma dessas linhas que fizeram a malha da temporada francesa no Brasil.

O primeiro, dos oito grandes eventos preparados para celebrar o **Ano da França no Brasil**, foi, justamente, sua **Cerimônia de Lançamento**, ocorrida em 22 de dezembro de 2008, no Vivo Rio (Rio de Janeiro). Com um público estimado em 2.000 pessoas, o evento, parte do calendário das festividades da temporada francesa no Brasil, consistiu em um concerto compartilhado por Charles Aznavour e Gilberto Gil, além de algumas figuras em destaque no meio fonográfico franco-brasileiro-africano, como Lenine, Arthur H. e Lokua Kanza.

Lenine, que havia sido o autor e intérprete do Hino do **Ano do Brasil na França**, em 2005, interpretou, com Arthur H., a canção de homenagem ao **Ano da França no Brasil**, *Le voyage de la Lune et du Soleil*. Como observamos nos capítulos anteriores, a primeira metade da década de 2000 foi marcada por uma forte presença do músico em território francês. Em sua biografia, a revista francesa dedicada às artes, Mondomix, descreveria sua arte:

Même s'il a quitté sa ville natale, celui qui dans la lignée du mangue beat, revisite la MPB à coups de guitares électrifiées voir de sonorités hip-hop, n'oublie pourtant pas ses racines. (MONDOMIX, 2005)¹⁶⁶

¹⁶⁶ Mesmo se ele deixou sua cidade natal, aquele que na linha do mangue beat, revisita a MPB com golpes de guitarra eletrificada nos ares sonorous de hip-hop, não esquece suas raízes. (Tradução nossa).

Considerado um artista inovador na cena musical, Lenine oferecia para o evento a imagem pluricultural que interessava aos dois países: por sua origem, sua formação e sua abordagem da música em diálogo com a realidade social.

Ambos os Presidentes – Luiz Inácio Lula da Silva, do Brasil; e Nicolas Sarkozy, da França – assistiram a essa cerimônia de lançamento que marcava o início das comemorações destinadas à celebração da parceria estratégica entre Brasil e França. A parceria, que envolvia diversos domínios – como defesa, biodiversidade e formação profissional –, era, como vimos, um projeto no qual os dois governos trabalhavam desde 2005, durante a presidência de Jacques Chirac, na França. O evento recebeu, assim, grande atenção das mídias francesa e brasileira, também por seu caráter político, como demonstra o artigo publicado na revista *L'Observateur Monde*, em 26 de dezembro de 2008.

Fragmento de Informação Midiática 18 – O Ano da França no Brasil em destaque na imprensa francesa – Notícia do *L'Observateur Monde*



Charles Aznavour lance l'année de la France au Brésil

Publié le 26-12-2008 à 12h39

Ce lancement a eu lieu à l'occasion de la visite au Brésil de Nicolas Sarkozy qui a assisté au concert en compagnie de son épouse Carla Bruni, et de son homologue brésilien Luiz Inacio Lula da Silva.

Le chanteur français Charles Aznavour a enthousiasmé le public lors du lancement officiel, lundi 22 décembre à **Rio de Janeiro** (<http://tempsreel.nouvelobs.com/tag/rio-de-janeiro>), de l'année de la France au Brésil, plusieurs centaines de manifestations qui refléteront la créativité et la diversité françaises.

Ce lancement a eu lieu à l'occasion de la visite au Brésil, lundi et mardi, de **Nicolas Sarkozy** (<http://tempsreel.nouvelobs.com/tag/nicolas-sarkozy>).

Le président français, avec son épouse, la chanteuse Carla Bruni, et son homologue brésilien Luiz Inacio Lula da Silva, ont assisté au concert.

Plein de vitalité, Aznavour a interprété quatre chansons très applaudies. Il a dansé à plusieurs reprises et a terminé sur la Bohème, reprise en chœur par le public franco-brésilien.

Avant lui, c'est le chanteur-compositeur brésilien Gilberto Gil qui avait ouvert la soirée en chantant deux de ces compositions dont "Touche pas à mon pote", une chanson qu'il avait composée il y a plusieurs années dans le cadre de la campagne de lutte contre le racisme : "SOS Racisme", de Harlem Désir.

Année de la France au Brésil

Ancien ministre de la Culture, Gil a aidé à mettre sur pied l'Année de la France au Brésil. Il a souligné que "Touche pas à mon pote" parlait de l'immigration, un thème sensible au Brésil alors que de nombreux Brésiliens sont parfois refoulés aux frontières de l'Europe, notamment en Espagne.

Le plateau a été complété par Arthur H coté français et Lenine côté brésilien qui ont composé et interprété la chanson de l'Année de la France au **Brésil** (<http://tempsreel.nouvelobs.com/tag/bresil>) : "Paris, c'est comme un pari, les avions se croisent sur l'océan, Rio, Rio, Rio, le soleil se perd dans la baie".

Du 21 avril au 15 novembre 2009, grands spectacles populaires, expositions, théâtre, concerts, danse, cirque, foires du livre, colloques scientifiques se succéderont quelque 500 projets les plus divers dans le cadre de cette manifestation.

Fonte: *L'OBSERVATEUR MONDE*, 2008.

Tradução do Fragmento de Informação Midiática 18 – O Ano da França no Brasil em destaque na imprensa francesa – Notícia do *l'Observateur Monde*

Charles Aznavour lança o Ano da França no Brasil

Publicado em 26-12-2008 à 12h39

Esse lançamento ocorreu em ocasião da visita ao Brasil de Nicolas Sarkozy, que assistiu ao concerto em companhia de sua esposa Carla Bruni, e de seu homólogo brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva.

O cantor francês Charles Aznavour entusiasmou o público durante o lançamento oficial, na segunda-feira 22 de dezembro, no Rio de Janeiro, do Ano da França no Brasil, no qual inúmeras manifestações refletirão a criatividade e a diversidade francesas.

Esse lançamento ocorreu durante a visita, segunda e terça-feira, de Nicolas Sarkozy. O presidente francês, com sua esposa, a cantora Carla Bruni, e seu homólogo brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, assistiram ao concerto.

Pleno de vitalidade, Aznavour interpretou quatro canções muito ovacionadas. Ele dançou inúmeras vezes e terminou com *la Bohème*, acompanhado em coro do público franco-brasileiro.

Antes dele, foi o cantor-compositor brasileiro Gilberto Gil que tinha aberto a noite cantando duas composições, sendo uma delas *Touche pas à mon pote*, uma canção que ele compôs há vários anos para a campanha de luta contra o racismo: “SOS racismo”, de Harlem Désir.

O Ano da França no Brasil

O antigo Ministro da Cultura, Gil ajudou a preparar o Ano da França no Brasil. Ele sublinhou que “*Touche pas à mon pote*” falava da imigração, um tema sensível ao Brasil, uma vez que inúmeros brasileiros são, às vezes, barrados nas fronteiras europeias, em especial, na Espanha.

O palco se completou com Arthur H. do lado francês e Lenine do lado brasileiro, que compuseram e interpretaram a canção do Ano da França no Brasil: “Paris, é como uma aposta, os aviões se cruzam no oceano, Rio, Rio, Rio, o sol se perde na baía”.

De 21 de abril a 15 de novembro de 2009 grandes espetáculos populares, exposições, teatro, concertos, dança, circo, feiras do livro, colóquios científicos se seguirão em 500 projetos dos mais diversos no contexto dessas manifestações.

Fonte: *L'OBSERVATEUR MONDE*, 2008.

Percebemos, no Fragmento de Informação midiática 18, como as relações entre os dois países, mesmo que ligadas ao campo político, conseguiam passar – de forma bastante diplomática – pelas vias culturais. Após uma demonstração de francofilia, na qual o público franco-brasileiro entoou *La Bohème*, de Aznavour – demonstrando o sucesso do cantor em território brasileiro –, o músico e ex-Ministro da Cultura, Gilberto Gil, interpretou um de seus grandes sucessos em francês, ***Touche pas à mon pote*** – hino da campanha da luta contra o racismo na França – tratado anteriormente. São reverberações acústicas com grande resultado na compreensão sociocultural entre brasileiros e franceses.

O segundo grande evento foi a Cerimônia de Abertura do **Ano da França no Brasil**, que ocorreu concomitantemente no Rio de Janeiro e em Ouro Preto, em 21 de abril. A data – feriado nacional –, como vimos, é emblemática para o calendário republicano no Brasil, principalmente, na tentativa de criar laços entre a Revolução Francesa e a Inconfidência Mineira.

Em Ouro Preto, a Cerimônia de Abertura ocorreu à tarde – contando com a presença dos Ministros da Cultura dos dois países, do Governador do Estado de Minas Gerais, do Presidente da região de *Nord-Pas de Calais* e do Prefeito de Ouro Preto à época – a partir da apresentação conjunta do grupo de fanfarra de Montigny – en-Gohellee da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais em uma comemoração ao primeiro acordo firmado sob os auspícios da temporada francesa no Brasil: o Acordo de Cooperação entre a região de Minas Gerais e a de *Nord-Pas de Calais*.

Já no Rio de Janeiro, a apresentação noturna com fogos de artifício do **Grupo F**¹⁶⁷ – responsável, também, pelo espetáculo pirotécnico do 14 de julho de 2005, abriu as festividades. O espetáculo também contou com a presença dos Ministros da Cultura dos dois países e, com um discurso da Ministra da Cultura da França à época, Christine Albanel.

Sucederam às Cerimônias de abertura os seguintes “Grandes Eventos”: a **Virada Cultural de São Paulo** de 1 a 3 de maio, na qual compareceram cerca de quarenta mil espectadores para os espetáculos franceses. As diferentes companhias de rua francesas puderam, então, participar de evento semelhante às *Nuits blanches* francesas para, mais tarde, partirem em apresentação no interior do Estado de São Paulo. O quarto evento de destaque foi, então, o **13º Festival Amazonas**, dedicado, naquele ano, à França, entre 23 de abril e 31 de maio, em Manaus.

Inaugurando os grandes eventos do segundo semestre, assim como havia ocorrido no desfile do 14 de julho na França, no dia 7 de setembro de 2009 – Dia da Independência –, o convidado de honra para o desfile na Esplanada dos Ministérios em Brasília foi o Presidente do país homenageado, então, Nicolas Sarkozy em visita oficial ao Brasil. Aquela foi a primeira vez que um Presidente fora da América Latina era homenageado durante a comemoração nacional brasileira. O desfile contou com

¹⁶⁷ Assim como o Brasil havia feito durante a construção do Espaço Brasil na França, em 2005, o **Groupe F** enviou, da França, seus funcionários para a construção do espaço dedicado ao espetáculo. Estes trabalharam durante quarenta dias na montagem do espetáculo **Fou d’amour: la rencontre entre le feu et l’eau**. Ironicamente, uma forte chuva caiu naquele 21 de abril, fazendo com que o espetáculo sofresse com a intempérie.

3.600 pessoas, entre civis e militares, brasileiros e franceses. Se, durante o **Ano do Brasil na França** a Esquadilha da Fumaça brasileira havia se apresentado, juntamente com um regimento brasileiro que participara do desfile oficial francês, em 2009, a *Patrouille de France* e os músicos da Marinha francesa foram os responsáveis por mudar as cores tradicionais do 7 de setembro.

Finalmente, em uma demonstração das raízes comuns, de tradicionalismo e de multiculturalismo, seguiram-se o **Aniversário de São Luís do Maranhão**, única capital de estado brasileira fundada por franceses em 1612. Durante a festa para 8.000 espectadores no 397º aniversário da cidade, a artista do Bénin – ex-colônia francesa na África –, Angelique Kidjo deu o tom da festa. Prosseguindo com os grandes eventos e da demonstração de abertura da França, entre 13 e 15 de novembro ocorreu, em Salvador, o **Festival de Músicas Mestiças** e a **Apresentação do Centro Internacional de Música Negra**, no Museu do Ritmo – local criado pelo músico Carlinhos Brown. O Festival foi uma das cerimônias de encerramento, juntamente com o encerramento oficial do **Ano da França no Brasil** que ocorreu em São Paulo, em 15 de novembro de 2009.

Essa última atividade teve um caráter voltado para a área econômica, em sintonia com os encontros de inovação que ocorreram na capital paulista, unindo cerca de 65 empresas francesas e 750 homólogas brasileiras, garantindo, assim, o sucesso da dinâmica econômico-comercial pretendida desde as primeiras reuniões preparatórias para a temporada francesa no Brasil. Há de se sublinhar que, desde o início das negociações, entre os Presidentes da França e do Brasil – respectivamente Jacques Chirac e Luís Inácio Lula da Silva –, a proposta de parceria entre os dois países envolvia, sobretudo, ações bilaterais de abertura dos mercados. No campo cultural, a novidade foi a apresentação de tambores franco-africanos e a exposição dos originais de **O Pequeno Príncipe**, de Antoine Saint-Exupéry, realizada no Espaço Expositivo **Oca do Ibirapuera** – criado por Oscar Niemeyer.

A parte seguinte do nosso trabalho dedica-se a uma breve apresentação dos eventos culturais que marcaram a temporada francesa no Brasil.

6.4.1 (Re)deslumbramento e familiarização com a cultura francesa

Em uma tentativa de levar o público brasileiro a rearticular suas percepções sobre a cultura francesa, cerca de trezentos projetos realizados buscavam trabalhar com as raízes históricas e laços entre Brasil e França – das missões francesas ao modernismo, das relações acadêmicas, militares e institucionais, dentre outros –, bem como com a noção da própria identidade francesa, em sua busca por reinvenção. Seria possível, então, ter acesso aos cânones da cultura francesa – por exemplo, em exposições dos **Tesouros do Museu do Louvre** – ou a trabalhos mais modestos, realizados em pequenos ateliês e residências artísticas.

Teatro, música e dança foram trabalhados de forma semelhante, partindo do velho ao novo, do clássico ao contemporâneo, do padrão ao unimaginável. A tentativa de valorizar a diversidade francesa passava pela apresentação da arte nascida da mistura entre os olhares híbridos, de artistas franceses e migrantes.

Também na área audiovisual, houve uma preocupação em se reconfigurar os estereótipos: se o Panorama do Cinema Francês era exposição obrigatória, as programações incluíram, também, o cinema africano francófilo e os documentários sociais. A **Feira Literária Internacional de Paraty** foi, assim como *Saint-Malo*, em 2005, um local para apresentação de grandes nomes e, em certa medida, de descoberta de novos talentos em literatura e ciências humanas, alimentando um nicho já estabelecido entre os dois países. Desta forma, a França buscava colocar o público brasileiro a par dos novos mecanismos de pensamento francês.

Na exposição ***La rue est à nous.. tous!***, por exemplo, concebida por François Ascher e organizada pelo ***Institut pour la Vile en Mouvement*** (PSA Peugeot-Citroën), foram tratados os projetos e ações inovadores de mobilidade urbana. A exposição dialogou fortemente com o público brasileiro, ao tratar dos problemas contemporâneos dos espaços públicos e das buscas de soluções para os mesmo.

Em se tratando de moda e *design*, seria imaginável pensar que apenas as grandes empresas seriam contempladas em exposições, como ***Yves Saint-Laurent: Voyages Extraordinaires*** ou ***Christian Lacroix, Costumier***. Entretanto, exposições ligadas a acordos de cooperação entre escolas de *design* brasileiras e

francesas, notadamente com aquelas situadas na cidade de Saint-Etienne, tornaram executável a apresentação da cidade enquanto laboratório do *design* francês.

As relações históricas entre os dois países no campo militar e marítimo foram tema da exposição **O Brasil, a França e o Mar** visitada por 15.000 pessoas no Espaço Cultural da Marinha do Brasil, entre 2 de setembro e 31 de dezembro de 2009. Ao observarmos a data de exposição, é possível notar que, assim como havia acontecido durante o **Ano do Brasil na França** – em 2005 – também na temporada francesa no Brasil, as datas do calendário oficial haviam sido extrapoladas.

Há de se destacar a presença na rua em eventos como o **5º Festival Mundial de Circo**, em Belo Horizonte, entre 19 e 28 de junho; e o **Festival de Circo do Brasil**, em Recife, de 8 a 18 de outubro. Abaixo, foto da publicidade dedicada ao 5º Festival de Circo do Brasil.

Figura 16 – França é país convidado no Festival de Circo do Brasil



Fonte: YOUTUBE, 2009.

Apresentações de dança conjuntas como o espetáculo **Meia Lua**, produzido pelas companhias **Arte e Lua** (Brasil) e **Malka** (França), demonstraram a sintonia do meio artístico na arte de rua. As apresentações de *ballet* clássico e contemporâneo, como o espetáculo **Metamorphoses**, que alia a dança a outras artes – plásticas,

audiovisual, arquitetura e *design* –, ressignificando a própria arte e transgredindo as fronteiras da arte foram também fortemente prestigiadas pelo público.

Da música clássica à música contemporânea, da música de câmara à música de rua, um leque de atrações foi estimado por parte dos Comissariados. As apresentações da **Orquestra dos Champs-Élysées: Tournée Berlioz** contaram com 5.500 expectadores, enquanto o Festival itinerante **Eu faço cultura** teve o público total estimado em 73.500 pessoas, de forma que todas as homenagens foram possíveis. Os duetos de artistas dessa última foi, certamente, ponto forte das apresentações conjuntas entre brasileiros e franceses.

Também no teatro, a França pôde se reinventar na cena brasileira. Destacamos, aqui, o espetáculo **France du Brésil**, apresentado no SESC Santana – São Paulo, e no Festival de Artes Negras (FAN), em Belo Horizonte. Nele, a pergunta de partida era “o que Brasil e França partilham?”, que tratava da mestiçagem e da identidade, temas presentes nos debates internos aos dois países e fontes de questionamentos e de elaborações em âmbito nacional, bilateral e, mesmo, internacional, em se tratando dos debates na UNESCO. Para a preparação do espetáculo, roteirista e diretoras, participaram de inúmeros ateliers, ouvindo biografias de intérpretes da África, do Brasil e da França.

Destacamos, ainda, a parte **Carta Branca ao SESC e Carta Branca às Aliança**, que possibilitava – ao Serviço Social do Comércio e às Alianças Francesas espalhadas pelo país – propor projetos de exposições e atividades culturais, tornando a temporada francesa mais democrática. No SESC, foram 120 projetos englobando dança, teatro, festivais de cinema, exposições que apresentaram sucesso de público, enquanto as trinta e nove Alianças Francesas existentes no Brasil descentralizaram as atividades culturais das capitais.

Dessa forma, o Comissariado francês buscou ressignificar a recepção e a imagem da cena cultural francesa no Brasil. Essa tentativa, segundo o Embaixador Yves Saint-Geours foi proveitosa, uma vez que a desconstrução total dos estereótipos não era cogitada tendo em vista a irrazoabilidade de tal ação. Entretanto, ressaltou o Embaixador em entrevista prestada, o público brasileiro ainda não havia conseguido, ao final da temporada francesa, compreender que a cultura francesa era, em parte a cultura africana, por exemplo. Isso se deve à incompreensão do passado colônia e do presente miscigenado da República

Francesa: para a maior parte dos brasileiros, a França é apenas a metrópole, pura e estática.

O **Ano da França no Brasil**, para o Embaixador foi, então, uma ação necessária para a desconstrução desse pensamento, precisando ir mais além, em estratégias conjuntas a longo prazo para que se chegasse a um retrato mais fidedigno da França contemporânea. Isso caberia, então, a intercâmbios contínuos nos âmbitos das artes, da ciência e da tecnologia, de forma a familiarizar o público internacional com as novas dinâmicas identitárias da França contemporânea.

Passemos, então, à próxima linha de conexão das relações entre os dois países: as parcerias no âmbito acadêmico.

6.4.2 Pesquisa, ciências e cooperação: renovando relações históricas

No que diz respeito à influência na dinâmica acadêmica, a França é, historicamente, o país que possui o maior número de imbricações no Brasil, como vimos anteriormente.

Essas relações foram reestruturadas entre 2005 e 2009 para se ajustarem à realidade contemporânea dos dois países e à série de acordos de cooperação científica e técnica existente foi renovada.

Em 2009, ano de comemoração dos trinta anos do Acordo CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior) – Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária e Científica com o Brasil (COFECUB), as universidades brasileiras e francesas se envolveram na elaboração de relações institucionais ainda mais importantes em que se pese o número de convênios assinados, de pesquisadores e de estudantes participantes dos intercâmbios e da facilitação do reconhecimento dos estudos feitos entre um país e outro.

Vale lembrar que o sistema europeu de ensino passou por um processo de padronização a partir da Declaração de Bolonha – da qual a França foi signatária –, em 1999. Dessa forma, foi necessário reestruturar o ensino superior Francês para um modelo conhecido como LMD – Licenciatura (ou Bacharelado), Mestrado e Doutorado – baseado em três ciclos de estudo superior. Dirigido para a facilitação da mobilidade acadêmica, a partir de um sistema de créditos transferíveis e

acumuláveis entre as instituições de ensino europeias, a Convenção de Bolonha teve grande impacto nas relações acadêmicas França-Brasil, no que tange ao reconhecimento de diplomas no exterior. Os encontros realizados em 2009, como derivados dessas alterações e dos encontros ocorridos anteriormente – notadamente, em 2005, com a criação da Escola Doutoral Franco-Brasileira – tinham por objetivo fomentar o ensino e a pesquisa conjuntos e ampliar os laços universitários entre Brasil e França.

Dessa maneira, uma série de encontros, seminários e outras manifestações de pesquisa e cooperação foram articuladas. As temáticas permearam todas as áreas de conhecimento, buscando observar as relações históricas entre os dois países e a importância do diálogo para o desenvolvimento a longo prazo. A primeira temática tratada baseava-se, nesse sentido, nos dois séculos de intercâmbios culturais e de cooperação científica que marcaram as relações entre os dois países nos domínios das ciências humanas, sociais e exatas.

Destacamos, aqui, dois desses eventos: o primeiro deles, tratando das relações históricas entre os dois países, foi o **Colóquio Internacional Diálogos Culturais e Cooperação Científica França-Brasil** – realizado na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, entre 4 e 7 de agosto – que buscou, em oito mesas-redondas, tratar a relação identitária do Nordeste brasileiro e da França, bem como as representações recíprocas entre França e Brasil. O Colóquio, realizado em parceria com o *Centre de Recherche sur le Brésil Contemporain* – CRBC/EHESS Paris – tinha por objetivo, ao apresentar um panorama das relações acadêmicas entre os dois países, a promoção de novas parcerias e políticas de intercâmbio científico.

O segundo evento baseava-se nas políticas de inclusão social do Brasil no século XXI e foi realizado entre julho de 2009 e junho de 2010, enquanto um projeto de valorização das mesmas entre Brasil e França. Ganhou destaque nessa parceria a celebração do intercâmbio de estudantes de baixa renda brasileiros e de estudantes franceses, em um convênio celebrado entre a Fundação Getúlio Vargas (Rio de Janeiro), a Fundação de Estudos Políticos da França (*Sciences Po*) e a Universidade Federal da Bahia.

No que tange às exposições científicas, ressaltamos **O francês no Brasil em todos os seus sentidos** ocorrida no Museu da Língua Portuguesa – São Paulo –, entre 11 de maio e 8 de novembro de 2009, com um público total de 250 mil

visitantes. A exposição, que tratava do intercâmbio e da incorporação de palavras entre a língua francesa e a língua portuguesa, delineava os laços de parentesco também no campo linguístico que permeiam o dia a dia dos brasileiros. Sendo um dos eventos mais comentados nos meios de comunicação, a exposição aumentou o aspecto público da temporada francesa, ao mesmo tempo em que ofereceu à população brasileira um reconhecimento identitário comum aos dois países.

Fragmento De Informação Midiática 19 – O Ano da França no Brasil e a imprensa brasileira

São Paulo, domingo, 17 de maio de 2009

FOLHA DE S. PAULO **acontece**

Índice

Museu viaja pela língua francesa

França ganha exposição tecnológica no Museu da Língua Portuguesa até 13/9

Moda, culinária e dança são abordadas na mostra, que traz curiosidades como o significado real de palavras francesas aportuguesadas

Leonardo Wen/Folha Imagem



Visitante observa linha do tempo das relações Brasil-França

Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO, 2009.

Ainda no âmbito da cooperação, há de se ressaltar o Fórum BRAFITEC (Brasil França Engenharia e Tecnologia) de Ciência e Tecnologia, iniciativa da CAPES e da Conferência dos Diretores de Escolas Francesas de Engenharia que, buscando estimular as parcerias institucionais em engenharia, selecionou 51 projetos de parceria entre mais de trinta universidades brasileiras e uma centena de correlatos franceses.

Os projetos de cooperação acadêmica, técnica e científica buscavam agregar todas as áreas de conhecimento, seja pela cooperação descentralizada, por projetos pontuais ou por acordos pluridisciplinares destinados a temas como saúde e desenvolvimento sustentável. Ressalte-se também iniciativas nas áreas sociais, como o Seminário de diplomacia não-governamental, uma continuidade do Fórum franco-brasileiro de sociedade civil, ocorrido durante o **Ano do Brasil na França**.

Essas ações, articuladas ao longo da história das relações entre os dois países contribuem, assim, para o estabelecimento do diálogo cultural entre brasileiros e franceses, entre classes sociais, entre regiões geográficas. Elas facilitam o trabalho da linha “Economia e Comércio”, que veremos a seguir.

6.4.3 Economia e Comércio: Inovação e busca de novos mercados

Se, como evidenciamos anteriormente, durante o **Ano do Brasil na França**, o Presidente Lula havia convocado o empresariado brasileiro a se aproveitar da ocasião em busca de novos mercados, como vimos, o caso francês é semelhante. Desde o início das negociações, ainda com o ex-presidente francês Jacques Chirac, o esboço da temporada francesa no Brasil e da conclusão de uma parceria estratégica era acompanhando – com proximidade e atenção – pelo empresariado francês.

A categoria “economia e comércio” durante o **Ano da França no Brasil** foi destinada à agência *UbiFrance*. Formou-se uma Rede de Missões Econômicas entre os dois países, e, com base em interesses comuns, a agência buscou, a partir de cerca de cinquenta projetos, apresentar a imagem “[...] de uma França nova em todas as suas dimensões de modernidade (pesquisa, inovação, criatividade, design,

diversidade) em torno de três grandes temáticas.” (UBIFRANCE, 2009). Esses eixos inovadores seriam: **o futuro da vida à francesa** – dedicado a questões relativas à moda, arquitetura, *design* e decoração –; **urbanismo e mobilidades**; **inovações a serviço do ser humano** – tratando temas ligados à saúde, à bio e nanotecnologias e à pesquisa nuclear, dentre outros.

O número de empresas envolvidas, em comparação com evento semelhante organizado durante o **Ano do Brasil na França**, triplicou: foram mais de seiscentas empresas e de cinco mil encontros de negócios entre empresas brasileiras e francesas em negociações que, partindo de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, descentralizaram-se. Os presidentes do Brasil e da França prestigiaram o **Salão UbiFrance** em São Paulo, concedendo, assim, publicamente, o aval governamental para as parcerias empresariais.

Há de se enfatizar que as Missões Econômicas estabelecidas em 2009, em continuidade com os trabalhos realizados entre 2005 e 2008, tinham por objetivo estabelecer parcerias a longo prazo entre os dois países, fortalecendo, assim, seus laços econômicos.

Para dar fim à temporada, foram prestadas homenagens a personalidades que desempenharam papel de destaque nas relações franco-brasileiras. Dentre outros, foram lembrados o antropólogo Claude Lévi-Strauss – que havia sido homenageado em vida durante o **Ano do Brasil na França** – e o casal franco-brasileiro membro da **Resistência Francesa**, durante a Segunda Guerra Mundial, Renée e Apolônio de Carvalho (este último se engajaria, também, na luta contra a ditadura militar no Brasil).

Dessa forma, os Comissariados da França e do Brasil, responsáveis pela temporada francesa em território brasileiro, buscaram oferecer ao público brasileiro marcas de uma relação e uma continuidade histórica e, ao empresariado, pontos de apoio baseados no reconhecimento mútuo e na abertura econômica bilateral.

As manifestações culturais e a campanha de comunicação no Brasil e na França, mesmo que menos recorrentes que aquela existente em 2005 – devido, principalmente, ao caráter majoritariamente privado da mídia brasileira¹⁶⁸ – foram de

¹⁶⁸ Comparamos aqui a forte campanha da Agência governamental *France Presses* sobre a temporada brasileira na França e inexistência de aparelho governamental com força semelhante no Brasil, de forma que as notícias circulantes em território brasileiro dependem do interesse dos detentores privilegiados dos meios de comunicação de massa. Em entrevista concedida, a jornalista

extrema importância para mostrar uma França que se encontrava muito além da imaginação brasileira, como sugeria o título da campanha de mídia **A França muito além do que você imagina**. A parceria entre a **TV5 Monde** e a **TV Brasil** possibilitou uma série de emissões sobre o evento e, mesmo em um nível privado, como nos canais por assinatura, uma série de homenagens foi prestada à temporada francesa no Brasil no período em questão. O canal por assinatura *Telecine Cult* por exemplo, entre 28 de maio e 30 de julho, apresentou uma sessão especial denominada **Panorama do Cinema Francês**.

Enfim, há que se ressaltar que esta foi a primeira tentativa de organização de uma temporada cultural no Brasil de tal envergadura, podendo ser considerada, por isso, uma representação de novas bases da diplomacia brasileira no campo cultural, em relação com o Ministério da Cultura. Desse modo, o ato de reciprocidade brasileiro à homenagem concedida pela França ao Brasil foi reconhecido pela França e também pelo governo brasileiro como uma ação de grande repercussão internacional para a diplomacia cultural dos dois países.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar nossa pesquisa, propusemo-nos a analisar o papel da política cultural brasileira na busca pela projeção internacional do país na primeira década do século XXI. Para tanto, estabelecemos como estudo de caso as relações entre o Brasil e a França baseadas na diplomacia cultural dos dois países, a saber, as temporadas culturais internacionais realizadas bilateralmente: o **Ano do Brasil na França** (2005) e o **Ano da França no Brasil** (2009).

Partimos do princípio que as relações entre os dois países, embora históricas, passaram por um processo de reorganização devido a fatores internos aos dois países, bem como a alterações na própria dinâmica internacional. Como observamos, as alterações na ordem global, em especial no pós 11 de setembro de 2001, tiveram impacto direto nas formulações sobre as teorias de Relações Internacionais. Nesse campo, a teoria realista passa por uma série de questionamentos, abrindo espaço para formulações que, até então, eram bastante desconsideradas no âmbito teórico, como aquelas acerca das relações culturais internacionais. A abertura do campo de debate para as colaborações provenientes dessa área de confluência entre a História Cultural e as Relações Internacionais nos pareceu, então, um motivo válido para a execução da pesquisa que aqui findamos.

De fato, se as pesquisas sobre o tema das Relações Culturais Internacionais são consideradas recentes no campo da historiografia das Relações Internacionais, em se tratando do Brasil enquanto sujeito da diplomacia cultural, elas são ainda mais raras: a maior parte das análises existentes trata do país enquanto objeto da política cultural de outro país. Entretanto, a busca por um papel protagonista do Brasil nas formulações discursivas e ações governamentais em um período mais recente – em especial durante o governo Lula – contribuem para que esse tipo de análise se torne mais recorrente no presente e no futuro. Nesse sentido, nossa busca de contribuição para a pesquisa no campo se pautou pela compreensão desse processo de projeção internacional através da rearticulação da imagem do Brasil pela diplomacia cultural na primeira década do século XXI.

Definidos o recorte geográfico – as relações Brasil França – e aquele temporal, 2000-2010, pareceu-nos necessário, no primeiro capítulo de nosso trabalho, apresentar uma breve revisão da bibliografia disponível no campo das

relações culturais internacionais. Partimos, principalmente, das contribuições da historiografia francesa sobre o assunto e das formulações da Escola Inglesa de Relações Internacionais em busca do entendimento sobre a importância da diplomacia cultural para o Brasil nesse período. A busca pela construção de uma imagem de pró-atividade no cenário internacional parece-nos algo inerente à política externa brasileira desde suas formulações mais antigas. E, para tanto, foi preciso que o Estado-nação articulasse e rearticulasse fatores internos e externos para a formulação de uma identidade nacional palatável no âmbito doméstico e que garantisse ao país aceitação e admiração pelos demais países da Sociedade Internacional.

Nesse sentido, passamos em revista o material subjacente à construção da identidade nacional, nos amparando nos escritos de Eric Hobsbawm e de Benedict Anderson, para a compreensão do significado das práticas sociais transformadas em tradições, principalmente a partir da ação estatal do governo Getúlio Vargas. A clara conclusão é que construção de uma imagem de mestiçagem foi, desde então, rearticulada diversas vezes, sempre servindo aos propósitos governamentais interna e externamente. E nesse processo de reelaboração identitária, o multiculturalismo presente no texto da Constituição Federal de 1988 se tornou uma prática corrente durante o governo Lula, como na criação de organismos e mecanismos de ação afirmativa para a proteção de minorias aponta. Ao mesmo tempo, o Brasil buscou tornar cada vez mais públicas suas práticas domésticas no plano internacional, como apontam os discursos analisados e entrevistas realizadas com autoridades brasileiras e francesas.

Entretanto, como salientamos, a construção de um *ethos* de Brasil plural – ou “Brasis” –, no período mais recente, partiu de atribuições identitárias antigas, como a mestiçagem, a malandragem, a camaradagem que, positivadas para servir ao intuito diplomático, foram transformadas nos traços básicos de uma possível matriz brasileira. Nessa rearticulação de sentidos, o tema racial brasileiro passou por alterações significativas ao se construir, também para o país – a exemplo de países como a França e a China – um quadro de exceção cultural, respeitado internacionalmente. É com base em realizações internas que o país apoia seus discursos sobre a multiculturalismo e a diversidade cultural, mesmo que, internamente, a questão ainda gere grandes dissensos entre teoria e prática.

Em nosso segundo capítulo, dedicamo-nos a um mapeamento histórico das relações culturais Brasil-França, no intuito de situar nossa pesquisa no período contemporâneo. A partir do exame das fontes utilizadas, salientamos que as relações entre os dois países se fixaram majoritariamente no plano intelectual, com preponderância da influência francesa sobre o Brasil. O constante fluxo de franceses para o Brasil desde o século XVI, e de brasileiros para a França criaram representações sobre os dois países que influenciaram, e muito, em suas políticas bilaterais. Destacamos, então, o papel da França para a formação de uma diplomacia cultural à brasileira. Os documentos do Arquivo Histórico do Itamaraty nos possibilitam dizer que, desde a criação do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, o Brasil tem, nas práticas francesas, um exemplo objetivo de diplomacia cultural. Entretanto, as alterações das conjunturas internas e externas, bem como a necessidade de ajustes identitários inerentes à jovem República, fazem com que a história da diplomacia cultural brasileira não possa ser analisada enquanto uma política contínua.

De fato, uma das conclusões a que chegamos em nosso trabalho é que a diplomacia cultural no Brasil ainda não pode e não deve ser considerada uma política de Estado: ela é, antes de mais nada, uma política de governo. E nesse contexto, o papel dos líderes de governo deve ser, também, objeto de análise. Em nosso caso, observamos que o presidente Lula da Silva e sua equipe governamental tiveram papel fundamental nas relações entre o Brasil e a França no período estudado. Como pudemos perceber pelas entrevistas realizadas e o material midiático consultado, a imagem do Brasil na França foi bastante influenciada pela imagem do próprio presidente brasileiro e do Ministro da Cultura, Gilberto Gil.

Também a representação produzida em 2005 foi diferente produzida pela diplomacia brasileira em períodos anteriores, como por exemplo, no início do século XX ou na década de 1960. Baseando-se na proposta de múltiplas identidades para o país, produzida em um ano pelo Comissariado brasileiro, a miríade de eventos organizados para 2005 foi capaz de criar expectativa em todos os seguimentos populacionais no Hexágono. Nesse contexto, a grande atenção dada pelos meios de comunicação de massa nos parece não apenas símbolo, como também coprodutora do sucesso da temporada.

Tivemos acesso à leitura de mais de dezesseis mil fragmentos de informação midiática – artigos, notas, notícias e anúncios em jornais e revistas,

notícias radiofônicas e emissões televisivas – coletados entre 2013 e 2015, para a elaboração de nosso material de análise. A maioria desses fragmentos exaltava a temporada brasileira, realçando-a como a mais dinâmica de todas as *saisons culturelles* realizadas até então na França. Nesse sentido, percebe-se, também, a vontade política brasileira de fazer daquele momento uma plataforma para a diplomacia do país pela via cultural. Como bem apontou o Embaixador Edgard Telles Ribeiro, por ocasião da entrevista realizada no início deste ano, é preciso salientar também os benefícios econômicos da diplomacia cultural (RIBEIRO, 2010) e, naquele momento, parece que a Presidência da República se encontrava bastante ajustada a essa lógica: a participação do setor privado na exportação de um novo Brasil se fez no apoio aos eventos realizados e também no ímpeto de fazer da França um forte mercado consumidor de produtos brasileiros – o que foi objeto de nossa análise nos capítulos três e quatro. O sucesso e sobrevivência à crise, ainda hoje, de marcas como **Natura** e **Havaianas**, que lá se instalaram durante o período de 2005, apontam para o êxito dessas práticas que surgem da confluência entre diplomacia, cultura e comércio.

Em nosso quinto capítulo, analisamos como a construção das imagens variadas de “Brasis” se fez a partir dos eventos realizados. Percebemos por exemplo, o forte impacto da música brasileira na construção das representações do país e sua utilização enquanto mecanismo de diálogo cultural. Se, como observou Anaïs Fléchét, a diplomacia-musical brasileira sempre teve impacto na França, esse fato foi reafirmado pelo maior evento da temporada, o Show **Viva Brasil**. É também neste evento que se tornaram claras as imbricações governamentais na construção da diplomacia cultural: pelos discursos de Lula e Gil, bem como pela presença de Jack Lang no palco – ex-Ministro da Cultura e um dos formuladores das temporadas culturais francesas.

Formulada uma identidade multicultural, a partir das ações diplomáticas do Brasil durante a temporada cultural francesa, fazia-se necessário passar, então, à ação de reciprocidade. E aí também se encontra uma novidade na diplomacia cultural brasileira. A realização, em 2009, do **Ano da França no Brasil**, objeto de nossa análise no último capítulo desta tese, mostrou-nos certo engajamento dos Ministérios da Cultura e das Relações Exteriores na continuidade da política de relações culturais internacionais do país. E as temporadas culturais internacionais

realizadas posteriormente podem apontar para esse caminho. Elas abrem a possibilidade para novas elaborações e análises acadêmicas no futuro.

Observamos aqui que a cobertura pela mídia brasileira, bem como o trabalho de recenciamento das notícias produzidas pela mesma, no caso do **Ano da França no Brasil**, é bem menor e muito mais custoso e disperso se comparado ao sistema de pesquisa e produção de base de dados do governo francês, através de seu Instituto Nacional de Audiovisual (INA). Uma instituição como esta é algo que ainda falta ao Brasil – o que permite ao pesquisador um trabalho mais denso em relação aos dados circulantes e sua recepção.

REFERÊNCIAS

LIVROS

ABERS, R. N. *Inventing Local Democracy: Grassroots Politics in Brazil*. Boulder, CO: Lynne Rienner Publishers, 2000.

AIMARD, G. **Le Brésil nouveau**. Paris: E. Dentú (Ed.), 1887.

ALMEIDA, P.R. O Brasil no Contexto da governança global. **Cadernos Adenauer IX** (2008) V. 1, n. 3, Governança Global. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, março 2009.

ALVES, J. A. L. **Relações Internacionais e temas sociais: a década das conferências**. Brasília: IBRI, 2001.

ALVES, J. F. **A invasão cultural norte-americana**. São Paulo: Moderna, 1988.

AMARAL, R. **O Ano do Brasil na França: um modelo de intercâmbio cultural**. 1. ed. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2008.

AMORIM, C. L. N. Discurso de abertura da 60ª Sessão Ordinária da Assembleia Geral da ONU, 2005. In: **O BRASIL NAS NAÇÕES UNIDAS**. 1946- 2006. Fundação Alexandre de Gusmão; Brasília: Funag, 2007. p. 752.

AMOSSY, R. **Les idées reçues. Sémiologie du stéréotype**. Paris: Nathan, 1991.

ANCHIETA, J. Cartas. Correspondência Ativa e Passiva. Org. Hélio Abranches Viotti, S.J. **Obras Completas**, v. 6, 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1984. p. 25.

ANDERSON, B. **L'imaginaire national: réflexions sur l'origine et l'essor du nationalisme**. Paris: La Découverte, 2002.

ARANTES, P. E. **Aspects de la coopération franco-brésilienne**. Grenoble: PUG, 1992.

ARRUDA, S. **Divulgação e diplomacia cultural**: algumas reflexões a propósito da experiência brasileira. Curso de Altos Estudos. Brasília: Instituto Rio Branco, 1983.

BASTIDE, R. **Brésil, terre de contrastes**. Paris: l'Harmattan, 1999. p. 13.

BELTRÁN, L. R.; CARMONA, E. F. **Comunicação dominada**: os Estados Unidos e os meios de comunicação da América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988, 292 p.

BLACK, J. K. **United penetration of Brazil**. Filadélfia: University of Pensilvania Press, 1977.

BULL, H. **A sociedade anárquica**. Brasília: Ed. UnB, 2002.

CÂNDIDO, A. Dialética da malandragem. In: _____. **O Discurso e a Cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CANEZIN *et al.* Panorama Macroeconômico Brasileiro. In: Gazeta Mercantil, 01/06/2001. Razões da ineficiência do sistema energético.

CAPANEMA, S.; FLÉCHÉT, A. (Dir). **De la démocratie raciale au multiculturalisme: Brésil, Amériques, Europe**. Bruxelas: P.I.E. Peter Lang, 2009.

CARELLI, M. *Brésil: épopée métisse*. In: **Collection Découvertes Gallimard**, Série Histoire, n. 29. Paris: Gallimard, 1988.

CARELLI, M. **Culturas Cruzadas**: intercâmbios culturais entre a França e o Brasil. Campinas: Ed. Papirus, 1994.

CASTRO, M. F. **Política e Relações Internacionais**. Brasília: Ed. UnB, 2005.

CARVALHO, J. M. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CERVO, A. **Inserção Internacional e Política Externa**: formação dos conceitos brasileiros. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

CERVO, A. L. (Org.) **O desafio internacional: a política exterior do Brasil de 1930 a nossos dias**. Brasília: Ed. UnB, 1994.

CHAUBET, F. **La politique culturelle française et la diplomatie de la langue: l'Alliance Française (1883-1940)**. Paris: l'HARMATTAN, 2006.

CHAUBET, F.; MARTIN, L. **Histoire des relations culturelles dans le monde contemporain**. Paris: Armand Colin, 2011.

CHARAUDEAU, P. In: CHARAUDEAU, P. Une problématisation discursive de l'émotion: à propos des effets de pathémisation à la télévision. Paris: Lion, 2000. p. 132.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dictionnaire d'Analyse du Discours**. Paris, éditions du Seuil, 2002. p. 239.

CLAVAL, Paul. **Le Brésil entre exotisme et modernité, idées reçues sur un nouveau grand**. Paris: Le cavalier Bleu, *Collection Idées reçues*, 2014.

CORREIO DA MANHÃ. Malraux no Rio: "o Brasil é a pátria da esperança". **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 25 ago. 1959.

COUFFIGNAL, G. La politique étrangère de la France vis-à-vis de l'Amérique latine. Observatoire des changements en Amérique latine (Paris). Amérique Latine 2011. L'Amérique Latine est bien partie, La Documentation française - IHEAL, Paris, p.59-72, 2011

CUMMINGS, M. C. Cultural diplomacy and the United States Government: a survey, Washington, D.C: Center for Arts and Culture, 2003, In: U.S. Department of State, **Cultural diplomacy the Linchpin of Public Diplomacy**, Report of the Advisory Committee on cultural diplomacy, set. 2005.

DEBOIS, L. **L'odyssée du cinéma brésilien, de l'Atlantide à la Cité de Dieu. Premier volume – Les rêves d'Icare (1940-1970)/Second volume – La complainte du phoenix (1970-2000)**. Paris: l'Harmattan, 2010.

DEBRET, J. B. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. Tradução e notas de Sérgio Millet. Apresentação de Lygia da Fonseca F. da Cunha. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Limitada, 1989.

DELPORTE, M; SIRINELLI, J.F.. ***Dictionnaire d'histoire culturelle de la France contemporaine***. Paris: PUF, 2010.

DENIS, F. ***Une Fête Brésilienne célébrée à Rouen en 1550***. Paris: Publisher Paris, J. Techener Yea, 1850.

DIEGUES, G. (Org). ***Esporte e Poder***. Petropolis: Vozes, 1985.

DOLLOT, L. ***Les relations culturelles internationales***. Paris: PUF, 1964.

DREYFUS, D. (Org). ***Raízes Musicais do Brasil***. Rio de Janeiro: Sesc-RJ, 2005.

DUBLOSCARD, A. (Org.). ***Entre rayonnement et réciprocité: contributions à l'histoire de la diplomatie culturelle***. Paris: Publicatios de la Sorbonne, 2002.

DUBOIS, V. ***La politique culturelle: genese d'une catégorie d'intervention publique***. Paris: Belin, 1999.

DULPHY, A. et. al. ***Les relations culturelles internationales au XXe siecle: de la diplomatie culturelle à l'acculturation***. Pruxelas: P.I.E. Peter Lang, 2010.

_____. ***La politique de la France à l'égard de l'Espagne de 1945 à 1955. Entre idéologie et réalisme***. Paris: Direction des Archives, Ministère des Affaires étrangères, 2002.

DUMONT, J. ***Le Brésil et l'Institut international de coopération intellectuelle (1924-1946): le pari de la diplomatie culturelle***. Paris: IHEAL, 2009.

DUPRONT, A. *Oeuvres françaises et coopération intellectuelle*. In: ***L'Europe Nouvelle***, Paris, n. 980, 21 nov. 1936. p. 1162-1166.

FERREIRA, R. M. L. ***A política brasileira de expansão cultural no Estado Novo (1937-1945)***. Rio de Janeiro: UERJ, 2006.

FILHO, M. ***O negro no futebol brasileiro***. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1964.

FLÉCHÉT, A. ***“Si tu vas à Rio”: la musique populaire brésilienne en France auy XXe siecle***. Paris: Armand Colin, collection Recherche/Institut des Amériques, 2013.

FRANCESCI, S. H. *Les intermittences du temps. Lire Alphonse Dupront*, Paris, Éditions de l'EHESS, coll. « En temps et lieux », 2014.

FRANK, R. (Org). *Pour une histoire des relations internationales*. Paris: PUF, 2012.

FREYRE, G. **Casa grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 50. ed. São Paulo: Global, 2005.

FREYRE, G. **Ordem e Progresso**. São Paulo: Global, 2004.

FURTADO, C. **Ensaio sobre cultura e o Ministério da Cultura**. Organização Rosa Freire d'Aguilar Furtado. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

GALVÃO, M. R.; BERNARDET, J.C. **Cinema**: repercussão em caixa de eco ideológica. São Paulo: Brasiliense, 1980.

GALVÃO, M. R.; BERNARDET, J. C. **Cinema**: O nacional e o popular na cultura brasileira. São Paulo: Ed. Brasiliense / Embrafilme, 1983.

GELLNER, E. *Nations and Nationalism*. 2. ed. New York/Ithaca: Cornell University Press, 2009.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIL, G. Cultura, diversidade e acesso. In: **Diplomacia, Estratégia e Política**, n. 8, p.49-60, out./dez. 2007.

GOBINEAU, A. **Essai sur l'inégalité des races humaines**. Paris: Librairie de Firmin Didit Frères, 1853.

GOBINEAU, A. *L'Emigration au Brésil. Le Correspondant*, t. 96, 25/7/1874. In: RAEDERS, G. **O inimigo cordial do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GUIBERNAU, M. **The Nation-State and Nationalism in the Twentieth Century**. Londres: Wiley, 1996.

HARTOG, F. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

HAUSER, C.; LOUE, T.; MOLLIER, J.-Y. (Dir.), *La diplomatie par le livre: réseaux et circulation internationale de l'imprimé de 1880 à nos jours*. Paris: Nouveau Monde éditions, 2011.

HOBBSBAWM, E. J. **A Era das Revoluções**. Europa 1789- 1848. Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1989.

HOBBSBAWM, E. J. *Nations and Nationalism since 1780*. 2. ed., Cambridge: University Press, 1992.

HOBBSBAWM, E. J. **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HOBBSBAWM, E. J. **L'ère des empires**. Paris: Hachette, 2004.

HOBBSBAWM, E.; RANGER, T. *The Invention of Tradition*. Cambridge: University Press, Canto Books, 1992.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HOULIHAN, B. *Sport and International Politics*. Michigan: Universidade de Michiga/Havester Wheatsheaf, 1994.

HURREL, A. Hegemonia, liberalismo e ordem global: qual é o espaço para potências emergentes? In: SPEKTOR, M. (Org.). **Os BRICS e a Ordem Global**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.

INDURSKY, F.; CAMPOS, M. C. (Orgs.). **Discurso, Memória, Identidade**. Coleção Ensaios. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

INSTITUT FRANÇAIS. *Éphéméride: année du Brésil en France*. Paris: Imprimerie Hemmerlé, 2006.

INSTITUT FRANÇAIS. *Bilan de l'Année de la France au Brésil*. Paris: Imprimerie du Marais, 2009.

LESSA, A. C. O Brasil e os atentados de 11 de setembro de 2001. In: **Rev. Bras. Polít. Int.** n. 44, v. 2. 2001. p. 46-61.

LESSA, M. L.; SUPPO, H.R. (Org.). **A quarta dimensão das Relações Internacionais**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

MARCHAND, A.; HÉROS, E. **Le Brésil à l'Exposition de Paris 1889**. Paris: A. Taride, 1889.

MITCHELL, J. **International Cultural Relations**. Londres: Allen and Unwin/British Council, 1986.

MATTOSO, Z., SANTOS, I., ROLLAND, D. **Matériaux pour une histoire culturelle du Brésil: objets, voix et mémoires**. Paris: L' Harmattan, 1999.

MAINGUENEAU, D. **Genèses du Discours**. Liège, Mardaga:1984.

MONIZ-BANDEIRA, L. A. **Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de História**. São Paulo, Editora SENAC 1998.

MORGENTHAU, H. **A Política entre as Nações**. Brasília: IPRI – Ed. UnB, 2003.

MORSE, R. **O espelho de Próspero**. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

MOURA, G. **Tio Sam chega no Brasil: a penetração cultural norte-americana**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

NAVES, S. C. **Da Bossa-Nova à Tropicália**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2004.

NAZARÉ PEREIRA. Página de Nazaré Pereira (cantora amazonense). Disponível em: <<http://goo.gl/kW1WGZ>>. Acesso em: 25 maio 2015.

NYE, J. **Paradoxo do Poder Americano**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

NYE, J. **Soft Power: the means to success in world politics**. New York: Public Affairs, 2004.

OLIVEIRA, O. P. **Le transfert d'un modèle de démocratie participative - paradiplomatie entre Porto-Alegre et Saint-Denis**. Paris: Chrysalides/Editions IHEAL, 2010.

ORY, P. **Les expositions universelles de Paris**. Paris: Ramsay, 1982.

ORY, P. **1889: l'Expo universelle**. Paris: Complexe, 1989.

ORY, P. **La culture comme aventure: treize exercices d'histoire culturelle**. Paris: Éditions Complexe, 2008.

PARVAUX, S.; REVEL-MOUROZ, J. (Cord). *Images reciproques du Brésil et de la France: actes du Colloque organisé dans le cadre du projet France-Brésil. Collection Travaux et mémoires de l'IHEAL, Série Theses et Colloques, n. 46, v. 1 e 2*. Paris: IHEAL, 1991.

PAULMIER, J. Mémoires touchant l'établissement d'une Mission chrestienne dans le Troisième Monde, autrement appelé la Terre Australe, Méridionale, Antartique & Inconnue. Paris: C. Cramoisy, 1663.

PEREIRA, M. R. **Le théâtre français au Brésil: un outil de la diplomatie française contre le recul de son influence culturelle (1945-1970)**. Paris: L'Harmattan, 2009.

PESAVENTO, S.J.. **História e história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PINHEIRO, L.; MILANI, C. R. S. **Política Externa Brasileira: a política das práticas e as práticas da política**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2011.

POIRRIER, Phillip. **L'État et la culture en France au xxe siècle**. Le Livre de Poche: 2006

PRADO JUNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2006.

ROCHA, Glauber. **Revolução do Cinema Novo**. Rio de Janeiro: Alhambra / EMBRAFILME, 1981.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1947.

ROLLAND, D. (Org.). **Le Brésil et le monde: pour une histoire des relations internationales des puissances émergentes**. Paris: l'Harmattan, 1999.

ROUQUIÉ, A. ***Le Brésil au XXI^e siècle: naissance d'un nouveau grand***. Paris: Ed. Fayard, 2006.

SCHWARCZ, L. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWARCZ, L.; STARLING, H. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCRUTON, R. *Authority and allegiance*. In: DONALD, J.; Hall, S. (Orgs.). **Politics and Ideology**. Milton Keynes: Open University Press, 1986

TOBELEM, J.-M. ***L'armée de la culture: les stratégies de la diplomatie culturelle non gouvernementale***. Paris: l'Harmattan, 2007.

TOLEDO, L. H. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TOUSSAINT, J.-L. 100 portraits d'hommes et de femmes qui réussissent en dehors des Vosges, Strasbourg: Les cahiers de la liberté de l'est. In: **Editions La Nuée Bleue**, 10 octobre 2006.

UNE NOUVELLE VISION DE LA VIE À PARIS: LA MAXIXE AU SOUPER. Revista Femina, Paris: 1913.

VAÏSSE, M. ***La Grandeur: politique étrangère du général de Gaulle***. (1958- 1969). Paris: Fayard, 1998.

_____. ***De Gaulle et l'Amérique Latine***. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2014.

VERGER, P. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX**. São Paulo: Corrupio, 1987.

VIANNA, L. C. R. **Bezerra da Silva, produto do morro: trajetória e obra de um sambista que não é santo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VIDAL, A. **O Brasil na Feira Internacional de Nova York**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

VIDAL, L.; LUCA, T. R. (Org.). **Franceses no Brasil: séculos XIX-XX**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

VIZENTINI, P. F. **Relações Exteriores do Brasil (1945-1964) o nacionalismo e a política externa independente**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

VIZENTINI, P.F. **Relações Internacionais do Brasil: de Vargas a Lula**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

WATSON, A. **A evolução da Sociedade Internacional: uma análise histórica comparativa**. Brasília: Ed UnB, 2004.

WIGHT, M. **A política do poder**. Brasília: Ed. UnB, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

CAPÍTULO DE LIVRO

COMPAGNON, O. Prefácio. In: DUMONT, J. ***L'Institut International de Coopération Intellectuelle et le Brésil (1924 -1946)***. Paris: Éditions de l'IHEAL, 2008.

DUMONT, J. O Brasil no Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (1924-1946): primeiro passo na construção de uma diplomacia cultural. In: LESSA, M.; SUPPO, H. **A quarta dimensão das relações internacionais: as relações culturais**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade de Estado do Rio de Janeiro, 2012. p. 45-64.

DUMONT, J. *L'Institut International de Coopération Intellectuelle ou la continuation des relations France-Brésil par d'autres moyens*. In: MARTINIÈRE, G.; MONTEIRO, E. (Dir.), ***Les échanges culturels internationaux. France, Brésil, Canada-Québec (XIXe-XXe siècles)***. Paris: Rivage des Xantons, 2013. p. 77-91.

FREYRE, G. Prefácio. In: FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

IRYE, A. Posfácio. In: DUBLOSCARD (Org.). ***Entre rayonnement et réciprocité: contributions à l'histoire de la diplomatie culturelle***. Paris: publications de la Sorbonne, 2002.

LIMA, V. Brazilian television in the 1989 presidential election: constructing a president. In: SKIDMORE, T. (Org.). ***Television, politics, and the transition to democracy in Latin America***. Washington: Woodrow Wilson International Center for Scholars.

MATOS, O. 2005. Brésil: la mémoire en trompe d'oeil. In: **Catálogo Geral do Espaço Brasil**. Brasília: FUNARTE, 2005. p. 32-38.

MOLLIER, J. Y. *Les éditeurs d'almanachs au XIXe siècle: entre tradition et modernité*. In: LUSEBRINK, H.J.; MIX, Y.G; MOLLIER, J.Y.; SOREL, P. (Org.) ***Les lectures du peuple en Europe et dans les Amériques (XVIIe-XXe siècle), actes du colloque de St Quentin-en-Yvelines***. Bruxelles: Complexe, 2003. p. 205-224.

MONTES, M. L. **Arte popular brasileira**. Catálogo Geral do Espaço Brasil. Brasília: FUNARTE, 2005. p. 100-117.

MONTES, M. L. **Entre o sagrado e o profano**. Catálogo Geral do Espaço Brasil. Brasília: FUNARTE, 2005. p. 180-184.

ORLANDI, E. P. **Discurso Fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. 3. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2003.

ORY, P. *Preface*. In: DUBLOCARD, A. (Org.). ***Entre rayonnement et réciprocité: contributions à l'histoire de la diplomatie culturelle***. Paris: Publications de la Sorbonne, 2002.

QUICHERAT, J. *Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550, par Ferdinand Denis*. In: ***Bibliothèque de l'école des chartes***. tome 13. 1852. p. 495-497.

TRIMBUR, D. Introdução. In: DUBLOSCARD (Org.). ***Entre rayonnement et réciprocité: contributions à l'histoire de la diplomatie culturelle***. Paris: publications de la Sorbonne, 2002.

ARTIGOS EM PERIÓDICOS (VERSÃO IMPRESSA)

AMORIM, C. Conceitos e estratégias da diplomacia do Governo Lula. In: **Diplomacia, Estratégia, Política**, Brasília, v. 1, n. 1, out./dez. 2004. p. 41-48.

BARBUY, H. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. In: **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 4, jan./dez. 1996. p. 211-261.

BARROS, L. M. Representações da Cultura brasileira na mídia francesa: 2005 – o ano do Brasil na França. In: **Líbero**, Ano IX, n. 18, dez. 2006.

BENAYER, A. In: EPHEMERIDES. **L'Année du Brésil en France**. Paris: Imprimerie Hemmerlé, 2005/2006.

BERTOSSI, C. 2009. *Modèles d'intégration et intégration des modèles*. In: **Migrations Société**, v. 21, n. 122, mars-avril 2009.

BERTOSSI, C. *La République modèle et ses discours modélisants: l'intégration performative à la française*. In: **Migrations société**. v. 21, n. 122, mar./abr. 2009. p. 39-76.

BIJOS, L.; ARRUDA, V. A diplomacia cultural como instrumento da política externa brasileira. In: **Revista Diálogos: a cultura como dispositivo de inclusão**, Brasília, v. 13, n. 1, ago. 2010. p. 33-53.

CALABRE, L. O Conselho Federal de Cultura, 1971-1974. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 37, jan./jul. 2006. p. 81-98.

CERVO, A. L. Conceitos em Relações Internacionais. In: **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 51, n. 2, 2008. p.8-25.

CHOR MAIO, M. O projeto UNESCO e a Agenda das Ciências Sociais no Brasil dos anos 40 e 50. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 41, v. 14, 1999. p. 141-158.

CULTURE ET RELATIONS INTERNATIONALES. 1. **Revue Relations Internationales**, Geneve / Paris, n. 24, 1980.

CULTURE ET RELATIONS INTERNATIONALES. 2. **Revue Relations Internationales**, Geneve / Paris, n. 25, 1980.

DUMONT, J.; FLÉCHÉT, A. Pelo o que é nosso! *Naissance et développements de la diplomatie culturelle brésilienne au XXe siècle*. In: **Relations Internationales**, Paris, 2014, n. 137, p. 61-75.

DUPRONT, A. *Oeuvres françaises et coopération intellectuelle*. In: **L'Europe Nouvelle**, Paris, n. 980, 21 nov. 1936. p. 1162-1166.

ELMANLAN, S. *Villegagnon ou a Utopia Tropical*. **História**. São Paulo: Record, 2004.

EMERY, B. *A utopia brasileira*. **Portuguese Cultural Studies**. 1: Spring, 2007. p. 73-84.

FLÉCHÉT, A. Saudade do Brasil. Le mystère de la samba ou l'art du dévoilement. In: **Sigila**, Paris / Lisbonne, n. 21, 2008. p.127-137.

FLÉCHÉT, A. As partituras da identidade: O Itamaraty e a música popular brasileira no século XX. **Revista Escritos**, Rio de Janeiro, Ano 5, n. 5, 2011. p. 227-256.

FRANK, R. *Diplomaties et transferts culturels au XXe siècle*. In: **Relations internationales**, n. 115, Paris, 2003. p. 319-323.

FRANK, R. *Images et imaginaires dans les relations internationales depuis 1938:problématiques et methods*, Paris: Les Cahiers de l'IHTP, n. 28, 1994.

FREYMOND, J. Rencontres des cultures et relations internationales. In: **Relations Internationales**, Paris, n. 24, 1980. p. 401-413.

FURTADO, J. P. A Música Popular Brasileira dos anos 60 aos 90; apontamentos para o estudo das relações entre linguagem e práticas sociais. In: **Pós-História**, Assis (SP), n. 5, 1997. p. 123-143.

GIL, Gilson. O drama do futebol-arte: o debate sobre a seleção nos anos 1970. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 25, Ano 9, jun. 1994. p. 100-109.

GIL, Gilberto. Cultura, diversidade e acesso. In: **Diplomacia, Estratégia e Política**, Brasília, n. 8, out./dez. 2007. p. 49-60.

GOMES-ESCALONILLA, L.D. *El factor cultural en las relaciones internacionales: una aproximación a su análisis histórico*. In: **Hispania**, LIV/1, n. 186, 1994. p. 257-278.

GORDON JUNIOR, C. C. História social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. In: **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro: Editora UERJ, n. 3/4, 1996, p. 65-78.

GUILLEN, P. (Org.). *Diplomatie et transferts culturels au XXe siècle*. In: **1. Revue Relations Internationales**. Geneve / Paris, n. 115, 2003.

GUIMARÃES, A. S. A. Depois da democracia racial. In: **Tempo Social: Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 18, n. 2, nov. 2006. p. 269-287.

IGLESIAS, F. Raízes Ideológicas da Inconfidência Mineira. In: **Acervo: Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jan./jun. 1989. p. 7-14.

LAFAYE, J. *Le Brésil dans l'imaginaire Français: XVIe-XVIIe*. In: **Revista História**, São Paulo, n.127-128, ago./dez. 1992 a jan./jun. 1993. p. 115-129.

LESSA, A. C. O Brasil e os atentados de 11 de setembro de 2001. In: **Rev. Bras. Polít. Int.**, Brasília, v. 44, n. 2, 2001. p. 46-61.

LESSA, M. L. A Aliança Francesa no Brasil: política oficial de influência cultural. **Varia História**, Belo Horizonte, n. 13, junho de 1994. p. 78-95.

LESSA, M. *L' influence intellectuelle française au Brésil: contribution à l'étude d'une politique culturelle (1886-1930)*. Tese. Doutorado em História. Nanterre: Université Paris X, 1997.

LESSA, M. Relações Culturais Internacionais. In: MENEZES, L. **Olhares sobre o político: novos ângulos, novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2002. p. 11-26

LEWIN, A. *Les années France-Brésil: projet conventionnel ou nouveau mode de relations internationales?* In: **Annuaire Français de Droit International**, Paris, v. 32, 1986. p. 867-872.

LIMA, M. R. S. A política externa brasileira e os desafios da cooperação Sul-Sul. In: **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 48, n. 1, jun. 2005. p. 24-59.

MAPHA, D. M. Inserção Internacional no Governo Lula: interpretações divergentes. In: **Revista Política Hoje**, Recife (PE), v. 19, n. 1, 2010. p. 34-79.

MATOS, C. N. Bezerra da Silva: singular e plural. In: **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, jul./dez. 2011. p. 99-114.

MATTOS, H. **Das cores do silêncio**: significação da liberdade no Sudoeste escravista. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

MELLO, A. S. Esse nego é o diabo, ele é capoeira ou da motricidade brasileira. In: **Revista Discorpo**, São Paulo, n. 6, 1996, p. 29-39.

MILZA, P. Culture et Relations Internationales. In: **Relations Internationales**, Geneve / Paris, n. 24, 1980. p. 361-379.

MOTTA, R. A história política e o conceito de cultura política. In: **Revista de História**. X Encontro regional de História da ANPUH/MG, Mariana (MG), jul. 1996. p.83-91.

OLIVEIRA, L. L. As festas que a República manda guardar. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, 1989. p. 172-189.

PERRONE-MOISES, L. Alegres trópicos: Gonneville, Thévet e Léry. In: **Revista USP**, São Paulo, v. 30, n. 84-93, jun./ago. 1996. p. 86-93.

PESAVENTO, S. J. Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a Exposição Universal de Filadélfia de 1876. **An. mus. paul.**, São Paulo, v. 2, n. 1, 1994. p. 151-168.

SARAIVA, M. G. Os Estados Unidos e a Nova Ordem Internacional pós 11 de setembro. In: **Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 9, n. 1, mar. 2003. p. 115-127.

SCHWARCZ, L. M. O espetáculo da miscigenação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 20, jan./abr. 1994.

_____. **Complexo Zé Carioca:** Notas sobre uma identidade mestiça e malandra. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. ANPOCS, São Paulo, v. 10, n. 29, 1994.

_____. Oficina do Historiador. In: **EDIPUCRS**, Porto Alegre, v.1, n.1, jun. 2010. p. 92-96.

SILVA, D. B. Política linguística na África: do passado colonial ao futuro global. In: **Revista África e Africanidades**, v. 10, 2010. p. 1-24.

SILVA, V. G. Imaginário, cotidiano e poder: memória afro-brasileira. In: **Coleção Memória Afro-brasileira**, São Paulo, v. III, Summus/Selo Negro, 2007.

SOARES, M. S. A. A diplomacia cultural no MERCOSUL. In: **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 51, 2008. p. 53-69.

_____. O Ano da França no Brasil: a importância da Diplomacia Cultural. In: **Anuário Brasil-Europa**, Rio de Janeiro, v. 1, 2010. p. 39-52.

SOMMAIRE, J.-C. *La crise du modele Français d'intégration*. In: **Vie Sociale**. Paris, ERES, n. 4, 2006/4. p.13-25.

SOUZA, M. A. Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro. In: **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), v. 6, n. 7, 1996. p. 109-152.

SUPPO, H. R. Gilberto Freyre e a imagem do Brasil no mundo. In: **Cena Internacional**, Brasília, Ano 5, n. 2, 2003. p. 43.

VELHO, G. Memória, identidade e projeto, uma visão antropológica. In: **Revista Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, out./dez.1988. p.119-126.

ARTIGOS EM PERIÓDICOS (CONSULTADOS EM FORMATO ELETRÔNICO)

ACERVO. Acordo de Cooperação Científica e Técnica firmado entre Brasil e França em 16 de janeiro de 1967, In: **Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jan./jun. 1989. Disponível em: <<http://goo.gl/CMI8c>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

ALCAZAR, M. R.; SPERS, R. G.; ARIDA, R. M. Internacionalização da natura na França: estratégias e posicionamento de marketing para um mercado sofisticado. In: **Internext** – Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM, São Paulo, v. 2, n. 2, jul./dez. 2007. p. 221-246. Disponível em: <<http://goo.gl/CMI8c>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

CERVO, A. Editorial - A Política Exterior: de Cardoso a Lula. In: **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 46, n. 1, jan./jun. 2003. p. 5-11. Disponível em: <<http://goo.gl/145hLK>>. Acesso em: 23 maio 2009.

ELMALAN, S. *Villegagnon ou a utopia tropical*. In: **História**, São Paulo, v. 27, n. 1, 2008. p. 247-281. Disponível em: <<http://goo.gl/PQIVZx>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

EVEN, P. (Org). **Guide des sources de l'hstoire du Brésil aux archives du Ministère Français des Affaires Etrageres**. Paris: éditions de l'IHEAL. 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/Kg6VOp>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

FERGUSON, J. **Advanced relations and advanced global politics 2. The controversial role of culture in International Relations**. Disponível em: <<http://goo.gl/qv5eZ3>>. Acesso em: 1 jun. 2014.

FGV/CPDOC. **Fatos e imagens**: artigos ilustrados de fatos e conjunturas do Brasil. 15 de novembro de 1889: a proclamação da República. Disponível em: <<https://goo.gl/OFWial>>. Acesso em: mar. 2015.

FRANZ, T. S. Victor Meirelles e a Construção da Identidade Brasileira. In: **19&20**, Rio de Janeiro, v. II, n. 3, jul. 2007. Disponível em: <<http://goo.gl/Az7JKt>>. Acesso em: nov. 2014.

HOLLANDA, B. B. B. No tempo do futebol-arte. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, 8 jun. 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/kmeigD>>. Acesso em: jun. 2015.

LA PORTE, T. La Diplomacia cultural americana: una apuesta por el recurso al **Poder blando**. ARI n. 103/2006. 26.09.2006. Disponível em: <<http://goo.gl/JmGT0d>>.

MAPHA, D. Diplomacia e cultura no governo Lula (2003-2006). In: **Revista Eletrônica Cadernos de História**, Mariana (MG), Ano 4, v. VIII, n. 2, dez. 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/buWcTn>>. Acesso em: 10 maio 2010.

MARTINS, J. T. **Chico-Rei**: nem história e nem lenda. É só uma nota de rodapé. 1999 MG Quilombo. 2006. Disponível em: <<http://goo.gl/juKAKy>>. Acesso em: 25 maio 2015.

MONTIEL, E. ***Pouvoir versatile et diplomatie culturelle: Pour une politique internationale de l'ère interculturelle.*** Disponível em: <<http://goo.gl/QBEP42>>. Acesso em: 25 maio 2015.

PALHARES, L. Educação e Cultura popular: inclusão social pela capoeira. In: **Licere**, Belo Horizonte (MG), v. 10, n. 3, dez. 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/yS7yEb>>. Acesso: 15 maio 2015.

PERRIER, L. *La niche artistique des Afro-brésiliens à Paris: un opérateur de reconnaissance sociale.* **Frontières identitaires et Représentations de l'altérité**, Collection FIRA – HAL – SHS, Paris, France, jan. 2012. p. 1-21. Disponível em: <<https://goo.gl/nKtg8W>>. Acesso em: jan./dez. 2014.

PLANTIN, C. *Les bonnes raisons des émotions: arguments, fallacies, affects.* 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/1cmg3z>>. Acesso em: jan./dez. 2014.

RIBEIRO, M. G. A arte no século XIX: Um estudo da peculiar obra artística no Brasil do pintor francês J. B. Debret. In: **19&20**, Rio de Janeiro, v. V, n. 3, jul. 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/VVG0vv>>. Acesso em: mar. 2015.

RICARDO STUCKERT/PR. **Lula em seu discurso**. Imagem. 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/oAjkep>>. Acesso em: out. 2015.

SANTOS, R. E. Zé Carioca e a Cultura Brasileira. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. In: **XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002. pp.01-16. Disponível em: <<http://goo.gl/z1nP57>>. Acesso em: ago. 2014.

SEYFERTH, G. O futuro era branco: Obra de Brocos y Gómez deu margem a uma série de interpretações sobre as 'raças' do mundo. A mais decadente delas seria a negra. In: **Revista História da Biblioteca Nacional** – 03/06/2011. Disponível em: <<http://goo.gl/vFWypX>>. Acesso em: junho de 2015.

SILVA, E. F. Representações da família real portuguesa na viagem pitoresca e histórica ao Brasil, de Jean Baptiste Debret. In: **Labirintos**, Feira de Santana (BA), v. 2, 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/m63WXr>>. Acesso em: jan. 2015.

SIMONARD, P. **Origem do Cinema Novo**: cultura política dos anos 1950 até 64. Disponível em: <<http://goo.gl/GoKV8H>>. Acesso em: 9 dez. 2014.

SOARES, A. J. História e Invenção de tradições no Campo do Futebol. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, 1999. p. 119-146. Disponível em: <<http://goo.gl/hW8vMu>>. Acesso em: 2 jan. 2014.

TAVARES, L. F. F. Conflitos da França Antártica. Franceses se instalaram na Guanabara em 1555, mas diferenças religiosas enfraqueceram a empreitada. In: **Revista de História**, Biblioteca Nacional, 2 de outubro de 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/u0eZbj>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

FERREIRA-MENEZES, C. *La construction de l'identité nationale et de l'imaginaire sociopolitique au Brésil: une affaire des telenovelas*. 2005. Dissertação (Mestrado em História e Política Internacionais) – Graduate Institute, Genebra, 2005.

GARCIA, C. M. **Importância e formas de aprimoramento da atividade de difusão cultural como instrumento da política externa brasileira**. Curso de Altos Estudos, Instituto Rio Branco. Brasília: IRB, 2003.

GERBAULT, L. La diplomatie culturelle française: la culture face à des nouveaux enjeux? Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Toulouse: Instituto de Estudos Políticos. 2008.

GODFELD, M. S. **O Brasil, o Império Otomano e a Sociedade Internacional**: contrastes e conexões (1850-1919). Tese de Doutorado - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro, 2012.

RIBEIRO, E. T. **Diplomacia Cultural**: seu papel na política externa brasileira. Brasília: FUNAG/IPRI, 1989.

SANTOMAURO, F. As políticas Culturais de França e Estados Unidos no Brasil. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: PUC-SP, 2007.

SUPPO, H. R. ***La politique culturelle française au Brésil entre les années 1920 et 1950***. Tese de Doutorado em História. Paris: IHEAL, 2012.

SUPPO, H. R. ***La politique culturelle française au Brésil 1920-1930***. Tese. Université Paris III-Sorbonne Nouvelle. Paris: 2000.

APRESENTAÇÕES E CONGRESSOS

ALVES, C.; FERREIRA-MENEZES, C. *Stéréotypie et altérité au cinema brésilien: en quête d'une identité nationale*. In: **Rouen**, jul. 2011.

GUIMARÃES, L. V.; SILVA, J. O. A implantação da Lei 10.639/03 por meio da capoeira. 2014. In: **Anais do XIV Encontro Regional de História - 1964/2014: 50 anos do Golpe Militar no Brasil**, Universidade Estadual do Paraná, out. 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/G3SrMX>>. Acesso em: 15 maio 2015.

DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIAS

ALBIN, R. C. **Dicionário Houaiss Ilustrado Música Popular Brasileira**. Criação e Supervisão Geral Ricardo Cravo Albin. Rio de Janeiro: Edição Instituto Antônio Houaiss, Instituto Cultural Cravo Albin e Editora Paracatu, 2006.

BOBBIO, N. **Dicionário de Política**. 5. ed. Brasília: Ed. UnB, 1991.

CHARTIER, R.; FABRE, P-A. *Récit et histoire e Représentations (Histoire des)*. In: MESURE, S.; SAVIDAN, P. **Dictionnaire des sciences humaines**. Paris: PUF, 2006. p. 969-972; 1005-1007.

DEBRET. **Enciclopédia Itaú Cultural**. Disponível em: <<http://goo.gl/EMDG8A>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

]

ARQUIVO HISTÓRICO DO ITAMARATY

ARQUIVO HISTÓRICO DO ITAMARATY. Informação de Ribeiro Couto ao Secretário Geral do Ministério das Relações Exteriores. Rio de Janeiro: 542.6/995. 16141. 1 de março de 1934.

ARQUIVO HISTÓRICO DO ITAMARATY. Carta de A. Borges da Fonseca a Mario de Saint-Brisson, Consul Geral do Brasil em Hamburgo. v. 542, n. 6, 464/7042. 02/12/1935. In: **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 1936.

ARQUIVO HISTÓRICO DO ITAMARATY. Anúncio do Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Pedro Leão Veloso, sobre as medidas para a propaganda da música brasileira no exterior. DCI/540.36/Circular 171, Rio de Janeiro, 2010.

ARQUIVO HISTÓRICO DO ITAMARATY. Peregrino Junior, O problema da cooperação intelectual. In: **Jornal do Commercio**. 542,6, 1045/18392.26/03/1939.

ACERVOS

BIBLIOTHEQUE NATIONAL DE FRANCE. Disponível em: <<http://goo.gl/yu0Kj9>>. Acesso em: dez. 2014.

MUSEU DA INCONFIDÊNCIA. **Inconfidência Mineira no contexto da Revolução Francesa**. Museu da Inconfidência: Ouro Preto/ Minas gerais, 8 de abril de 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/NQDDFO>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

COMUNICADOS OFICIAIS E DISCURSOS PROFERIDOS POR AUTORIDADES

AMORIM, C.. Discurso de abertura da 60ª Sessão Ordinária da Assembleia Geral da ONU, 2005. In: **O Brasil nas Nações Unidas. 1946- 2006. Fundação Alexandre de Gusmão**. Brasília: Funag, 2007. p. 752.

ARARA. **Discurso do Comissário Yves Saint-Geours por ocasião do lançamento do Ano da França no Brasil**. 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/PEcCvp>>. Acesso em: jun. 2014.

COMUNICADO OFICIAL DO LANÇAMENTO DO ANO DA FRANÇA NO BRASIL. 23/12/2008. Disponível em: < <http://goo.gl/3qspBK>>. Acesso em: 5 mar. 2015.

Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita ao Brasil do Presidente da França, Jacques Chirac – Palácio Alvorada, Brasília – DF, 25/05/2006 Disponível em: <<http://goo.gl/JEnyoq>>. Acesso em: maio 2015.

DISCURSO DO COMISSÁRIO DANILO MIRANDA POR OCASIÃO DO LANÇAMENTO DO ANO DA FRANÇA NO BRASIL. 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/Xra48A>>. Acesso em: ago. 2014.

GIL, G. **Discurso na solenidade de transmissão de cargo**. 2 de janeiro de 2003. Disponível em: <<http://goo.gl/kQBNct>>. Acesso em: 19 maio 2011.

GIL, G. Discurso de Abertura. **Fashion Marketing 17 de abril de 2007**. 2007. Disponível em: <<http://goo.gl/5yVQil>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

SILVA, L. I. L. Discurso de abertura da 58ª Sessão Ordinária da Assembleia Geral da ONU, 2003. In: **O Brasil nas Nações Unidas. 1946-2006**. Fundação Alexandre de Gusmão. Brasília: Funag, 2007. p. 699-710.

YVES SAINT-GEOURS. **Discurso do Comissário Yves Saint-Geours por ocasião do lançamento do Ano da França no Brasil**. 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/mfr55y>>. Acesso em: ago. 2014.

DOCUMENTOS OFICIAIS DO ESTADO BRASILEIRO

ATOS INTERNACIONAIS. **Acordos Bilaterais entre o Brasil e a França**. Disponível em: <<http://goo.gl/HbiHML>>. Acesso em: outubro de 2014.

BRASIL. Ministério da Cultura (2009). **Ano da França, a modernidade francesa para o Brasil em 560 eventos**. Disponível em: <<http://goo.gl/crKyQA>>. Acesso em: jul. 2014.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Decreto n. 155-B de 14 de janeiro de 1890. **Declara os dias de Festa Nacional**. Disponível em: <<http://goo.gl/IIERTQ>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

BRASIL. Decreto n. 528 de 28 de junho de 1890. **Regularisa o serviço da introdução e localização de imigrantes na Republica dos Estados Unidos do Brazil**. Disponível em: <<http://goo.gl/s9QSfG>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

BRASIL. Decreto n. 847. Código Penal Brasileiro de 11 de outubro de 1890, Capítulo XIII: Dos vadios e capoeiras.

BRASIL. CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **Marcha e conferência indígena**. Fonte: CIMI: Brasília, 2000.

BRASIL. DECRETO-LEI Nº 8.324, de 8 de dezembro de 1945. **Dispõe sobre a organização do Ministério das Relações Exteriores e dá outras providências**. Disponível em: <<http://goo.gl/0GM76C>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Parceria Estratégica entre a República Federativa do Brasil e a República da França**. Plano de Ação. 23 de dezembro de 2008. Disponível em: <<http://goo.gl/ca7cEC>>. Acesso em: dez. 2014.

ORGANISMOS OFICIAIS

BRASIL. EMBAIXADA DO BRASIL NA FRANÇA. Disponível em: <<http://goo.gl/7jVuzr>>. Acesso em: 2 maio 2015.

BRASIL – Ministério da Cultura. Disponível em: <www.cultura.gov.br>.

BRASIL – Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <www.mma.gov.br>.

BRASIL – Ministério das Relações Exteriores. Disponível em: <www.itamaraty.gov.br>.

FRANÇA – *Ministère des Affaires étrangères et du Développement international*. Disponível em: <www.diplomatie.gouv.fr>.

MINISTERE DES AFFAIRES ETRANGERES ET DU DEVELOPPEMENT INTERNATIONAL (França). Disponível em: <www.diplomatie.gouv.fr>. Acesso em: jan./dez. 2014.

MINISTERE DES AFFAIRES ETRANGERES ET DU DEVELOPPEMENT INTERNATIONAL (França). **La France et le Brésil**. Disponível em: <<http://goo.gl/rn8RGq>>. Acesso em: dez. 2014.

FRANÇA - Institut Français. <www.institutfrançais.com>. Acesso em: jan./dez. 2014.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade de Expressões Culturais**. Disponível em: <<http://goo.gl/bSkCxG>>. Acesso em: dez. 2014.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Disponível em: <www.cultura.gov.br>. Acesso em: jan./dez. 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: jan./dez. 2014.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Disponível em: <www.itamaraty.gov.br>. Acesso em: jan./dez. 2014.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DA FRANCOFONIA. Disponível em: <<http://goo.gl/xTF5J5>>. Acesso em: jun. 2015.

SENADO FRANCÊS. 2008. Disponível em: <www.senat.gouv.fr>. Acesso em: jan./dez. 2014.

SENADO FRANCÊS. 2008. **Colloque Economique sur le Brésil. Sénat de la République Française**. Disponível em: <<http://goo.gl/st3LtT>>. Acesso em

SENAT. **Colóquio Econômico sobre o Brasil – Senado da República Francesa**. Disponível em: <<http://goo.gl/h6EIEP>>. Acesso em: 30 maio 2015.

UBIFRANCE. Disponível em: <<http://goo.gl/FFgldy>>. Acesso em: fev. 2015.

UBIFRANCE. **L'Année de la France au Brésil : un tremplin propice aux affaires pour les exportateurs français**. 2008. Disponível em : <<http://goo.gl/mSLvz3>>. Acesso em: ago. 2014.

_____. **Ano Econômico da França no Brasil terá foco nas parcerias comerciais**. 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/xk41yx>>. Acesso em: ago. 2014.

_____. **Ubifrance e as missões econômicas**. 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/BfLnW9>>. Acesso em: ago. 2014.

_____. **Les échanges commerciaux entre la France et le Brésil en 2008.**
Disponível em: <<http://goo.gl/p1tfq0>>. Acesso em: 30 maio 2015.

ENTREVISTAS CONCEDIDAS PARA A TESE

AMORIM, C. L.. Rio de Janeiro, fevereiro, 2015.

DREYFUS, D. Paris, outubro, 2014.

GAUTIER, J. Paris, setembro, 2014.

RIBEIRO, Edgard Telles. Rio de Janeiro, fevereiro, 2015.

SALGADO, M. Rio de Janeiro, dezembro, 2014/fevereiro, 2015..

DOCUMENTOS DE INFORMAÇÃO MIDIÁTICA

ARTE. **Brésil 2**. Disponível em: <<http://goo.gl/TAvqpf>>. Acesso em: maio de 2015.

AS GERINGONÇAS DE MESTRE MOLINA. Disponível em: <<http://goo.gl/tuq6pC>>. Acesso em: maio 2015.

BBC. FERNANDES, D. Gilberto Gil inaugura “Espaço Brasil” em Paris. BBC - Brasil. 24 de junho de 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/8RTc0i>>. Acesso em: dezembro de 2014.

BRÉSIL DOUZE. PROGRAMA FESTIVAL BRÉSIL DOUZE. Abril 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/AjPwns>>. Acesso em: 25 maio 2015.

BRÉSIL DOUZE. REVUE DE PRESSE. **2eme édition du Festival Brésil Douze**. Paris: Raice Cabral, abril 2009.

CORREIO DA MANHÃ. MALRAUX NO RIO: “O BRASIL É A PÁTRIA DA ESPERANÇA”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 25 ago. 1959.

CORREIO DO BRASIL. **Amilcar de Castro ganha mostra internacional em Paris**. Disponível em: <<http://goo.gl/CJBz7m>>. Acesso em: 10 maio 2015.

ESTADÃO – CULTURA. **Gil inaugura Espaço Brasil em Paris**. Disponível em: <<http://goo.gl/3dza9m>>. Acesso em: 2 maio 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Museu viaja pela língua francesa**. 17/05/2009. Disponível em: <<http://goo.gl/M8uVR4>>. Acesso em: jun. 2015.

JORNAL CANA. Chirac inicia amanhã visita ao país. 23 de maio de 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/xNlShf>>. Acesso em: 2 jun. 2015.

L'HUMANITÉ MPB, **La musique de tous les Brésils**. 25/03/2005.

LAUNET, E. *Le Brésil à pleins temps*. **Libération**. 17 de março de 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/Q5m3QV>>. Acesso em: out. 2013.

LE FIGARO. Brasil/França. 24/06/2006 BRASIL/FRANÇA

LE MONDE. **A la Bastille, un concert pour célébrer l'amitié franco-brésilienne**. 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/rF0Y7G>>. Acesso em: 2 maio 2015.

_____. **Jacques Chirac en visite au Brésil et au Chili pour resserrer les liens politiques et économiques avec la France**. 24 de maio de 2006. (Impresso).

_____. **Jacques Chirac en visite au Brésil et au Chili pour resserrer les liens avec la France**. Disponível em: <<http://goo.gl/4G7Drw>>. Acesso em: 2 jun. 2015.

_____. **Les Français s'implantent à Rio: Ainsi naît la France Antartique**. Disponível em: <<http://goo.gl/rknG6O>>. Acesso em: abr. 2015.

_____. MORTAIGNE, V. **Une Lecture politique de la musique brésilienne**. In: *Le Monde*, 18/03/2005. Disponível em: <<http://goo.gl/b3mLYO>>. Acesso em: jul. 2014.

_____. L'Année de la France a été 'un axe de résistance pour la diversité. In: **Le Monde**. 23/11/2009. Disponível em: <<http://goo.gl/VN4or6>>. Acesso em: maio 2015.

LE MONDE DIPLOMATIQUE. AUTISSIER, A-M. A ação artística da França no mundo. **Le Monde diplomatique**. 2008. Disponível em: <<http://goo.gl/p4KBtx>>. Acesso em: jun. 2015.

LE PARISIEN. **Année du Brésil : c'est parti !** 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/k97nqX>>. Acesso em: 15 dez. 2014).

_____. **Aznavour, Gilberto Gil et Sarkozy pour l'Année de la France au Brésil**. 21/12/2008. Disponível em: <<http://goo.gl/A2Wkf8>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

_____. L'Année du Brésil c'est parti! 07 de março de 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/hbAWH2>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

LE PETIT JOURNAL. **"Ordem do Mérito Cultural" por sua contribuição à formação musical no Brasil**. Disponível em: <<http://goo.gl/3qlDqk>>. Acesso em: 3 maio 2015.

_____. Henri Salvador foi condecorado pelo Governo Federal Brasileiro com a Medalha "Ordem do Mérito Cultural" por sua contribuição à formação musical no Brasil. 2006. Disponível em: <<http://goo.gl/VBue2G>>. Acesso em: 3 maio 2015.

LEPOITTEVIN, S. Le Brésil loin des clichés. 27 de abril de 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/u88hZ6>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

LES ECHOS. ROBERT, M. **Un mécénat de taille pour l'année de la France au Brésil. Les Echos**. 07 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/NXOOoM>>. Acesso em: maio 2015.

MONDOMIX MAGAZINE. Disponível em: <<http://goo.gl/PDxGYb>>. Acesso em: 5 maio 2015.

MONDOMIX MAGAZINE. **Le magazine des musiques et cultures dans le monde**. Lenine. Disponível em: <<http://goo.gl/sVPeix>>. Acesso em: fev. 2015.

O ESTADO DE SÃO PAULO. ARAUJO, F. Companhia Giramundo comemora 40 anos. In: **O Estado de São Paulo**. Disponível em: <<http://goo.gl/tu0szR>>. Acesso em: maio de 2015.

O GLOBO. **Confira a programação do Ano da França no Brasil**. Disponível em: <<http://goo.gl/GvnaSJ>>. Acesso em: dez. 2014.

_____. **Festas e Gafes nos 500 anos do Brasil**. 2000. Disponível em: <<http://goo.gl/l0bU00>>. Acesso em: 9 abr. 2015.

RADIO FRANCE INTERNATIONAL. *La situation des banlieues en France Cinq ans apres les emeutes*. Disponível em: <<http://goo.gl/zKTtGX>>. Acesso em: dezembro de 2014.

_____. *Année de la France au Brésil*. 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/JGrPpo>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

_____. **Natura luta para ganhar espaço no mercado francês de cosméticos**. Disponível em: <<http://goo.gl/PViDDe>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

RFI – *Radio France International*. **Arquivos sobre o Ano da França no Brasil (2009)**. Paris: INATHEQUE, 2014.

UOL (REDAÇÃO). **Monumentos esculturais de Amilcar de Castro e Henry Moore marcam retrospectiva das artes**. 21/12/2005. Disponível em: <<http://goo.gl/hX54BJ>>. Acesso em: 10 maio 2015.

UOL. **Aznavour e Gil são ovacionados em show para Lula e Sarkozy**. 23/12/2008. Disponível em: <<http://goo.gl/Vn9ULK>>. Acesso em: jun. 2015.

VOLTAIRE NET. *Discours de Jacques Chirac devant le congrès national brésilien*. Réseau Voltaires, Brasília, 25 de maio de 2006. Disponível em: <<http://goo.gl/OX5f9T>>. Acesso em: maio 2015.

DOCUMENTÁRIOS

CAROLIS, P. *Des racines et des ailes. Documentaire*. 145 min. 27 de abril de 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/DISmfx>>. Acesso em: out. 2014.

IDEACTIF. *Viva Brasil, la saison culturelle brésilienne enb France by ideactif*. Disponível em: <<http://goo.gl/BJgPwM>>. Acesso em: 2 maio 2015.

REDE RECORD DE TELEVISÃO. VALENTIN, T. **Entrevista concedida ao programa Record News**, da Rede Record de Televisão sobre o Ano da França no Brasil. São Paulo, 2009.

YOUTUBE. **Vídeo Oficial sobre o Ano da França no Brasil**. 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/oeuPUh>>. Acesso em: jun. 2014.

PÁGINAS ELETRÔNICAS

ALMEIDA, M. **Nossa Brasilidade**. Disponível em: <<http://goo.gl/k6kmte>>. Acesso em: maio de 2015.

ANDRADE, J. P. Filmes do Serro. Disponível em: <<http://goo.gl/7IYLTx>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

DELGADO, P. **Visita de Chirac reafirma boas relações entre Brasil e França, afirma Paulo Delgado**. 2006. Disponível em: <<http://goo.gl/lk4Sbp>>. Acesso em: 2 jun. 2015.

FESTIVALES DE MPB. **1969**: Festival do MIDEM em Cannes. Disponível em: <<http://goo.gl/wZA6vK>>. Acesso em: 1 jul. 2015.

MENDES, E. N. P. A lavagem das escadarias do Nosso Senhor do Bonfim da Bahia: identidade e memória no final dos oitocentos. Disponível em: <<http://goo.gl/kZMdlz>>. Acesso em: 10 maio 2015.

MORAES, V. **Orfeu da Conceição**. Disponível em: <<http://goo.gl/uDT0TB>>. Acesso em: 9 dez. 2014.

PEREIRA, N. **Cantora amazonense**. Disponível em: <<http://goo.gl/cRI7mK>>. Acesso em: 25 maio 2015.

RECORDES BRASILEIROS. **Gilberto Gil foi o primeiro artista nomeado ministro da Cultura**. Disponível em: <<http://goo.gl/XzKEQp>>. Acesso em: 4 fev. 2015.

RELATÓRIO DE MERCADO. 30 de dezembro de 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/qIPVge>>. Acesso em: 9 abr. 2014.